

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM CIENCIAS SOCIAS APLICADAS INTERDISCIPLINAR**

MIRIAM NAMUR

**SINCRETISMO CULTURAL SOB A ÓPTICA DE GENERO E IMAGENS DE
MULHER NA LITERATURA ÁRABE-BRASILEIRA**

**PONTA GROSSA
2007**

MIRIAM NAMUR

**SINCRETISMO CULTURAL SOB A ÓPTICA DE GÊNERO E IMAGENS DE
MULHER NA LITERATURA ÁRABE-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado de Ciências Sociais Aplicadas Interdisciplinar, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva

**PONTA GROSSA
2007**

FICHA CATALOGRAFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processos Técnicos
BICEN/UEPG

Namur, Miriam

N174

Sincretismo cultural sobre a ótica de gênero e imagens de mulher na literatura árabe-brasileira. / Miriam Namur . Ponta Grossa, 2007
291f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr.

Orientador: Edson Armando Silva

1. Encontro de culturas. 2. Imigração árabe.
3. Imagem de mulher. 4. Poesia. 5. Assis Feres.
6. Jamil Almansur Haddad. I. T. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CDD :

306.0956

TERMO DE APROVAÇÃO

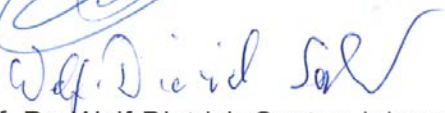
MIRIAM NAMUR

“SINCRETISMO CULTURAL E IMAGENS DE MULHER NA LITERATURA ÁRABE-BRASILEIRA”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa



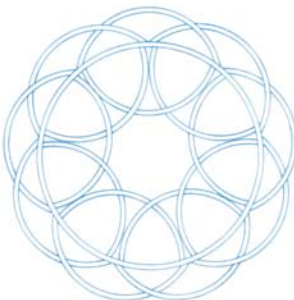
Prof. Dr. Wolf-Dietrich Gustav Johannes Sahr
Universidade Federal do Paraná



Profª. Drª. Joseli Maria Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa

A percepção do Destino descortina o significado da Vida. Um objeto insólito corre de mão em mão, na trajetória que liga o passado ao futuro. Cestinha de ovos ou disco voador? Os símbolos que a Mandala desperta em cada um são profundos: a cesta representa o corpo materno que abriga o ovo – germe da geração, mistério da Vida; os discos voadores remetem a um movimento em direção ao Céu, mesma atitude primitiva do homem em busca da salvação. Do ovo ao Universo, o homem imagina sua ausência do caos. "A medida que a imagem de Deus é, psicologicamente, uma ilustração e uma manifestação das profundezas do alma, e a medida que esta começa a se tornar consciente sob a forma de uma profunda dissociação que atinge a política mundial, uma compensação psíquica chama pouco a pouco a atenção" – observa C.G.Jung, ao relatar "a existência de um símbolo aparentemente central, de natureza semelhante" à imagem dos Ovnis, descoberto durante suas pesquisas sobre o inconsciente coletivo. "A Mandala moderna visa à unidade, isto é, representa uma compensação da cisão, sua superação antecipada. Como tal processo ocorre, manifesta-se por toda parte. É o que mostra o rumor a respeito dos discos voadores, sintoma de uma disposição mental genérica em vigência." A Mandala é um instrumento milenar de contemplação e abstração com valor terapêutico. Porque permite a libertação dos condicionamentos externos, o contato com o objeto nem sempre é fácil, já que revela o conflito com o mundo interior de quem se exercita. Mas se o caos do mundo exterior não se controla, a organização interna do indivíduo propicia sua integração ao movimento do Universo. "Nas palavras e atos do psíquico, o sábio jáz oculto um tesouro que o homem pode utilizar para fortalecer e elevar seu próprio caráter" – ensina o I Ching. "O estudo do passado não deve limitar-se a um mero conhecimento da História, mas deve, através da aplicação desse conhecimento, procurar dar atualidade ao passado." Ao encontrar a Mandala tridimensional, resgatamos um "tesouro oculto" justamente quando a Humanidade manifesta sua crise na desagregação dos valores éticos. Procurando disseminá-la, realizamos também seu (nosso) mais profundo sentido simbólico, a integração – no caso, Oriental e Ocidente. Estamos no limite da Era de Aquário, quando a ruptura dos padrões estabelecidos é favorecida. O antigo e o novo também se interligam, na síntese do conhecimento do novo tempo. Não é à toa que a informática se desenvolve em sincronia com o aumento da atração – principalmente entre os jovens – pela milenar ciência astrológica. O movimento de transformação do caos e da estagnação atuais passa necessariamente pela discussão dos temas universais, em que o indivíduo deixa de ser o centro para ampliar o interesse pela comunidade. Vivenciar as experiências proporcionadas pela Mandala é abrir os canais para a possível integração neste movimento universal. Tudo o que é visível deve expandir-se para além de si mesmo, até penetrar no âmbito do invisível – revela o milenar I Ching. "Desse modo alcança sua verdadeira consagração e clareza, enraizando-se firmemente na ordem cósmica." Agora, trata-se de fazer as palavras tomarem-se ações: é preciso cada um olhar para dentro de si e definir se há vida, pois logo não mais será possível o auto-engano. As viagens espaciais nos levam à ante-sala da expansão necessária: a ruptura do caos e da dispersão através da transformação dos valores morais deteriorados, de modo a superar a perspectiva de autodestruição da espécie. Jung afirma que a Mandala corresponde à "expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro".

"A JANELA PARA A ETERNIDADE"



Dedico esse trabalho

Aos meus pais Jorge Namur e Annise Gerab Namur em memória.

Ao meu irmão Alfredo César Namur em memória.

Aos meus filhos Athon, Luiza e Zoltan.

A minha neta Nathália



Agradecimentos

É difícil nomear em poucas linhas todas as pessoas pelas quais sentimos imensa gratidão, por nos terem apoiado e incentivado ao longo deste trabalho e mesmo ao longo de uma vida que nos fez chegar até aqui, mas, vou tentar.

Ao Professor Doutor, Edson Armando Silva, pela contribuição com os seus conhecimentos e sugestões na dissertação.

Ao Professor Clayton Antônio Bentivenha e colegas de trabalho do Colégio Estadual Regente Feijó pelo apoio e colaboração nas horas difíceis.

A todos os professores do curso de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG.

Aos amigos:

Josélia Loyola Gomes, a bela, que sempre foi o meu “anjo da guarda” de tantos anos de amizade e apoio.

A brilhante Francini Iegélski pelas valiosas contribuições e incentivo.

Apoio científico:

Prof. Dr. Wolf-Dietrich Gustave Johannes

Prof. Dr. Cicilian Luiza Löwy Sachr Sahr

Prof. Dr. Marco Aurélio Monteiro Pereira

Prof. Dr. Lúcia Maria Nunes

Prof. Dr. Francini Iegelski

Prof. Dr. Edson Armando Silva

Prof. Dr. Luis Fernando Cerri

Prof. Dr. Lúcia Côrtes

Prof. Dr. Divanir Eulália Naressi Munhoz

Ana Gorte Bega

Simone Contin

Matheus Vieira

André Luis Rosa e Silva

Andréa Rita Nabosny (org)

Josélia Loyola Gomes

Arlindo Jona Kohauch

Athon N. Gallera



Homenagem

À Glorian Féres, poeta e escritora (Eternas poesias juvenis)

Mário Carlos Chagas, médico farmacêutico (in memoriam)

Às amigas fiéis de uma vida inteira:

Eliana T. Barbosa Pinto

Maria Carolina Chemin

Carmencita Holleben de Mello Dietzel

Guilhermina Pommer Meinick

Marlene Ulliana Sanson

Também a Yusra Ataya, Naget el Sayed, Zilá Angelina Dal'Col e Luísa Jacy Guimaraes

Aos meus filhos Zoltthan e Luíza pelo incentivo

Ao meu filho Áthon pelo incentivo e criação, arte final e edição das páginas ilustradas.

A Opázia Chaim Féres pelo rico material de pesquisa que nos forneceu e sempre solícita em oferecer informações sobre o poeta Assis Féres, seu pai.

Filósofa Olgária Matos (Imagem de mulher) pelas informações sobre o pai.

Ana de Jesus Martins, pela gentil colaboração nas tarefas da casa enquanto me dedicava ao trabalho árduo que envolveu essa dissertação.

Meu muito obrigada!

À Luz maior, origem de todas as coisas. E, de toda Vida.



Carta do Cacique Seattle

O Grande Chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. Como se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é estranha para nós. Não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós?

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Uma porção da terra, para o homem branco, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois ele é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos à herança são esquecidos. Trata sua mãe - a terra, e seu irmão - o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro - o animal, a árvore, o homem - todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro.

Essa água brilhante que corre nos córregos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais. Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios levam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar de ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicaríamos a qualquer irmão.





Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem as suas crianças o que ensinamos às nossas - que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. A terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. De uma coisa estamos certos - nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que O possuem, como desejam possuir nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem, e sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu Criador.

Mas, quando da desapareição do homem branco, ele brilhará intensamente iluminado pela força do Deus que o trouxe a esta terra e, por alguma razão especial, deu a ele domínio sobre ela e sobre o homem de pele vermelha. Tal destino é um mistério para nós, pois não compreendemos a razão de todos os búfalos serem mortos, os cavalos selvagens serem todos domados, os recantos secretos da floresta ficarem cheios do suor de muitos homens e a vista dos morros fecundos ficar tapada por fios que falam.

Trechos da resposta do Chefe Seattle, da tribo indígena Suquamish (Estado de Washington) ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em 1854, após a proposta de compra do território ocupado pelo seu povo. A carta foi distribuída pela ONU (Organização das Nações Unidas) e tem sido considerada, através dos tempos, um dos mais belos e profundos pronunciamentos em defesa do meio ambiente.





Apresentação

Achilles Georges Zartalourdis (Mestre)

“Nós viemos para dar forma possível ao impossível. Esta é a nossa função.”

A idéia de se criar este trabalho surgiu como uma fagulhinha tremula e não se apagou, ao contrario, foi como uma *semente de mostarda* concretizou-se, atendendo a necessidade de se criar um espaço acolhedor, propicio para a expressão de pensamentos, sentimentos, vivencias e conquistas, coisas nossas de todas os dias que podemos e queremos compartilhar.

Tem por objetivo mais caro integrar as partes do Todo, promover e facilitar a coesão, a fraternidade, o respeito mútuo, o intercambio de idéias, conhecimentos e experiências entre os membros do grupo, a livre expressão e comunicação dos nossos sentimentos mais sublimes, atentando sempre para o fortalecimento da união e dos laços de solidariedade entre nós e incentivando a prática do trabalho participativo, ordenado e cooperativo.

Foi-se o tempo da “doce irresponsabilidade” profana. Estamos inseridos na Circunferência fantástica que gira vertiginosamente não dispensando minutos e segundos para devaneios ilusórios. É o nosso tempo de ser e de fazer.

Como *Semente de mostarda*, coloca-se, assim, como estímulo a ação através da divulgação do que ocorre nos diversos pontos da roda. Para isso necessitamos da colaboração de todos, pois as individualidades farão a soma do que podemos conquistar como Grupo.

Humildade e Amor serão a tônica destas paginas e não haveremos de esquecer de ter sempre em mente e coração o compromisso assumido perante a Consciência de garantir, acima de todas as coisas o respeito ao Direito de Ser.

“Se tiverdes Fé do tamanho de um grão de mostarda removeis montanhas.”

Jesus, O Cristo.

E o Mestre disse...

“Filho, você não é o profano lá embaixo naquele campo florido, que esta apreciando o espetáculo sem saber porque esta apreciando.

Agora, para você saber o que esta acontecendo neste Universo, você vai caminhar numa estepe áspera, de pedras pontudas, de fendas profundas, ásperas.

Tinha que ter cautela para caminhar, para não tropeçar em nenhuma daquelas pedras que se arrebenta. Não cair em nenhuma daquelas fendas que se arrebenta. Tinha que prestar atenção de segundo em segundo, de pedra em pedra, para não se machucar.

Só assim acha o Equilíbrio.

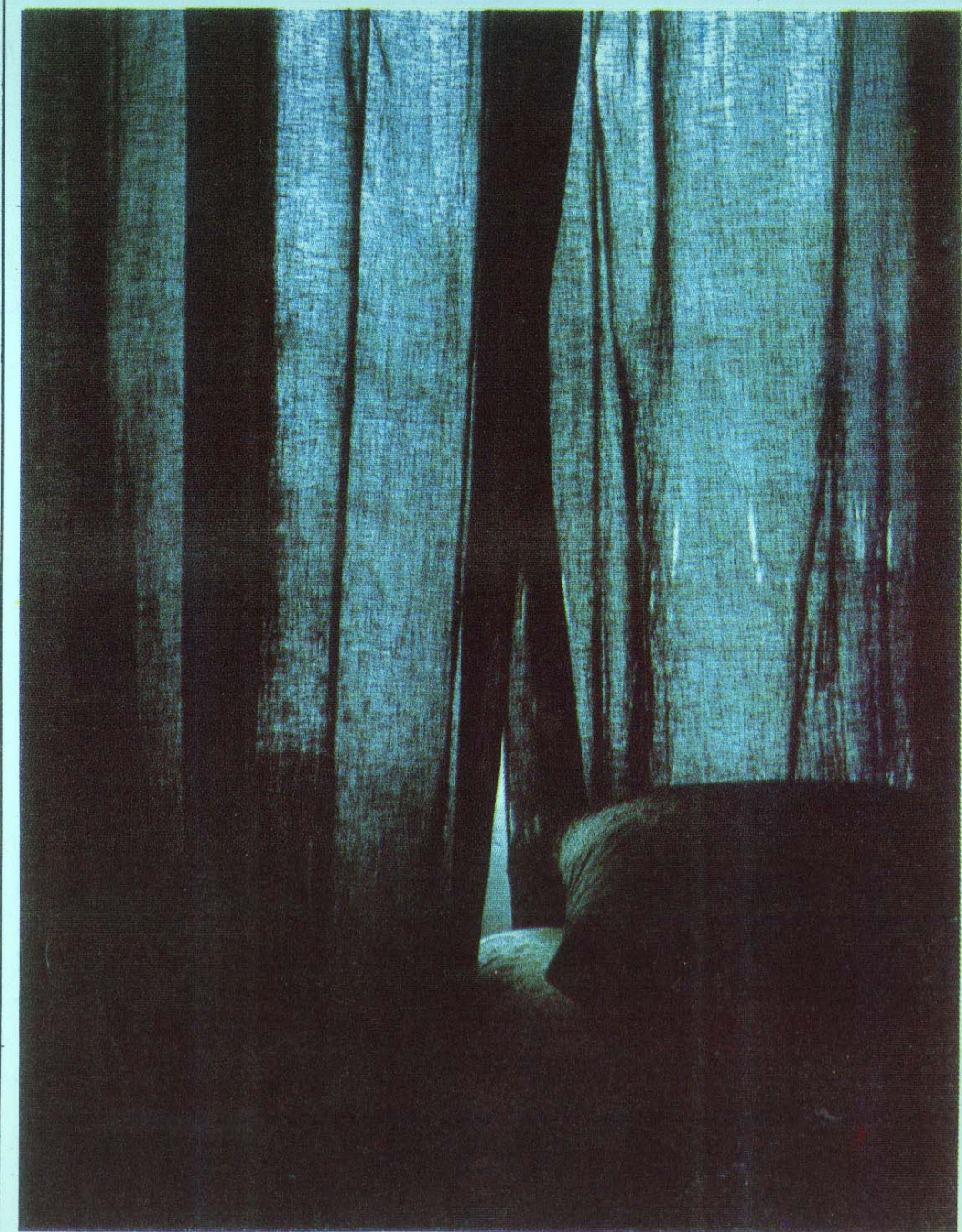
Depois de achar o seu Equilíbrio, você voa em cima destas pedras.

Qual é a utilidade?

Fazer alguma coisa para aqueles que estão lá embaixo, no vale, que nem sabem porque estão no vale.

Saber caminhar em cima da estepe não chama-se sofrimento.

Sufrimento chama-se viver no vale sem saber porque vive.”



Mulher véu, vulto e voz.

Daniel Boudinet: Polaroid 1979: in Roland Barthes



Imagem de Mulher

O BELO SENSÍVEL COMO IMAGEM DO BELO INTELIGÍVEL

*Quem ama não se apega apenas aos erros da amada,
 Não apenas aos caprichos e às fraquezas de uma mulher, ..
 Rugas no rosto e sardas, vestidos surrados e um andar desajeitado o
 Prendem de maneira mais durável e mais inexorável do que qualquer beleza (...)
 Ofuscado pelo esplendor da mulher, o sentimento voa como um bando de
 pássaros.*

*E assim como os pássaros procuram abrigo nos esconderijos frondosos da árvore
 Também se recolhem os sentimentos, seguros em seu esconderijo, nas rugas e
 nas máculas singelas do corpo amado. Ninguém ao passar adivinharia que
 justamente ali, naquilo que é Defeituoso, censurável, aninham-se os dardos velozes
 da adoração.*

(BENJAMIN, 34. p-92 apud MATOS, 1997....)

RESUMO

A discussão que norteia a presente dissertação de mestrado aborda o encontro de culturas árabe e brasileira pelo viés da literatura. São dois os poetas focados para observação. A imagem da mulher por eles produzida é o indicador desse entrelaçamento de culturas. Além da imagem de mulher são apontados também outros aspectos do sincretismo cultural. O cenário é basicamente a colônia árabe no Brasil e as influências literárias recebidas pelos autores tanto do meio onde viveram como das afinidades literárias que tiveram com a literatura árabe e com a literatura do Mahjar (Imigração).

Palavras-chave: Encontro de culturas. Imigração árabe. Imagem de mulher. Poesia gênero, Pan-arabismo.

ABSTRACT

This master's thesis is the result a research work that focuses on the cultural encounter between the Arab and the Brazilian world through the prism of literature. It highlights especially two poets that are known for having produced images of women as an indicator of such a cultural relationship. The investigation also includes other aspects of cultural syncretism. Its scenery is the Arab Diaspora in Brazil which has received literary influences by authors which have shown a strong affinity directly derives from Arab literature, but have also developed a specific literature of *Mahjar*, the emigration sphere.

Keywords: Cultural encounter. Arab immigration. Image of women. Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - ENCONTRO DE CULTURAS	08
1.1 O Sincretismo cultural: o contexto do encontro de culturas árabe brasileira	08
1.2 O mundo árabe e os elementos de constituição da imigração árabe para o Brasil: a diáspora e os aspectos históricos da imigração.....	12
1.3 Breve panorama da Síria e do Líbano	24
1.4 A chegada ao Brasil e o contexto literário do entrelaçamento cultural	25
1.5 A colônia árabe no Brasil: um movimento de negociação de identidade e construção cultural mista – identidade, cultura e imigração.....	44
1.6 Breve panorama da colônia árabe em São Paulo: um espaço geográfico, características culturais e familiares.....	50
CAPÍTULO 2 - O PAPEL DESENVOLVIDO POR FÉRES E HADDAD NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA COLÔNIA ÁRABE NO BRASIL (1935-1980)- ASPECTOS DO NACIONALISMO E UM POSSÍVEL SISTEMA DE OLHARES SOBRE O ASSUNTO.....	58
2.1 Os elementos de influência do contexto cultural brasileiro na trajetória de Assis e Jamil: a poesia árabe moderna no Brasil	58
2.2 Sincretismo cultural na literatura árabe-brasileira	63
2.3 O poeta Jamil Almansur Haddad: A trajetória de vida, panorama e apontamentos sobre a obra	69
2.4 Jamil Almansur Haddad a Poesia Árabe de Combate e suas mulheres guerreiras.....	85
2.5 O poeta Assis Féres: Trajetória de vida, panorama e apontamentos sobre a obra	94
2.6 Apontamentos sobre a obra de Assis Féres em contraponto com os poemas de Jamil Almansur Haddad.....	89
CAPÍTULO 3 - A MULHER NA LITERATURA ÁRABE E ÁRABE-BRASILEIRA	120
3.1 A Literatura das areias e as heroínas árabes ou os significados da mulher na literatura árabe	120
3.2 A presença da mulher: realidade, imagem e máscara (persona) na representação de Assis, Jamil e outros autores.....	151
3.3 A imagem da mulher como retorno à terra ancestral: árvore genealógica, de raízes definidas e origem identificada.....	158

CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	178
BIBLIOGRAFIA.....	183
ANEXOS	185



INTRODUÇÃO

Vou-me embora pra Pasárgada, lá sou amigo do rei. Lá
tenho a mulher que eu quero, na cama que escolherei.
vou-me embora pra Pasárgada, vou-me embora pra
Pasárgada. Aqui eu não sou feliz, lá a existência é uma
aventura (...)

Manoel Bandeira

Na longa história de entrelaçamento entre Oriente e o ocidente o migrante árabe, ao sair de seu país de origem, em busca de um novo destino, migrando de um mundo para outro, leva consigo uma bagagem cultural que armazenou de suas origens. Ao passar à condição de imigrante e viver uma nova realidade em uma nova cultura, muda padrões de comportamento, muda seu ser e seu agir, operam-se transformações no seu modo de vida.

No caso do imigrante árabe sírio-libanês, o traslado é de um hemisfério a outro: o Oriente que se hospeda no Ocidente. Esses opostos geográficos certamente acompanham as diferenças culturais desses dois mundos que se encontram. Ao imigrante, essa nova cultura que o hospeda e com a qual ele estabelece inter-relações, certamente produzirá mudanças profundas em sua maneira de ver o mundo. Por sua vez, esse novo lugar que o acolhe sofrerá influências advindas do universo cultural do seu hóspede. Haverá um interagir e uma troca cultural inevitável entre esses dois mundos.

O nosso propósito é apontar esse encontro de culturas e também as suas manifestações na literatura, enfocando a questão de gênero. O ponto central da

nossa pesquisa é observar a imagem de mulher produzida na literatura árabe islâmica e pré-islâmica, comparando-a com a literatura produzida pelo imigrante e seus descendentes no Brasil. Desta forma , pretendemos observar o que mudou, o que permaneceu, o que se transformou em relação à representação do feminino à partir desse encontro.

O desafio é observar como a imagem da mulher é trabalhada, através da literatura tanto na tradição literária oriental árabe como através de poetas e escritores imigrantes e descendentes, fazendo assim o confronto das diferentes representações do feminino que esse encontro de culturas produziu. Portanto, o nosso objeto de estudo e preocupação é a forma como a mulher é vista, pensada, lembrada, criada ou omitida por poetas e escritores desses dois mundos que se aproximam.

A questão do feminino que cada uma traz dentro de si é produto de vivências individuais e experiências coletivas do meio onde vive. A literatura é um veículo de expressão cultural que reflete esse meio, esse ser, esse pensar e agir historicamente construído. A literatura, portanto, pode conduzir nossas reflexões sobre as transformações culturais ocorridas nesse encontro de Oriente e Ocidente em solo brasileiro, no qual a mulher é apresentada como foco e indicador desse diálogo.

Imagina-se que o imigrante trouxe de seu lugar de origem uma imagem e uma construção do feminino. Pela tradição oriental, Sherazade, a heroína de “Mil e uma noites”, poderia nos dar um panorama do mito da mulher árabe astuta, inteligente, nobre, de grande cultura, eventualmente bela e uma fabulosa contadora de histórias. Outra imagem poderia ser a beduína, habitante do deserto, mulher

intrépida, que enfrenta as circunstâncias mais adversas. A dançarina, dispensadora de encantos e mistério, é outro mito dos sonhos e das “Mil e uma noites” árabes.

Que mulher é essa que o imigrante transporta de uma cultura a outra? Que mulher ele traz das suas origens e como vê a mulher brasileira? A “cabrocha”, a “Chica da Silva”, a bela mulata dos trópicos ou outras imigrantes: alemãs, italianas, polonesas, entre outras, com as quais, aqui se depara fazendo parte do elenco feminino e engrossando o *caldo* cultural brasileiro. Como o imigrante vai lidar com essa experiência e com esse novo? Como vai ficar a sua visão de mulher a partir desse encontro e como se expressa em sua produção literária?

O objetivo central da nossa pesquisa é identificar, na produção literária expressa por poetas e escritores da colônia árabe estabelecida em território brasileiro, uma imagem e um tratamento dado à mulher, e através do estudo de gênero, perceber um eixo de mudança cultural. O que se acrescenta, o que se extingue, o que se transforma nessa cultura ao estar em contacto com a realidade brasileira pelos diferentes olhares sobre a mulher que o contato cultural nos proporciona é o eixo e o foco de observação que nos será dado identificar.

Pretendemos observar também, e na medida do possível, como funcionava a colônia árabe de onde se originaram os poetas e a literatura em questão.

Como funcionava e com que força operava na vida do imigrante e descendentes essa comunidade. Com que força e quais os mecanismos utilizados para a conservação das tradições de origem: língua, modo de pensar, costumes, memórias, visão de mundo que operam na vida dos emigrados. E nesse momento, mais uma vez, entra a questão da mulher que perseguimos como um elemento fundamental na transmissão da cultura. Num encontro de imigração, os valores culturais são ameaçados de dissolução em novo ambiente. A literatura é uma

referência cultural que expressa a tensão entre permanência e transformações de elementos culturais e, portanto, da imagem de mulher.

Outro objetivo em questão é perceber em que medida e de que maneira a literatura pode ser um indicador do modo de pensar e de agir de um determinado momento sociocultural e como isso possibilita uma análise ou uma observação histórica dessa realidade. Além de fazer uma abordagem da literatura árabe tradicional apontando as questões de gênero expressas em fábulas, contos, parábolas, provérbios que manifestam as tradições assim como fazer contacto com alguns autores contemporâneos que tentam romper com essa visão milenar.

Para enfrentarmos as questões a que nos propusemos responder, adotamos como metodologia de trabalho os seguintes procedimentos: selecionamos dois poetas de ascendência direta e, através de seus escritos, procuraremos identificar um modo de pensar a mulher. Os poetas Assis Féres e Jamil Almansur Haddad foram destacados de um rol de aproximadamente setenta autores de origem árabe elencados no Acervo Euclides da Cunha e Biblioteca Antonio Faris Michaelis que funcionam junto ao Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foram dois também os motivos da escolha: primeiramente, porque significam expoentes intelectuais da colônia árabe com uma rica produção literária; segundo, porque fizeram parte do convívio da pesquisadora, o que entendemos ser um ponto positivo em relação a melhor compreensão das idéias e do modo de pensar desses autores. Em relação à literatura árabe observada, destacamos “As Mil e uma noites”, obra que faz parte de um modo de pensar genuinamente árabe, e trazemos também alguns comentários sobre a literatura contemporânea.

Para fins de análise e observações de gênero nos valeremos de autores e teóricos como: Elizabeth Badinter, Judith Butler, Maria Irene Ramalho, Bonni Smith,

Nawal El-Saadawi entre outros. Procuramos contextualizar a colônia árabe, de raízes paulistas, aproximadamente no período entre 1935 a 1980, que corresponde respectivamente ao período de estréia e encerramento das publicações de Feres e Haddad, uma vez que é onde se desenvolveram as principais idéias e influências dos nossos autores, assim como as influências incisivas do Movimento Modernista Brasileiro na poesia árabe moderna, apontadas por escritores e estudiosos como Caio Porfírio Carneiro, Andréa Estevão, Slimane Zéghidour, Michel Sleiman, Helmi Nasr, entre outros.

Nas observações sobre cultura e sociedade nos valem de autores como: Cecília Kemel, Máximo Canevacci, Pierre Sanchis, Claude F. Hajjar, Olgária Chaim F. Matos, Theodor W. Adorno, Boaventura de Souza Santos, Stuart Hall e outros.

Outras fontes de pesquisa foram também as obras da literatura árabe tradicional como “Contos árabes” e “As Mil e uma noites”, assim como autores árabes modernos, entre eles o escritor egípcio Naguib Mahfouz, o marroquino Tahar Ben Jelloun, os libaneses Kahlil Gibran e Mansur Challita, a argelina Leila Seibbar, o também egípcio El Akkad, e o sírio Hani El-Rahib.

Em relação à poesia árabe moderna produzida no Brasil, selecionamos os seguintes livros do poeta Jamil Almansur Haddad: Poemas: orações roxas, novas orações negras e orações vermelhas, 1944; A lua do Remorso, 1951; Aviso aos navegantes ou A bala adormecida no Bosque, 1980, que nos oferecem um panorama bastante rico em relação ao gênero em diferentes momentos da realidade brasileira e mesmo do pensamento do autor. Do poeta Assis Feres destacamos o Mascate (primeiro canto), 1970; Os deuses morrem ausentes, 1951; Do outro lado do sonho, 1943; Sonhos mutilados, 1940; Alma enclausurada (O mascate), 1970; Miguel pedreiro na Frente, 1952.

São também fontes da pesquisa, depoimentos de pessoas do relacionamento ou que tem laços de parentesco com os autores, além de jornais, documentos e revistas que trouxeram importantes referências sobre os escritores, como no caso de Assis Féres e a revista “Laiazul”. A Tese de doutorado “O Mascate-Recuperação de uma Obra”, de Ópazia Chaim Féres concluída em 2000, e que contribuiu com valiosas informações sobre o poeta e sua obra.

A dissertação que apresentamos a seguir foi organizada em três partes que justificam os pontos centrais que trazemos para discussão, bem como os objetivos principais do nosso trabalho, além do enredo com temas secundários e periféricos.

Desse modo, iniciamos com o entrelaçamento Oriente e Ocidente abordando o sincretismo cultural advindo desse entrelaçamento. A seguir, o contexto do encontro das culturas árabe e brasileira iniciada ainda em território europeu com as invasões mouras na Península Ibérica. Estudamos a seguir o Mundo árabe e os elementos de constituição da emigração para o Brasil compreendendo a diáspora e os aspectos históricos da emigração. A chegada ao Brasil e o contexto literário do entrelaçamento cultural são trabalhados e, a seguir, a identidade cultural do imigrante abordando a colônia árabe no Brasil, mais especificamente em São Paulo. A imigração é tratada como um movimento de negociação de identidade e construção cultural mista trazendo o espaço geográfico da colônia e características culturais e familiares dos imigrante e descendentes.

A segunda parte do trabalho traz o papel desenvolvido pelos poetas Assis Féres e Jamil Almansur Haddad na produção literária na colônia árabe do Brasil entre 1935-1980, aproximadamente. Aborda os elementos de influência do contexto cultural brasileiro na trajetória de Féres e Haddad e a poesia árabe moderna. Apresentamos os dois poetas, suas trajetórias de vida, panorama e análise das

obras. Na seqüência fazemos um contraponto entre as obras dos dois poetas com o objetivo de perceber o papel desses autores como mediadores culturais.

Na terceira e última parte da dissertação, abordamos de forma panorâmica a literatura das areias e as heroínas árabes trazendo os significados da mulher na literatura do Levante e também do Magreb. Observamos a imagem de mulher construída no discurso de Féres, Haddad e outros autores árabes e, por fim, concluímos ser a mulher por eles construída um veículo de retorno à terra ancestral.

Nas considerações finais, fazemos um balanço de nossos avanços e dificuldades, uma síntese dos resultados do estudo apontando para um alargamento do conhecimento e da sensibilidade humana trazidas pelos inúmeros poemas e textos citados e onde há um destaque para a influência sufista que suscitam. Os autores trabalhados Féres e Haddad nos conduzem a uma maneira de pensar árabe pela insistência na poesia e também são portadores pela rica mescla de idéias, propostas, imagens e temas abordados de um pensar sincrético que entrelaça a cultura árabe com a cultura brasileira. Além, é evidente, do foco sobre as imagens de mulher criadas na poesia como o imperdível vínculo com a origem. As obras carregam marcas e preocupações dos autores, como o envolvimento ligado à conjuntura política, social e cultural de seu tempo que os mostra igualmente engajados tanto nos acontecimentos ligados a conjuntura brasileira como escrevendo para seus patrícios de além mar. Nesse momento arriscamos dizer que os vemos como herdeiros do movimento Nahda que tinha por objetivo a elevação e o renascimento da cultura árabe. Mesmo não possuindo fontes comprobatórias explícitas desse envolvimento podemos dizer que a literatura que produziram é um testemunho dessa afirmação.



CAPÍTULO 1 ENCONTRO DE CULTURAS

1.1 O sincretismo cultural: o contexto do encontro de culturas árabe-brasileira

Edward Said, em seu estudo sobre o orientalismo, mostra que o Oriente tal como o concebemos é uma invenção do Ocidente e que essas imagens que se destacam foram sendo construídas e reconstruídas ao longo dos tempos. O Oriente visto por outros autores como Chateaubriand, Lamartine, Flaubert, Nerval, guardando as diferenças do estilo, se caracteriza basicamente pela excentricidade, pelo exotismo, pelo atraso, pela feminina penetrabilidade e, sobretudo, como “um lugar que precisa da atenção, da reconstrução e até mesmo da redenção ocidental”. Os antigos estereótipos do Oriente bárbaro, violento e fanático ainda estão presentes nas concepções ocidentais. E a mídia globalizada força a informação dentro de moldes padronizados onde o Oriente aparece cada vez mais estereotipado. Os árabes são geralmente mostrados nos filmes, na televisão, na imprensa escrita em grande número, como massas enraivecidas, gestos irracionais e excêntricos e, por trás dessas imagens a ameaça da Jihad.¹ (SOARES, 2003).

É longa a história do entrelaçamento entre Oriente e Ocidente. O sincretismo é o enredo dialético onde cada um impregnou-se do outro desde os primeiros contatos. As invasões romanas, as viagens marítimas, as grandes navegações, o caminho das especiarias, as cruzadas, a presença árabe na Península Ibérica. É essa presença árabe na Península Ibérica, a partir do século IX, que se destaca para nós, pois aponta o início do mesclar mais intenso entre oriente árabe com povos do continente europeu, como portugueses e espanhóis, etnias formadoras do

¹ Guerra santa.

Brasil e da América Latina, respectivamente. Os primeiros traços da cultura árabe chegaram até nós por via dessas misturas produzidas ainda no meio europeu. Foram muitas as pistas e as comprovações do legado árabe encontrado a partir desses contatos intensivos iniciados na Europa.

Na raiz do lirismo provençal do ocidente encontramos firmes defensores das origens árabes (RIBERA, 1912 apud LE BON, 1974, p. xiii). As teses mais novas referentes a esses influxos da poesia árabe retomam com argumentos novos as influências desta na gênese da poesia provençal que faz dela uma derivação das tradições romanescas, das lendas cristãs, da literatura escolar medieval e da antiga tradição oriental (bizantina, persa e árabe). (HADAD, apud LE BON, 1974, p. xvii)

A poesia árabe está longe de ser a repetição estereotipada da poesia erótica, pois é fundamentalmente espírito e amor platônico e, sobretudo, amor místico que se integra na tradição mais venerável do misticismo muçulmano. O Sufismo acaba por ser raiz determinante do próprio misticismo ocidental e sopro espiritual na poesia provençal.

Em relação à mística árabe temos o sufismo e os poetas sufis que influenciaram decisivamente o pensamento místico europeu. Na poesia mística espanhola cite-se San Juan de La Cruz cuja mística encontra antecedentes em poetas árabes de Andaluzia. No sufismo hispânico-árabe, inclui-se muitos nomes, como Algazel, Albenhazam, Abanarabi, que inspiraram grandes místicos e poetas do ocidente.

O sufismo é um caminho de busca da unidade e do encontro com Deus através do êxtase e do vinho. A embriaguez tinha um caráter sagrado, era o primeiro grau do aniquilamento aspirado da personalidade. A contemplação de Deus, a efetivação da unidade com ele, a finalidade de toda experiência, obtém-se pelo

êxtase que aos sufis dá a impressão de “sukr” ou embriaguês, de acordo com a tradução literal. Temos nesta modalidade de poesia Sufi grandes jóias da poesia árabe :

(...) A taça circulou, realizei meu desejo
bebemos um vinho lícito e nossas almas se espraíram
Enchi minha taça; nela está minha alegria
Eu bebo, ó tu que és capaz de compreender
Estou na intimidade de meu bem amado (...)
(HADAD, apud LE BON, 1974, p. xxiii)

Nesses poemas às vezes o amor sagrado pode se confundir com o amor profano. Muitas vezes a imagem da mulher também é utilizada de uma forma mística referindo-se ao amor transcendental ou a união com Deus.

Na poesia provençal e no amor cortês encontramos traços delineados não só na forma mas também no conteúdo dessa literatura da mística e do lirismo da poesia árabe assim como o Sufismo. (ROUGEMONT, 2003). Rougemont (2003) afirma que a poesia cortês nasceu desse encontro com a poesia árabe desde o Iraque, dos sufistas que receberam influências neo-platônicas e maniqueístas. “Trazendo a doutrina esotérica de Sofia Maria e do amor pela forma de luz”. Muitas vezes encontramos nessa poesia a mulher vista em forma de luz espiritual, (p. 150). Essa doutrina chegou até a Espanha árabe, atravessou os Pirineus e na França influenciou o primeiro dos trovadores Guilherme de Poitiers. De acordo com Rougemont já não é preciso recolher provas da influência dos árabes andaluzes nos poetas cortesões e também a influência do sufismo na poesia cortês árabe ou ocidental. (p. 54).

Rougemont aponta o amor cortês como vital para o ocidente moderno e para nossa conduta moral e religiosa. (p. 154). O amor cortês, poesia dos trovadores, é a exaltação do amor infeliz, pois o poeta repete seu amor milhares de vezes a uma bela que sempre diz não. As virtudes da cortesia são humildade, lealdade, respeito e

fidelidade à dama, a recusa ao amor físico e têm origens religiosas e místicas. Ao apontarmos essas influências na poesia e na mística do ocidente, fazemos do árabe uma presença inseparável de certos aspectos da cultura ocidental.

No século XVIII, a tradução para o francês de “Mil e uma noites” por Galland [19__] adaptou-a ao gosto francês assim como Fitzgerald ao traduzir o “Rubaiyat” de Omar Khayyam, processou uma ocidentalização da obra. (LE BON, 1974, p. liv). As histórias de Sherazade que influenciaram inegavelmente a literatura juvenil do ocidente estão na base de Andersen, de Perrault, de Grimm e em certa medida, de nosso Monteiro Lobato.

“Mil e uma noites” e o Oriente é evasão, é outra coisa da vida o outro lado, o reverso da medalha, aquilo que nós não somos, o lugar em que nós não estamos, palácio, para os que moram em choupanas, banquetes para os que passam fome, sonho de nivelção democrática para os que não suportam os sultões absolutos da vida e aí as mulheres submissas do harém roncam grosso para o todo poderoso vizir e criam a *epopéia islamita da infidelidade feminina*. (HADDAD apud LE BON, 1974, p. liv, grifo do autor).

A epopéia decorre deste trabalho quando falarmos da imagem de mulher produzida na literatura árabe e suas influências no imaginário desse povo.

Abre-se um parêntese para dizer, entretanto, que na literatura apresentada pelos poetas árabes de Andaluzia se sobrepõe uma outra imagem de mulher e nessa poesia ela carrega os atributos mais elevados da cortesia.

Ao trabalharmos com a literatura árabe-brasileira produzida no Brasil, a qual já sai na sua origem contaminada dessa literatura sincrética que é a mescla processada na região ibérica, interessa-nos apontar algumas influências orientais que estão presentes no ocidente desde os tempos Ibéricos e mostrar nesse contato as misturas e influências mais intensas que os mouros deixaram na arte, na literatura, na filosofia e na mística mas, sobretudo, na poesia. Essas marcas atestam um longo período de diálogo.

Há de se apontar também que a poesia provençal elevava a mulher a píncaros de respeito e lirismo e esse culto tinha na prática raízes duplas: o Cristianismo, o culto de Maria e a poesia árabe. (LE BON, 1974, p. xiii) A própria noção de cavalheirismo e abnegação encontraria raízes profundas entre os árabes antes de espalhar-se como sentimento e ideologia pelo mundo europeu medieval.

A expansão colonial européia, no oriente levantino, é outro aspecto que teve início no final do século XIX, cujo significado vem reforçar esse longo contato entre esses dois mundos. No fim do século XIX e início do século XX, o fluxo imigratório de orientais do Levante e de outras regiões do oriente para o continente europeu, para as Américas e outras regiões do planeta, é um fenômeno que enfatiza a longa história de trocas e misturas. Na atualidade a emigração persiste em massa dos povos de países pobres para os países desenvolvidos em busca de melhores condições de recursos e de vida, reforçando o fenômeno do entrelaçamento globalizante.

1.2 O mundo árabe e os elementos de constituição da emigração árabe para o Brasil: A diáspora e os aspectos históricos da emigração

Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa. Acordei, reuni os pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças se deslocavam - e surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que me atormentavam e indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos. (Graciliano Ramos)

Milhares de sírios e libaneses, na maioria cristãos, emigraram para países e territórios de além-mar durante a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Estabeleceram-se nas grandes cidades e desenvolveram importantes colônias, nas cidades menores também se estabeleceram em pequenos grupos. Espalharam-se pelo continente europeu, americano, asiático, africano, ilhas

do Pacífico, chegando até lugares extremos como Nova Zelândia, foi uma verdadeira diáspora que afetou praticamente todas as aldeias do Líbano e em menor proporção as da Síria. É difícil saber o número exato de emigrados; entretanto, sabe-se que mais libaneses do que sírios emigraram, principalmente até meados do século XX, a proporção de cristãos era maior do que os não-cristãos. Acredita-se que hoje a população de migrantes libaneses espalhados pelo mundo é maior do que a população do Líbano.

Para possibilitar a emigração são indispensáveis certas condições: sendo a primeira delas a liberdade pessoal de ir e de vir e a desobrigação de qualquer laço feudal que possa prender o indivíduo a uma determinada localidade. Segunda, é saber da existência de outra terra para a qual seja possível deslocar-se. Terceira essa terra possua vantagens sobre a terra natal, sejam elas conhecidas ou supostas. Quarta é preciso que o indivíduo esteja descontente com sua condição de vida e deseje mudá-la ou melhorá-la. Quinta, deve haver facilidade ou acesso a transporte que favoreça o seu traslado. (KNOWLTON, 1985)

Antes do século XIX, a Síria e o Líbano eram províncias feudais no Império Otomano. No século XVIII, viviam uma estrutura feudal, onde o servo da gleba devia obrigações e tributos aos seus senhores imediatos e estavam revoltados com isso pois consideravam tais tributos extorsões. Estavam também sujeitos ao serviço militar e acreditavam ser sua sorte sob quase todos os aspectos miserável.

Estando sob o domínio do Império Otomano, o chefe da província era geralmente um representante da Coroa Turca e esse domínio era visto como opressor e a obrigação do serviço militar e a cobrança de impostos eram sentidos como extorção.

Antes de tornar possível a migração, o lavrador e também o artesão que vivia nas pequenas aldeias e os que viviam nas cidades tinham que saber da possibilidade de outros modos de vida. Tinha que se sentir descontente com o seu modo de vida e depois separar-se de sua vida e de sua família. Afif I. Tannous declara que a emigração para uma terra distante, com uma existência diferente, sempre representou uma crise na existência do indivíduo. Foi particularmente assim no caso dos primeiros emigrantes que pela primeira vez na história da aldeia, tiveram de arrancar-se da vida e do lugar dos seus antepassados.(TANOUS apud KNOWLTON, 1985).

Forças poderosas impeliam sírios e libaneses abandonarem suas vilas para outras terras. Tais forças motivadoras, diz Knowlton, se dividem para fins de análise em político-religiosas, econômicas e mistas. Especialmente no Oriente Médio política e religião estão intimamente ligadas, mas fatores econômicos e mistos também tiveram certa relevância.

Antes do século XIX, cristãos de todas as seitas eram tratados com inferioridade e ocupavam posições secundárias no Império Otomano, afora uma minoria elitizada de cristãos que ocupavam funções de destaque nos altos escalões do governo. Os cristãos em sua maioria estavam sujeitos a muitas restrições e exações. Em períodos de exacerbação política ou religiosa eram vítimas de ofensas e massacres passionais. Só em 1831, com Ibrahim Paxá, filho do modernizador do Egito, Mohamed Ali, é que se estabeleceu uma forte e centralizada administração, onde se instalou uma completa tolerância religiosa, os poderes da nobreza local foram limitados e convidaram-se missionários religiosos estrangeiros a entrar no país. Esses novos direitos concedidos aos cristãos desencadearam um longo ciclo de rebeliões e massacres mútuos. Os cristãos eram freqüentemente perseguidos

sob o regime do Islã e produziram-se inúmeras estratégias para combater a opressão sofrida sob a dominação otomana. Uma delas foi o surgimento do fenômeno Nahda, uma espécie de Renascimento da cultura árabe que surgiu no século XVIII como reação dos árabes cristãos, cuja abordagem e importância serão discutidas mais adiante em nosso trabalho.

O contacto com os cristãos protestantes vindos do ocidente comunicou à população as possibilidades existentes na Europa e no Novo Mundo e, indiretamente, levou ao incremento das correntes imigratórias para terras cristãs. A relativa igualdade de direitos entre cristãos e muçulmanos estabelecidos no novo regime, e o contacto com missionários cristãos contribuíram grandemente para estimular a emigração. Os missionários fundaram escolas, escreveram livros em árabe, introduziram conhecimentos ocidentais e o pensamento moderno no Oriente médio. Imprimiram os quase esquecidos clássicos árabes da literatura, história e ciência, pondo estudantes em contacto com a sua própria herança cultural. A esse contacto também se devem as primeiras entradas de sírios e libaneses nos Estados Unidos que foram para estudar teologia ou outras matérias com auxílio dos missionários. Ao completarem os cursos, alguns ficaram definitivamente na América, já outros, voltaram para seus países onde divulgaram em várias escolas suas experiências no exterior (KNOWLTON, 1985, p. 19-20).

Com as mudanças ocorridas na ocupação egípcia da Síria e do Líbano, no governo de Paxá, houve grande mudança no *status quo*. Em seguida à desocupação egípcia, começaram as hostilidades entre maronitas, drusos e muçulmanos que não se conformavam com a emancipação religiosa dos cristãos e a igualdade de direitos que se estabelecera entre cristãos e não-cristãos, após a intervenção egípcia. Muitas revoltas, distúrbios religiosos, rivalidades se

estabeleceram entre essas três religiões até culminar num massacre de cristãos pelos drusos em conivência com as autoridades turcas. O massacre entre cristãos e drusos aconteceu em 1860 e ocorreu como uma explosão da rivalidade existente entre esses dois grupos. Além das divergências religiosas, existiam também rixas sociais, pois durante muito tempo os lavradores maronitas lentamente espalharam-se em território druso substituindo os lavradores nativos. Os drusos foram forçados a migrar para outra região da Síria e os que ficaram não se sentiam seguros econômica, religiosa e politicamente. Em 1841 e em 1845 aumentaram as tensões entre os dois grupos. Finalmente em 1860, a luta generalizou-se entre drusos e maronitas, o conflito era guerra religiosa e um levante entre camponeses maronitas contra senhores drusos. O conflito generalizou-se. Os drusos mais bem armados e organizados tomaram a ofensiva e, com apoio das autoridades turcas, realizou-se um massacre geral de cristãos na Síria e no Líbano. Ao terminar, dez mil cristãos aproximadamente haviam sido mortos. Esse episódio, segundo constam nas informações sobre a imigração, foi um marco, que deu origem às primeiras levas de emigrados.

Os missionários desempenharam um papel de grande auxílio às vítimas do massacre e a América do Norte passou a ser vista como um porto seguro, um lugar de posses e riquezas. Pouco depois dos massacres de 1860, divulgou-se com mais ênfase as condições favoráveis das terras de além-mar (KNOWLTON, 1985, p. 22).

Após 1860, a despeito dos novos acordos políticos estabelecidos com a intervenção da Inglaterra, França e outros governos europeus na política do Levante, os cristãos perderam a confiança de proteção e segurança, e partiram em busca de lugares onde pudessem viver em paz. Iniciou-se depois desta data, uma migração em massa de cristãos sírios e libaneses, profundamente descontentes

com o *status quo* de seus países de origem, partiram em busca de novos horizontes (KNOWLTON, 1985, p. 22).

A situação política instável de todo o Oriente e as escassas colheitas de trigo tornaram o povo, inquieto e incerto quanto à sua própria condição no mundo. Eles entraram em contacto íntimo com a civilização européia, viram a sua superioridade, mas sentiram a impossibilidade de atingir esse nível sob as restrições do seu governo; e esse descontentamento crescente com tal condição se tornou desfavorável à elevação religiosa e espiritual. (FORTY-THIRD ANNUAL REPORT OF THE BOARD OF FOREIGN MISSIONS OF THE PREBITYAN CHURCH IN THE UNITED STATES OF AMERICA NEW YORK apud KNOWLTON, 1985, p 23.)

Outras questões políticas a considerar são: a Primeira Guerra Mundial, e a ocupação francesa da Síria e do Líbano. A obrigatoriedade ao serviço militar para os cristãos que deveriam integrar o exército, alinhados a turcos e muçulmanos, sob um comando que consideravam opressor e discriminatório, este foi um fator determinante na emigração de milhares de cristãos. Com a Primeira Guerra Mundial, a emigração legalizada nesses países cessou. No fim da guerra, a população desses países devastados aguardava para sondar o que seria o futuro; ao saber que sua independência lhes era recusada, retomaram a emigração em grandes levas. Por sua vez, os emigrados, que voltavam para averiguar a situação no pós-guerra, ficaram desestimulados com a ocupação francesa na região. Então, voltavam e divulgavam entre seus compatriotas em terras estrangeiras o que ocorria em sua terra natal e estes também não se sentiram estimulados a voltar.

Além desses fatos políticos, o declínio econômico e a miséria assolaram os territórios da Síria e do Líbano no século XIX. Desgoverno, altos impostos, perseguições, corrupção, banditismo eram fenômenos crônicos. Os cristãos eram os que mais padeciam as perseguições, pois os coletores de impostos eram na maioria muçulmanos e beduínos. Devido à pressão demográfica, erosão do solo, declínio das indústrias tradicionais e falta de oportunidades econômicas, a pobreza era a sorte inescapável da maioria dos habitantes até que a emigração permitisse uma

fuga. O banditismo generalizou-se e os fora da lei engrossavam fileiras. Muita gente emigrou para escapar das condições desesperadoras de instabilidade e violência em que viviam. As extorsões crônicas, a brutalidade, as perseguições políticas e religiosas, a insegurança determinaram muitos cristãos ricos e pobres, intelectuais e incultos, a procurarem uma vida melhor onde houvesse paz e se pudesse progredir com trabalho, poupança e resgate da dignidade (KNOWLTON, 1985, p. 23-24).

Doenças e pestes também afligiram a Síria e o Líbano durante gerações. E isso também se constituiu um motivo de fuga e emigração.

O ano de 1875-6 foi misto de provações e bênçãos para a Missão Síria. No início do verão de 1875 declarou-se uma epidemia de cólera em Damasco e estendeu-se a outras cidades grandes produzindo um pânico geral na população e provocando a retirada de multidões para as aldeias do Líbano em busca de maior segurança. Febres e também a varíola tiveram efeitos desastrosos na região. (KNOWLTON, 1985, p. 25).

O Líbano estava com superpopulação terras férteis eram escassas e no resto do país o solo árido e erodido. A relativa pobreza do solo, as dificuldades de lavrar terreno seco e montanhoso, e o alto índice de natalidade forçaram muitos a emigrar. O desemprego e a pobreza, a decadência da indústria tradicional com o fabrico de seda e vinho, o fim do comércio das caravanas através da Síria e do Líbano empobreceram os dois países. A indústria caseira da seda, fonte de renda de centenas de aldeias, foi seriamente prejudicada com a abertura do Canal de Suez, introduzindo a seda japonesa no país a um preço bem mais acessível. A abertura do canal também acabou com o comércio da rota das caravanas. A maioria dos mercadores, quase todos cristãos, ficou sem emprego. O cultivo do vinho foi prejudicado pela invasão de uma praga que dizimou as vinhas, a *phylloxera*, por volta de 1890.

Através da emigração muitos lavradores, comerciantes e trabalhadores rurais puderam fugir da região. Com o tempo tornou-se comum, em períodos de

difficuldade econômica, os habitantes masculinos emigrarem para o exterior para ganhar dinheiro e auxiliar suas famílias e parentes.

As atividades dos agentes de passagem também foram de certa forma fomento à emigração. O negócio era rendoso: agiotas e agentes de passagem atuavam através de líderes de aldeias, fazendo propaganda e instigando-os a partir. Emprestavam dinheiro a juros altos e prometiam toda sorte de benefícios aos camponeses que eram sistematicamente explorados. Segue um relatório de missionários a respeito:

(...) O negócio da emigração tornou-se muito rendoso; o método usado na Alemanha em 1870 é o que aqui se usa. Um nativo, geralmente um que já esteve na América, visita a aldeia, faz comícios, descreve o modo maravilhoso de fazer dinheiro, ensina para onde ir, o que fazer de fato tudo que um imigrante precisa saber. É raro que ele não consiga um certo número de depósitos para passagens de navio. Esse homem pertence a uma longa corrente cujos elos se encontram por todo o trajeto da Síria até os portos norte e sul-americanos. De vez em quando essa cadeia de trabalhadores manda e recebe avisos para evitar ou dar preferência a este ou aquele lugar. Sem dúvida é um plano engenhoso para obter representações favoráveis das companhias de navegação. Neste momento a corrente é para a Argentina. Poderíamos falar da messe de ouro colhidas por funcionários, agentes de vapores, barqueiros, etc. nos portos. É um sistema que resulta em muito sofrimento humano, perturbações, ciúmes e às vezes crimes (KNOWLTON, 1985, p. 28).

Imigrantes da Síria e do Líbano viajavam em navios franceses, gregos, italianos para Gênova, Marselha, Alexandria e outros portos. Aí se hospedavam em hotéis e pensões até a chegada dos barcos que os levariam a seu destino. Nesse meio tempo, instalavam-se nessas cidades, alguns trabalhavam como intérpretes para as companhias de navegação, mensageiros em hotéis, restaurantes, lojas e agências de passagens para emigrados e outros abriam seu próprio negócio. Através de Marselha e Gênova, os sírios e libaneses penetraram por toda a Europa fazendo seu pequeno comércio como mascates; alguns conseguiram acumular dinheiro suficiente para abrir suas próprias firmas.

O movimento migratório começou em Bethlehem, Palestina, por volta de 1870 e aos poucos se espalhou pela Síria e Líbano; a princípio confinou-se a alguns povoados. Em 1880, a maioria das aldeias tinha sido atingida. Em 1890 o movimento atingia proporções de dilúvio. Embora não haja estatística da emigração, são inúmeros os relatórios de missionários contendo preciosas informações sobre o fenômeno. Relatório de missionários protestantes contendo as primeiras menções sobre emigração: "Fifty-first Annual Report of Church" publicado em 1888. O relatório da "Boys' Training School", 1888. O relatório de Abeih, Líbano declara que 25.000 sírios deixaram o Líbano no espaço de dois ou três anos em direção às Américas. Outros relatórios de 1891 e 1892 falam da febre imigratória que atingiu a região

A febre imigratória não apresenta indícios de diminuir. Chegou a tornar-se uma mania. Tiraram das nossas igrejas alguns dos membros mais úteis; muitos dos professores dão sinais de inquietude. Um analfabeto vai a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos. Durante os meses passados veio para Zaleh da América uma média de \$400 a \$500 dólares diariamente. Quase tudo é usado para pagar velhas dívidas, hipotecas, e para levar outros emigrantes além mar. Esperamos algum benefício da influencia reflexa da emigração. Dos relatos dos emigrantes só se ouvem louvores irrestritos da América e suas instituições (...)

A emigração como um fermento possante agita todas as aldeias e povoados do nosso campo. Todo o mundo está em movimento e ninguém parece disposto a ficar desde que possa, de um jeito ou de outro, arranjar dinheiro suficiente para pagar a viagem. Os sírios modernos parecem rivalizar com seus antepassados fenícios... Há homens, meninos, mulheres e crianças de Zaleh em todas as grandes cidades do Novo Mundo, na Austrália, e nas ilhas de todos os mares. A crônica de suas experiências formará um estranho capítulo da Síria moderna. Atravessaram os Estados Unidos de norte a sul, viajaram por terras do Rio de Janeiro a Montreal e Quebec, transpuseram o Pacífico de ilha em ilha em pequenos barcos, e não poucos circunavegaram o mundo e voltaram para casa via Jerusalém. As cartas que escrevem, as histórias que narram e o dinheiro que trazem, acrescentam ímpetus ao movimento (KNOWLTON, 1985, p. 29-30).

A seguir, apontaremos o contexto da estratificação religiosa e sua significação presente na região síria e libanesa nesses tempos, por ser o aspecto religioso de vital importância em países de conformação fortemente teocrática. No mundo árabe, religião é mais importante que identidade nacional. Cada grupo

religioso é considerado uma comunidade separada dentro do estado. A religião, mais do que o nacionalismo, impregna a vida do árabe, determinando comportamentos, escolha do companheiro e delimitando seu espaço.

Existem aldeias dos mais diversos segmentos: maronita, sunita, chiita, druzas, ortodoxa, melkita, nestorianas em menor quantidade, e até mistas. Os sufis aparecem em grande número e com relativo poder institucional na Síria contemporânea, haja vista recente pesquisa publicada por Pinto (2005) que destaca o avanço e a importância crescente do sufismo nesse país. Os processos de construção das identidades religiosas dos adeptos do sufismo vão da participação em rituais coletivos ou lições doutrinárias (durus) à iniciação no saber esotérico da via mística sob a tutela do xeique e os procedimentos morais decorrentes de suas práticas refletem direta e indiretamente nas instituições sociais, políticas e até comerciais do país (PINTO, 2005, p. 67). Esses diferentes segmentos, no entanto, são subdivisões ou fragmentos de dois grupos maiores que podem ser identificados como grupo cristão e grupo islâmico. Ao grupo cristão encaixam-se os maronitas, ortodoxos, melkitas e nestorianos e ainda alguns protestantes, reminiscência do colonialismo europeu do início do século XX. Ao grupo islâmico pertencem os sunitas, os chiitas, druzos, e os sufis. Entre os cristãos encontramos os ortodoxos cujo líder é o patriarca de Jerusalém, os maronitas que se guiam pela liderança do Papa de Roma e os grupos menores de melkitas, nestoriano, e protestantes.

O representante religioso é o personagem mais importante da aldeia ou cidade. É o mediador para a prática da reza aos enfermos, como apaziguador de eventuais querelas, representa a aldeia junto às autoridades políticas. A lei do Estado é ligada à lei religiosa. A justiça opera a partir da lei religiosa muito mais do

que pela lei civil. Portanto, cada segmento religioso contém sua própria lei de acordo com o livro sagrado que a rege. (HAJJAR, 1985, p. 57).

Dentro da religião cristã encontramos as subdivisões Ortodoxos e Maronitas. Os Ortodoxos são representados por um conjunto de fiéis sem distinção de raça, língua, nacionalidade e cor. (HAJJAR, 1985). A autoridade suprema é de competência do Santo Sínodo Tópico. Já os Maronitas fazem parte de uma congregação religiosa que faz parte do cristianismo. Eles aceitam e adotam as doutrinas da Igreja Católica Romana, apenas com uma diferença: os padres podem unir-se em matrimônio. Até a época das cruzadas, os Maronitas estavam junto com a igreja oriental (HAJJAR, 1985), mas diversos fatores fizeram com que os maronitas se aproximassem mais do lado ocidental do cristianismo. Devido a suas crenças, os maronitas formaram um grupo minoritário em vez de uma seita religiosa. O clero não depende de aldeões, mas faz parte de uma organização eclesiástica centralizada. Os líderes religiosos, além de chefes religiosos, também assumem o papel de chefes políticos e sociais e, às vezes, chefes militares.

Outro segmento da religião do mundo árabe é o Islamismo, que associa os conceitos de honra aos conceitos de virilidade, força e combatividade expressando valores de uma sociedade eminentemente masculina (HAJJAR, 1985, p. 50). A ideologia islâmica defende a idéia do monoteísmo, seu único deus é Allah e Mohamad, o seu profeta. A subdivisão mais populosa está representada pelo Sunismo, Xiismo e Druzos.

A maior parte dos adeptos do islamismo são sunitas, os quais representam a maior parte, cerca de 85%. (THEOPHILO, 2007). Os xiitas são o segundo maior ramo de crentes do Islã, representando aproximadamente de 10 a 15% do total de muçulmanos. Estão espalhados por todas as partes do mundo, porém alguns países

têm uma concentração maior: o Irã é quase totalmente Xiita, e no Iraque, um país onde cerca de 95% da população é muçulmana, cerca de dois terços são xiitas.

Os sunitas e xiitas se rivalizam historicamente e essa rivalidade se acentua com a revolução iraniana de 1979 que, sob a liderança do aiatolá Khomeini (xiita), depõe o xá Reza Pahlevi e instaura a República islâmica do Irã.

Em nível teológico existem algumas diferenças entre sunitas e xiitas. Os dois ramos partilham apenas três doutrinas: a individualidade de Deus, a crença nas revelações de Maomé e a crença na ressurreição do profeta no Dia do Julgamento. Uma das diferenças é os "hadith" (as palavras e atos de Maomé e dos primeiros muçulmanos, usadas como suplemento do Alcorão, para compreensão do Islã) que têm interpretações diferentes para cada grupo. Existem outros grupos além dos sunitas e xiitas, outras subdivisões do islamismo, entre eles os zeitas, hanafitas, malequitas, chafeitas, bahais, sunitas hambaditas. Algumas destas linhas surgem no início do Islã e outras são mais recentes. Todos esses grupos aceitam Alá como deus único, reconhecem Maomé como fundador do Islamismo e aceitam o Alcorão como livro sagrado. As diferenças estão na aceitação ou não da Suna como texto sagrado e no grau de observância das regras do Alcorão.

Os drusos são autônoma que reside principalmente na Síria, Líbano, Israel, Jordânia e Turquia. É um ramo do islamismo que tem sua divindade encarnada. A língua falada por eles é o árabe. Acreditam na unidade absoluta de Deus. Não têm liturgia, nem edifícios religiosos, mas têm assembléias de iniciados. Crêem na metempsicose. Existe cerca de um milhão de drusos em todo o mundo, a maioria desses vivendo no Médio Oriente. (DRUSOS, 2007; HAJJAR, 1985; KEMEL, 2000).

1.3 Breve panorama da Síria e Líbano

O território hoje pertencente à Síria e ao Líbano foi por diversas vezes dividido. O território do atual Líbano apresenta-se como uma estreita faixa de 10.400 Km², banhada pelo Mediterrâneo, separada da Síria por uma cadeia de montanhas e ao sul limita-se com a Palestina. Essas terras foram alvo de diversas invasões pelos egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos e romanos, cruzados e pelo Império Otomano. O Líbano apresenta um Estado pluralista e bipartido, sofrendo as influências do Ocidente e do Oriente simultaneamente. Tanto na cultura como nos traços físicos percebe-se a presença do semítico. A língua falada é o árabe, e os costumes estão relacionados com a religião. O analfabetismo é quase inexistente, não ultrapassando a taxa de 12%. A literatura é cosmopolita (KEMEL, 2000, p. 21-24).

A economia do país é baseada na tradição comercial e na livre iniciativa. A agricultura sustenta basicamente metade da população, e seu principal produto é o trigo, seguido pela cevada e pela *maçã*. O território da Síria é apenas parcela do que foi a Grande Síria que abrangia um grande território. Hoje ela fica localizada na costa oriental do Mediterrâneo, separada pela Turquia e ligada ao leste com o Iraque e ao sul com a Jordânia e a Palestina e ainda limita-se a oeste com parte do Líbano. Sua extensão é de 181.337 Km². A economia está relacionada com o cultivo de cereais, algodão, tabaco e cana-de-açúcar, vinhedos e oliveiras. Alguns vales realizam a atividade pastoril, criando bovinos e ovinos (KEMEL, 2000).

Quanto ao idioma, há predominância da língua árabe, embora uma minoria ainda fale o aramaico e também o armênio, o curdo e o turco, em menores proporções. Depois de sofrer inúmeras divisões, apenas em 1939, com a

intervenção da Inglaterra, é que a Síria teve sua independência reconhecida (KEMEL, 2000, p. 21). A Síria é um país com cerca de 16 milhões de habitantes, cuja metade vive em aglomerações urbanas. As principais cidades são Damasco, capital, com cerca de três milhões de habitantes; Homs, com um milhão, Hamat; com 500.000 habitantes e Aleppo, com dois milhões. Essas cidades também demarcam o principal eixo econômico que cruza o país de norte a sul. A economia síria é baseada principalmente na produção agro-pecuária e no processamento e exportação de alimentos como carne, frutas, azeitona e azeite de oliva. Além disso, existem pólos industriais em Aleppo com uma concentração de indústria têxtil de calçados e de alimentos. Damasco é forte em indústria de bens de consumo e alimentos, e Homs, com a indústria pesada e refinaria de petróleo (PINTO, 2005, p. 55).

Segundo Pinto, a Síria contém diversas comunidades étnicas, grupos tribais e comunidades religiosas. Alguns grupos étnicos ou tribais tais como os beduínos, os ciganos e os Baqara praticam o nomadismo, embora a maior parte tenha se sedentarizado definitivamente. As principais minorias étnicas são os curdos com 8,5% da população.

1.4 A chegada ao Brasil e o contexto literário do entrelaçamento cultural

Acrescenta-se a essa questão de um território dividido por diversas comunidades étnicas, grupos tribais e comunidades religiosas que caracterizam a região da Síria e do Líbano, o agravante de quase quatro séculos de domínio turco, outros vinte e cinco de dominação francesa, e também as ocupações inglesas, contando com a passividade do poder turco, acontecendo e prevalecendo um

reforço da fragmentação do território árabe. Essa divisão e discórdia entre os grupos étnicos e religiosos e as inúmeras religiões que vieram com os árabes cristãos (maronitas, ortodoxos, mel quitas, nestoriano etc) e o fato de se organizarem por aldeias, mostravam um precário sentido de identidade nacional, estilhaçada por décadas de sucessivas invasões e dominações diferentes. Na verdade esse sentido nacionalista ou o significado de nação são concepções que aparecem depois da aproximação com o ocidente mais precisamente com o colonialismo europeu. Em meio a esse devastamento cultural, religioso, político, ideológico do mundo árabe produto de séculos de sucessivas invasões e contato com diferentes povos intensifica-se o fenômeno NAHDA² e “a América surge como uma terra mítica, a partir da qual tudo pode ser possível, até mesmo a libertação da pátria” (ZÉGHIDOUR, 1982, p. 44). A lealdade para esse povo se mostrava basicamente por laços de religião e com os conterrâneos da aldeia, o sentimento nacional que surge nesta época era difuso e ainda pouco compreendido na sua totalidade, no entanto é preciso fazer uma distinção o sentimento nacionalista brota dos contatos com o ocidente essa foi à porta de entrada no Oriente árabe das idéias nacionalistas. Diz Zéghidour (1982, p. 45) que os primeiros emigrados árabes não

² NAHDA: Os árabes cristãos estiveram na origem do Renascimento árabe. O Nahda (literannrrrrrr3lmente, elevação) ou “Renascimento” cultural e político árabe começou como um movimento lingüístico, literário de resgate do patrimônio cultural árabe que se encontrava apagado e pisoteado por séculos de dominação turca e posteriormente invasões colonialistas européias. O precursor desse movimento foi o arcebispo Maromita Dom Germanos Ferhat (1670-1732) de origem Síria (Alepo) que para preservar a língua árabe que cada vez mais perdia terreno para o turco redigiu um resumo de um dos mais velhos dicionários árabes conhecidos. O “Al Qamus Al Mohit”. Redigiu também uma gramática sucinta, Bahtal Matalib, que se tornou básica para o ensino em todo mundo árabe. Por fim, esforçou-se, não só para penetrar a língua mais o conjunto do patrimônio literário árabe tendo em vista a importância da função cultural deste. O Nahda começou como movimento cultural, e lingüístico e passou por várias transformações e influências e chegou ao patamar de movimento político de múltiplas dimensões movimentou políticos e intelectuais árabes em vários países e principalmente os emigrados que, de acordo com Zeghidour tiveram papel principal nesse resgate do mundo árabe. Surgiu nesse contexto particular de despertar de uma longa letargia e também no começo da penetração ocidental refletiria, essas realidades, ambigüidades, esperanças e dramas. É a redescoberta de um patrimônio multimilenar negado, humilhado e falsificado; reconstituição da identidade cultural árabe e confrontação com a influência ocidental. Todos os árabes estão de acordo em situar nessa época século XVIII, o início do que chamam de Nahda. (ZEGHIDOUR, 1982)

vinham para enriquecer e não tinham sido coagidos pela miséria econômica. Havia entre eles, um sentimento e um ideal a formação da *Nação árabe*, comunidade com laços históricos, lingüísticos, culturais, enfim um povo reunido sob um mesmo governo, dentro de um território, como um grupo unido por crenças, origem, costumes e vida em comum.

De fato, ainda que na sua origem houvesse fatores econômicos, ela foi antes de tudo o resultado de uma implacável repressão colonial constituindo-se, portanto, como a única saída para homens e mulheres animados por um projeto de libertação nacional e de renascimento cultural. (ZÉGHIDOUR, 1982, p. 9).

Acompanhando o pensamento do autor concluímos que os emigrados partiam provisoriamente para melhor organizar, popularizar e divulgar a causa árabe no estrangeiro fazê-la vitoriosa e voltar um dia para casa. Em relação aos primeiros que vieram, pelo menos, não eram migrantes econômicos em busca de vida melhor, eram instruídos e cultos, constituíram uma elite política e cultural do mundo árabe. (ZÉGHIDOUR, 1982.p. 46).

As informações de Zéghidour (1982) complementam as de Knowlton (1985) com esclarecimentos sobre as lutas do NAHDA trazida do Oriente para o Brasil como um movimento de “Renascimento” da cultura árabe, “O fascínio brasileiro representava, nesta época, a esperança que a América suscitava e o Brasil, em particular, sendo este quase a síntese do árabe na Andaluzia, agora miscigenado com a América” (HAJJAR, 1985, p. 32). Esse parece ser o objetivo perseguido pelo poeta Assis Féres, no seu Poema o “ Mascote” (mascate) que vem a ser a saga dos emigrados primeiros, em busca do Eldorado, uma espécie de *paraíso perdido*, origem de uma Nação *Hebória*, cujas terras de Andaluzia representaram uma pálida lembrança.

NAÇÃO

A questão da nação refere-se a uma longa história semântica e política. A palavra originou-se no latim onde o verbo *nascor* (port. nascer) e o adjetivo *natus* (port. nato) se relacionam como processo 'natural' à antecedência e descendência de determinadas pessoas. Para os Romanos, o termo *natio* significava simplesmente apontava para um grupo étnico de pertencimento, uma comunidade com comportamentos e língua comum no sentido de 'tribo' e 'povo'.

Na Idade Média a idéia da '*natio*' foi principalmente usada para grupos de estudantes com línguas diferentes nas Universidades medievais, principalmente em Paris. Com o advento do Iluminismo, primeiramente na França, o termo ganhou conotação diferente quando foi utilizado como característica de cidadania para o povo francês contra a elite da nobreza 'internacionalizada'. Já nesta fase, a '*Grande Nation*' francesa incorporou outras etnias, como os *alsatiens*, os bretões, os *occitains*, os bascos, os corsos e os flamengos, tornando-se a primeira Nação política (1789) num território de um único Estado, junto como, pouco anos depois, às Nações americanas. Em contraste, o Reino Unido consistia de quatro nações: ingleses, gales, escoceses e irlandeses num único Estado.

No século XIX, em reação ao Imperialismo francês (Napoleão invade toda a Europa), os movimentos românticos surgem nas áreas territorialmente fragmentadas, como na Alemanha e na Itália, e fundam um nacionalismo cultural do qual se formam futuras Estados-Nações. Estas são baseadas em línguas nacionais, como alemão e italiano. Na segunda metade do século XIX até a primeira Guerra Mundial, o mesmo nacionalismo começa surgir também nos três grandes Impérios da Europa Oriental e Ásia Ocidental: no Império Austro-Húngaro, no Império Russo e no Império Otomano. Este último se fragmenta com as guerras de libertação da Grécia, da Sérvia e do Egito, ficando, em 1918, apenas a Turquia como Estado-Nação. As regiões dos povos árabes do Império Otomano, como a Síria, o Líbano, Palestina, Jordânia, Arábia Saudita e o Iraque, contudo, ficam sobre o protetorado de poderes Europeus.

Em reação ao Império Otomano e o Imperialismo europeu desenvolve-se o panarabismo, primeiro iniciado no ambiente cultural com o movimento *Nahda* no Egito, lá numa versão islâmica, e posteriormente na Síria e no Líbano numa versão mais secularizada, principalmente promovido pela política do Partido Baath (Síria/Iraque), e pelo Nasserismo de Gamal Abdel Nasser (Egito). A Guerra contra Israel, todavia, em 1967, destrói todos os sonhos de uma Nação árabe unificada e, gradativamente, o Panarabismo é substituído por Nacionalismos Políticos (com diferentes Estados de nação árabe) ou pelo fundamentalismo islâmico. (SAHR, 2007)

NAÇÃO E NACIONALISMO³

O seio dessa Nação é definido pelo sangue, não pela terra - do mesmo modo que um cão nascido num estábulo não é um cavalo e um filho de portugueses nascido no Japão não passa por isso a ser japonês.

³ Texto extraído de Glaudius (2007)

Nação é definida por nascimento - é da Nação quem nasce no seio dessa Nação. E Por conseguinte, uma Nação não se faz - uma Nação é nada mais do que parte duma etnia. Dizer que uma Nação inclui toda a gente que dela queira fazer parte, constitui, não apenas uma confusão primária e ignara entre Nação e Pátria, mas sobretudo uma aberração, uma falsificação do que é realmente a Nação. E vir depois falar no Marcelino da Mata à laia de quem quer fazer chantagem moral, é igualmente inválido - se for preciso, manda-se mesmo o Marcelino da Mata embora e acabou-se. Marcelino da Mata e outros soldados africanos, lutaram por algo que nunca devia sequer ter existido: o Império Português. Independentemente da bravura por eles demonstrada, e do facto de o Estado Português lhes dever reconhecimento, nada disso faz com que o seu exemplo chegue para desvirtuar a Nação, era o que faltava. Toda a vida houve mercenários a lutar pelos impérios; e a decisão de lhes conceder cidadania parte apenas dos líderes; só que os líderes são meros administradores da estirpe, não tendo por isso quaisquer direitos sobre a própria Nação em si ou a sua definição.

Por conseguinte, a Nação não é uma idéia. O Nacionalismo é uma idéia, a Nação não. Fazer com que a pertença à Nação dependa apenas do desejo de cada um, é empobrecer a Nação ao nível dum clube de futebol. Fazer com que a pertença à Nação dependa da aceitação dum dado conjunto de valores, é uma atitude totalitária que visa submeter o indivíduo a uma determinada ideologia só porque esse indivíduo nasceu no seio dessa Nação. É pensamento similar ao do Sousa que, por fanatismo clubístico, inscreve os seus filhos recém-nascidos no seu clube de futebol, como se ser Sousa fosse igual a ser adepto dessa equipa.

Na verdade, um português é simplesmente o seguinte: um indivíduo filho de portugueses. Só isso.

Considerar que a Nação Portuguesa será a comunidade das comunidades dos povos que falam Português, constitui a bastardia completa - a globalização à maneira tuga.

Confundir uma consciência étnico-racial que produz uma natural vontade de salvaguardar a Nação duma possível iminvasão diluente, confundir isto com «medo», é pura demagogia da parte de quem julga poder usar a Nação como ferramenta para levar a cabo os seus intentos universalistas, ou seja, profunda, visceral e irremediavelmente anti-nacionalistas.

O Nacionalismo Português deve ser defendido de tais confusionismos falsificadores. O Nacionalismo Português é parceiro e irmão dos outros Nacionalismos Europeus, uma vez que Portugal é uma Nação europeia como qualquer outra.

Isto sim é verdadeiro Nacionalismo Português.

Parece claro que, em última análise, a identidade étnica é uma das muitas manifestações da identidade social, neste caso, tomada como expressão da etnicidade. Diz Seyferth (1990). E as categorias étnicas são utilizadas para marcar a posição dos indivíduos na sociedade- assim sendo assumem rótulos de status e papéis e os direitos e deveres correspondentes a etnicidade passam a ser principal dimensão da identidade social. Os símbolos de identificação variam, eles podem ser raciais, lingüísticos, culturais, ou nacionais, ou outros, mas, são sempre critérios de classificação inclusivos ou exclusivos. E a manipulação de identidades envolve a utilização de categorias que incluem ou excluem pessoas e posicionam a sua interação que se faz num contexto de relações interétnicas colocando em

relacionamento ações e relações opostas que negociam entre si. Barth chama de “limite étnico”, Oliveira de “identidade contrastiva”. A identidade contrastiva parece constituir diz Giralda a essência da identidade étnica, isto é, a base pela qual ela se define. A afirmação do nós diante dos outros Geralmente essa é a identidade que surge por oposição Ela não se afirma isoladamente e se afirma “negando” a outra identidade “etnocentricamente” visualizada. Os mecanismos de interação também são indicadores de etnicidade, uma vez que pessoas compartilham tempo –espaço–status como membros de um grupo e tendem a interagir.

As noções de nação e nacionalismo, de modo similar, também assumem papel e caráter de oposição a tudo o que não faz parte do grupo diz Giralda p.6. E é preciso se fazer ressalva de que não se está falando em Estados – Nação, que tem implicações bem diversas do conceito puro, simples de Nação . Pois esses conceitos variam dependendo com o tempo e local onde se constituem como tal. Em concordância com Mauss, “uma nação completa é uma sociedade suficientemente integrada com poder central democrático em algum grau, tendo em todos os casos, a concepção de soberania nacional, onde em geral as fronteiras são aquelas, de língua, de um moral , de um caráter nacional. A idéia de que o “sentimento nacional” é o mecanismo que une a nação, mais do que a própria idéia de pátria, são enfim os critérios mais comuns definidos. Daí a importância dada ao sangue(ou a raça)e à língua como elementos fundamentais da nacionalidade. Não é por acaso que na língua alemã o termo – Volk – signifique, simultaneamente, nação povo,e etnia. Mas não quer dizer com isso que usados como sinônimo, povo e nação expressem exatamente a mesma coisa em todas as circunstâncias.

A correspondência entre étnico e nacional por outro lado não se reduz a certas palavras ambíguas como *Volk* . *Max Weber, de alguma maneira assinala a*

semelhança desses conceitos quando afirma que “ povo” e “ nacionalidade” sugerem uma idéia vaga de que deve haver algo comum que identifica seus componentes, e essa base comum deve assumir varias formas (SEYFERTH,1990).

É longa a discussão que acompanha a concepção de nação e nacionalismo e são miríades as possibilidades e olhares sobre o tema, entretanto, fica aqui um breve panorama de alguns sistemas de olhares que acompanham esse dissertar sobre o assunto.

O Anarquismo de Giovanni Rossi

Entre os sistemas e olhares a respeito de Nação e Nacionalismo destacamos o Anarco-socialismo de Giovanni Rossi como uma convicção alada que trouxe juntamente com seus compatriotas no barco italiano *Citá di Roma* com ele, trouxe a bagagem e uma outra história de nomadismo, busca e desprendimento. Uma revolução de idéias ousadas e inovadoras que se materializaram no ideal de vida anárquico-socialista da Colônia Cecília que se instalou no Paraná nas imediações da região da cidade de Palmeira , neste Estado. O Grupo propunha um sistema de vida e uma sociedade sem Estado onde as pessoas se auto-regeriam de acordo com padrões éticos e morais elevados sem governo, sem patrões,sem polícias,sem hierarquias. A auto-gestão e a liberdade pairariam na singela bandeira Anarco, socialista ou não. Cada um deveria concientizar-se de si, e do outro, a ponto, de viver uma doce harmonia *dolce vita*, fraterna regida pelo Amor e amor ao próximo, na mais irrestrita liberdade e na mais ampla independência, num sistema sem classes sociais, guiados por valores ético- filosóficos de humanidade, fraternidade, liberdade incondicional e solidariedade, livres de egoísmos, repressões, normas escravizantes e hierarquias de subserviência, onde a mulher era

vista de uma forma emancipada, livre e libertária. O amor como não poderia deixar de ser, é livre. A poliandria, a poligamia ou a monogamia corriam paralelas na experiência giovanesca da “Colônia Cecília: E, outras utopias.” Livro, escrito por Rossi (2000), no apagar do século XIX quando da sua vinda para o Brasil, imbuído, de um ideal ousado para o tempo e essencialmente revolucionário para aquela época. Giovanni Rossi que é fonte e referência para suas idéias exóticas e libertadoras, manifestou-se, polivalente em suas andanças pelo chão brasileiro e revelou-se além de poeta, agricultor, botânico, biólogo, sociólogo, naturalista..., de uma aguçada percepção psico-pedagógica de cunho revolucionária e autônoma. Posicionou-se como Intelectual, cultor da Razão, poeta do sentimento, engendrou um inédito sistema de viver e foi testemunho, mentor e protagonista deste em sua vida e experiências na referida Colônia Cecília, comunidade alternativa, de característicos Anarco-socialista, que existiu no Brasil aos idos de tumultuoso final do século XIX. Da Colônia Cecília quase nada resta nos dias de hoje além de alguns descendentes de emigrados que se espalharam não só pelo Brasil mais pelo Mundo levando com sigo, quem sabe, apenas sementes, de uma *Tau* semente de brilho raro.

A Dialética Hegeliana e o espírito da Constituição⁴

Este trabalho tem o intuito de interpretar a constituição de uma sociedade sob a luz da dialética hegeliana. Abrange, portanto, assuntos de Filosofia e Direito, no sentido de que se pretende compreender a essência de uma carta magna a partir das contradições inerentes a ela.

Faz-se primeiramente uma breve explanação sobre a fenomenologia do espírito. Depois se discute o problema relacionado à constituição formal e a

⁴Texto extrato da Revista eletrônica de estudos Hegelianos.

constituição formal e à constituição material, observando-se o movimento dialético entre elas. Finalmente, empreende-se uma reflexão sobre como o desabrochar da verdadeira constituição contribui para a realização de uma verdadeira sociedade.

A Dialética Hegeliana

A não concordância de Hegel em colocar os princípios básicos na sua filosofia, em virtude de não trabalhar em termos de um sistema hipotético-dedutivo e sim em uma visão da realidade como um processo, ou seja, como um eterno operar dentro do sistema, não impede que se possa colocar, após uma compreensão sobre todo o sistema, determinadas afirmações que servem como balizadoras para a compreensão de toda a sua construção teórica da Fenomenologia do Espírito. Assim, pode-se declarar algumas idéias norteadoras:

- (a) O Espírito infinito é a realidade;
- (b) A dialética é o modo de vida do Espírito infinito;
- (c) O elemento especulativo é o que caracteriza essa dialética.

A realidade do Espírito é movimento, processo e não substância. O Sujeito põe-se a si mesmo, pois é pura atividade autoponente. Entretanto, esse eterno movimento não representa a corrida do ser em direção ao dever ser. Também não se resume à identidade originária do Eu e não-eu, finito e infinito, pois isso impõe uma região de não contato entre o Sujeito e o objeto, entre o Eu e o não-eu.

O eterno movimento de se autopôr do Espírito é uma eterna superação do finito, de modo que o Espírito nega, à medida que ultrapassa, o finito que supera, que, por sua vez, já é uma negação. De forma que o processo se dá através da

negação da negação, o infinito vive através de um eterno movimento de superação dos finitos. Assim, o Espírito infinito hegeliano é uma eterna igualdade que se concretiza nos diferentes finitos que supera, de modo que todos os momentos são indispensáveis para a vida do Espírito, pois nesse movimento o Espírito reflete-se em si mesmo, caminhando do “ser em-si” em direção ao “ser fora-de-si” e desdobrando-se no “ser para-si” ou “ser em-si e para-si”.

A vida do Espírito se processa nesse contínuo movimento dialético através da tese, antítese e síntese. O primeiro momento é caracterizado pela auto-imposição da universalidade, é o universal intelectual, abstrato, contraposto ao particular, mas, por isso, mesmo particular; o segundo momento é o racional negativo, que é marcado pela flexibilização do intelecto universal rígido, mostrando as contradições deste na eterna transformação de um oposto ao outro; o terceiro momento é o racional positivo ou o especulativo, que é justamente a suprassunção dos dois momentos anteriores, ou seja, a superação dos opostos, mas conservando-os. É através desses momentos que a razão chega ao ápice, atingindo o patamar do Absoluto. Neste sentido o real é racional e o racional é real.

Apesar de ser contra uma introdução à filosofia, Hegel coloca na prática um tipo de introdução quando escreve a fenomenologia do Espírito, elevando de forma mediata a consciência ao Absoluto. Compreendendo que o Absoluto está presente desde o início, de modo que o Espírito absoluto não é somente um resultado final, mas também o que está por trás de todo o processo, do início ao final.

A Constituição Formal e a Constituição Material

Denomina-se de constituição formal o conjunto das disposições que adentram na Carta Magna. Neste conceito não se considera o teor da matéria que faz parte do Documento Maior; assim, mesmo que determinada norma não seja intrinsecamente constitucional, se ela perpassou o processo normal a fim de atingir o patamar de constitucionalidade, ela faz parte do conceito formal de constituição.

Uma pergunta pertinente é: o que é que faz um dispositivo ser intrinsecamente constitucional? Ora, a característica de tratar de matéria que se reporte ao âmago da estrutura política de uma sociedade, a saber: forma de Estado, regime político, estrutura do poder e suas funções, direitos humanos e sociais. Normas que tratam desses assuntos pertencem ao que se denomina constituição material ou conceito material de constituição.

É importante ressaltar que a área de interseção entre estes dois conceitos de constituição não é vazia, ou seja, normas que pertencem à constituição material também fazem parte do conceito formal de constituição se pertencem à Carta Magna.

A constituição vista de um ângulo formal deriva do positivismo lógico, ou seja, toda análise é feita a partir da letra da Lei Maior, não se questionando o conteúdo do que está lá, nem do que poderia estar lá. Essa perspectiva leva a uma universalização lógico-hipotético-dedutiva-abstrata que repele os questionamentos que não são solucionados pelo seu método, carente de conteúdo, o sistema constitucional é esvaziado de sentido. De modo que, as lacunas do ordenamento jurídico são escondidas ou negadas veementemente por meio de seu afastamento e

sua caracterização como pseudo-problemas. Assim, a constituição formal corresponde ao primeiro momento da dialética hegeliana, o momento intelectual, o ser universal abstrato.

A constituição formal é a constituição pura; ora, se é pura é desprovida de qualquer de-terminação, em última instância é nada, é vazio, logo não pode ser a verdadeira constituição. Neste estágio, a constituição é unilateral, obedecendo ao princípio da identidade, as normas estão separadas do que pretendem tratar e referem-se à realidade de modo funcional, o problema entra no mundo jurídico na força do raciocínio abstrato, quando entra, e resolve-se nesse mundo, e só nesse, mundo abstrato que amoldou o que pode captar do problema real e resolveu de acordo com as premissas da formalidade.

Neste momento de formalidade pensa-se a constituição em-si, ou seja, reprimindo toda a alteridade e toda independência de qualquer objeto que não se coadune com suas hipóteses de trabalho.

A constituição material coloca em evidência as contradições da constituição formal, mostrando que o intelecto abstrato deixa de fora vários aspectos da vida, dos problemas constitucionais enfrentados a todo o momento na realidade de uma sociedade. Desse modo, o não-ser aparece como uma negação da finitude do conceito formal. Neste momento aprofunda-se o conceito de constituição a partir de uma reflexão sobre ela considerando-se seus aspectos materiais, sem menosprezar as características formais, pois a verdadeira constituição material remove e conserva as diferenças, resultando em igualdade nos opostos e oposição na igualdade.

A contradição aparece explicitamente aqui como o motor do movimento dialético na compreensão da constituição. Essa contradição é constituída na distinção entre Constituição e Lei Constitucional, a primeira correspondendo à constituição material e a segunda à constituição formal. A estrutura política de uma sociedade fica em grande parte fora da Carta Magna, quando se considera que a dinâmica do poder não pode ser esquadrihada em uma rígida redoma. As normas constitucionais enclausuradas em seu formalismo não se amoldam a dinamicidade dos fatos de matéria constitucional.

Aqui começa-se a vislumbrar a Constituição como verdadeiramente ela é. A autoafirmação da constituição formal começa a confrontar-se com as autoafirmações dos problemas constitucionais reais que vão surgindo no processo de sua autorealização. E para que ela continue viva deve acolher as diferenças que põem-se a borbulhar em sua superfície. O outro, isto é, a constituição material passa a ser importante para a própria sobrevivência da constituição formal, que se não adequar irá morrer.

Neste movimento inicia-se uma tomada de consciência de que o entendimento de uma constituição formal-material é que levará a compreensão da verdadeira natureza da Constituição, ou seja, a unificação da constituição pensada com a dinamicidade do que materialmente ela é. Neste momento compreende a Constituição como Razão. Tem-se, agora, uma flexibilidade na constituição formal (que agora é formal-material) que permite a interpretação jurídica de outras realidades não-formais.

Essa flexibilidade dá a constituição formal a capacidade de adaptar-se ao movimento dos problemas constitucionais que vão surgindo, que por sua vez, são

resultantes da vida social em eterna mudança. Assim, a Carta Magna terá a propriedade de viver em conformidade com o caminhar da sociedade a que se propõe regular. De modo que a rigidez que atravança os processos e resulta em decisões legais, mas não legítimas, não tem mais terreno para se proliferar.

Nesta ocasião a Razão Constitucional se realiza em conformidade com as necessidades sociais transformando e criando instituições dentro da própria organicidade do seu movimento. O entendimento da constituição formal leva necessariamente à constituição material e, o entendimento da constituição material leva necessariamente à compreensão da constituição formal. Aqui acontece a aparição do Espírito constitucional, que só vingará se for em uma sociedade livre.

O Espírito da Constituição e a Sociedade Livre

Entende-se aqui a liberdade da sociedade como a igualdade de oportunidades entre os indivíduos. A dificuldade da obtenção dessa deste tipo de igualdade, deve induzir a sociedade a desenvolver procedimentos que induzam o seu caminhar na direção de um modelo eqüitativo. Ora, isso é imprescindível para que realmente se chegue ao Espírito da Constituição.

Todo o processo para o verdadeiro entendimento do Espírito da Constituição mostra que uma supressão da constituição formal e da material, a fim de que uma possa se autorrealizar na outra, deve contemplar uma flexibilidade para a inserção da materialidade constitucional, ou seja, a própria estrutura política da sociedade. Ora, como se pode ter o reconhecimento do um no outro se ainda é vislumbrada uma realidade de senhor e servo?

A própria interpenetração dos conceitos constitucionais implica na resolução dos verdadeiros conflitos materiais no âmbito formal, e isto só se realizará se os verdadeiros problemas dos indivíduos que compõem a sociedade também sejam contemplados pelo sistema constitucional.

Deste modo, a identidade do sistema constitucional é um puro devir de sua própria atividade. A ordem, a segurança jurídica, o sentido e o conteúdo constitucional devem ser contemplados no eterno movimento do Espírito da Constituição, que aparece nessa supressão da formalidade e materialidade constitucional. Desse modo, a Constituição não deve ser tomada de forma rígida, estática, pelo contrário, é uma interpretação fluida das normas pertencentes à constituição formal que permite uma melhor percepção de suas contradições, remetendo a uma compreensão reflexiva e o enlace dialético da constituição material.

O movimento dialético da Constituição de uma sociedade é o movimento do formal em direção aos problemas constitucionais que permeiam a realidade física dos indivíduos e a sua volta para-si, já preenchida de todo conteúdo resultante da reflexão produzida pela negação da negação. Desse modo, é só com uma sociedade eqüitativa que o verdadeiro Espírito da constituição pode desabrochar e o seu perfume ratificar essa autoafirmação do Espírito nessa sociedade livre.

A falta de eqüidade econômica ou as discrepâncias sociais de toda ordem são inibidores da autorealização do Espírito constitucional, pois não há possibilidade da efetivação da constituição para-si se não há uma verdadeira saída da formalidade em direção ao outro, e essa verdadeira saída não acontece quando os verdadeiros problemas da materialidade constitucional não são captados para serem resolvidos,

e eles não são captados quando não há oportunidade de colocação desses problemas por parte da sociedade como um todo. Assim, o próprio reconhecimento do outro como essencial é comprometido por uma falta de capacidade de interpretação da vida que pulsa na sociedade.

A constituição de um país, ou a lei maior de uma sociedade, contém duas características fundamentais para a sua existência, a material e a formal. O aspecto material de uma constituição é aquele referente à estrutura e à dinâmica política de um local. Por outro lado, a formalidade está no fato de uma norma pertencer ou não ao corpo constitucional, pertinência esta que necessita da tramitação em todos os ritos do ordenamento vigente.

Tem-se, então, a constituição formal e a constituição material, que podem ser interpretadas como a tese e a antítese em um processo, onde a síntese se concretiza na aplicação do direito constitucional à realidade efetiva. A forma isolada é vazia, a vida constitucional nasce da forma juntamente com o conteúdo político da constituição, ou seja, juntamente com o arcabouço estrutural social sobre o qual cada constituição é edificada, mas só no momento de sua aplicação. Assim, o efetivo espírito constitucional é a síntese do encontro do processo pelo qual passam todos os preceitos constitucionais, com as forças do contexto do caso particular que está sendo tratado por, pelo menos um, preceito.

A visão dialética, no sentido hegeliano, do sistema constitucional, possibilita um modelo conceitual dinâmico, que abrange tanto a existência de uma segurança jurídica, que se dá através da forma; como também a existência de uma dinamicidade da constituição, ou seja, de uma adequação da norma ao problema

específico a ser considerado. Esse problema carrega consigo elementos das forças da realidade prática. No momento em que se vai julgar tal realidade é que germina o espírito da constituição, desabrochando na medida em que o caso vai sendo desenvolvido, desenvolvimento este que se efetiva por meio do embate entre a constituição formal e a material, finalizando com a supressão das duas, na ocasião da coisa julgada.

O período brasileiro que coincide com as primeiras imigrações e instalação da colônia árabe em nosso território foi o ponto de convergência de todas as idéias e correntes onde se concentrou a esperança e onde brotará a poesia árabe moderna (ZÉGHIDOUR, 1982 p. 46). A literatura árabe moderna, que se afinizou muito mais com a cultura e o movimento modernista nascido no Brasil, teve na América do Norte, a escola Nova-Iorque⁴, fundada pelo renomado poeta Khalil Gibran, e que também influenciou e interagiu com a literatura árabe brasileira. Por razões óbvias, as afinidades culturais dos árabes com o Brasil foram maiores: primeiro, os meios de comunicação e a vida social entre os árabes eram mais intensos no Brasil, além de que a população árabe aqui era mais numerosa, Não tinham problemas raciais declarados e explícitos como em Nova York, a coexistência era pacífica, apesar de não deixar de haver um preconceito velado, mas isso não impedia a convivência, o interagir e as trocas culturais. O meio ambiente do Brasil favorecia por ser mais próximo em termos de desenvolvimento e cultura do mundo árabe bem diferente dos

⁴ Fundada por volta de 1912-1914 levou o nome Pen-Club ou Ar Rabita Al Qalamya cuja fundação coincidiu com acontecimentos importantes na terra de origem que vieram a incentivar os literatos que compunham essa liga foi o início da expressão e produção literária que repercutiu no mundo todo e cujos autores como Gibran, Riham, Naaime, Abumadi e outros expressaram toda sua presença e participação social, política e econômica no que estava assolando sua terra e determinando o futuro de sua gente. Traziam a tona o inconsciente coletivo que a sua comunidade vê, sente e não consegue expressar. Por isso a importância da literatura do Majar na terra de origem se devia ao fato de a população local se identificar com aquelas obras e sentir que o escritor do Majar (escritor emigrado) os retratava e a sua problemática com conhecimento de causa profundo e principalmente com a liberdade que a eles era negado. Após a morte de Gibran em 1931 morre também todo movimento da liga literária Norte Americana. HAJJAR (1985, p. 68)

EUA, país anglo-saxão, muito desenvolvido, onde foi difícil pela defasagem uma identificação criadora e de maior expressão.

O movimento literário árabe esteve solidamente organizado em solo brasileiro contando com inúmeras instituições, periódicos, revistas. Só em São Paulo foram 180 as instituições fundadas no percurso que se iniciou em 1895 até 1949. Conforme pesquisa que nos legou Jamil Safady, existiram 140 órgãos de imprensa e o nome de 300 jornalistas. Até 1984 circularam no Brasil em torno de 150 jornais árabes que tiveram início, meio e fim, mas não deixaram de cumprir seu destino de retratar a realidade e o cotidiano da coletividade à qual se destinavam. Toda a saga da imigração pode ser rastreada através desses periódicos. (HAJJAR, 1985, p. 71).

Na imigração, o jornal árabe e os periódicos ganharam papel de escola circulante, propagaram idéias progressistas, levantaram polêmicas sobre o destino da causa árabe, divulgaram suas inquietações e esperanças, propagaram suas experiências na terra nova, semearam cultura e, sobretudo funcionaram como um multiplicador que fomentava idéias e os mantinha identificados. Seu valor era reconhecido inclusive nos países árabes e naqueles que receberam o imigrante. Esse tipo de publicação levou longe o Brasil e a forma de viver de seu povo, pois esse tema era largamente comentado. Foi através da imprensa e literatura árabe que se teve conhecimento do renascimento árabe nas letras e também onde o imigrante minimizou a opressão do exílio.

No período de 1895 a 1902 citamos alguns jornais de destaque: “Al Faíah” (considerado o primeiro jornal árabe do Brasil); “Al Brasil”; “Al Munázir”; “Al Manara” (da sociedade maronita) “Al Adl” e “A Sauáb”. Dos 150 jornais árabes apontados após a proibição de 1941, período da Segunda Grande Guerra, que proibia a utilização da língua estrangeira, foi suspensa toda e qualquer publicação em língua

estrangeira. Após a proibição de 1941, sobreviveram apenas a revista “O Oriente”, e “O Brasil-Líbano”. Em São Paulo os periódicos que se publicava em língua árabe ou bilíngües eram Brasil-Líbano; “O Clarim”, “Al Urubat”, “O Anbá”, “O Oriente”, “Etapas” e “Laiazul” (Revista criada e dirigida pelo poeta e jornalista Assis Feres). Deste total de 150 jornais que se produziram no Brasil sobreviveram oito em São Paulo e um no Paraná. (HAJJAR. 1985).

1.5 A colônia árabe no Brasil: um movimento de negociação de identidade e construção cultural mista - Identidade, Cultura e Imigração

A questão da identidade é amplamente discutida na teoria social. Novas identidades estão surgindo e fragmentando o indivíduo moderno, dando origem ao que chamamos de “crise de identidade”, o que é visto como um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais que davam aos indivíduos ancoragens seguras e estáveis no mundo social. O próprio conceito com o qual trabalhamos – identidade – é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido muito pouco compreendido nas ciências sociais para ser posto à prova. (HALL, 2000, p. 8)

Para Berger e Luckmann (1985) a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre indivíduo e sociedade é um elemento chave da realidade subjetiva, determinada por processos sociais que, por sua vez, são determinados pela estrutura social existente. A identidade depois de construída pode ser mantida ou remodelada por processos sociais e reage sobre a estrutura social e a influencia.

Trataremos neste breve estudo principalmente das identidades culturais, aqueles aspectos de identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas e religiosas. No processo de “crise de identidade”, o sujeito pós-moderno é visto como portador de uma identidade móvel formada e

transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos cercam. (HALL, 2000). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2000). Ela varia constantemente e a viagem é a grande metáfora da identidade, a seu fim não voltará à forma anterior. A identidade é móvel e inventiva, fruto de uma ininterrupta contratação entre as absolutas discursividades com as quais toma contato. (CANEVACCI, 1996).

A filósofa Olgária Matos, ao formular um conceito de cultura nos traz referências também de identidade. Ela nos informa que a cultura fundada no princípio científico filosófico da identidade, no fetichismo, e na previsibilidade da economia tomada como ciência, tem como aliado o conceito de “origem”. Havendo sempre algo de primeiro e uno, cada qual se vê como seu verdadeiro representante e herdeiro. (MATOS, 2006. p. 59). “Outro é sempre o que exige de nós distanciamento de nós mesmos para que dele tenhamos experiência”. É o que Merleau Ponty (apud MATOS, 2006, p. 56) chamou “o mistério do mundo: distância feita de proximidade”.

As sociedades modernas, ou pós-modernas onde estamos inseridos são sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes e muito distintas das sociedades tradicionais onde tudo parecia inarredavelmente imóvel.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em identidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991, p. 21).

E Laclau (1990 apud HALL, 2000. p. 108), se posiciona dizendo que: “As sociedades na modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’, são

atravessadas por diferentes visões e antagonismos sociais que produzem uma ‘variedade de posições do sujeito’ ou identidades para os indivíduos. “

É a partir da alteridade que afirmamos a nossa identidade e, por sua vez, ela é influenciada pela diferença e por isso se constrói no imaginário social percebido; assim como a realidade do *em torno* também é determinante na sua construção.

As identidades são relacionais múltiplas baseadas no reconhecimento do outro e na diferenciação; assim, a interação assume um papel crucial nesse processo. Os processos de identificação são sempre situacionais e históricos, havendo a cada momento, expressões identitárias dominantes. O diálogo com o outro é essencial na construção da consciência de cada indivíduo, diálogo que é de muitas vozes e se produz na intersecção de forças centrípetas (necessidade de ligar-se ao outro) e de forças centrífugas (necessidade de diferenciação do outro) (MENDES, 2002, p. 505).

As identidades na modernidade tardia segundo a concepção de Hall (2000) não são unificadas e sim cada vez mais fragmentadas e fraturadas, ou seja, nunca são singulares, mas multiplamente construídas ao longo do discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. Em relação à população imigrante que se dá em massa na modernidade e com os processos de globalização, a migração forçada ou livre tem se tornado um fenômeno global no mundo pós-colonial.

As identidades parecem buscar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma correspondência. E aqui parece ter uma conexão com a identidade do imigrante. Ela tem a ver com a utilização de recursos da história da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornaremos (HALL, 2000).

Falando de imigração, temos que nos reportar às culturas nacionais e comunidades imaginadas, assim como as suas identidades nacionais e identidades culturais construídas nacionalmente. Uma cultura nacional constitui um discurso e um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações como a concepção que temos dela e as culturas nacionais ao produzir sentido sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o passado e imagens que dela são construídas. A identidade nacional é, sobretudo, uma “comunidade imaginada”. (HALL, 2000. p. 51) “A vida das nações é vivida em grande parte na imaginação” (POWELL, 1969, p. 245, apud HALL, 2000).

Renan (1990, p. 19 apud HALL, 2000) diz que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: “posse em comum de um rico legado de memórias (...), desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar de uma forma indivisa, a herança que recebeu”. Devemos ter isso em mente quando pensamos naquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”, produto com certeza do imaginário produzido coletivamente em uma nação. As memórias do passado, o desejo de viver em conjunto, a perpetuação da herança certamente constituem o legado do imigrante. Ainda que de forma inconsciente, consiste a bagagem que ele transporta do território de origem ao país de destino, como um caracol que traz nas costas sua casa imaginada, onde estão contidas todas as suas referências para tentar adaptar-se em uma nova “comunidade imaginada”, constituída pela cultura nacional do país de destino.

Em uma cultura nacional, não importa quão diferente sejam seus membros quanto à classe, gênero, raça, já que ela busca unificá-los numa identidade cultural

para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional. Então como fica o imigrante em uma mesma comunidade nacional unificada? A resposta é uma questão em estudo. Para Sahr (1998, p. 203), o imigrante se resolve construindo um mundo no meio que não é nem bem aquele referendado unicamente pelas suas raízes, mas também não se ajusta integralmente à cultura nacional do país adotivo.

Por outro lado, também é verdadeiro o questionamento de como é ser brasileiro em um país povoado de tantas etnias: asiáticos, poloneses, alemães, russos, italianos, sírios, libaneses, gregos, armênio etc, isto é, em um país que é repositório de diferentes culturas? E aqui cabe ressaltar. As afirmações feitas anteriormente sobre identidade: a identidade depois de construída pode ser mantida ou remodelada por processos sociais e reage sobre a estrutura social e a influencia. As diferentes etnias também influenciam e transformam a cultura brasileira, havendo um interagir entre as diferentes culturas (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Em meio a essa trajetória de intercâmbio cultural, há uma influência e uma construção de identidade de mão dupla, onde se percebe que tanto o imigrante influi sobre os processos sociais e culturais nacionais. Como é inevitável, esses processos são determinantes para as novas e múltiplas identidades que se formam numa cultura de transposição ou do imigrante, se assim podemos denominar essa nova maneira de ver o mundo dos emigrados. E aí temos um sincretismo em processo que absorve aspectos locais e globais na formação das identidades. “Esta formação de grupos étnicos minoritários no interior dos Estados-nação ocidentais levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais” (HALL, 2000, p. 83). Parece claro que, em última análise, a identidade é uma das mais

Para complementar em relação às culturas de transposição onde se inserem os imigrantes, Hall continua afirmando que em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição entre diferentes posições e que retiram seus recursos de diferentes tradições culturais, são produtos desses complicados cruzamentos e misturas que são cada vez mais freqüentes no mundo globalizado. Ele se questiona dizendo que: “Pode ser tentador pensar na identidade na era da globalização como estando destinada a acabar num lugar ou noutro; ou retornando a suas raízes ou desaparecendo através da assimilação e homogeneização. Mas esse pode ser um dilema falso.” (p. 88).

Para explicar essa questão conta-se com a possibilidade da “*tradução*”⁵. Esse conceito utilizado por Hall descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam fronteiras composta por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal, quem sabe para sempre. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem sem serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. Essas pessoas serão sempre produtos de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo a várias “casas”. As pessoas pertencentes a encontro de culturas têm sido obrigadas a renunciar qualquer busca ou sonho de “pureza” cultural ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas, e a palavra “tradução” como observa Salman Rushdie (apud HALL, 2000), vem etimologicamente do latim e significa “transferir”, transportar entre fronteiras.

⁵ Um conceito utilizado pelo escritor emigrado Salman Rushdie e citado por Hall.

Escritores migrantes como ele, e alguns escritores árabes e descendentes que trazemos para observação no encontro de culturas (como é o caso de Khalil Gibran, Tahar Ben Jelloun, Mansur Challita, Jamil Almansur Haddad, Assis Fêres) têm um papel como mediadores da cultura, pertencem no mínimo a dois mundos ao mesmo tempo, são homens traduzidos, constroem entre dois mundos um mundo ressignificado e reinterpretado, um mundo no meio que expressa a mutação e a dialética produzida pelo encontro. Eles são produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais e devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas (HALL, 2000).

1.6 Breve panorama da colônia árabe em São Paulo: um espaço geográfico, características culturais e familiares

Adota-se comumente a teoria de que os grupos imigrantes, ao entrarem em cidades grandes, formam colônias compactas em locais de aluguéis baixos, de construções velhas e de cortiços localizados perto de centros comerciais ou perto de centros industriais importantes (BURGES apud KNOWLTON, 1985). Os primeiros imigrantes árabes que chegaram em São Paulo, por volta de 1880, não fugiram a esse modelo. Alguns informantes relatam que por volta de 1885 já haviam pequenos grupos de mascates árabes trabalhando na praça do mercado.

Estabeleceram-se nessa região por uma série de motivos: os aluguéis aí eram mais baratos; pela proximidade entre a estação ferroviária e a 25 de Março; por uma localização estratégica entre o mercado e a estação ferroviária, passagem obrigatória para a população que transitava entre os dois pólos.

A massa de imigrantes árabes se constituía de rapazes solteiros de poucas condições econômicas, cujo objetivo era o trabalho não medindo esforços para sobreviver, pagar as contas, acumular algum capital e retornar à pátria ou então se estabelecer constituindo alguma empresa comercial. Não se incomodavam com o aspecto desagradável da zona do mercado descrita por demógrafos como zona paupérrima, de cortiços de péssimo estado sanitário etc.

A fixação de sírios e libaneses nesta área trouxe o progresso e o florescimento rápido do comércio nessa região e a Rua 25 de Março tornou-se o maior centro comercial do Brasil e da América Latina na década de 1920-1930 . (HAJJAR, 1985). A Rua 25 de Março estava se tornando conhecida como a colônia sírio-libanesa. Os alemães praticamente haviam se retirado e os italianos diminuíram muito. Alguns portugueses ainda moravam em torno do mercado. A grande maioria dos sírios e libaneses viviam em casas de aluguel ou nos andares superiores dos prédios onde negociavam. Suas especialidades eram armarinhos e tecidos, em decorrência da menor disputa comercial. Em 1950, assim descreveu a Rua 25 de Março Knowlton (1985, p. 146):

O bairro sírio e libanês é uma colméia de fabricas e armazéns de roupas e fazendas por atacado e varejo, cafés, restaurantes, cortiços, apartamentos baratos, casas de cômodos, hotéis baratos, lojas e fábricas de sapatos, bares, clubes, barracões e organizações religiosas e eclesiásticas. A rua principal, 25 de Março, está forrada de lojas e fábricas sobretudo de tecido e armarinhos. Há diversos bancos e outros tipos de lojas espalhadas. Poucas casas e prédios de apartamentos, pois os terrenos valem ouro, e os alugueis estão subindo constantemente. Grande número de sírios e libaneses do Brasil estão dispostos a pagar pelo privilégio de abrir um negócio na Rua 25 de Março.

Em 1915, os sírio-libaneses dominavam quase que exclusivamente a rua 25 de março até a rua Anhangabaú. Ocupavam também a Ladeira Porto-Geral e outras ruas do centro comercial da cidade; muitas ruas novas, como a Pajé e Barão de Duprat, foram abertas nesse período essa última tornou-se uma zona limítrofe entre

os bairros sírio-libanês e de grupos mistos habitados por gentes de todas as nacionalidades (KNOWLTON, 1985, p. 119).

Um grande número de árabes também se estabeleceu na Vila Mariana. Além de ter uma ligação direta entre a Rua 25 de Março e a Vila Mariana, a afluência de Sírios a essa região foi muito grande e com o tempo tornou-se uma colônia secundária de certa envergadura que aí cresceu.

Constantemente o mascate sírio-libanês encontrava uma rua ou um Largo em que o negócio parecia proveitoso. As pessoas da vizinhança, pela freqüência de suas visitas em suas casas, davam-lhes preferência e as suas mercadorias estabeleciam uma relação de confiança. Depois de economizar certo dinheiro, o mascate procurava um lugar fixo para se estabelece na rota de sua freguesia. Abria uma pequena loja e, quando ganhava mais algum dinheiro, ampliava seu negócio. Assim trazia seus parentes e patrícios para unir-se a ele. A grande prosperidade de alguns desses empreendimentos chegaram a dar origem a grandes indústrias. Muitos desses mascates tiveram seus filhos doutores, ao ponto de Truzzi (2000) trazer uma importante pesquisa que aponta essa evolução dentro do contexto da imigração, onde os mascates deram origem a uma descendência de doutores.

“É, pois, da natureza dos grupos étnicos manifestarem, nas diásporas, sua identidade social, pelo contraste” (KEMEL, 2000, p. 11). A composição ou constituição nacional de um país, como o Brasil, passa certamente pelos aspectos que formam cada uma das etnias que o constituem. Assim, a brasilidade historicamente se constitui como um espaço de encontro de civilizações. “Pensar num grupo específico, nesse sentido, é ler a partir dele a troca simbólica que caracteriza o mosaico das culturas imigradas no Brasil” (SILVA apud KEMEL, 2000, p. 10). A composição da sociedade brasileira, plural na essência, permite nos

pensar quem sabe numa sociedade aberta, com espaços e receptiva à diferença. Nesse sentido, pensar as relações dos grupos árabes no Brasil é um exercício que compreende duas frentes complexas. A primeira é a identificação de traços permanentes e indissociáveis desse grupo étnico, traços diacríticos como denomina (KEMEL, 2000). A segunda é identificar aquilo que, das características mais amplas da sociedade insere-se na cultura mais específica do grupo, transformando-o sem degenerar-lo, ou seja, sem que com isso perca traços identitários característicos como a língua, a comida, a música, os costumes os rituais, a religião, as crenças.

Nas relações sociais e de parentesco, a identidade árabe vai se manifestando em suas peculiaridades, pois a família parece ser o bem mais precioso a esse grupo. O bem estar de todos os seus descendentes é o objetivo e a responsabilidade do chefe, esposo e pai.

Os homens prezam a amizade de seus pares com tal zelo que são capazes de dar seus próprios bens para manter ou provar seu sentimento; uma pessoa da mesma origem e região é recebido e tratado como irmão, ou seja; a identificação é imediata.

Os amigos partilham a intimidade familiar e a palavra dada a um amigo coloca em jogo a honra de cumpri-la. A demonstração de afeto para com um amigo é representada de várias maneiras, porém a mais característica é o beijo no rosto. A amizade é considerada sagrada entre eles e quando há rompimento, as famílias passam a ser inimigas. Devido à emotividade quase passional desse grupo isso ocorre com frequência.

O papel da mulher nas comunidades sírias e libanesas oferece, na atualidade, um retrato parcial do que foi no passado. Na primeira geração, e também em boa parte da segunda, a mulher exerceu uma função mais ligada ao lar,

influenciando de forma dominadora na educação dos filhos e na ordenação da vida doméstica. Hoje, essa atividade foi amenizada em função de uma participação mais efetiva das mulheres de origem árabe na vida econômica da família (KEMEL, 2000).

A miscigenação dos sírios e libaneses com nativos ou descendentes de outras etnias imigrantes foi um fator importante na evolução desse processo. Em razão ao convívio social e pelo fato de que os árabes se mostraram muito acessíveis aos costumes ocidentais, assimilando-os com facilidade, as mulheres passaram, desde logo, a realizar estudos mais avançados e em seguida a trabalhar fora isso aconteceu também no Líbano, mediante o contato e as influências ocidentais no país. O exemplo das mulheres árabes e suas mudanças de hábitos se insere no que Hall (2000) aponta como identidades culturais emergindo entre diferentes tradições, e que são produtos desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais freqüentes no mundo globalizado. De qualquer modo, é no retorno ao lar que a mulher ainda exerce a atividade de reunir, através da força que representa na intimidade da família. Ela é o apoio do esposo, com o qual trabalha muitas vezes na sua atividade externa, e é também responsável pela representação de uma das maiores tradições árabes: a comida. A comida é um elo de ligação entre os indivíduos de origem árabe e motivo de reconhecimento entre patrícios de aproximação e de troca de idéias. Cabe aqui observar que os homens na atualidade também se interessam pela arte culinária árabe, executam os mais diversos pratos e até trocam receitas. A comida é, muitas vezes, pretexto de reuniões formais e informais onde se rememora a cultura dos antepassados. As reuniões familiares em torno da mesa é o momento onde se reatualiza a memória histórica do grupo. Chamando a atenção para situações como esses encontros de família com forte poder de aglutinação que Hall (2000, p. 89) observa nessas pessoas a retenção de

fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. Entretanto obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, serão sempre o produto de várias histórias e culturas que se interconectam pertencendo a uma e a várias “casas” ao mesmo tempo.

Entre as inúmeras características que constituem a identidade cultural dos sírio-libaneses estão os ritos e rituais que professam. O ritual, segundo Matta (1991) é um dos elementos mais importantes não só para transmitir e reproduzir valores, mas como instrumento de pacto e acabamento de valores e assim confirma-se como uma forte categoria na formação de identidades e também como representação social materializando caracteres do imaginário de uma coletividade. O rito, por sua vez, não necessita de hora nem lugar para que aconteça. Qualquer circunstância que envolva algum traço específico de uma etnia pode ser considerada um rito.

Assim, o simples fato de que num almoço o pai seja o primeiro a servir-se do alimento, é suficiente para determinar a importância do pai e o sistema patriarcal. Na verdade, nas famílias árabes de origem síria ou libanesa, a figura do pai centraliza as atenções em quase todos os momentos. E no âmbito das relações de parentesco, as características da família síria e libanesa coincidem em todos os aspectos. Tanto em uma quanto em outra, o pai assume o papel central, sucedido pela mãe, em caso de ausência temporária ou definitiva. Sua visão de mundo é respeitada e acatada por todos os seus descendentes e, ainda hoje, nas famílias em que sobrevivem os genitores de primeira, ou mesmo de segunda geração, realiza-se, pelo menos uma vez por semana, um encontro de filhos, genros, noras e netos. Às vezes, incluem-se ainda tios e sobrinhos. Também o tratamento concedido aos amigos, o respeito e o afeto com que são recebidos no seio da família, a hospitalidade e o desejo de agradar são fatos comuns às famílias árabes. Nessa

vivência reduzida ao núcleo básico se fortalecem e se multiplicam os valores da identidade síria e libanesa. Os traços morais, produto de uma visão de mundo alicerçada na conceituação do patriarca, fazem-se passar através do convívio, aos filhos e netos. Esses fatores tiveram um peso maior em épocas remotas, mas ainda hoje a importância do pai, dos ritos, da família, da hospitalidade são traços bem marcados na identidade cultural do mundo árabe e, por consequência, na comunidade de imigrantes.

Apesar das transformações que o tempo opera nos costumes e tradições que ritualizam a vida cotidiana, outro fator que também determina transformações é a inferência da cultura nativa ou nacional na cultura de transposição do imigrante. E a imigração sírio-libanesa não se ausenta dessa influência que o contacto com uma multiplicidade de outras etnias e pluralidade cultural opera nas transformações e adaptações identitárias.

Esse breve entrever de aspectos geográficos, econômicos, culturais, sociais, da colônia árabe, dá-nos uma visualização de como viviam e se identificavam os primeiros imigrantes sírio-libaneses que aqui chegaram. Formaram muitos núcleos, é certo, pois se espalharam por todo o Brasil, do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Porém, é a colônia paulista a mais populosa e significativa em relação ao nosso propósito de trabalho, ou seja, identificar o meio e as influências recebidas na literatura árabe-brasileira no período do início até quase o final do século XX, período onde se situa a produção literária de Assis e Jamil. Escritores e filhos de imigrantes apontam-nos em seus escritos, seja em forma de versos ou prosa, a imagem de mulher por eles concebida e o longo diálogo entre as duas culturas a que pertenceram.

A imagem de mulher criada por esses autores é o principal fio condutor onde identificamos o sincretismo dialético que se opera no encontro árabe-brasileiro. As imagens de mulher produzidas por esses poetas trazidas juntamente com os poemas no decorrer deste estudo demonstram que, quando se trata de mulher, as imagens estão fortemente associadas à terra dos ancestrais. Essas imagens possibilitam uma viagem à casa materna, que parece ser a grande busca da origem. A mãe é a figura mais marcante na transmissão de valores, crenças, língua, visão de mundo, porque é ela que nos inicia os primeiros passos de vida e parece natural que a imagem de mulher esteja associada a essa figura materna que traz nossa origem. São muitas as situações e as imagens dos poemas que nos apontam à afirmação de que a mulher, como imagem, está associada às raízes maternas. Os dois poetas são filhos de mãe libanesa. Há um agravante nas suas ênfases na imagem materna pois, na cultura árabe, a figura da mãe é sublinhadamente enaltecida e cultuada.



CAPÍTULO 2

O PAPEL DESENVOLVIDO POR FÉRES E HADDAD NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA COLÔNIA ÁRABE NO BRASIL (1935-1980) - ASPECTOS DO NACIONALISMO E UM POSSÍVEL SISTEMA DE OLHARES SOBRE O ASSUNTO

2.1 Os elementos de influência do contexto cultural brasileiro na trajetória de Assis e Jamil: A poesia árabe moderna no Brasil

'Poética' nos tempos clássicos, não designa nenhuma espessura particular do sentimento, nenhuma coerência, nenhum universo separado, mas somente a inflexão de uma vivência verbal, a de "exprimir-se" seguindo regras mais belas, portanto mais sociais, que as da conversação, ou seja projetar para fora de um pensamento interior, saído já armado do espírito, uma fala socializada pela própria evidência de sua convenção (BARTHES, 1972, p. 141).

A poesia árabe moderna tem raízes no Brasil. O Modernismo brasileiro inspirou grupos literários integrados por poetas, intelectuais e escritores emigrados, dando início a uma poesia de inovações radicais, que rompe com a tradição árabe de utilização exclusivamente religiosa da linguagem. A imprensa em língua árabe foi um veículo para essa poesia nascida em território nacional. Existiram mais de 394 periódicos árabes no mundo dos emigrados e "O nascimento da poesia árabe moderna", diz Georges Saidah num livro monumental "Nossa Literatura e Nossos Escritores nas Américas", deixa um registro de 94 poetas árabes no Brasil. (ZÉGHIDOUR, 1982. p. 10).

O movimento modernista estava em sua efervescência em São Paulo na década de 1920, então surgem diversos grupos literários e poetas intelectuais

emigrados que, a partir de debates multifacetados sobre a cultura e a política do mundo árabe, darão início a uma poesia radical e inovadora. A poesia rompe com a tradição e ultrapassa a função exclusivamente religiosa que lhe era atribuída. Apresenta também referências culturais de um período pré-islâmico da literatura e incorpora elementos do ambiente e da cultura brasileira. Ao lado de uma literatura nostálgica, tão característica da poesia árabe, que cantava a saudades dos cedros do Líbano e a magia dos oceanos, criava-se também temáticas impensáveis no mundo árabe, como Carnaval, Rei Momo, Cataratas do Iguaçu, elementos que traduzem o caráter moderno da poesia árabe produzida no Brasil, indicando nessa literatura do começo do século a expressão do encontro cultural que se processava.

A poesia produzida aqui incorpora tanto a energia e a riqueza dos debates estético-políticos da comunidade árabe, como as discussões em torno do movimento modernista brasileiro. Chafiq Maluf, um dos mais consagrados poetas árabes que remonta em seus poemas raízes pagãs da poesia pré-islâmica, uma referência impensável no contexto religioso do Islã, recebeu elogios de críticos implacáveis como Menotti Del Picchia Agripino Grieco e Roger Bastide, então professor da Universidade de São Paulo (USP), Mussa Kuraiem, importante poeta árabe que vivia no Brasil fez a versão da obra para o português.

Revistas bilíngües e tradução de obras árabes para o português e obras brasileiras para o árabe progrediram por conta do contato dos poetas árabes com representantes do modernismo brasileiro como: Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Manoel Bandeira entre outros. Citamos como exemplo a revista *Laiazul*. A revista foi fundada pelo poeta e escritor Assis Feres em Santiago do Chile, sendo posteriormente transferida para o Brasil (São Paulo, Capital em 1951). O principal objetivo era o intercâmbio cultural a serviço de todos os povos, onde poetas e

escritores árabes, brasileiros e latinos americanos, principalmente, expressassem suas idéias e divulgassem seus trabalhos.

Enquanto o modernista Oswald de Andrade empunhava a bandeira antropofágica defendendo o nacional, o original e a deglutição da cultura estrangeira, para uso e fins locais; os poetas árabes no Brasil também se inquietavam com as questões sobre a sua própria identidade cultural. Eles queriam empreender a realização do sonho secular do renascimento da cultura árabe, reconhecida como autêntica, ainda que exilada. Uma das questões centrais da discussão sobre o renascimento era como preservar a autenticidade da língua árabe adaptando-a, ao mesmo tempo, aos imperativos do mundo moderno. A título de ilustração, podemos apontar na obra “O mascate”, de Féres, uma preocupação em elucidar através do “Gátas” (as pronúncias e a grafia de alguns fonemas árabes traduzidos para o português). Abre-se aqui um parêntese para citar o estudo da professora doutora Lúcia Maria, do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da UEPG. Em conversa com a professora, foi-nos apresentado um estudo filológico sobre a importância da língua no contexto da vida. A conversa girou em torno da importância da língua materna e das formas definitivas que essa consigna com palavras, e a palavra materna, marca definitivamente os indivíduos e os seres desde a mais tenra infância e da qual não nos livramos tão facilmente na atmosfera da existência terrena carregamos, portanto a língua materna e principalmente a palavra consignada da Mãe por toda vida para o Bem ou para o Mal. A palavra, e, sobretudo, as marcas produzidas pelas palavras da mãe na psique funcionam como caminho, como um carimbo ou uma profecia ao longo da vida do filho. Daí concluímos a importância da língua materna num duplo sentido tanto a de origem quanto a do país em que se nasce e, ambas, administradas e filtrada, por primeiro,

pela mãe no processo educativo ou formativo do ser que é ao mesmo tempo coletivo e individualidade única e distinta sem replica igual no universo. No nosso caso específico da língua árabe-brasileira de onde se originam os poetas e a poesia de Feres e Haddad há o pertencimento a uma dupla origem e ao longo desse trabalho tiraremos algumas conclusões necessárias sobre essa questão de língua e origem e como nossos poetas processam o fenômeno.

Esse questionamento levava aos delicados temas das trocas culturais entre Oriente e Ocidente através da história, dos embates entre religião e ciência, da definição da essência do arabismo na tensão entre passado das origens e as perspectivas de futuro. E parafraseando a professora Lúcia, aprender uma língua estrangeira é afastar-se do tronco e das raízes primeiras para ir a direção ao outro esquecer um pouco de si para entrelaçar-se com o outro ou com a outra língua na formação de uma identidade rizoma e uma nova gênese, quiçá, mais rica e aperfeiçoada pode surgir. Marcas profundas, impressas pela origem quando mescladas, podem ser aliviadas recicladas, orquestradas, harmonizadas, como notas distintas de um *acorde* e, dando origem a uma nova gênese, um novo ramo na existência de árvores tão antigas e frondosas cujo início e o fim são de difícil precisão.

A grande maioria dos imigrantes árabes veio ao Brasil no final no século XIX e na primeira metade do século XX, mais por motivos políticos que econômicos. Eram homens perseguidos pelo domínio Turco, e comprometidos politicamente com as questões de libertação nacional e o renascimento cultural árabe que nasceu no século XVIII, – Nahda – como já comentamos em capítulos anteriores - e que se intensificou e tornou mais complexo após 1860 com a penetração do colonialismo europeu, dando origem a grandes levas emigratórias e produzindo um rico material

literário que tratava dessas questões. De acordo com o pensamento de Slimane Zeghidour, estudioso da poesia e da cultura árabe, é em meio às variadas correntes intelectuais que pensam esse renascimento cultural árabe, em solo brasileiro, que nascerá a nova poesia árabe moderna.

A literatura e, particularmente a poesia, está profundamente enraizada na tradição árabe. Entende-se por tradição a gama de hábitos, crenças, costumes, conhecimentos e rituais passados como um fio de geração para geração.

Os traços mais genuínos da antiga tradição árabe da poesia se encontram nesse período pré-islâmico Jahilyiah (Ignorância) e que assim é nominado por ser o tempo *límbico* que precede a vinda de Maomé e se os registros literários são do século V a *literatura oral* é sem dúvida muito mais antiga: multimilenar. O período Jahilyiah (Ignorância), é o que precede o Islamismo no mundo árabe, ou seja, é toda a história da poesia e *dos mulaqas* (poemas suspensos) que precede a vinda do profeta Muhamed no século VII. é o momento da literatura árabe que mais se aproxima da alma do povo; a seguir em 750 (período da dinastia Abássida) há uma miscigenação, com outras culturas e que atinge também a literatura e há também um refinamento desta. É no período Jahilyiah, no entanto, que encontramos o genuíno pensar do “povo do deserto,” “o povo do nomadismo”, e sobre essa escritura nos diz Zumthor (2005,p.31), “provérbios e peças sapienciais como, por exemplo, a poesia de Zuhayr Ibn Abi Sulma que exorta os ricos a serem generosos com os de seu povo, louva as virtudes da boa convivência, e apresenta a inexorabilidade da morte”.

Ao observarmos os temas da poesia pré-islâmica e compararmos ao período islâmico concluímos uma enorme diferença, principalmente a temática dos poemas. O sufismo (período islâmico), onde aparecem grandes jóias da poética árabe, é de natureza essencialmente religiosa. Enfoca a busca do encontro com Deus e a

essência divina no homem. A unidade com o todo se evidencia nessa arte. Muito diferente dos islâmicos, os pré-islâmicos buscavam as lições de vida através da natureza, de tradições tribais, sentimentos humanos voltados para um certo ludismo e aventura diante da vida.

Ao falarmos assim, estamos querendo apontar a tônica mais sonante entre esses dois períodos, sem, no entanto, afirmarmos que ao longo do tempo houve uma mescla de influência entre esses dois períodos, mesmo porque essa mescla é inevitável pelo interagir de passado e presente. Ocorrem movimentos literários que desejam um retorno ao purismo do período pré-islâmico, porém as tendências se fundiram e é impossível separar de todo seus entrelaçamentos.

2.2 Sincretismo Cultural na Literatura árabe-brasileira

O fenômeno do sincretismo transportado para análise e observação nos poetas que trazemos, Féres e Haddad, e observado neles, além da poesia tradicional árabe, a influência sincrética dos poemas de andaluzia e da poesia provençal, onde há as primeiras inovações da imagem da mulher no ocidente e onde aparece também duas maneiras de se cantar o amor o “amor dos prazeres sensuais” e “o amor casto” ambas vertentes procedentes de Andaluzia. Mais recentemente recebem as influências da poesia modernista brasileira iniciada na década de 1920 e que de acordo com Slimane Zéghidour, vem influenciar também toda a poesia árabe moderna produzida no Brasil.

Percebemos que há uma dialética e um sincretismo que faz irredutíveis as alteridades, fazendo com que elas girem como caleidoscópio de infinitas combinações, inquieta, densa que está dentro e fora dos sujeitos. Uma dialética

sincrética é como um caleidoscópio que combina novas doces alianças com mais duas palavras, dialógica e polifonia. (CANEVACCI, 1996)

Dois motivos principais acionam a dialógica e a polifonia nos poetas da imigração, Assis Feres e Jamil Almansur Haddad, ao fazer o “retorno” a suas origens étnico-culturais em conexão com a cultura brasileira. Pode haver outros, mas esses são fundamentais: primeiro, a não concordância em dissolver-se na cultura do “outro”; segundo, por conta de uma busca de identidade onde estão envolvidos, além de outros fatores o orgulho étnico e o fenômeno Nahda que influenciou principalmente os literatos e a literatura “Mahjar”⁶ e que prevê um renascimento do mundo cultural árabe .

Atravessam continentes, fazendo florescer o desejo de ver restaurada a cultura ancestral. Os poetas percorrem caminhos em busca de origem, identidade e diálogo em relação às culturas vivenciadas. Mas há também no movimento sincrético “o ato simbólico do quilombo,” (CANEVACCI, 1996, p.17) com implicações políticas e sociais, que funciona como uma fuga do imigrante com dificuldade de adaptação por variadas rejeições bilaterais ou, tomado de melancolia, foge para um passado inacessível, ou ainda viaja pelas salas escondidas da memória, tentando reconstruir através de versos o poema da terra de origem, lá onde deixou fincada e imóvel a sua raiz primeira. As outras são *rizomas*⁷ a que vai tentando adaptar-se.

Em meio a essa busca, a mulher surge como uma construção, uma imagem que os conduz feito miragem no deserto ao mundo familiar, ao universo de dentro, a casa, que os faz voltar ao lar, à pátria, a mãe ressignificada. Memória de um mundo longínquo que necessita ser recuperado do passado em ruínas e que é também, presente e identidade. Essa dupla morada que os faz habitar em duas culturas, em

⁶ Termo que designa Imigrante ou Imigração.

⁷ Raízes enxertadas a partir do contato com diferentes culturas.

dois mundos, em duas casas impulsiona a criação de uma escritura literária que reflete igualmente esses dois universos, de onde provêm as vivências e o material histórico de suas experiências. O conteúdo ideológico que permeia suas obras e seus poemas estabelece um diálogo entre as duas culturas e também, como aponta Canevacci (1996, p. 43) uma polifonia discursiva que deixa ouvir a voz de outras tantas identidades que se alinham como diversidade de “eus” trazidos também de outras influências representadas pelo contato com o “outro” de diferentes origens, num país tão rico de diversidade como o nosso.

Os poetas Haddad e Féres, que expressam a herança segura e indiscutível da literatura da imigração (Mahjar), trazem em seus poemas revelações do movimento sincrético em processo desencadeado pelo encontro da cultura árabe com a cultura brasileira em território nacional. A literatura de Jamil e Assis é indicador contundente do processo sincrético em andamento. A mistura é evidente nas temáticas, na paisagem, nas palavras, nos sentimentos, no pensar, no escrever que ora os revela como brasileiros ou latino-americanos, ora como autênticos “beduínos”. Esses diálogos, essa polifonia *glocal*⁸ é própria de um pensar imerso no sincretismo cultural de onde advém toda a bagagem criativa retratada em seus poemas, na imagem de mulher que trazem assim como em toda obra literária por eles produzida a partir do encontro árabe-brasileiro.

No livro de Poemas: orações roxas, novas orações negras e orações vermelhas (1944) identificamos uma poesia de cunho social e antropológica que aborda a problemática sócio-econômica brasileira apontando com dedo crítico a miserabilidade do povo brasileiro, o estado de abandono da mulher assim como a guerra que travou como médico contra a peste branca (tuberculose) numa

⁸ É um termo usado pelo antropólogo Máximo Canevacci (1996) para designar quando uma cultura é global e também local (universal e local).

determinada época e contexto da sociedade brasileira. Ainda nessa obra, Jamil destaca as questões raciais existentes no país que discriminam o “negro”, colocando-o sempre abaixo de tudo aquilo que possa ser entendido como “branco” na concepção eurocêntrica de cor. A ênfase na discriminação da cor negra, um irmanamento do árabe com o negro e que se refletida na poesia, é a vivência de um preconceito por que passam esses dois povos, cada um a sua maneira no contexto da sociedade brasileira. Essa é uma associação possível no panorama do encontro de culturas.

Em orações vermelhas, que se apresenta como um conjunto de poemas eróticos, o poeta dá a luz à figura encantada da bailarina com a qual se identifica e se irmana no ritmo e na dança. Essa bailarina, pelo que nos indicam os versos, é uma bailarina árabe porque há uma construção de imagens sutis onde as metáforas fazem um jogo de ocultamento e revelação de inúmeras formas de ser do feminino arabeizado, mulher como voz, vulto e véu. Aventou-se que o livro teria sido dedicado a sua mãe (de origem libanesa).

Em Aviso aos navegantes, ou a bala adormecida no bosque (1980), a obra mais madura do poeta, um épico, traz o médico Ernesto “Che” Guevara e sua luta revolucionária pela América Latina como tema central do poema. Evidenciamos através dessa temática o caráter glocal da literatura de Jamil, pois fala pelo Brasil pela América latina, pelo mundo árabe e pelo universal da luta revolucionária socialista que foi ativa no seu tempo em quase todos os quadrantes deste planeta.

O poema O Mascate de Assis Féres é o exemplo vivo e pulsante de um poema sincrético. O mascate, personagem central, é uma figura emblemática do imigrante árabe, construído em solo estrangeiro como produto da diáspora e do exílio. A atividade de mascateação que deu origem à denominação de mascate ou o

homem da caixa, como eram conhecidos os primeiros imigrantes que exerciam essa atividade, sendo a maioria dos negociantes árabes, originou a denominação e a generalização do termo associada ao termo “turco”⁹ como eram chamados erroneamente os sírio-libaneses emigrados. O épico de Assis Feres, publicado em cantos esparsos, na revista “Laiazul” dirigida pelo autor, foi sendo divulgado paulatinamente até a publicação em livro do Primeiro Canto em 1970¹⁰. A saga do mascate, de que trata o poema todo, compreende na íntegra 13 cantos, a maior parte deles ainda inéditos, de modo que os comentários da obra que aqui fazemos estão relacionados a esse primeiro livro de “O mascate”. O enredo traz a saga do imigrante Jorge Rouco (nome abrazeirado do personagem central), mascate e pai do poeta, que perambulou em viagens de aventuras e de negócios em terras brasileiras até morrer assassinado numa de suas viagens desbravadoras pelo sertão do Brasil. No decorrer do trabalho evidenciamos no poema marcas da imigração, os traços sincréticos que a obra carrega, a beleza poética, o que há de verdade, lirismo, ensinamentos e como trata o descobrimento da terra nova e a ela se vincula. O autor nos lega essa aventura através de extensa obra literária construída numa vida dedicada exclusivamente para esse fim. Anunciar a cultura árabe, revelar e elevar o encontro árabe-brasileiro (fazer com que esse encontro trouxesse um enobrecimento a ambas as partes), integrar a América Latina, divulgar a poesia, foram temas recorrentes de uma vida inteira.

Haddad e Feres são poetas maiores na representação da cultura árabe-brasileira. Sua poesia é uma das faces brilhantes da literatura no encontro de culturas aqui citados como autores de inúmeros trabalhos que versam sobre o

⁹ Os sírios-libaneses que chegaram no Brasil, vinham com passaporte turco por conta da dominação otomana na região da Síria e do Líbano. Por isso foram identificados como turcos. Termo usado erroneamente nos países de imigração.

¹⁰ Em aramaico, mãe das línguas semíticas, a palavra Chi'ir, canto, designa também poesia, portanto, há forte associação entre os dois e a poesia com rima e métrica poderia ser cantada.

assunto. A cultura árabe em território brasileiro e cultura brasileira podem ser consideradas uma bifurcação, um desvio. O sincretismo cultural que se anuncia é uma dialética sem síntese entre esses dois mundos, um mundo que se constrói no meio diz Sahr (1998, p. 213) entre duas culturas que dialogam e movem-se em meio a alteridades e polifonias.

O conceito “pureza” e seu oposto à mistura ou sincretismo são sempre construções essencialmente sociais e tendem a aparecer freqüentemente em situações de disputa de poder e hegemonia (...) ‘Pureza’, ‘mistura’ e ‘sincretismo’ são, portanto, conceitos por definição etnocêntricos”. (SANCHIS, 1995, p. 123).

Na modernidade, além de ambientes étnicos e nacionais pode recuperar-se boa parte da reinterpretação da problemática culturalista. É a reinterpretação que vai permitir uma convivência não explosiva de universos muitas vezes contraditórios.

A reinterpretação da problemática cultural também abrirá ao universo dos “dominados” veredas de um jogo de esconde-esconde, muitas vezes condição de sobrevivência, outras de prosperidade, e ao mesmo tempo de equilíbrio emocional. É um processo, intelectual e emocional inconsciente fundamentalmente, mas em parte também consciente e até reflexivo ao inscrever-se na história institucional.

Esse é o caso dos nossos poetas, Féres e Haddad, aqui apontados como “mediadores da cultura” árabe-brasileira. As suas obras, as suas reflexões, os caminhos ideologicamente perseguidos, todos os indícios nos levam a pensar esse escrever e refletir sobre suas origens culturais em meio ao caos de uma modernidade que tudo dissolve e tudo apaga. Até as ruínas são eliminadas, se a memória for débil. A tragédia de sobreviver ao constante assédio do novo e da multiplicidade de arranjos gerados na modernidade e na polivalência dos contatos culturais múltiplos e freqüentes gera um repensar e reavaliar histórico-cultural num

processo de avanço e recuo tão próprio da literatura da imigração. Avança desbravando o território novo e as experiências novas que o presente lhe oferece. Por outro lado, recua ao posicionar-se para traz onde como um caracol que carrega a sua casa de origem incorporada às costas. As migrações, as transformações, o sempre novo que oculta o velho quando não o destrói por completo são imperativos da modernidade que engloba tudo. Há de querer recordar e fazer o resgate porque, para muitos, o mais freqüente como estratégia de sobrevivência diante da dor da ausência é fazer o luto das origens e começar uma nova gênese “meio sem passado”, “meio desprovido de memória”, mergulhar no devir. Essa é uma opção para alguns, mas não é o caso dos intelectuais Jamil Haddad e Assis Fêres.

2.3 O Poeta Jamil Almansur Haddad: A trajetória de vida, panorama e apontamentos sobre a obra

Nasceu em São Paulo, capital, filho de imigrantes libaneses, a 13 de outubro de 1914. Morreu em São Paulo no ano de 1988. Fez curso primário e o secundário no Colégio Sírio-Brasileiro, Escola Americana de Mackenzie College. Formado em 1938, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo defendido a tese “O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do seu tempo”. Estreou como poeta em 1935, publicando “Alkamar, a minha amante”. Seu livro de versos, “Orações negras”, editado em 1939, obteve, em 1937, o prêmio de poesia da Academia Brasileira das Letras. Em 1946, foi laureado pela Associação Paulista de Medicina (Prêmio José de Almeida Camargo). Foi presidente da Casa Castro Alves, delegado de São Paulo ao Segundo Congresso Brasileiro de Escritores. Traduziu o “Livro da Jângal”, de Kipling, os sonetos de Petrarca, as “Odes” de Anacreonte, as “Líricas” de Safo, o “Decameron de Boccacio”, os “Rubaiyat” de Omar Khayyam,

entre outros. Em 1950, fez uma viagem à Europa. Escreveu vários ensaios críticos, organizou antologias, realizou conferências, fez teatro, foi colaborador do “Estado de São Paulo”, “Folha da Manhã”, “Revista do Arquivo Municipal”, das principais revistas e suplementos literários brasileiros. Presidente de Cultura Geral da Associação Paulista de Medicina, membro da Associação Brasileira de Escritores. Poeta crítico, ensaísta, historiador, teatrólogo, antologista, tradutor, “Jamil Almansur Haddad é um poeta do verbo” (Sérgio Milliet). “Sobre Jamil Almansur Haddad, a crítica brasileira vem se referindo continuamente e com alto apreço” (Mário Neme) Pelo vigor de suas emoções, Jamil Almansur Haddad é um tempero poético dos mais fortes. “A sua poesia nos ritmos livres e desiguais tem estremecimento próprio, como o sangue” (Pedreira dos Santos).

Bibliografia: “Harém”, teatro, 1934; “Alkamar, a minha amante”, poesia, 1935; “Orações negras”, poesias, 1937; “Poemas: Orações roxas”, “Novas Orações negras”, “Orações vermelhas”, 1944; “Histórias Poéticas do Brasil”, 1945; “Primavera de Flandres”, poesias, 1947; “Raízes de Castro Alves”, ensaio premiado pela Comissão Julgadora de Ensaio “Ademar de Barros”, 1990; “A lua do remorso”, poesia, 1951; “Amada marítima”, “Segundo poema do violino”, “Balada das pálpebras azuis” e “Décimo quinto poema da solidão”, poesia, in “Coletânea de Poetas Paulistas”, 1951. “O Romance do poço”, teatro, de colaboração com Helena Silveira, “Aviso aos Navegantes ou a Bala Adormecida no bosque” 1980, entre outras.

Haddad é um poeta brasileiro criado no seio da genuína cultura árabe. O ambiente onde cresce e se desenvolve é o mundo da colônia árabe paulista. A maior parte de seus amigos são poetas e intelectuais que seguem o mesmo passo. O convívio com imigrantes e filhos de imigrantes que crescem no seio da colônia com

ideais e raízes fundamentalmente fixadas nas tradições da língua e da cultura de seus ancestrais contribui para fortalecer os valores da cultura de sua origem libanesa. Entretanto a dor humana e a sensibilidade em relação à realidade brasileira são intensamente presentes na sua obra, onde os problemas sociais, a miséria, as injustiças estão seriamente denunciados em seus poemas que se traduzem em poemas sociais, em poemas de amor e em poemas revolucionários.

No livro “Poemas - Orações Roxas, Novas Orações Negras” e “Orações Vermelhas”, destacam-se “Novas Orações Negras” como o lugar em que o poeta retrata a dor da existência. Em Gênese, ele mesmo é um feto coberto de sangue que já sai do ventre materno banhado de amargura e sofrimento. A miséria humana, a vida injusta e opressora do negro com que se irmana e identifica são pungentes nos seus versos tristonhos. (Gênese, p. 119) Em balada do preto Ernestino, O nascimento do silêncio, Ipê e Poema da angústia materna, Jamil se coloca ao lado da dor do mundo como o poeta, aquele que mais se consome nessa angústia. Últimos versos:

(...)
As outras duas soluçavam comovidas
E a terceira mãe com voz
entrecortada, repleta
da maior das tristezas deste mundo,
baixinho segredou: ‘Meu filho é poeta...’
fez-se silêncio mais profundo...
As outras duas soluçaram comovidas...

Segue com os poemas Soneto, Canção negra da volúpia, Contraste, Noturno Amargo. As casas onde denuncia com toda a expressão e força poética a miséria do povo brasileiro, oprimido de todas as formas na maioria das casas inclusive pela eminência da morte prematura.

Outras casas são cheias da dor das ausências
são cheias da tristeza das reminiscências...
Um dia, com certeza, daí transmigrará,
bela no esquite branco uma criança clara.
Quanta angústia, Deus meu! Sempre um berço vazio
é uma casa a presença de um túmulo frio...

Ó mães desventuradas, a hora em que anoitece,
tendo no peito as mãos, murmurareis a prece,
e sobre o berço em luto - embora isto nos doa –
acendereis a vela e poreis a coroa! ...

Em poemas minúsculos, há um clamor, uma metáfora, onde a imagem da mulher reforça o poema como sendo um poema de amor. Já “Orações vermelhas” (Lira dos vinte e um anos), surge como uma apologia à mulher. A bailarina é o título da ode onde Jamil identifica-se com a dançarina dizendo:

A dançarina é irmã do poeta.
Os dois iguais no milagre do ritmo
na maravilha da inspiração
na gênese genial do pensamento
E em louvor a teu divino movimento,
mavioso e lírico,
ouça-se o panegírico.
Em glória a poesia de tua dança
ouça-se a dança de minha poesia!

Tomando como referência a primeira estrofe do poema “A bailarina”, percebendo a profunda identificação do poeta com a bailarina, pois são vários os poemas em que Jamil faz essas associações, trazemos para observação a análise de Pravaz (2000) sobre a semântica dos corpos. A dança como prática corporal articula uma perspectiva do corpo que deixa de ser meramente biológico para transformar-se em locus de processos educativos nos quais o treinamento se dá principalmente através da imitação ou mimese. Que lança luzes sobre a linguagem do corpo enquanto gestual, enquanto movimento, enquanto ritmo.

Semântica dos corpos: Técnicas e hábitos do corpo permitem estudar a estruturação de esquemas de pensamento, percepção e ação envolvidos na produção de práticas culturais de grupos sociais determinados, em termos de incorporação. Judith Butler (2003) também articula performance e discurso, e nos ajuda a entender tanto a arbitrariedade e a necessidade do gênero na constituição da identidade e o papel das leis do universo simbólico na produção de atos concretos (PRAVAZ, 2000, p. 104).

Ambas as perspectivas permitem pensar o comportamento da mulher árabe que dança como uma prática corporal articulada a relações sociais existentes. Nessa perspectiva o corpo deixa de ser meramente biológico para transformar-se em *lócus* de processos educativos nos quais o treinamento se dá principalmente através da imitação ou mimese. Produzindo técnicas no corpo que são, segundo Marcel Mauss, efetivas à medida que adaptadas a determinados objetivos. E tradicionais (Baseada na história coletiva do grupo) nesse esquema preliminar, Mauss (apud PRAVAZ, 2000, p. 105) analisou formas de caminhar, comer, dançar e dormir como características de grupos sociais e culturas específicas.

A semântica dos corpos se ajusta perfeitamente à representação das danças e dançarinas árabes plenamente identificadas no universo feminino étnico e cultural. Esse mundo oriental que o poeta revela ser a sua referência para o feminino, estando nesses momentos em que se expressa poeticamente identificado não tanto com a brasilidade, mas com raízes criadas no oriente ancestral, o corpo de bailarina está associado à mulher e sua dança oriental que parecem dizer muito mais ao poeta do que o samba, a cabrocha ou o carnaval tão emblemático da cultura brasileira. São as representações artísticas clássicas tradicionais do oriente que sacam as suas emoções, os seus afetos e a intensidade de seu lirismo. A semântica dos corpos nos conduz às imagens e à performance de uma mulher sedutoramente oriental.

Bailarina (Orações vermelhas p. 152)

A dançarina é irmã do poeta.
Os dois iguais no milagre do ritmo
na maravilha da inspiração
na gênese genial do pensamento
E em louvor a teu divino movimento,
mavioso e lírico,
ouça-se o panegírico.
Em glória a poesia de sua dança
Ouça-se a dança da minha poesia
(...)

Baila beduína baila, aos meus olhos fulguras
Em luas, faróis e iluminuras.
(...)

Pelo fato da grande maioria das mulheres árabes dançarem, pode-se dizer que trazem no corpo e nos gestos as marcas da origem e expressam através de performance específica o compasso da música. "A performatividade dentro destas perspectivas seria o espaço criativo e expressivo, a forma espontânea, particular e concreta de atualizar o *hábitus*. Que é uma categoria abstrata e generalizada". (SHIEFFELIN apud PRAVAZ, 2000, p. 106). Os corpos e atos corporais são entendidos aqui como parte de uma prática seqüencial reiterada e situacional. Uma performatividade através da qual um discurso produz efeitos e nomeia.

A natureza "fixa" do corpo, segundo Butler (2003), um efeito produtivo do poder, que "assigna" "sexos" determinados a corpos concretos, estruturalistas, permitem pensar nas revelações entre processos ideológicos e formação de subjetividades enraizadas em práticas corporais.

A materialização de idéias sociais nunca é total. A materialização do sexo envolve principalmente a regulação de práticas identificatórias, cuja eficácia não se sustenta em uma verdade biológica, mas na repetição de normas sociais. O sujeito interpelado pelo discurso nunca consegue habitar plenamente o ideal do qual é convencido, de se aproximar, por tudo reproduzindo com o corpo ou referente inalcançável. É o que faz Jamil, desfilando seu interminável rosário, uma litania infinita de imagens femininas inferindo em todas elas traços característicos da origem que tanto busca.

As práticas corporais das mulheres árabes são trazidas repetidas vezes em seus versos. A natureza sensual, e as habilidades na dança classificam e distingue

essa mulher arabizada tão presente nos seus versos de juventude. Traz à superfície de seus poemas a associação mulher e origem, mulher e terra ancestral.

Poema do Sangue (Intermezzo poético p. XLI)

Eu vi o verso envolvendo a Arábia como manto
Eu vi na Arábia nascer a poesia
(...)
Eu estive em todos os momentos no esplendor da raça
Num avatar antigo eu fui sultão, eu fui califa
Reto, inflexível, sábio eu reinei em Bagdá
Altas, morenas, ruivas, flavas
Eu tive as mulheres numerosas como as miríades
Rastejando aos meus pés como escravas
Ao olhar cor de palmeira de Sarifa
E o riso cor de aurora de Karime!
E a que era clara, muito clara como um
Raio de sol ou de lua
Silenciosa como as águas imóveis
Leve como um roçar de penas
E que se chamava Surur e que veio do Egito
E Munira a que veio de Sur,
E que mimo e prodígio de primavera,
Era corada e lúcida como as mariposas
Límpida como um rio
Delicada como um bordado
E Zahra a, a de Trablus a que tinha no corpo o Vesúvio (...)

Nesse poema vemos desfilar um rosário de nomes de mulheres de origem e características arabizadas com as quais o poeta está identificado e denomina o poema de “O poema do sangue”, reforçando seus laços com a origem.

A psicanálise nos informa que a fixação na mãe, na imagem materna é marcante desde a primeira infância. Arriscamos dizer que essa busca da mulher árabe tem raízes no passado que liga mãe, mulher amada e pátria.

A sua obra é, sobretudo, uma ode a ela em todas suas múltiplas manifestações e fases. Ele a respeita e a glorifica como astro, como lua. Em “A Surata da lua”, poema constante de “Aviso aos navegantes”, evidencia-se a analogia clara - mulher, lua e mistério. Por mais que se desnudem os véus, há sempre um mistério que não se atinge com palavras e versos. “O mistério da amada”... Esta é

uma expressão constante nos poemas de Haddad, e a nudez é sempre um novo portal. É inesgotável o mistério da amada.

A mulher está associada à dança, ao ritmo (ao bater do coração) algo vital indissociado da própria vida. Ela é também a geradora da vida, o útero da criação em todas as instâncias a rainha do giro, (Panegírico, 1944). Para a mulher árabe a dança faz parte da sua expressão. A dança do ventre, a dança dos sete véus engloba os mistérios femininos e a manifestação do que é mais peculiar nos seus encantos, assim como a cabrocha e a mulata estão associadas de uma forma definitiva ao samba, a cultura e a mulher brasileira. Para Haddad, a mulher é a senhora da dança, a dança da própria vida. Toda ode que compreende Orações vermelhas é um registro dessa afirmação:

Baila beduína, baila! Aos meus olhos fulguras
Em luas, faróis e iluminuras!
Passa entre as folhas em suspiro de quem se apaixona!
Dançam flutuando a vida os teus cachos desnastros...
Que dança e que esplendor! Teu corpo que flexiona
todo clareado miracular,
me dá a sensação de incrível dança dos astros!
E arde flamescente e imortal, como vésper à tarde,
A lua profunda verde mar, de teu olhar.

O que fica muito evidente é que a mulher idealizada ou cantada nos versos de Jamil é do oriente. A beduína, Alkamar, Zahra, Munira, Zarifa, Surur, Sumaia são nomes próprios árabes e cada mulher denominada com tais nomes próprios pode significar um verbete de dicionário. Porque cada nome carrega uma bagagem de significados. A dançarina dos sete véus, a dançarina da dança do ventre, a sultana são mulheres árabes que ele tem em mente como objeto de seu devaneio e poesia, nesses momentos ele se pronuncia com a identidade de um sultão, de um beduíno talvez. Nesses momentos de sua poesia de juventude não deixa de transparecer a visão funcional da mulher feita para o deleite e o desfrute do homem ainda que seja de uma forma estética ou na poesia. A sua beleza

autônoma, seus recursos, o que ela tem de etéreo, de meigo ou sublime refletem uma visão idealizada da mulher. Seguindo padrões dos anos 1940, onde os questionamentos em torno das teorias de Freud começavam a repercutir, a mulher menina, boneca, por natureza construída para o deleite do homem, começa a dar lugar a uma nova mulher: que pensa, que questiona, que vai em busca de uma realização que não se configura apenas no casamento, na maternidade ou nas suas relações amorosas com o sexo oposto.

Entretanto, é muito presente nos poemas de juventude de Haddad a filosofia do “século das luzes” e o ideal rousseauiano de mulher essencialmente relativa, fraca, tímida, submissa, feita para agradar ao homem e até revestida de uma aura religiosa conventual. Como aponta em seus poemas, o aspecto monástico da vida de mulher, feita para “dentro”, para o interior onde aparece também a imagem inesquecível da mãe.

Canção Materna (Lua do remorso. p. 24)

(...)

As rosas perfumarão o teu leito sob a forma de rimas,
Os asfódelos, na mentempsicose nova, terão a harmonia

(...)

mas não há madrigais, nem sonetos, nem odes,
a dor, há tanto comprimida, despedaça, inexoravelmente
a estrutura do verso.

Voam para o ar as rimas e os hemistíquios no cataclismo funesto.

A dor bombardeia o poema.

E o que sobra não é verso,

Pois que as lágrimas são ácido sulfúrico para corroer

(...)

mesmo que seja a dos imperecíveis sonetos,

A saudade materna exclui a literatura.

(...)

Sóror celeste (Orações roxas p. 70)

(...)

Esses olhos moribundos de monjas têm pálpebras

Que são pétalas de rosa,

Valvas fragilíssimas de conchas, paginas apagadas de breviário

Estes olhos que pararam mármore de Cristo ebóreo

Eram duas grandes tochas acesas no votivo ofertório

As lágrimas desciam como contas de rosário

Que marcavam as Ave-Marias

Havia em suas brancuras raras a mesma pureza sacro-santa das aras

(...)

Esses olhos são de monjas. Na paisagem sismarenta as lágrimas
que eles vertem descem lentas como as flores como orvalho. (...)

Badinter (1985) aponta esse caminho construído para mulher ao longo do tempo pelo “século das luzes”. Em Haddad, há uma mescla e uma riqueza de olhares sobre a mulher e que, com certeza, refletem as mudanças do seu tempo. A sua sensibilidade poética as vê de diferentes maneiras, mas sempre de uma forma mais ousada e avançada para o seu tempo. Quando usa para título de um de seus livros a expressão “Alkamar, a minha amante”, 1935, obra de estréia do poeta, transgredir a censura da época, pois o termo amante não era permitido na literatura ou no teatro durante o período Vargas (1930-1945), sendo considerado imoral e pornográfico¹¹.

Pela crítica, e também por intelectuais do seu tempo, Haddad diz em entrevista sobre influências recebidas, que não pode discernir entre influência e afinidade.

‘Alkamar a minha amante’ procurou aproximar-se do parnasianismo e há influência de Bilac e Martins Fontes. Em AlKamar a influência poética foi à própria vida, o meio, a situação e a época em que os versos nasceram. Primavera de Flandres foi a influência da guerra apesar de não termos a data acredita-se ser a segunda guerra mundial pois é uma poesia anti-fascista, o que não impede de existirem poetas fascistas diz Jamil. Há ainda ‘‘Orações negras’’ premiado pela academia brasileira de letras, e também ‘‘História poética do Brasil’’, antologia trabalhossíssima onde toda nossa literatura aparece contada pelos poetas. Poetas que cita como referencia indispensável Antonio Candido, Carlos Kopke, Heitor Ferreira Lima.(OUVINDO..., 2007)

“Romilda” (HADDAD, 1944, p. 26) é um poema onde há uma mulher real que padece de uma enfermidade em um leito de hospital. Romilda, assim como Rosalina e Rosmanilha, protagonistas do poema “Balada” são obras de temática social: denunciam a miséria, a fome o abandono em que se encontram as mulheres pobres em uma sociedade injusta (o contexto é o Brasil).

¹¹ Pornográfico, segundo o Jornal O Estado de São Paulo. Maio de 1988. 2º Clichê (nota de falecimento).

O suicídio de Renata é outro momento que foca uma mulher real em vias de cometer um ato definitivo, por conta de um sofrimento indizível. A sua sensibilidade de poeta capta esse momento e escreve sobre ele.

O teu coração tinha uma dor do tamanho do mundo
(Só eu vi o teu coração brilhar como estrela dentro da noite)
tuas lágrimas desciam.
Em teus olhos errava o espectro da melancolia.
(Só eu é que vi os fantasmas errarem por teus olhos...) Orações Roxas.
p. 41

O poema relata que a multidão que se reuniu em torno da cena e os homens acharam muito divertido, mas o poeta, o médico, o homem Haddad, pôde compreender e compadecer-se profundamente da mulher em seu momento extremo, dando-nos a conhecer o seu enternecimento pela alma feminina. O livro Orações roxas é uma sucessão de poemas tristes de grande melancolia e sofrimento como a cor com que batiza suas orações, fazendo uma analogia do roxo com a celebração da paixão de Cristo. Parece que ele mesmo se identifica com o Cristo compadecido pela implacável dor humana.

É freqüente em seus poemas a denominação “amada clara” com que se refere à mulher, dando a entender como algo que ilumina, traz uma revelação, é sempre bem vinda quando chega e a sua partida deixa escuridão e tristeza.

A mulher para ele não deixa de representar os papéis mais tradicionais que a escritura e o discurso ao longo da narrativa e da história lhe atribuíram: mãe, musa, esposa, amada, o feminino passivo e vítima da sua própria condição de subordinação. Ele reforça em Orações roxas, Orações vermelhas e Lua do remorso essa posição submissa, passiva destituída de poder da mulher para nos surpreender em sua obra mais madura “Aviso aos navegantes” com uma “nova mulher”, essa revolucionária autônoma, revestida de poder comparada às deusas que operaram na formação do mundo.

Em “Aviso aos navegantes”, Haddad saúda as mulheres com a surata da certeza. A luta e o sacrifício marcam essas mulheres.

Dominique em que os sutiãs são a prova de balas;
Eliane de hálito ressoante de cargas de morteiros,
Huguete artilheira e Izabelle vestida de “seda de pára-quadras”
E Gabrielle a mais resistente por isso acabou sendo Doc Lamp (centro de resistência vietnamita).
Cíntia será por nós estuprada
(Há outras senhoras, mas estas são chamadas em códigos).

Em “Surata da mãe” aparece a mãe guerreira entre elas: Maria Eva Duarte de Perón, neta de prostituta, a virgem de Grunewald cujo modelo era mulher da vida, a Pietá da mãe maconde, empunhando uma espada sobre o corpo do filho morto; a virgem druida de Chartre e a de Saint-Vorles que apertando os seios põem três gotas de leite nos lábios de Bernardo; Dolores; Luíze e Rosa de Luxemburgo. As deusas mães como: Mamacocha (nome quéchua para mãe mar); Pachamama (mãe terra para os incas); Deméter; Perônia; Santana; Astartéia; Réa; Ártemis; Cihuacatl (nos mitos astecas a mulher serpente, primeira mãe entre os homens); Ci (nos mitos amazônicos a mãe de tudo); Gauteavam (a mãe original a que cria o amanhã com seu sangue menstrual); Iara (Iavelberg, companheira de Lamarca). “Aviso aos navegantes”, poema revolucionário de cunho marxista, um épico, da revolução de Ernesto “Che” Guevara.

A presença da mulher constante, polifórmica, deificada em seus poemas anuncia uma reverência e identidade com o gênero, seja qual for sua aparência, sua forma ou a sua substância. A mulher é o mito e a realidade na luta, no descanso, no cotidiano da existência e para além dele. Na forma de mistério, insondabilidade e devir.

Haddad, especialmente em “Surata das plantas”, identifica a mulher com as deusas da fecundidade. Como aponta Mircéia no seu estudo “O sagrado e o

profano”, (ELIADE, 2001) “a mulher tem um modelo cósmico: a figura da Terra-mãe”. “Foi ela que por primeiramente cultivou as plantas alimentares e naturalmente se tornou proprietária do solo e das colheitas”.

Surata das Plantas (Aviso aos Navegantes. p. 173)

E vais por planuras luminosas e férteis,
És a mãe dos cereais
E dos projéteis,
Ensinas a sementeira
Quando a lua é nova
E no quarto minguante quem sabe a poda
(A nossa única seleneografia)
O preparo do mel
(...)
Trazes contigo a mãe da seringueira
E projetas o páteo das Plantas.
Possuis o segredo místico
O que vais suscitar, a germinação das searas
Ensinas que a mulher é a terra lavrada
Que a sua nudez abençoa a colheita,
Que a gota de leite materno,
Vertido no sulco opera o milagre órfico da primavera.
(...)

Por isso que o prestígio máximo religioso da associação da mulher em algumas suratas do poema “Aviso aos navegantes”, além do aspecto da sacralização, também são divinizadas seja como mães, guerreiras ou prostitutas. Fogem de um modelo comum de interpretação feminina, mas não devemos esquecer que Haddad sofre as influências do marxismo. Era muito comum no período entre os anos de 1970/80, os militantes de esquerda sacralizarem as prostitutas numa prática que subvertia o *status quo*, onde o modelo da Virgem Maria ainda era o dominante. Haddad viaja também aos templos mais remotos e de lá traz antigos rituais iniciáticos, onde as prostitutas sagradas desempenhavam uma função redentora.

Todavia, há também um flagrante dessa visão divinizada, uma mulher para além da realidade, ou melhor, dizendo, para além de um dia-a-dia comum como é capaz de cantar o poeta Vinícius de Moraes (1984), talvez pelo fato de não se casar.

Ou ter vivido oficialmente com uma mulher de forma rotineira. Assim, ele as mantém envoltas em sonhos e mitos sacralizados. Muito embora em sua vida profissional tivesse em seu divã de psicanalista muitas delas e bem reais: dolorosas, placentárias, neuróticas, esquizofrênicas, drogadas, alcoólatras, depressivas, mal-amadas, todas elas muito palpáveis. De uma forma totalmente lírica, ele anuncia em “Orações roxas”, em “Orações vermelhas” e “Lua do remorso” a dor dessas mulheres enfermas sem nunca vulgarizá-las ou torná-las prosaicas. São vários os poemas onde se mostra como poeta e médico simultaneamente.

Haddad épico, erótico, lírico, seu eixo parece girar em torno dessa figura constante que é a mulher, idealizada das mais diferentes formas e cores, chegando a parecer que ele a vê em todas as coisas e a todo o momento como uma presença inseparável de si mesmo.

‘És coluna e barca, és égua e árvore’.
Que importa que ninguém
compreender possa o teu mistério terribilíssimo.
(HADDAD. 1951. p. 32)

No “Mistério da amada” está o mistério da própria vida e “És coluna e barca, és égua e árvore...”: Ele a vê em toda parte e não só a representa ou a traduz, através de suas metáforas, barco, árvore, coluna e égua, mas também se percebe que a sua necessidade dela o faz vê-la em todas as coisas. O processo é uma via de mão múltipla por onde ele caminha e todas as direções o conduzem à mulher, essa outra metade idealizada de si mesmo. Talvez para o poeta, mais que para todos os homens, a musa é fundamental, portanto a mulher representa esse farol sem o qual tudo é escuridão.

Para melhor compreender os poemas e os poetas estudados entendemos que trazer uma teorização sobre o amor romântico ou uma explanação do que venha a ser romântico nos ajudaria nesse processo. O amor romântico não significa

apenas amar alguém; significa estar apaixonado, é um fenômeno peculiar, quando estamos apaixonados acreditamos ter encontrado o verdadeiro sentido da vida, revelado em outro ser humano, pois os poetas são seres apaixonados, ou movidos pela paixão, pois é impossível falar de poesia, de poeta e de mulher sem falar de amor. Sentimos que finalmente nos completamos, que encontramos as partes que nos faltam. A vida, de repente, parece ter atingido uma plenitude, uma vibração sobre-humana, que nos ergue acima do plano comum da existência. Para nós, esses são os sinais seguros do “amor verdadeiro”, este conjunto psicológico inclui uma exigência inconsciente de que nosso amante ou cônjuge nos alimente continuamente com esta sensação de êxtase e de emoção intensa. O amor romântico é o maior sistema energético dentro da psique ocidental. (JOHNSON, 1987, p. 13).

No oriente, nas culturas da Índia e do Japão e também entre os árabes, constatamos um amor mais cordial, uma devoção e estabilidade que desconhecemos no ocidente, onde predomina o amor romântico e apaixonado. O amor romântico, assim sendo não é apenas uma forma de amor, mas todo um conjunto psicológico, uma combinação de idéias, crenças, atitudes e expectativas que coexistem em nosso inconsciente e dominam nossos comportamentos e reações. Inconscientemente, pré-estabelecemos como deve ser o nosso relacionamento com outra pessoa, o que devemos sentir, pensar e até mesmo “lucrar com isso”.

O ideal de amor romântico irrompe na sociedade ocidental, na Idade Média e na literatura com o mito de Tristão e Isolda. Era conhecido como o “amor cortês” e tinha por modelo um cavaleiro intrépido que honra sua dama e faz dela inspiração e símbolo de toda beleza e perfeição. Como símbolo ideal de perfeição o incentivava

para os mais nobres ideais de espiritualidade e elevação moral. E há quem nos fala que, quando um fenômeno psicológico marcante acontece na vida de um indivíduo, significa um grande potencial inconsciente emergido prestes a manifestar-se ao nível da consciência e o mesmo é válido para o coletivo e as coletividades. Num determinado ponto da história de um povo uma nova possibilidade surge no inconsciente coletivo é uma nova idéia produto do meio, das influências ou da confluência de dois povos. A partir de um determinado desenvolvimento, de uma nova crença, um novo meio ou novo valor ou também de uma nova visão de mundo. (JOHNSON, 1987, p. 3-14)

O amor é um desses fenômenos psicológicos e culturais arrasadores que surgiram na história dos povos ocidentais. Foi algo que esmagou a nossa psique coletiva e alterou permanentemente a nossa visão e nosso universo. Ainda não sabemos lidar ou perceber por inteiro as dimensões e o tremendo poder do amor romântico. Tragédia, alienação, obscuros mecanismos psicológicos atuam por trás do amor romântico. Em história, talvez pudéssemos dizer que o amor romântico perfaz a trajetória do trauma, é trágico, é traumático, é apaixonado.

Na época contemporânea contextualizada ainda pela forte influência romântica, pergunta-se, principalmente ao lidar com a imagem feminina o que vem a ser o romantismo? Quem são os românticos? Para Michel Löwy e Robert Sayre, apresentados por Vera Maria Chalmers, existe uma estreita relação entre romantismo e anti-capitalismo que abre perspectivas novas no estudo do movimento romântico na política e na literatura. O movimento romântico carrega características que consideram os aspectos sociais, políticos e econômicos. A tradição romântica vista por esses autores não trata tanto da escola literária, mas, sobretudo, vê o romantismo como uma visão de mundo que faz severas críticas à modernidade e ao

capitalismo devorador. O romantismo também anuncia o reflorescimento de ideais cavaleirescos pautados em valores espirituais inspirados no século XII, o ressurgimento da natureza exaltada, a mulher como guia espiritual, assim como foram às musas Beatriz de Dante, Dulcinéia de Dom Quixote, Marília de Dirceu, Ofélia de Hamlet, .Dorotéia de Petrarca.

2.4 Jamil Almansur Haddad a Poesia Árabe de Combate e suas mulheres guerreiras

O poeta de Guerra é o hierofante da palavra que celebra em libação e reverência a memória dos mártires da História, a poesia árabe de guerra manifesta e repete continuamente nas entrelinhas de dolorosa concepção a idéia de impermanência do homem e suas lutas frente à perenidade do eterno, e o divino islâmico (iconoclasta) como único a suplantar as misérias humanas inclusive as guerras.
(FERREIRA, 2005).

Senhor da casa da Aurora (HADDAD)

Guevara disse:
Chegamos.

Subimos a sierra Maestra
E conhecemos a aurora
E temos o nosso espírito e nossas mãos cheias de semente da aurora
E estamos dispostos a semeá-la e defendê-la
Para que frutifique.

(...)

Onde o rainúnculo? O crepúsculo
O núcleo da célula
(voa com dupla hélice)
o sovieta, o Ayllu de que o totem é o raio.
(Perguntam os fulguradores!)
Viva a comuna!
Viva a República universal!
Cada fábrica é um Estado ilegal, uma república proletária
Que vive seu dia a dia esperando o desenrolar dos
Acontecimentos. (Gramsci)
persiana clara
Onde,?
A que Astarté (a que aumenta o gado) descobre
Lucíola
(a estudante pobre)
ou alucinado
quando algerino na rue de la Garenne;
e então o inseto é vela
e há o caderno acendido
ao vento formidável
de Ramadã

e transbordando por todos os barracos,
deixando atrás de si três crianças mortas.
(O auto da fé dos árabes.)
Somos de tetos alcatroados,
Só nos dão por morada a casa combustível
As vilas miséria,
Na que foi Santa Maria Del Buen Aire
Com 800.000paraguaios
Êxodo portanto capaz de derrubar Stroessner.

(...) Pueblo tan pobre como este no lo
Debe de haver em todas las Índias. (Bernardo de Montalvo
1954)

E o proletariado forma o coro:
Mas vede a tempestade sacode a casa, o teto desaba. (Eurípides)

Guevara deambula

A lua redonda.

E a Ronda.

O ramúsculo.

O cachimbo da paz
Ornado de duas séries de penas e águias entrelaçadas,
Formando o caduceu de Hermes.
E a sagrada molécula:
E em Canudos (O sertão do sertão)
Na guerrilha,
5.200 casas queimam
E em Puerto Montt (O ministro do interior) oito mortos e vinte e cinco
feridos.
We Shall not be moved.
E lá moram Ahmed-Mohamed,
Mas também Abd-el-Kader,
Yucef, Latife, Ibraim.

Deixamos o níquel e o cobre
Nesta Folia
E vamos à bem mais pobre
Metalurgia
E comporemos os versos
De pés quebrados e mãos queimadas:
O milhão de mortos inúteis da Argélia.

Assim a população de Paris vem se depor as armas que
A tinham feito vencedora em 6 de outubro (1789), em
10 de agosto de 1792, em 31 de maio de 1793 e que na
véspera ainda teria tudo sob seu domínio se alguns homens
capazes tivessem querido. É uma revolução que
arranca o poder das armas proletárias, fazendo-o passar dos bairros
populosos aos bairros mais ricos. (Foin)
para Lênin, a revolução de fevereiro de 1917 foi
revolução burguesa, em que a classe média russa tinha se utilizado
do proletariado para desembaraçar-se da aristocracia semi-feudal e
estabelecer o seu próprio poder estatal,
atrás da cortina de fumaça das instituições democráticas.
(Katkov e Shukman).

(...)
(HADDAD,)

Poemas Palestinos

Território palestino, perímetro obscuro de terríveis violações.
(Tahar Ben Jelloun)

Na última noite nesta terra

DE MAHMÛD DARWÎCH (IN: Biblioteca Entre Livros, p. 75)
Na última noite nesta terra, arrancamos nossos dias/
da pequena árvore nossa, e contamos as costelas que levaremos junto/
e as que deixaremos. Aqui... na última noite/
não faremos despedidas, não teremos tempo para acabar.../
Tudo fica como está, já que o lugar nos troca os sonhos/
e troca nossos hóspedes. De repente ficamos incapazes de ironizar/
já que o lugar está pronto para receber a poeira... aqui na última noite/
contemplamos as montanhas rodeadas de nuvens: conquista... e
reconquista/
e o tempo antigo a entregar ao tempo novo as chaves dos nossos portões/
Entrem, pois, conquistadores, entrem em nossas casas, bebam deste vinho/
das doces muachahât. Finda a meia-noite, somos a noite, e não haverá/
aurora alguma em dorso de cavalo algum, vinda com o último eco do
muezim./
É verdade o nosso chá, é quente, bebam, e nosso amendoim é fresco,
comam
e as camas, verdes, do cedro a madeira, entreguem-se ao sono/
após tão longo cerco, e durmam nas penas dos nossos sonhos, /
os lençóis estão escondidos, e os perfumes apóiam à porta, os espelhos
são muitos/
entrem, assim saímos de vez, e logo procuraremos saber/
como era a nossa história frente à história de vocês na longínqua terra/
e nos perguntaremos por fim: O Alandalus/
era aqui ou lá? Nesta terra... ou no poema?

Do poeta, BARGHUTI

É bom morrermos em nossas camas
num travesseiro limpo
e entre amigos

É bom morrermos, uma vez
com as mãos cruzadas no peito
vazias, pálidas
sem algemas, sem arranhões
sem bandeiras, nem petições

É bom morrermos,
tendo o rosto num travesseiro branco,
não no asfalto,
de mãos dadas com quem amamos
cercados pelo desespero de médicos
e enfermeiras,
com nada além do abençoado adeus,
largando este mundo como está
para um 'outro'- quem sabe
possa vir consertar.

(JUBRAN)

Ao trazermos a poesia árabe de combate da região da Palestina e compararmos a poesia de Haddad com dois poetas palestinos, que aparentemente foge ao tema, desejamos apontar a conexão permanente de Haddad com o mundo da poesia árabe atual. Mostrar que elas se interconectam quando tratam de cultuar os seus mártires e apontar a dolorosa realidade de um mundo que se estilhaça em forma de lutas e guerras intermináveis que assolam de diferentes maneiras tanto oriente como ocidente, “*O verbo e as palavras precedem e geram a imagem*”.

“A emoção e a comoção oriundas da fatalidade do real entrelaçam-se com as vozes do pensamento lógico e o suplantam transformando-se em poesia” (FERREIRA, 2005, p. 83). Junto com a poesia bélica aparece uma nova imagem de mulher, a *mulher guerreira* tão apontada por Haddad em “Aviso aos Navegantes”....

Ou a bala adormecida no bosque.

Surata da certeza (289)

E o general deu aos centros de resistência o nome das amantes
E lá estão Claudine escarpada, Anne Marie de sexo com luneta
Eletrônica Françoise, os seios vertendo geléia de napalm;
Dominique em que os sutiãs são à prova de bala; Eliane, de hálito
ressoante de cargas de morteiros.
Hughette artilheira e Isabelle (vestida de seda de parquedas) e Gabrielle,
A mais resistente e que poristo acabou sendo Doc Lap.
(...)

A poesia árabe de guerra é altamente imagética apesar da tradição iconoclasta que nasceu junto com o Islã. A poesia árabe de guerra tornou-se um *continuum* interminável nos últimos séculos, ou seja, um continuado e interminável suceder de batalhas açoitam esses povos. Tahar Ben Jelloun, ao referir-se à Palestina, (repetindo) nos diz:: “*Território palestino, perímetro obscuro de infernais violações*”. Não é raro vermos na atualidade mulheres que fazem de seus corpos (instrumentos de vida), verdadeiros projéteis bélicos e, num ato de desespero, se

lançam como bombas sobre o inimigo em defesa de sua gente. A presença constante da guerra nessas regiões do oriente fez surgir uma literatura marcada por esses acontecimentos.

A moderna poesia árabe de guerra surge e vinculará a denúncia e o protesto de povos perplexos diante das freqüentes, rápidas e injustas reestruturações feitas através das guerras ao longo dos dois últimos séculos, e atualmente neste século XXI, apogeu de todas as crises, reino tenebroso de Umm, mãe de todas as batalhas. (FERREIRA, 2005, p. 82).

2.5 O Poeta Assis Féres: trajetória de vida, panorama e apontamentos sobre a obra

Assis Féres, en su peregrinación lírica por este mundo, hizo mucho por la poesia y mucho hará todavía, pues no le faltan una gran sensibild y un corazón grande para contener una inmensa ternura humana. (Jamil Almansur Haddad)

Assis Féres nasceu em 11 de agosto de 1912, em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Seus pais, George Abdalah Féres Haddid e Faustina Elias Curie Féres Haddid, eram imigrantes originários da cidade libanesa de Trípoli. Por volta de 1878, George Féres encontrava-se no sul de Minas (Guaxupé) e, ainda, em 1908, aproximadamente, transferiu-se para o Triângulo Mineiro. (Laiazul, novembro-dezembro de 1958).

Seu primeiro mestre de língua inglesa foi Tolonio Selvera, nascido em Londres, filho do ex-diretor do Ginásio Mineiro de Uberlândia. Foi seu professor de alemão o Sr. Guinter Bruno. Seus mestres no Liceu de Uberlândia foram os Drs. Mário Magalhães Porto, Vieira Gonçalves, Queiroz Lima. Suas primeiras professoras em Uberlândia foram Odete de Oliveira Marquez e a poetisa goiana Lodegaria de Jesus.

O pai, “o mais querido de seus mascates”¹², foi assassinado em 17 de junho de 1927. O Poeta passou a estudar em São Paulo, abandonou os estudos sem ter concluído o Curso de Admissão e retornou a Uberlândia.

Em 1929 colaborou no jornal *A Tribuna*, do jornalista e poeta Agenor Pais. Fundou seu primeiro jornal, *O Triunfo*, no ano de 1931, em Uberlândia¹³.

Sua mãe e irmãos, em data anterior à deflagração da Segunda Guerra Mundial, retornaram ao Líbano, em busca de um clima mais adequado à sobrevivência de Alberto, o irmão mais velho do autor, vítima de pneumonia.

Permanecendo no Brasil sem a família, Assis Féres cumpre um itinerário de viagens pelo país. Viveu, por períodos variados, em diversas cidades, dentre as quais cito Belo Horizonte, Tupaciguara, Ceres, Anápolis, Presidente Prudente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Teve, entre seus amigos, Cassiano Ricardo, Gaetano de Gennaro, Guilherme de Almeida, Ibrahim Nobre, Menotti Del Picchia, Milton Campos, Paulo Bomfim, Pedro Aleixo, Ragi Abujamra, Samuel Atlas, Sergio Milliet, Jamil Almansur Haddad, Taleb Ajaleli¹⁴. Afeto filial dedicou a Abílio de Oliveira Machado, advogado e poeta de Belo Horizonte. Conheceu Guimarães Rosa e Guilherme de Almeida costumava dizer que, não fosse o nome *árabe* do Autor, estaria ele na Academia Brasileira de Letras. Ibrahim Nobre chamou-o “jarra de ouro”. A pedido de Paulo Bomfim, a Academia Paulista de Letras registrou uma “nota de profundo pesar” por ocasião de seu falecimento. Menotti, recordando-o, contou que, dentro de um grupo que se freqüentava, Assis Féres era o que mais acreditava na poesia, rejeitando,

¹² São palavras de R.A L. publicadas em L 45 nov. dez.

¹³ A notícia sobre os primeiros professores e o abandono dos estudos foi retirada de manuscrito deixado pelo Autor.

¹⁴ Assis Féres afirma que foi com Taleb Ajaleli, intelectual originário da cidade de Bassoura, no Iraque, e que viveu no Rio de Janeiro, que aprendeu a ser amigo, na glória e na adversidade. Fonte: trabalho manuscrito que o Poeta intitulou “Sadik El Azuléy”, “O Celestial Amigo”.

sempre, categoricamente, qualquer tentativa de “pendurá-lo” num serviço público e de resolver, por essa via, seus problemas financeiros.

Manteve, por vários anos, o hábito de ler seus originais ou contar, com o auxílio dos dedos das mãos, o número de sílabas de seus versos, mesmo caminhando na rua – o que pode ter sido o motivo de dois atropelamentos que sofreu.

Deixou o Brasil em 1942 (L 46 dez., p. 20), com intenção de viajar por toda a América Latina, como parte de seu projeto de integração latino-americana. Chegou a Montevideu em 1943 (L 46 set., p. 32). Publicou, em Buenos Aires, no mesmo ano de 1943, o livro de poesias intitulado *Doutro Lado do Sonho*, que mereceu o “Prêmio Internacional de Obras Célebres”.

Casou-se, em Santiago do Chile, com Olga Chaim Gerab no dia 24 de fevereiro de 1944 (Registro Civil) e no dia 05 de março, na Igreja. Viveu em Santiago até 1950, ano em que retornou ao Brasil, passando a residir em São Paulo. Teve três filhas: Glorian, Opázia e Olgária.

No começo dos anos 1960 foi aos Estados Unidos visitar seu irmão Anis (Ernie, nos Estados Unidos). Esteve, nessa oportunidade, em Trinidad, Tobago e Venezuela. Em julho de 1971 viajou ao Iraque e ao Líbano, retornando ao Brasil em outubro do mesmo ano¹⁵.

Faleceu em São Paulo, em 05 de setembro de 1978, tendo anunciado a própria morte com 15 dias de antecedência, nos seguintes termos: “(...) ouvi cantar o mesmo pássaro que ouvi quando meu pai morreu”. Encontrou-se, no bolso de seu paletó, além do “Poema da Morte”, de Menotti Del Picchia, a seguinte trova, escrita de seu próprio punho:

¹⁵ Fonte para as datas: passaporte do Autor fornecidas pela pesquisadora Opázia Chaim Féres.

Ciganinha que tira a sorte
Tira a sorte, por favor
Diz que estou longe da morte
E que estou perto do meu amor. (FERES, 2000)

Assis Féres em 1972 ordenou cronologicamente suas atividades tendo deixado um “Curriculum Vitae” literário que está transcrito na íntegra e disponível na Feres (2000),

Fala da filósofa Olgária Chaim Féres Matos sobre o pai, o autor:

Meu pai tinha muito contato com os intelectuais, era muito amigo de um poeta premiado e um grande conhecido na história da literatura, que era o Jamil Almansur Haddad, e foi o Jamil que nos iniciou no socialismo, porque ele era em 68,(14), muito importante no movimento de esquerda, porque ele descobriu o mundo por ele. Vida intelectual, dos amigos de meu pai, das viagens à Brasília, que influenciou bastante na construção de Brasília, aquela viagem que ele fez, o projeto da cidade... Meu pai ele quando ficou órfão, começou a trabalhar muito jovem como jornalista, ele ficou um tempo interno aqui em São Paulo, e ele fugiu da Escola, ele foi para Minas Gerais, e começou a trabalhar com Agripino Grecco, que era um jornalista intelectual muito relacionado, e, ele passou a morar em uma república, e nessa república ele morou um tempo com o Juscelino Kubitschek, ele era muito amigo do Juscelino, e do Pedro Aleixo quando então, meu pai conheceu esses políticos, ele contava no ‘Mascate’ que é um livro sobre a saga da imigração, que tem toda a saga... os hábitos, os costumes, a razão pelas quais vieram, os momentos que passaram e os sofrimentos das separações e das famílias estilhaçadas. Uma parte aqui, outra ali, e ele também tinha muita visão desse humanismo, companheirismo que os árabes tinham. (NAMUR, 2002, p. 43)

2.6 Apontamentos sobre a obra de Assis Féres em contraponto com os poemas de Jamil Almansur Haddad

O discurso sensível perfeito é o Poema; o conjunto das regras às quais o poema deve se submeter é a Poética; a ciência da poética é a Poesia Filosófica; a aptidão para elaborar uma poesia é a arte da Poesia; aquele que possui esta aptidão é o Poeta. (BAUMGARTEN, 1993, p. 13)

Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma delas. Manuel de Barros.

Assis reflete um pensamento de raízes românticas. Seus versos de juventude são incisivos, e dois de seus livros de poemas levam títulos que apontam

nessa direção: "Doutro lado dos sonhos" e "Sonhos mutilados". A palavra sonho repetida em dois títulos reforça essa marca de devaneio tão próprio desse pensar e desse poeta. Féres é um sonhador, mas não um sonhador da noite, que sonha um sonho inconsciente e não pode enunciar um cogito. O sonho da noite é um sonho sem sonhador, é um espetáculo sem espectador porque o sonhador é passivo, homem sem sujeito somente um pouco de substância sonhada. Já o sonhador do devaneio, ao contrário, é bastante consciente para dizer: Sou eu, quem sonha o devaneio, nesse sonho, o sujeito está presente. "O sonhador do devaneio está presente à sua rêverie". (Bachelard, apud MATOS, 1997, p. 109). Em *L'Eau et l'êrê*, Bachelard nos fala de sonhos ligados às águas e, portanto, ao elemento "Água", tão feminino e de associação instantânea com os dotes da mulher no seu aspecto de geradora da vida. Bachelard em seu livro anuncia inúmeros tipos de águas, desde as doces, até as violentas, todas elas carregadas de significados míticos e alquímicos. Os sonhos visionários de Féres quando lutou em tantas frentes entre elas: pelos direitos humanos, pela integração da América Latina, pela divulgação e elevação da cultura árabe, pela integração cultural árabe-brasileira, e principalmente pela sua maior paixão da vida inteira que foi a poesia. Talvez a única diante da qual entre todas as outras nunca se decepcionou, por isso a manteve sempre junto num pacto de fidelidade até a morte. Entre seus sonhos houve um sonho de mulher, houve uma musa, a qual parece ter sido fiel também por uma vida inteira. A idealização da mulher e de seus atributos aproxima muito o autor do ideal romântico e do amor cortês.

Abrindo um parêntese nesses comentários sobre os autores e a visão poética que trazem podemos identificá-los muito aos poetas árabes de Andaluzia, que apresentavam em determinado momento duas vertentes do Amor : a do "amor

casto” e fidelidade a uma só mulher retratado mais nos poemas de Féres, e a do “amor prazer” que proclamava o erotismo e o prazer dos sentidos, onde identificamos mais os poemas de Haddad. Sem querer com essa reflexão fazer uma redução ou uma rotulação dos poetas citados, no entanto arriscamos dizer que seus escritos nos apontam para essas vertentes árabes originárias de Espanha, onde o amor cavalheiresco e o amor dos prazeres expressam duas maneiras antagônicas de ver o amor e a mulher. Entretanto, de acordo com o poeta Jamil A. Haddad, o Alcorão prevê igualmente um Paraíso para cada um desses dois tipos de homem tanto o sensual como o espiritual tem um céu em Allah que reserva para si mesmo em um reduto do Paraíso e que corresponde exatamente a suas expectativas ou mais (...) (LE BON, 1985).

A poesia árabe Andaluza é uma continuação, com algumas diferenças das tradições islâmicas que se originaram no deserto árabe só que vem acompanhada com uma miscigenação étnica, cultural e lingüística que apontamos como um entrelaçar de culturas oriental e ocidental. O árabe perde de certa maneira o caráter ‘sagrado da língua’ (a língua árabe tem um caráter sagrado no mundo islâmico) e passa a discorrer sobre temas e preocupações mais terrenas. ‘Essa poesia não é menos árabe por nascer em território europeu, diz Michel Sleiman, ao contrário.’

Assis é iconoclasta em relação a mulheres, a sua mulher em termos de imagem é praticamente invisível. Ela parece ser um misto de véu, vulto e voz Seus atributos são espirituais. Jamil é essencialmente imagético, suas mulheres são corpo e paisagem. Porém, ambos são concordantes e se comunicam pelo mesmo código ao associarem a mulher amada à terra ancestral. Poesia doutrinária, na solidão do tédio

Nessa poesia de Féres, o destaque mais uma vez é a mulher árabe na denominação de *beduína* e *imortal* que se apresenta como veículo para sua viagem de devaneio à terra de origem.

Allah que te proteja e siga em seu caminho,
Ô *beduína imortal* deste infinito amor!
Triste só, tal qual tu, eu vivo sem carinho,
Meu pensamento vai onde estiver a dor.
(Do livro alma enclausurada, 1942, São Paulo. In: O Mascate)

Fazendo sempre um movimento de avanço e recuo, trazendo no ritmo de seus versos a nítida sinalização de um encontro de culturas onde se mesclam não pontuados pela síntese, mas deixando transparecer continuamente o avanço na integração com que é nosso Brasil, ou no recuo à origem onde busca subsídio e alimento para uma árvore antiga de raízes em seus ancestrais.

Homem que lidas já de longe aqui
Pode no começo ter a mão fechada
Mas depois que enriqueças - não te esqueças
Em aprender a abri-la
(O Mascate. p. 63,)

Esses versos que carregam conteúdos de ensinamento sufi são dirigidos aos imigrantes na forma de sabedoria ou ensinamento de vida mais nobre que ele dirige aos patrícios em terras brasileiras.

Esse fenômeno de avanço e recuo, o movimento para frente e para trás, nos poemas de Féres e Haddad são verificáveis em “O Mascate” e “Aviso aos navegantes”, principalmente onde buscam recursos para a reinvenção de um passado-presente e onde atestam nitidamente um processo sincrético em ação. Essa dança ou esse “balanço”, no duplo sentido da palavra, o avançar e o recuar trazem no passado o presente, ou seja, o passado é uma releitura a partir do presente. Como Ferreira (2005) “o avanço e recuo é o movimento inevitável dos emigrados na formação de uma nova gênese”.

Em “O mascate” é claramente verificável o trânsito do “caixeiro viajante” ou o “homem da caixa” como diria a escritora Miranda (1997) em suas andanças em terras brasileiras. Em seus desbravamentos, ao mesmo tempo que avança com experiências novas no chão novo, traz à tona, consigo, a inesgotável bagagem de

lembranças, referenciais, objetos e costumes de sua origem que o acompanham nas viagens produzindo simultaneamente os dois movimentos para adiante e para trás. Cada presença ou descoberta nova mistura-se a sua bagagem antiga.

O Mascate (I canto p. 68)

E este quadro, agora, ilógico,
Ao esplendor da madrugada,
Volta a esta cena depois
De vinho inflamar as cabeças
Daquele haxix (ópio) ou araque(aguardente)
Extraídos das parreiras
Daqueles cachos de êinab(Uva)

Condensados em alquibir (cisterna)
E o raques(bailados) também menciono,
Toda essa gama folclórica
De ´´alhoma´´ ou ´´maxel-zah-rura –(Canções árabes)
Sobre aspéctos suraias (que é também a toponomia dos mais belos nomes).

No poema o haxixe, a aguardente (araque), talvez testemunhem como um anestésico para a dor da ausência... Os cachos de uva (einab) as danças, (raques), e as canções (alhoma ou maxel-zah-rura) o acompanham no percurso que faz no sertão do Brasil atestando que o oriente é uma presença indissociável do seu novo caminho na terra do ocidente. Como um caracol o peregrino traz a sua casa grudada às costas.

Os poemas árabe-brasileiros, que estudamos com Féres e Haddad, apontam-nos essa realidade de que, quando se trata de mulher, a musa os faz viajar as suas origens e a mulher árabe é a idealização mais freqüente é ela que os transporta magicamente às raízes.

O escritor sírio Hani el Rahib é um dos casos que nos serve como exemplo, quando falamos de “Mulher-Pátria”. Em uma de suas obras quixotescas dá à companheira de seu herói o nome de Umaymá (no conto Dun Kishut) (RAHIB, 2007). Esse nome designa um diminutivo de Umma pátria. Já ao povo, o escritor denomina Ummya. Tenha-se em conta que traduzido o termo pode significar

ignorante e representa o povo apegado às pequenas necessidades cotidianas. A associação direta, mulher amada e pátria, reforça, o que constatamos no amor romântico o amor do “meu” passa a ser o amor do “nosso” e o amor que é dirigido a mulher amada amplia-se no amor a pátria. (Isso é muito evidente nos poetas românticos, como Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, por exemplo).

No romantismo arriscamos dizer que pátria amada é uma extensão de mulher amada, uma pluralização do “meu para o nosso”. O mascate, obra principal de Féres marca a miscigenação dos grupos étnicos brasileiros e das correntes migratórias do final do século XIX e início do século XX - em particular a imigração árabe - e restabelece o elo entre o presente e as origens, tornando-se um poema da memória do invisível na perspectiva de uma nova gênese de um esperado devir. Beleza, verdade, exemplos edificantes, despertam sonhos e apontam rumos e “mistérios fecundantes” cala em quanto diz resgata, acontecimentos e sonhos. (FÉRES, 2000).

Diferentemente dos poemas de Haddad, onde a mulher aparece de forma insistente e indissociável, os poemas de Féres falam da figura feminina de forma discreta e comedida. As manifestações dessa imagem de mulher que, em Assis não é imagem, mas atributos e valor. A imagem de Féres não é visível ela está no rol do espírito como um eterno ideal, se é que assim podemos expressar a concepção de mulher percebida em seus versos. A mulher de Assis não aparece como as mulheres de Haddad. que dá uma concretude material à mulher. Ela é uma paisagem invisível. Féres a delineia como uma produção espiritual, ela é percebida, sentida, mas não tocável. Aparece modelada por um enfoque romântico e cavalheiresco.

Em contrapartida, nos seus trabalhos como jornalista e editor na revista “Laiazul”, abre espaço para divulgação de obras de inúmeras mulheres que se apresentam como escritoras, poetisas, artistas, profissionais ou beneméritas de algum trabalho social, sempre muito destacadas pelo poeta. Manifestando uma abertura e mentalidade inovadora em relação ao trabalho da mulher. Sua esposa a escritora e pianista Olga Gerab é sua maior colaboradora na revista.

Não deixa de enfatizar como jornalista nas reportagens da “Laiazul” os dotes de mães e esposas tão louvadas pelo gentil poeta e que acompanham a mentalidade rousseuniana da época trazendo sempre à baila as características da mulher ideal.

No poema “O mascate”, publicado mais recentemente em 1970, aparece a figura da mãe enaltecida nos moldes rousseunianos e também, como é muito próprio da literatura árabe, o engrandecimento sublinhado da figura materna. Segue trecho do primeiro canto de O Mascate:

[...]
Vi aquela dama subindo
Com seus pequeninos atrás;
Perscrutei seu rosto lindo
E compreendi-lhe o ser assaz;
Nadua, venusta, bunaia,¹⁶
Um desses botões no tempo,
Era a flor da despedida,
- Uma estampa dos Sumaias¹⁷

Dez e quatro anos tinha
Essa Deize que seguia
Atrás de sua mãezinha:
E àquela outra escada,
Atrás Mariam eu via,
Aquele escadinha humana
Tinha uma luz mais intensa
Que um candelabro de sonho’

¹⁶ Bunaia: Introduzido para designar uma circunscrição de beleza, por entre a adolescência e juventude, da mitologia de “O mascate”; e a deusa da poesia – Por ele denominada: Glorianisse – e que o acompanhava nas selvas.

¹⁷ Sumaia: Configuração do empenho, no caminho do sonho, pró-intensificação das chamadas da beleza; seu derivado *Sama* – céu, e *iat* – além, região do éter – o espaço celestial.

Estes são versos herméticos. Aliás, vale dizer que o hermetismo é uma das características fortes na poesia de Féres, pois apresenta o feminino de uma forma quase transcendental, a beleza da mulher comparada à Sumaia (espaço celestial). Mariam, a figura da mãe, é Maria em pronúncia árabe, o que reforça a visão sublimada da mulher quando comparada à Maria, mãe de Deus. A mulher e o mito da maternidade, por ele reforçado ao supervalorizar o status da mãe, essa figura de mãe, que Badinter (1985) aponta como criação do discurso iluminista de Rousseau, essa nova criação de mulher construída no século XVIII, privilegia a mulher mãe, professora, educadora. Atravessou tempos e continentes e esteve presente também aqui na literatura e no discurso dos homens cultos do Brasil e da América Latina nesse início do século XX.

O culto à mãe, à progenitora, idealização do feminino sublimado na santa mãe, indissociável do sofrimento, das provações e dos múltiplos padecimentos que acompanham essa “nobre missão” fazem parte desse período que corresponde o século XVIII e chega até o século XX. A emancipação da mulher tem início aí e a partir de sucessivos movimentos feministas, uma mudança de mentalidade. Contudo, o culto à mulher mãe, arraigado por séculos no inconsciente coletivo faz com que a maternidade apareça como tributo maior da mulher e, é, dessa forma, que é cultuada. Essa constante podemos verificar na obra do poeta Assis e, também, na obra de Jamil; este último, dedica um livro em especial a sua mãe “A lua do remorso” (publicado em 1951). Entre as filósofas e pedagogas que postularam uma imagem e uma missão para a mulher apontamos Edith Stein (1999), nasceu na Alemanha (hoje Wosclaw, Polônia), em fins de 1891. Filha de judeus, última filha de 11 irmãos, perdeu o pai aos 2 anos e considerava a mãe “ a mulher forte da Escritura). Ingressou na escola primária em 1897. Na universidade de Breslau em

1911, foi aluna e assistente de Husserl, Converteu-se ao catolicismo em 1921 após a leitura do Livro da vida de Santa Tereza de Ávila, professora na escola Dominicana de Speyer, Conferencista, Tornou-se Carmelita em Cônia viveu, Morreu na Câmara de Gás em Auschwitz à 2 de agosto de 1942 e foi canonizada em Roma (Itália) no ano de 1998. Mãe espiritual apontou caminhos seguros para a mulher, realizando-se totalmente, preserve sua feminilidade e cumpra sua missão de mulher ao mesmo tempo que aperfeiçoa-se como ser, pessoa e indivíduo distinto e único no Universo.

Edith como professora e pedagoga fez importantes estudos sobre a mulher, o Ehos das profissões femininas, como por exemplo “Vocação natural da mulher e o ethos.” “Outras profissões naturalmente femininas”, “A profissão sobrenatural da mulher” “A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e a a graça”, etc...

Rago (1985) com seus estudos reforça o quanto nesse período se valorizava o amor materno que se estendeu a todas as áreas da sociedade até às questões prioritárias, sanitárias e de saúde.

A valorização do papel materno difundido pelo saber médico desde meados do século passado procurava persuadir as mulheres de que o amor materno é um sentimento inato, puro e sagrado e de que a maternidade e a educação da criança realizam sua ‘vocação natural’. (RAGO, 1985, p. 79). A mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que obrigam-na o círculo completo das funções de mãe. Se a isto recusar é que há uma falsificação dos sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever que é sacrificar a si, a prole e a humanidade (...). (ASSUNÇÃO, 1909, p. 35-36 apud SOARES, 2003)).

Esse modelo de mulher idealizada na idade das luzes e o amor romântico frutificaram no ocidente desde Tristão e Izolda. Nossos poetas são incisivos nessa imagem idealizada e mítica de mulher, para eles, ela está num pedestal como inatingível pelas fraquezas humanas. Eternamente idealizada como um modelo transcendente, uma pedagogia para a superação. A superação do que há de

humano para um patamar de supra-humanidade. A idealização é tão alta que não se encontra com a mulher real, aquela do dia a dia, a que sofre, a que tem qualidades e também defeitos, que é feita de luz e sombra. Uma identidade real de mulher, conflitada, polifórmica, terrena, seja a árabe ou a brasileira, pouco aparece.

Ainda que não de modo intencional, esse olhar sobre a mulher que a destitui de corporalidade e que no discurso poético nos faz acreditar no mito como realidade, ocasiona não só uma sanção da mulher para uma vida no dia-a-dia com um papel multifacetado e participativo, mas praticamente paralisa e cristaliza a mulher como fruto de um mito criado discursivamente e que defende na poesia essa idealização supra-humana do feminino. A idealização assim construída, ainda que a licença poética permita integralmente, obscurece um olhar mais realista de dimensões amplificadas sobre a mulher. Não podemos deixar de enfatizar que é o produto de uma visão patriarcal, portanto advém de um poder e supremacia do homem que permite a mulher ser, do modo de ser que lhe convém que seja.

Para Freire (1943, 1951) é característica do patriarcalismo o distanciamento polarizado entre os sexos: o homem é forte, a mulher frágil: Ele o sexo nobre; ela, o sexo belo. A mulher é para o mundo de dentro enquanto o homem age no de fora, a graça da mulher contraposta à rudeza do homem e assim por diante.

Esse discurso aponta a construção idealizada do amor e do feminino, uma “saia justa”, onde a realidade parece ser intencionalmente ignorada, ou ocultada em nome de uma construção que se deseja impor.

De acordo com El-Saadawi¹⁸ (2002), há um perigo e um antigo medo para o homem, ambos relacionados ao sexo, onde se conflitam dois desejos e duas

¹⁸ Médica psiquiatra e escritora egípcia feminista começou em 1972 com a publicação do livro “Mulheres e o sexo”. Era a primeira vez na história do Egito que uma mulher tratava de temas considerados tabu. Escreveu ainda “A mulher no ponto Zero” e “A Face oculta de Eva”, obras que aumentaram o seu prestígio e mal-estar causado no seio da comunidade islâmica.

mulheres antagonizadas. A imagem de mulher pura como a mãe e ainda passiva e frágil. No mesmo tempo, ele ancora em seu íntimo um desejo pela fêmea, e seu poder de encanto e sedução o cativa. Porém, tem medo dessas qualidades, porque quando defrontado com elas, sua resistência cai por terra. Essas observações de El Saadawi são bastante evidentes ao observarmos o poema de Jamil, e de forma mais branda em Féres onde a mulher no mais das vezes está oculta por um olhar espiritual e romântico.

O amor cortês é um amor que vem para explicar os poemas de Féres e em alguns momentos também os de Jamil. Em Andaluzia, a cultura muçulmana apresenta-se mais aberta, mais livre e esclarecida. Temas ligados à natureza, flores, árvores, frutos, água e uma nova imagem do amor e da mulher se anunciam trazendo de forma surpreendente uma valorização inédita da mulher que penetra o pensamento medievo em contraposição à tradição cristã antiga, onde a mulher não é considerada um ser, é incapaz de amar verdadeiramente, ligada à perdição do homem, sobretudo aos homens puros. Com o amor cortês, uma nova forma de amor vem iluminar a nossa compreensão de poetas dos séculos XIX e XX.

“Amor paixão – Amor romântico – Amor infeliz – Amor inatingível – Amor e morte”. (ROUGEMONT, 2003)

Não é de se espantar que poetas em pleno apogeu do século XX, em plena modernidade ou pós-modernidade como querem muitos, adotem em seus poemas temas de amor romântico ou de amor cortês que vieram a ser construídos no século XII, para bater de frente com as degradações de costumes do regime feudal, onde não se cantava o amor, pois os casamentos, via de regra, eram feitos por interesses de poder e conveniência. Na atualidade, seriam os excessos do materialismo, a

transformação de tudo em mercadoria, a degradação dos costumes, a mentalidade burguesa, que levaram poetas do século XIX e XX a se identificarem com o cavaleiro andante do século XII nas suas construções amorosas ou a adotar as posturas combativas à modernidade assim como o fizeram os românticos do século XIX? Os poetas românticos também trazem nas suas escritas severas críticas ao mundo capitalista e voltam o pensamento para valores mais antigos (medievos) e, sobretudo, a construir um amor que não seja conspurcado, que seja o amor pelo amor e que esteja acima das mazelas cotidianas, numa espécie de redoma interna e inviolável.

O amor paixão e o amor cortês, conforme foi concebido e construído no ocidente desde o século XII, é a condenação e radicação de sua consumação - a paixão é uma ascese. Ela se opõe à vida terrestre e é tanto mais eficaz quanto maior ele se disfarçar de fatalidade. (ROUGEMONT, 2003, p. 46). Trazemos a poesia de Féres que vem demonstrar essa fatalidade.

UMA CANÇÃO DE AMOR INATINGÍVEL (Assis Féres, p. 20)

Se eu soubesse falar o teu idioma,
Eu faria, no mundo, o próprio aroma,
Quando em pleno ar, em nuvens se
evolando, Mostrar esta paixão!
Que minh'alma, teus sonhos perfumando,
Noites inteiras, não dormidas, carta.
Pensando em ti, numa esperança morta,
Vigila o coração!

Para Rougemont existe uma ligação estreita entre sofrimento e conhecimento, principalmente a dor amorosa entre saber e conhecer (identifica-se também no pensamento sufi). O amor com seus obstáculos e percalços nos permite conhecer e principalmente conhecer-se. A psicologia, sem entraves ao amor não tem “graça”. O que torna o amor interessante é toda a trama, obstáculos, impedimentos e dificuldades. Na literatura, a felicidade é uma expectativa, mas o

que nos prende ao enredo ou ao poema é toda a trama de obstáculos e sentimentos que nos afastam da concretização de um final feliz ou não.

A obsessão do amor romântico europeu é conhecer através da dor e esse é o segredo de Tristão e Isolda, Amor-Paixão simultaneamente partilhado e combatido ansioso por uma felicidade que rejeita glorificado por uma catástrofe: Amor recíproco infeliz. (ROUGEMONT, 2003, p. 71).

Esse amor encontramos de forma evidente nos versos de Féres. E a mulher é esse algo etéreo que, ao fazermos um estudo mais aprofundado da espiritualidade de seus poemas, podemos identificar uma mulher espiritual, esse anima da busca espiritual do poeta, a alma gêmea que metaforicamente será fonte de conhecimento e iluminação: o amor místico, o amor espiritual do cavaleiro por sua dama. Na sociedade feudal a moral cavaleiresca do amor cortês desafiava os valores feudais do casamento.

A regra do amor cortês opõe-se que uma tal paixão “tenda para a realidade”, isto é, culmine na posse “completa de sua dama”. Opõe-se à satisfação do amor e quando tende para a realidade já não é amor. Estrela do futuro, poema do livro “Doutro lado do sonho”, 1943.

ESTRELA DO FUTURO

Ela abriu minha alma a imensa chaga
Desta paixão nefasta!
Sozinho e louco digo, em meu caminho,
Num delírio de morte, a minha sombra vaga
Esta paixão não basta!
Paira em minha alma a sombra de um desejo
Estranho e infinito...
E a conquista imortal do teu divino beijo
Abrasa os olhos meus!

O que me incendeia, como um ser proscrito,
O coração,
[...]

Porque Féres opta por esse amor que martiriza em vez de trazer felicidade. A separação dos amantes é o verdadeiro tema do poema. Em nome da paixão e do amor pelo próprio amor para exaltá-lo e transfigurá-lo em detrimento de sua

felicidade e da própria vida. O sentido secreto e inquietante do mito, segundo Rougemont, é a vertigem, o “tormento”. É o amor pelo amor. O que amam é o amor, é o próprio fato de amar. Neste momento gostaria de abrir um parêntese para fazer um comentário de quando essa forma de amor se aproxima dos versos sufis tanto de poetas árabes como de místicos, como São João da Cruz e Santa Tereza D’Ávila, e do tema de seus cantos, nisso se aproximam de algo místico que transcende o real compreensível.

O sentido real da paixão é assustador e inconfessável ao ponto que os que vivem não podem tomar consciência de seu objetivo, e os que pretendem descrevê-la em sua espantosa vivência tem de recorrer à linguagem enganadora dos símbolos. (ROUGEMONT, 2003, p. 64).

A paixão remete ao sofrimento e a preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável. Amar o amor mais do que o objeto do amor, a paixão por si mesmo. Amor-paixão, desejo daquilo que nos fere e nos aniquila pelo seu triunfo. O Amor cortês está presente em todos os momentos da poesia de Feres. Se olharmos os poemas aqui citados, principalmente os que se referem às obras “Sonhos mutilados” e “Do outro lado do sonho”, eles cumprem integralmente os requisitos que caracterizam o amor romântico e a criação de uma representação de mulher que segue esses requisitos, com raízes profundas no amor cavaleiresco do século XII.

Não podemos falar de amor nem de mulher sem mencionar o sentimento que move os discursos; Portanto, falar de Platão e do amor platônico tão presentes nesses versos é imprescindível. Platão ao falar de amor cria uma inevitável circularidade, “amor e fala, amor e discurso, amor e palavra estão intrínseca e definitivamente ligados. A palavra falada é viva e sonora, enquanto a escrita é uma imagem da primeira. Há, para Platão, cumplicidade entre logos e Eros”. (PESSANHA, 1987, p. 77). Os discursos amorosos retratam as várias faces de Eros

e os poetas ao falarem de suas mulheres, não deixam de falar de amor ou desamor. Em Platão o tema do amor vem de muito longe e se perde em tempos de remotíssima origem, jamais presenciamos seu começo. O que dele temos na verdade é a série descontínua de falas ou variações na qual encontramos sempre tardiamente seqüências fragmentadas de múltiplos e heterogêneos discursos e silêncios. Desse modo, o tema da mulher está entrelaçado ao tema do amor e provêm assim misturados desde tempos remotos.

O que obtemos ao resgatar seu passado são lembranças partidas, incompletas, ou seja, a memória surge entremeada de esquecimento. Na 27ª estrofe do poema “Desencanto” (Sonhos mutilados, p. 6) Féres se refere à mulher numa relação arrebatadora e também frustrante.

Oh! A última palavra, nos resabios
DE sua morte, - murmurou meu nome.
Nas noites do sofrer que me consome,
Só o nome dela que me aflora aos lábios
E a dor de mágoa a morte condenou-me
Em “Externação” (p. 8), primeira e segunda estrofes.

É tarde minha amiga!
Eu quero amar e não consigo mais.
O meu amor morreu.
Na incerteza de todos os caminhos...
Ela surgiu-me na manhã dos sonhos.
Paz na minha alma, o leito dos espinhos
E a tristeza de todos os tristonhos...

O processo de observar realizado através da literatura, privilegiando dois poetas filhos de imigrantes que atuam como “mediadores simbólicos” de uma realidade cultural, tanto individual, subjetiva, próprias da poesia, e trazendo na bagagem poética todo repertório cultural e social do mundo a que pertencem ou que contestam, nos abrem para um universo que não só vem embutido nas representações, signos e alegorias poéticas, mas também em temas e conceitos que elucidam essa realidade e apontam caminhos ideológicos perseguidos.

Há uma conclusão a que chegamos, e que pelas indicações poéticas no que se refere a gênero nos levam a crer que, quando se trata de mulher, há um retorno ao lar onde quer que pensemos ser o nosso lar. Porém, arriscamos dizer que essas duas grandes figuras da literatura árabe-brasileira contemporânea também habitaram muitas casas e transpassaram fronteiras reais e imaginárias.

Ao tentarmos comunicar a liberdade e independência com que Jamil lida em seus poemas com os atributos femininos inclusive a “sedução” trazendo muito enfaticamente na performance feminina, no gestual, na nudez, na desenvoltura da dança, a sua pedagogia poética que expressa a sensualidade e a corporalidade da mulher. Vê esses atributos como positivos nunca recriminando ou julgando de uma forma pejorativa ou paralisante. Percebe nesses atributos uma função própria de uma natureza de mulher ou da mulher e esses atributos são incentivados com um olhar de compreensão de um todo que existe e deve ser percebido e esses dotes femininos não são por ele recriminados ou estereotipados como algo reprovável como podemos ver largamente na literatura árabe tradicional onde o tema representa inclusive um tabu arraigado à cultura islâmica que é primordialmente iconoclasta portanto jamais permitiria tais descrições do feminino tanto pela via da imagem como pela via moral. Nesse momento podemos mostrar um ponto de distanciamento do poeta em relação à literatura contemporânea do mundo islâmico e uma aproximação com o ocidente brasileiro, com os poetas pré-islâmicos ou como sufismo dionisíaco quem sabe? Esse enfoque da mulher polarizada em “mulher do lar” e “mulher da noite” (Bouthiba) tão presente na literatura e na cultura islâmica bipartindo e estigmatizando uma eventual “natureza” da mulher foi largamente criticado por El-Saadawi (2002). O que queremos dizer definitivamente é que nos poemas de Jamil não há uma separação moral há um todo Mulher que perpassa

tanto poemas como “Sóror Celeste” e “Dança da mulher nua” ou outras imagens de mulher por ele criadas ou evocadas nos dizendo que a conotação de bom e belo ou o contrário disso está mais no olhar de quem vê do que no objeto olhado, ou seja, quem olha é que forma a imagem de acordo com a sua bagagem cultural mas sobretudo com a liberdade interior que o processo de criação suscita. As imagens apologéticas dos atributos femininos são uma nítida evocação da beleza feminina num todo indivisível mas, de acordo com o poeta há um “perigo de naufragar” . Que naufrágio seria esse? no livro “Orações Vermelhas”, aborda em vários de seus poemas, “Bailarina”, “Dança dos sete véus”, “Dança da mulher nua” e nos inúmeros versos de “A lua do remorso” e o “ Poema do sangue, ” publicado no prefácio do livro Civilização árabe, e que aqui citamos parte deles essas imagens apologéticas das formas femininas que apontam um “perigo de naufragar”.amante”.

BAILARINA

I

Mavioso e lírico
glorificando o ritmo, ouça-se o panegírico!

A minha inspiração agora
é como se reverdecesse em loiro,
para poder te engrinaldar a fronte
que assim fica sagrada
como a fronte de um deus.

Meu verso tece uma grinalda
para o esplendor e a glorificação.

Jorram meus versos
como a luz a jorrar de uma pedra ferida.
Meu verso tecendo uma grinalda
que em vez de ser de rosa é de centelha.

A dançarina é irmã do poeta.
Os dois iguais no milagre do ritmo,
na maravilha da inspiração,
na gênese genial do pensamento.

E em louvor ao teu movimento,
mavioso e lírico,
ouça-se o panegírico.
Em glória a poesia de tua dança,
ouça-se a dança de minha poesia!

A DANÇA DA MULHER NUA

I

Eu dançarei!

Quando eu prometo, vejo que as pálpebras caem sobre os olhos como duas asas fatigadas de vôo.

Mas abri-os, abri!

Logo mais eu serei só nudez e vereis como dentro da realidade há mais sonho que dentro do próprio sonho.

E quando a dança findar,
vós fechareis os olhos para continuar a ver.

(...)

e perdida, como na dança homicida, doendo, Salomé dançara.

...

A DANÇA DOS SETE VÉUS

Será vermelha e virgem, violeta e viva
a canção lasciva.

Minha dança terá a pureza das águas transparentes, a inocência das crianças.

Meu corpo é alvo como as luas alvas; é fino e aéreo como as franjas.

Imaginal a pompa que seria a dança de um sol, o bailado centelhante de
[uma constelação!

Imaginal a glória que seria

um turbilhão odorosíssimo de pétalas,

rodando no espaço

em espirais coloridas,

em volutas luminosas,

em ascensões aromais,

Imaginal o que seria de uma dança das flores;

o que seria uma pavana dos perfumes;

o que seria de um minueto das neblinas,

uma farândula volátil das espumas;

um corrupio luminoso das estrelas!

E adivinhareis então a minha dança.

Nela todas as luzes e levezas dançarão.

Na minha carne de romance a minha dança é de poesia.

A minha dança será a mais fulgurante.

Ela será cheia de todos os brilhos da terra e de todos os fogos dos céus.

É a dança dos sete véus. (...)

Na dança dos sete véus é o poeta que dança, pois toma o lugar da bailarina. Identifica-se com essa dança, transforma-a em dança transcendental, em seu ritual místico semelhante a um dervixe que, em êxtase e ascensão, despe-se de seus corpos (véus), que no caso são sete assim como sete são os chacras ou centros de energia mística que podem estar representados pelos véus. A dança deixa de ser uma dança sensual e toma características de êxtase espiritual. Já comentamos esse

duplo sentido que um poema pode conter na mística sufi, e que é muito tênue a passagem do amor profano ao amor sagrado, em algumas das representações da poesia sufi.

Em “Lua do Remorso”, p. 89, o poema “Balada do Sexo de Eleonora”, primeira estrofe, evidencia, ainda que de forma sutil, o naufrágio evidente do homem diante dos atributos eróticos femininos. Algumas ousadias na criação de imagens poéticas lhe renderam da crítica e de intelectuais de seu tempo à denominação de imoral e pornográfico, como atesta o jornal O Estado de São Paulo de 05 de maio de 1988 por ocasião de seu falecimento. Poemas que nos dias de hoje passam longe dessa conotação, mas na década de 30-40 foram polêmicos.

Balada do sexo de Eleonora (p.89)

O sexo é nave,
Errando à toa,
Onde navego?
À popa?À proa?
Virgem sem mágoa,
não sou da nave,
eu sou da água!
No imenso lago,
só tu navegas,
só eu naufrago!

Canção do Zíper (Lua do remorso, p.87)

Ele percorre-te o corpo,
E é arroio de prata,
Punhal de prata,
Clarão,
Lâminas sucessivas de mica.

Ele se vai encolhendo como cobra retrátil,
E surge para a luz plena do dia,
A funesta harmonia
Ou então o alvor gongórico
De teu corpo metafórico.

A serpente de alumínio retrai-se
E é então madrugada e crepúsculo,
(...)
E os silêncios coroados de silêncios
À maneira das ondulações sucessivas e concêntricas.

Em Haddad, o erotismo, a volúpia, e a descrição do desnudamento feminino pela via de um objeto tão corriqueiro, afinal um zíper é poeticamente elaborado para criar o clima da revelação corporal feminina, um mistério liricamente descrito como se o desnudar-se¹⁹ fosse pensado nesse ato pela primeira vez. “Decodificar um poema é recodificá-lo novamente”. (BARTHES, 1972). Em 1937, com Orações Negras, conseguiu o reconhecimento de todos, ganhando um premio da Academia Brasileira de Letras.

Um Novo enfoque de Mulher do poeta

Ao Líbano Amada Enferma (Orações Roxas, p. 90)

(...) O Líbano terá ternuras para a tua desdita como se corações maternos palpitassem e sofressem no âmago da terra (...)

... As sombras ternas do Líbano descerão sobre ti como um unguento sobre feridas...

As sombras ternas do Líbano cicatrizarão as cavernas que a doença ilacrimável abriu no teu peito dolente.

Amada enferma ! Amada enferma!

Oh, o chilrear melódico dos rouxinóis e cotovias, cantando entre álamos, plátanos e cedros!

(...) A sua luz pousará como um beijo de amor infinito na tua fronte suada e cansada.

Laura, Cordélia, Flora, Evangelina ...(Orações Roxas, p.97)

No terraço do sanatório estão quatro meninas,
Laura, Cordélia, Flora, Evangelina...

Uma delas é esquelética e pálida
como as santas dolorosas que, nos eremitérios, vão definhando
[penosamente, tão rudes são as mortificações e os cilícios,
Há na outra o silêncio pesado das furnas e dos cemitérios,
outra delas é esbelta e hirta como os círios lívidos...

As quatro meninas, tão áspera é sua tosse, são dolorosas, são aflitas...
Talvez as quatro infelizes não passem desta noite ainda...

(...)

Pobre menina!

Onde está agora o teu namorado?

¹⁹ Enfatiza-se em Haddad uma característica ousada para seu tempo, na questão da revelação da sexualidade feminina como o fez em “ Alkamar a minha amante” , primeira publicação poética do autor no ano de 1935-1937aproximadamente.

Senhor,
Eu tenho vontade de mentir a estas meninas

Não deixarás nunca de consola-las no transe triste:
Dirás à ave presa: Não há mais bosques lá fora...
Dirás à ave nostálgica de céu: Além o céu não mais existe...

Essas mulheres expressam imagens do pensamento do poeta quando atuava como médico em hospitais e sanatórios na região de São Paulo nas décadas de 1940 e 50, quando combateu de forma intensa a tuberculose, também chamada peste branca. As imagens que traz para a poesia são líricas e realistas num mesmo tempo, o desvelo e o cuidado que manifesta pelas mulheres são quase maternos. Ele as vê todas como “meninas”, portanto, imaculadas. Era um tempo em que se morria facilmente de tuberculose e as imagens do sanatório que traz atestam isso. Outras poesias do autor reunidas no livro *Poemas*, publicado em 1944, falam da doença que matava de uma forma galopante²⁰. As poesias não vieram com data, por isso fica difícil precisar quando elas foram escritas, apenas, estão reunidas num livro denominado *Orações Roxas*, que pela cor já anunciam que serão dolorosas, pois o roxo na liturgia cristã pré-anuncia o sofrimento e a mortalha. *Orações Roxas* é a primeira parte do livro *Poemas*, v. III. Pode-se dizer que essa primeira parte do livro traz todas as mulheres enfermas que ele pôde tratar.

Esses versos salteados do poema traduzem ao nosso entender um momento em que a sua impotência como médico diante do sofrimento e da morte é fatal. Tudo o que ele tem a oferecer a sua amada (paciente) é o que tem de mais precioso, a miraculosa terra de origem, a terra maternal a única a curar todas as feridas, a única que contém os ungüentos, todos os remédios. Ele e “a amada enferma” se fundem nos versos do poema e pode-se dizer que são uma só pessoa.

²⁰ Um dos locais que Almansur, trabalhou no combate a tuberculose foi o hospital Jordanense Vila Abernêssia, citado inclusive em um de seus poemas da década de 1940(?). (BERTOLLI FILHO, 2000).

Pergunta-se o quanto um poeta nascido no Brasil e que viveu praticamente aqui por toda uma existência pode sentir tanto dentro de suas veias o lugar ancestral? Alguns poemas mais sociais ou de cunho humanista de Haddad, como em “Orações Roxas”, apontam realidades femininas concretas, isto é, mulheres reais como: Renata, a mulher que tenta o suicídio, Rosmarina e também Romilda, a que padece de grave doença. Temos ainda poemas como “A aparição da noiva”, “Pureza”, “Sóror Celeste”, (e aí aparece uma imagem conventual da mulher), “A amada Roxa”, e em muitos outros poemas, principalmente em “A lua do remorso”. O seu lirismo novamente dá à mulher uma dimensão sublimada e a sua reverência diante da imagem feminina sempre recriada é comovente e de grande beleza.

É certo que é uma visão poética, mas tem raízes expressas num determinado modo de pensar, uma cultura e também provoca um discurso “pedagógico” formador como observamos na teoria de Badinter, sobre as construções de gênero. Os pronunciamentos e comportamentos do homem da modernidade se distanciam a passos largos e velozes das concepções românticas e dos mitos idealizados no passado. Para Badinter, na década de 1960, o devotamento absoluto, o confinamento conveniente da mulher mãe no lar, a serviço dos filhos e do marido está chegando ao fim. É grande o aumento das mulheres no mercado de trabalho a partir dessa década e a convergência da mulher para outras leituras que não a poesia, essa leitura que foi tão própria das mulheres “cultas” ao largo da história. É gradativamente confirmada a necessidade de realização da mulher de forma mais ampla em diferentes funções na sociedade. As mulheres não consideram mais o lar seu único reino natural, a realização profissional passa a ser um objetivo a alcançar acima dos mitos do amor romântico ou da maternidade, tão presentes nos discursos passados.

No mundo árabe, dada às diferenças culturais e religiosas, as transformações são mais lentas, mas é impossível fugir do mundo globalizado. O patriarcalismo acentuado e as influências poderosas do islamismo retardam a emancipação feminina. A visão da mulher como um ser destinado ao mundo de “dentro”, o lar, em contra partida a posição do homem criado para o mundo de “fora”, a vida pública, (MATTA, 1991) é acentuado e se reflete nos costumes da comunidade de imigrantes que se desenvolve no seio da colônia. O imigrante tem como referência os seus lugares de origem e, de certa forma, lutam para manter sua identidade e seus costumes tradicionais. Muitas vezes se apresentam mais radicais nos costumes quando emigrados do que se apresentam os costumes no país natal, porque eles mantêm na memória suas lembranças e raízes com as imagens primeiras e cristalizadas da terra de origem, nas quais se apegam fortemente fazendo uma grande resistência a qualquer modificação.

Na obra do poeta Assis Feres, suas construções delineiam nitidamente a mãe, vista de forma mítica e a mulher musa, fruto do amor romântico e cavaleiresco expressa claramente no poema “A mensagem do destino” do livro Alma enclausurada da edição de 1942 (apresentada também nas últimas páginas do primeiro canto de “O mascate” p. 113, 114, 115, 116).

O MASCATE (1º canto)

Mensagem do destino

Onde estará a pobre alma
Que vaga num idêntico tormento,
Sem que meu corpo pertencesse a ela
E que ainda a contemplo com a paixão de outrora?

Quero cantá-la isento sem palavras,
Quero chorá-la até morrer de pranto!
Onde estará a celestial amada
Do meu primeiro coração na terra,
A quem pertence o meu ser de sempre?

Essa única palavra de seus lábios
Mudaria, de tudo, o meu destino!

Onde estará aquela voz de encanto,
Que ouvi de novo, um dia, vacilante,
Vinte anos depois, ao reconhecê-la?

Desde esses golpes do fatal sem nome,
Que flagelam os troncos derribando
O meu nocturno espírito sem tréguas,
E por entre o opaco das legiões perdidas,
Ainda eu a evoco com adoração eterna!

Onde estará aquela face acesa,
Que me tornou um mártir do silêncio,
Nesse poço de erros de amargura,
E que só por ela hei de morrer distante?

Seu nome será a última pronúncia
Dos meus lábios na sede do infinito.
(...)

Lendo uma publicação mais recente do poeta na revista *Laiazul*, expressiva publicação que circulou na colônia árabe em meados do século XX, encontramos a seguinte escritura dedicada a sua esposa Olga:

(A UMA SENHORA CUJO NOME SE CHAMA OLGA)

Vinte e nove anos numa luta santa
Ia a seu lado invacilável pura:
Veze sem número, aos vândalos da planta,
Salvava o esposo do exílio com ternura;

Ela, agora, pela vez primeira,
Decai, a seu lado, e tente reerguê-la:
Procura, em todos a força presenteira
E as encontra apenas num olhar à Estrela;

Esse astro do azul vendo no brilho
De seu olhar a nuvens de tristeza,
Lhe diz: "Está salva, queda-te tranqüilo,
A dama do mundo de imortal realeza. (publicado na revista *Laiazul* de janeiro a março de 1974)

Apesar da linguagem obscura do poema, percebem-se os valores sublimes atribuídos à esposa na eminência de perdê-la acometida de uma doença não revelada no poema nos moldes do amor cavalheiresco, Féres coloca a esposa beirando alturas transcendentais atingidas somente por um ser que igualmente paira nas alturas. Ainda que a esposa preencha os seus mais nobres requisitos a ela atribuídos, vê-se nitidamente o amor idealizado que paira acima do amor humano e que é bem característico do poeta místico e de uma visão de mundo própria deste.

Apesar de o movimento modernista brasileiro influenciar o poeta árabe na poesia árabe produzida no Brasil, Assis Feres se expressa a favor de referências mais hermetismo.

O próprio tema e título do poema “O mascate” já anunciam a forte influência da emigração na obra e no pensamento do poeta. Para Truzzi (2000), a profissão de mascate é produto e meio de vida do árabe em solo estrangeiro, pois no país de origem, esses sírios e libaneses em sua grande maioria exerciam o ofício de agricultores, e artesãos, viviam em aldeias e estavam ligados à terra muito mais que ao comércio. Essa última atribuição vinculava-se mais a judeus, armênios e gregos. Daí entende-se o mascatear como um ofício gerado pelas circunstâncias vividas em solo estrangeiro. O desejo de enriquecer rapidamente, formar um pecúlio e voltar à terra natal certamente foi um impulso para essa escolha que prometia ganhos mais imediatos. No épico “O mascate” há uma exaltação dessa figura, desse pioneiro que de certa forma desbrava o solo brasileiro, movimenta suas viagens de “negócios” em todas as direções, de uma maneira a redescobrir as belezas e riquezas aqui contidas e descobertas por Jorge Rouco, o mascate e personagem central da obra. Além do conteúdo histórico - sociológico que a obra carrega percebe-se com toda nitidez o gênero profético, a temática mística e a hierografia onde muitos de seus significados” possibilitarão uma apreensão apenas direta, do texto, num ambiente de empatia e reverência”. “O Mascate é precedido por uma *Dedicatória* do autor a seu personagem (Jorge Rouco, herói, mártir e santo) em que poeta - personagem e poesia encontram-se num mesmo destino de aprisionamento e possibilidade de libertação”. (FERES, 2003-2004). Segue trechos da *Dedicatória* mencionada:

Com o passado morto e o futuro inerte, o canto permanece eternamente novo (...) tu eras o esperado destas selvas e eu sou o poeta fatal do teu destino; (...) o teu nome continuará calado; e permanecerá talvez em caixas de silêncio, até que a morte venha a arrebatá-lo, para sempre, a estes mitos do artificialismo (...) teu signo de fundador de cidades (...) é a efígie do teu

ser de archote aceso sobre as pedras do tempo; (...) o nome do teu poeta atravessa, também, o sono dos ausentes, nessa mesma atitude em que te encontro para a restauração do teu lençol de luta; porque um cantor de sítios reservados, como este, é um Cristo perfeito (...) e se for verdade que um desses que foram calcificados, é reconhecido por sua atuação que beneficia a todos, prejudicando unicamente a si, fácil será de ver, então neste cantor dos mantos que te envolvem, esse signo da nave que mantém algum arauto a um roble eterno (...)²¹.

Acrescenta-se às observações da pesquisadora (FÉRES, 2003-2004) que no Poema corre em linha paralela a saga histórica de o mascate, um processo alquímico onde poeta, poesia e personagem sofrem uma espécie de depuração: "massicote" é o nome do óxido natural de chumbo, o que nos remete a "mascate" palavra que na epopéia do mesmo nome, configura o modo de ser do protagonista e seu cantor. O "chumbo" denomina os caracteres da imprensa, a letra impressa, além de, segundo a Alquimia, poder ser convertido em ouro, por meio de certas operações. Um dos processos da alquimia na Idade Média era chamado *Arte Real* (...) A partir da concepção de uma queda dos seres humanos da natureza, a Suprema Grande Obra (Obra mística, Caminho do Absoluto, Obra do Pássaro Fênix) era a reintegração do homem na sua dignidade original primeva (a *Primavera*, o *Primo Móbile*, *Um Verso do Universo*). Encontrar a pedra filosofal é descobrir o Absoluto, é possuir o conhecimento perfeito (gnose). Este caminho devia conduzir a uma vida mística, quando extirpadas as raízes do pecado, o homem tornar-se-ia generoso, doce, piedoso, crente e temente a Deus. (Chevalier et Gheerbrant, 1982 apud FÉRES, 2003-2004,). Lembre-se, ainda, o chumbo como metal ligado a Saturno, astro do pensamento e da melancolia.

Opázia Chaim Féres, pesquisadora do poema, e, filha do autor, enfatiza que na obra "O Mascate" questões metafísicas e espirituais mostram suas afinidades com o pensamento teológico cristão, e o denomina em um artigo, baseado em sua tese de doutorado, como poeta teólogo*, acrescenta que em o "O Mascate, o Cristo,

²¹ Observe-se que escrever é um imperativo que pesa sobre as mãos do poeta. (FERES, 2003-2004)

e a Palavra, ou simplesmente, o verbo que é Cristo, como o centro em torno do qual, se desenvolve um repetido renascimento do Universo,” São a resultante, significativa, a partir da somatória ou superposição de Poesia, Poeta e seu Personagem. Não há dúvida de que a decifração, o entendimento possível de tal poema, remete a um estudo exaustivamente profundo dado sua característica hermética (linguagem obscura). Segue um trecho do poema que atesta fundamentos da “vera escatologia”.(*Dedicatória* e poema mantém estreita relação)

O Absoluto²²

Quando o aço nas minas esquecidas vier desde a asa
Dos cisnes;
Quando as arcas dessa nave arrojem
O trigo impenetrável;
Quando os dedos logrem com destreza
A separação desses carbonos;
Quando os ventos amontoem esse pilar de *chumbo*
Sobre as montanhas;
(...)
Poderão descerrar as pálpebras dos mortos
E acender essa lâmpada,
Tão perto (...)

Em Os Deuses morrem ausentes (1951)

O poema *Meu Guia* reforça a aproximação entre o Cristo e o Poeta, ou melhor, sugere um Cristo-Poeta que, através dos tempos, iria apurando a sua Poesia. .Tratar-se-ia, portanto, da mesma palavra de sempre:” Outros te hão dado um nome diferente, estranho/ Porém tu eras um poeta como eu;/ E se tudo é mutável na morfologia;/ Se os homens crescem até chegar/ A um estado menor/ Que o dos meninos;/ E se tudo é mutável na morfologia dos astros,/ Porque não haverás de cambiar/ Estes poemas teus,/ Limá-los sempre /Através do tempo,/Até que encontrem tua forma mais perfeita?! (FÉRES, 1951, p.120). Atente-se para a identificação entre Poeta e Poesia e Personagem que se infere do possessivo do último verso. Coincidentemente ou não, Cristo aparece em triunfo no “oitavo “ verso da Divina Comédia. E em Sto Agostinho, o oitavo dia marcaria a vida dos justos e a condenação dos ímpios (Chevalier et Gheerbrant, 1982, p.512 apud FÉRES, 2003-2004, p.147). Podemos interpretar também a expressão “Limá-los sempre ” até que

²² Apêndice ao primeiro canto de O Mascate

cheguem a Palavra Perfeita , o (*Verbo* Perfeito) que é Cristo e é também o Silêncio no Absoluto...

Encerramos esse capítulo para dar passagem a uma interpretação sobre mulheres na literatura árabe e árabe-brasileira apontando alguns autores selecionados para esse fim. Não sem antes comentar alguns versos sobre a “Ilha dos Muardos” in o Mascate, II, 1228-1332 (se é que entendi a divisão, diz Opázia). Lá pelas tantas no trecho, há uma recordação enigmática...sobre as mulheres e o perfume.

Onde está a excelsa Ramza,
E onde está sua meiga Zane?
Lamia'ah e a grande Moufide,
E Óbaida e Futin no tempo?
(...)
Estão, ali, todas, presentes,
Não mortas, nem extinguidas;
Vivem a esses outros cantos
Do silêncio, e escindidas;
E, às brisas deste levante,
Ei-las que perfumam o orvalho
E dão-lhe a cor sempiterna
Do róseo véu do noivado? (II, 1264-1292)

Nesses versos vemos uma aproximação mirabolante ou não, com o filme *Perfume: a história de um assassino*, filme de Tom Tykwer da atualidade, mas que se passa no século XVIII, na França. Delírio, ou não, o filme é a revelação de uma verdade dos mundos, pelas vias do odor: é algo como “Eros e Psique” na sala dos odores... Perfumes.



CAPÍTULO 3

A MULHER NA LITERATURA ÁRABE E ÁRABE-BRASILEIRA

3.1 A Literatura das areias e as heroínas árabes ou os significados da Mulher na Literatura Árabe

O mito Sherazade, que atravessa os tempos e os continentes com a obra “Mil e uma noites”, leva uma idealização de mulher excepcional, inteligente, astuta, com valores elevados, encantos indiscutíveis, salva sua irmã da morte e casa-se com o rei Sharyar que tinha por objetivo matá-la, mas, que por ela se apaixona e com ela se casa. Sherazade é responsável pelo desenrolar das mais belas histórias contadas através do mundo e que rendem ao povo árabe o título dos maiores contadores de história, seja mito ou realidade, Sherazade lhes assegurou o mérito. Entretanto, segundo El-Saadawi (2002) a imagem que se tem da mulher por meio dos escritores e poetas árabes, não só nos tempos mais antigos, mas também na literatura contemporânea, não difere a não ser em detalhes em relação ao Ocidente. Bem a exceção do mito de Sherazade, uma referência e uma idealização no repertório das mulheres árabes e que representa uma superação da possível condição de impotência ou inferiorização do feminino, El-Saadawi (2002) nos diz que essa disputa entre homem e mulher vista na literatura começou com o sistema patriarcal - seja no contexto industrial, agrícola, capitalista, feudal, cristão ou muçulmano - as diferenças segundo a autora são superficiais, essa luta se perpetua através dos séculos até hoje.

Segundo a escritora egípcia e feminista Nawal El-Saadawi, os escritores árabes tem copiado a categorização da mulher institucionalizada pelo sistema patriarcal e neste sistema só existem duas categorias de mulheres: as mães puras, sagradas, frígidas, castas e respeitáveis esposas ou outra categoria onde se agrupam as mulheres manchadas, a amante, mulheres fogosas, sedutoras, apaixonadas, mas desprezadas. Essa distinção tão estigmatizada é a crítica mais enfática da escritora em relação à imagem da mulher difundida e estereotipada na literatura árabe.

O sagrado respeito com que os homens árabes envolvem suas mães aparece claramente em canções, poemas, novelas e na cultura. Para a grande maioria das heroínas da literatura oriental a esperança de vida é legitimar sua existência pelo casamento. Depois do casamento preocupa-se com a arte de segurar o marido, pois a filha é treinada pela mãe para esse fim. Nem Sherazade escapa deste destino.

A seguir a poesia dos dez conselhos que certa beduína deu à filha na noite de núpcias.

OS CONSELHOS DA BEDUÍNA

Ó filhinha: estás para te separar do ambiente em que te criaste
E prestes a trocar o ninho em que engatinhaste
Por uma casa e um companheiro, para ti desconhecidos.
Leva de minha parte estes dez conselhos, para ti, um tesouro:
1) Acompanha-o docemente (com sobriedade).
2) Convive com ele em suave obediência e respeito.
3) Esteja atenta ao lugar onde pousa em ti, o olho de teu marido: que não encontre em ti feiúra.
4-5) Não descuides da hora das refeições e não perturbes com estrépito o seu sono, pois, certamente, a força da fome é como o fogo e perturbar o sono, algo odioso.
6-7) Evita ostentar alegria, quando ele estiver triste, e mostrar-te aborrecida, quando ele estiver alegre. Isso contrariaria o primeiro de meus conselhos e angustiá-lo-ias com tua tristeza.
8) Sê, entre todas as pessoas, a que mais o respeita e, assim, ele será o primeiro a honrar-te.
9) Não alcançarás o que gostas se não antepões à satisfação dele à tua, e a paixão dele à tua.
10) O mesmo farás para as coisas de que não gostas.
(In: HELMI, Nashr)

Acredito que não há muito a comentar sobre esses versos, pois a sua linguagem clara e contundente de nota uma preparação para a vida em comum entre um homem e uma mulher na cultura oriental. O papel da mulher é marcado e explicitamente definido na instituição do casamento. E as palavras da beduína, não deixam de ser, sábias palavras, proferidas, afinal, por uma mulher “simples” do deserto.

Aos fortes desígnios do casamento e em contrapartida a essa imagem, de mulher beduína, e da glorificada Sherazade, existe na literatura tradicional árabe, expressa fortemente nas “Mil e uma noites”, uma outra imagem da mulher bem oposta às nobres virtudes da heroína, isso acaba dando motivo para o desenrolar dessas histórias trata-se da mulher infiel. A mulher infiel do rei Sahriyar, que por conta da sua traição e da investigação do rei sobre a natureza das mulheres, faz com que ele acredite nessa natureza infiel e que ninguém pode detê-las nesse ímpeto de trair e, por conta disso, realiza sua vingança num processo de sucessivas execuções contra suas esposas. Essa última imagem do feminino acompanha par e passo a literatura do mundo levantino. Como diz El-Saadawi, (2002) existem escritores que produzem um trabalho quase que sistemático de construção deturpada do feminino e a ela apontam todo tipo de debilidades. Isso propicia um estado de vigilância, desconfiança, domínio, autoridade patriarcalista por parte dos homens e servidão por parte das mulheres. Esse estado de coisas é muito presente em vários segmentos do discurso literário atual e da cultura árabe tradicional. Entende-se por tradição, o que se transmite de crenças e costumes como um fio entre as gerações.

De acordo com Hobsbawm e Ranger (1997), há uma distinção entre tradição e costume. Sendo tradição entendida como a que serve para dar coesão social, para referendar a autoridade e para socializar (sacralizar o que se supõe que se deve

fazer, e o que não se deve fazer segundo um juízo de valor; o que se deve fazer sobre o que é correto e o que não é correto). São três os tipos de tradição que operam em uma sociedade: primeiro, a tradição dominante é a que se estabelece ou simboliza a coesão social dos membros e grupos das comunidades sejam reais ou inventadas. Em foco geralmente falam das comunidades irreais; segundo as tradições que estabelecem ou legitimam instituições status, ou relação de autoridade. As que estão dirigidas a estabelecer o poder como coisa natural; terceiro as tradições que tem como principal propósito a socialização, o dizer, a inculcação de sistemas de valores, crenças e convenções de comportamento. Inventam-se tradições quando as velhas formas estão mortas, se ainda estão vivas, não há necessidade de inventá-las.

Considerando as informações sobre a invenção das tradições trazidas por Hobsbawm e Ranger (1997), reconhecemos que é difícil precisar ou falar com segurança sobre aquilo que comentamos ser parte da milenar cultura árabe submersa nesse tão amplo, variado e remoto mundo. Difícil identificar, mesmo dentro do mundo árabe considerado em relação ao ocidente “conservador” e “tradicional” onde as mudanças são lentas e as crenças e costumes são preservadas às vezes até o “limite do impossível”, as novas estratégias de resgate do que foram as tradições e também do que seriam as tradições inventadas com fins de restaurar e educar os árabes, homens e mulheres, dentro de um padrão cultural identificado com suas origens mais antigas, além de tradições inventadas para um processo pedagógico, educativo e de identidade do povo e descendentes no sentido do reflorescimento de um passado e de uma história que propiciassem uma nova perspectiva de futuro.

El-Saadawi (2002) aponta ainda dois insertos que se destacam pela evocação da imagem debilitada ou “deturpada” da mulher, são eles: Teufik El Hakim e Abbas Mahamound El Akkad.

As mulheres se refugiam em sua passividade e retraimento, pois a natureza fez delas uma presa conquistada pelos homens mais poderosos e competitivos. A mulher deve esperar até que o mais digno dos homens consiga alcançá-la e então ela dará sinais de correspondência, resposta que será ambígua, pois é composta de duas forças contraditórias mais iguais. De um lado sua liberdade de escolha e, de outro, a lógica da situação que lhe é imposta e a qual ela nada tem a dizer. Uma perfeita ilustração disso é o comportamento das galinhas que pacientemente esperam pela luta entre os galos ou anseiam pelo desejo do macho sem parecer querer resistir-lhe realmente. (EL AKKAD apud EL-SADAAWI, 2002, p. 224)

Crelo que aqui cabe um sugestivo relato da brilhante pesquisadora e psicanalista húngara Clarissa Pinkola Estés com duas lendas afro-americanas apropriadas a referente situação: São elas a lenda de Manawee e a lenda da Mulher bisão branco na obra da escritora intitulada “Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”. (ANEXO 1).

El-Akkad, um dos mais renomados escritores árabe-egípcio, nasceu em Aswan, em 1889 e morreu em 1964, no Cairo. Era um dos escritores egípcios mais famosos. Escreveu mais de 100 livros sobre a filosofia, religião e poesia. Fundou uma escola de poesia que chamou Al-Diwan. (EL-AKKAD, 2007). Seus trabalhos mais importantes eram al-'Abkariat, deus, e Sarah. Muitos de seus livros foram traduzidos para o inglês. Akkad foi conhecido pelo uso da prosa florida e complicada. É considerado por Sadaawi um oponente das mulheres e o extrato citado de um de seus discursos afirma a maneira pejorativa como as avalia.

A mulher fraca e submissa é contraposta à mulher positiva e forte, capaz e inteligente que, muitas vezes, também é violentamente criticada, pois representa uma ameaça ao mundo masculino da dominação. O homem tem medo deste tipo de mulher e expressa isso em seus discursos. El-Saadawi (2002) pondera dizendo que a literatura árabe está repleta de personagens femininos cheios de astúcia e que representam um perigo mortal, são descritas como peritas nas artes da manipulação e nas artes de sedução.

“As Mil e uma noites” pulsam com centenas dessas envolventes criaturas que usam sedução, magia e até bruxaria para conquistar seus amantes. Sortilégio, bruxaria, drogas, anestésicos, conspirações, tudo justifica a realização dos seus desejos e sua infidelidade. Assim, esse livro oferece uma imagem de mulher bem diferente de sua narradora. As suas histórias, desde a história do sultão Mahmoud, administrador das ilhas negras no começo do primeiro volume, até a história de Kumar El Zamaria e sua amante no quarto volume, correlacionam mulher, sexo, falsidade, astúcia e conspiração. A mulher aparece em sua melhor forma em “Mil e uma noites” quando é apresentada como gênio ou espírito. Os homens geralmente caem vítima de sua beleza e fascinação e se submetem às torturas para obter seus favores. O espírito ou gênio da mulher ocupa um lugar de destaque nessas lendas que mostram que o poder e a força das mulheres permaneceram como idéia e sentimentos arraigados na mentalidade e nas emoções do povo árabe.

Tal força e poder continuaram a estar ligados com poderes sobrenaturais dos espíritos, demônios, feitiçaria, fitna e sexo. Entretanto a mulher na literatura árabe moderna não tomou a forma de substância desses espíritos, descartou a forma, mas conservou a substância. (EL-SAADAWI, 2002, p. 231).

Ela é categórica ao afirmar na literatura árabe muçulmana a mulher mudou apenas exteriormente, pois se insiste na sua natureza enigmática ligada as artes da magia e da sedução e pertence mais ao mundo dos gênios e dos espíritos do que dos humanos.

No entanto, Shawahi e outras mulheres mencionadas nas lendas das “Mil e uma noites” como a própria Sherazade, de fato refletem uma representação positiva e forte da mulher árabe que também participava sem hesitação da política e da guerra, vestia armadura, cingia espada e lutava em campo de batalha. O próprio poeta Jamil Almansur Haddad, não hesitou em mencionar e evocar essas mulheres

guerreiras em seu poema “Aviso aos navegantes”, não unicamente como a mulher árabe, mas a européia e a latino-americana e outras que incorporam essas características. Demonstrou atribuir a elas um valor divinizado.

Para Hillman, as imagens são apenas aparências, ilusões do ego, construídas sem a consciência da sua real substância, donde concluímos no caso da Mulher-Espírito que confunde o homem desavisado que a toma pela sua aparência. “O amor pela alma é o amor pela minha alma e pela alma do outro, descobrir um é achar o outro.” (Hillman, 2007).

Rubedo (1995) pergunta: “ Quantas pessoas cabem em baixo de uma máscara? Quantas máscaras cabem em baixo de uma pessoa?”Máscara- persona – imagem* (buscar a origem da máscara, persona - personagem) são disfarces, são aparências que não expressam o real mas, tão somente o superficial o que é visível . O que nós vemos é a imagem do escondido.

Henry Corbin um dos maiores estudiosos do pensamento islâmico – os sufis: Ibn’Arabi e Avicena, usa o termo imaginal para expressar o lugar alam- al-mithal, o lugar onde as imagens aparecem e também as visões e as histórias simbólicas.

O livro “Mil e uma noites” ao qual nos referimos nesse estudo é um conjunto de histórias de tradição oral, tem várias versões e tradução em diversas línguas e tempos. É variável o conjunto das histórias que lhe dão corpo. A evidência material mais antiga do livro é um documento que data de 879 d.C.. No período de aproximadamente onze séculos aconteceram à formulação das histórias e a dispersão do livro. Contadores de histórias, copistas, editores e tradutores foram, no transcurso do espaço e do tempo, fazendo e desfazendo o livro, formando-o e modificando-o de acordo com as invenções e exigências de cada época.

Interessantes são os estudos que procuram entender como autores e tradutores ocidentais traduzem e modificam histórias das “Mil e uma noites”. A primeira tradução do livro para língua ocidental foi feita pelo francês Galland no século XVIII. (IEGÉLSKI, 2006, p. 25)

Existe um conjunto de histórias das “Mil e uma noites” que são muito famosas e pertencem a manuscritos árabes antigos, como as histórias de Aladin, Ali Babá entre outras. As maiores mudanças das histórias “originais do livro” existentes nos manuscritos árabes do chamado ramo sírio, continham 282 histórias. Foi somente no século XVIII que a obra passou a ter as “Mil e uma noites” do título, com as modificações no conjunto das histórias feitas no Egito, em que se convencionou chamar ramo egípcio tardio do livro. A grande mudança do livro pode ser a divisão das histórias em exatamente “Mil e uma noites”. Muitos estudiosos consideram que foi exatamente nessa divisão literal das histórias das “Mil e uma noites” que apareceu o livro, reduzindo algumas noites em curtas narrativas que ocupam somente dez linhas e, ao mesmo tempo, outras histórias ocupam páginas e páginas do livro.

Ainda sobre o ramo egípcio tardio do livro, lemos que

(...) As histórias acrescentadas ao livro por um anônimo escriba do Cairo não eram recentes, muitas delas, como a donzela Teodora do marinheiro Sindibád e do sábio Sindibád (as duas últimas são obras bem diferentes cujos protagonistas, por coincidências, tem o mesmo nome), são mais antigas do que as próprias “Mil e uma noites”. Não se trata, portanto, de histórias elaboradas para o livro, mas de histórias que circulam independentes e foram incorporadas ao livro. Já havia ocorrido o mesmo no ramo Sírio e egípcio, que incorporou, entre outros as histórias dos seis irmãos do barbeiro de Bagdá e Jullanár, a marítima da obra de Ahikavát, Al ajiba wa Alakhbár Algharíba. (narrativas, espantosas e crônicas assombrosas) do século VII ao XII d.C. (p. 26) (JAROUCHE, 2004, p. 3 apud IEGÉLSKI, 2006 p. 17).

De acordo com o estudioso e tradutor (JAROUCHE, 2004 apud IEGÉLSKI, 2006), “Mil e uma noites” não parte de uma “espontaneidade ou alegre caos impensado”, antes há uma notável ciência interna e é segundo o pesquisador um

“trabalho escrito por letrados”. Parte de uma escrita para uma apropriação oral e não o contrário. E segundo consta na história é uma fábula originária da Pérsia.

El-Saadawi (2002) continua a nos mostrar a enfática visão patriarcalista, distorcida, e um tanto pejorativa, arrastando conceitos antigos e lendários que favorecem mecanismos de dominação e sujeição aparecendo claramente nos discursos sobre a mulher na maioria dos autores árabes contemporâneos, dentre eles El Akkad, Zaki Mobarak, Taba Hussein, Naguib Mahfour, El Hakim. Atesta-se que a literatura árabe é tecida do começo ao fim de inúmeros exemplos dessas duas caracterizações de mulher: a mãe, símbolo de um amor grande e nobre, enquanto a fêmea simboliza um tipo degradado de amor. A mulher ideal das novelas árabes ainda é a angelical, obediente, sem nenhuma especial ambição ou altivez, pura, doce, gentil e sem maiores pretensões, essa é a mulher ideal, a mulher árabe é educada para maternalizar, mesmo solteira deve encarregar-se dos pais, se esses lhe faltam de um tio, sobrinho ou outro parente. A mulher audaz, forte, independente é considerada grosseira, vulgar e não tem uma representação positivada nos discursos literários tradicionais.

El-Saadawi (2002) nos dá um exemplo muito claro do que ocorre nos romances de Naguib Mahfouz, autor que nasceu no Cairo em 1911 e morreu em 2006, escritor conhecido em todo o mundo árabe, Nobel de Literatura no ano de 1988, produziu dezenas de livros entre eles, *Trilogia* (1957), *Pequena conversa no Nilo* (1966), *Miramar* (1967), *Os ladrões e os cães* (1961), *Outono Codorniz* (1962). Em “*Trilogia*”, a obra focada neste estudo, o papel da pura e virtuosa Amina e no pólo oposto, a prostituta Hania. A bela e tímida Aisha cujo oposto é a feia altiva e imprudente Khadiga. O romance também apresenta os dois tipos de amor: amor

romântico, em que a santidade e pureza são supremas, e as paixões pecaminosas encarnadas por meretrizes e mulheres degradadas.

Taha Hussein, escritor egípcio, nasceu em 1889 no Egito Superior e morreu no ano de 1973. Foi ministro de instrução em 1950. Tem sua obra dividida em três categorias: estudos da literatura e da cultura árabe e islâmica, trabalhos literário-ficcionais e artigos políticos. Principais obras: *Os Suféres*, *Um homem das letras*, *Uma infância egípcia*, *O futuro da cultura no Egito*. Em suas novelas cria figuras femininas que despertam simpatia e admiração, mas o seu sentimento e o seu discurso é sempre o de um árabe convencional, a piedade condescendente de um ser poderoso e superior que olha do alto de seu pedestal para a fraqueza e “inferioridade feminina”. Na literatura árabe também está presente o conceito de honra ligado à virgindade da mulher e Hussein, em uma de suas novelas que trata do assunto declara mulher desamparada e desonrada desde que tenha perdido a virgindade. Em geral os autores masculinos atribuem a “perdição” de suas heroínas a seus instintos baixos, suas paixões e debilidade que consideram própria do feminino.

Para o homem, a mulher que aparece na literatura representa perigo e um antigo medo, ambos relacionados com sexo. Ao mesmo tempo em que tudo isso ocorre, ele ancora em seu ser um ardente desejo pela fêmea, o poder de sedução, o encanto o cativa e esse conflito acaba refletido na maior parte dos escritores, como aponta El-Saadawi. A psicologia avisa do estreito laço que existe na psique humana entre o medo e o ódio. Assim El-Saadawi (2002, p. 232) encerra um capítulo de seu livro dizendo que:

Autores árabes e homens de letras do passado ou do presente não tem sido capazes de penetrar na área crucial da tragédia sexual e moral da vida das mulheres e, portanto, tem sido incapazes de exprimir qualquer coisa realmente digna sobre o assunto.

Apesar das idéias socialistas estarem influenciando e se espalhando pelo mundo árabe e com isso estarem mudando mentalidades, a literatura árabe contemporânea já dá sinais e manifestações de um relativo conflito em relação à libertação feminina. A mudança se restringe aos aspectos do emprego, do trabalho ou da carreira com a finalidade de sustentar as responsabilidades financeiras da família, uma função secundária para a esposa cujo papel principal é o cuidado do marido e filhos.

Na literatura árabe acontece uma coisa curiosa, apesar da mulher ideal em novelas e construções literárias ser a bela angelical ou o modelo materno, acontece algo irônico, a mulher prostituta vai desempenhando um papel mais importante do que a mulher pura e virtuosa. É como se a pureza e a virtude não fossem suficientemente atraentes para os escritores, seja a vida real, seja a história imaginária. A meretriz parece simbolizar a mulher real, a mulher sem véu nem máscara. A literatura levantina contemporânea está cheia dessas figuras de mulheres prostitutas.

Os livros de Naguib Mahfouz, um dos maiores escritores egípcios contemporâneos são um exemplo pronto disso. Sobre suas prostitutas, El-Saadawi (2002, p. 234) nos diz: “São personagens envoltas em ‘nevoas de humanidade’ que são os vapores de seu espírito superior temperado com a gentileza de idéias socialistas”.

Na verdade Mahfouz, a partir das representações que faz do feminino demonstra não ter uma real compreensão da situação das mulheres, sua análise é superficial em relação às condições sociais que ele aborda, pois há de se ter uma conscientização mais profunda para compreensão dos fatores reais que leva a mulher árabe à inexorável injustiça (EL-SAADAWI, 2002).

Para Akkad, e outros homens árabes das letras, diz a escritora, as mulheres são ainda as mesmas heroínas do clássico “Mil e uma noites”: caprichosas, vamps, escravas bonitas e brincalhonas, sedutoras, às vezes como satanás e seus espíritos maus quando se trata de sexo e amor. Não são confiáveis tendendo sempre à deslealdade. Para denunciar uma cultura de dominação patriarcalista, El-Saadawi (2002) combate incessantemente esse aspecto negativo da literatura, que coloca a mulher como uma escrava estando ela em qualquer circunstância mesmo sendo rainha ou filha de rei. Na maior parte das histórias está sempre sendo comprada ou vendida. Talvez aí também esteja a grande associação com a presença marcante da prostituta na literatura atual.

Outro aspecto de destaque na literatura árabe no período islâmico é ressaltar o apetite sexual das cristãs contrastadas com o silêncio das muçulmanas. (SIRAT BAYBARS, 1997 apud SOARES, 2003) Essa pedagogia nos leva a crer a intenção da doutrinação islâmica em apontar as virtudes de suas mulheres em detrimento das cristãs de tendências libertinas (ocidentalizadas).

As mulheres árabes passam para a história de acordo com o discurso literário como coletivo teoricamente incapacitado para emancipa-se e definir-se como ser humanos como os demais.

Ainda há um olhar do poeta Haddad (1986) sobre “Mil e uma noites”, que pela sua originalidade e acuidade merece consideração. Assim diz: as “Mil e uma noites” têm um caráter infinito e faculta imenso material de pesquisa e observação, pelo seu caráter infinito, se torna uma grande dificuldade sintetizar ou condensar.

No aspecto de imagem de mulher, que é observação central desse trabalho partiremos da figura de Sherazade, a musa e narradora, que segundo Jamil, o faz lembrar imediatamente outras heroínas como Éster, Judite, Joana D’Arc, Mata Hari,

Afrodite, porque todas essas figuras se conectam em direção a uma unidade que acaba resultando num termo psicológico, que se chama “arquétipo”, ou a unidade arquetípica²³. No caso de Sherazade o fato de ela contar histórias de maneira infinita ao rei Shahryar para impedir os extermínios, tem um sentido imediato de luta contra a morte e um outro sentido amplo, social e político: o de evitar que acabassem tendo esse destino outras mulheres, as mulheres de seu povo.

De modo que Sherazade se liga ao mito da mulher redentora de que a história está repleta. Sherazade chega aos dias contemporâneos porque esse tipo de personagem é repetitivo, ou seja, em circunstâncias iguais de opressão e havendo pessoas de determinada conformação psicológica a personagem desses tipos de heroína vem à tona.²⁴

Haddad (1986) associa Sherazade a outras heroínas desde as bíblicas como Esther, Judite, Salomé até as mais populares.

Essas mulheres são misto de Joana D’Arc, Mata Hari e seu complexo de espionagem, com a sua presença erótica de Afrodite: condensam em si que vai desde o amor até o sexo em todas as variedades possíveis de amor (e no caso do amor sexual instrumentalizado funcionando em vista do tipo de atuação, funcionalizado em vista do tipo de atuação que assinalei). (HADDAD, 1986).

Nessa conferência, onde faz a sua interpretação de “Mil e uma noites”, mostra com destaque a atenção e a intensidade de observação sobre as mulheres. Associa Sherazade a heroínas bíblicas e figuras míticas de destaque, mas também a outras tantas mulheres da América Latina e européias que tiveram sua função redentora. Palavra que ele gosta de usar para as mulheres, ainda que por vezes

²³ Conceito trabalhado por BERNARDI (2007), o qual trabalha o conceito de Hillman que por sua vez aprimora com um novo olhar a descoberta feita por Carl Jung da existência dos arquétipos - os arquétipos são conhecidos como padrões ou princípios duradouros que são inerentes, ambíguos, multivalentes, dinâmicos maleáveis e sujeitos a diversas inflexões culturais e individuais, embora possuam uma distinta e subjacente coerência formal e universal. Imagem arquetípica é algo que fazemos com a imagem e não algo que está na imagem. Uma imagem passa a ser arquetípica quando está associada a uma idéia de valor. A intenção desse ato valorativo é tornar a imagem mais profunda, mais elaborada, mais rica necessária e envolvente.

²⁴ Conferência proferida em 04/06/1986, na Semana de Estudos Árabes, realizada pelo Centro de Estudos Árabes da FFLCH-USP. A transcrição, cotejada com o autor, foi realizada pela Prof^a. Cecília Nani Adum. Aída Hananai e Jean Lauand, ao editarem a conferência, procuraram manter o tom oral – no saudoso Jamil tão cáldo – e preservar suas bem-humoradas derivações temáticas, fruto da capacidade de estabelecer profundas e originais relações, sempre surpreendentes para o ouvinte. Jamil Almansur Haddad, além de renomado poeta ensaísta, tradutor e crítico literário, foi também médico psiquiatra. (HADDAD, 1986)

nela está guardado apenas o sentido literário, mas a mulher é o seu norte. Falamos que na interpretação de Haddad havia algo de original, peculiar e novo sobre Sherazade. Ele a vê como terapeuta, assim como ele próprio foi na sua profissão de médico psiquiatra.

O que se nota é que ela submetia o rei a um certo tipo de psicanálise; só que em vez de mandá-lo falar, quem falava era ela (é esse um recurso terapêutico novo, talvez os especialistas meditem sobre ele). Contava histórias e é possível que essas histórias contassem episódios em que o rei se sentisse identificado e deles extraísse lições que norteariam sua conduta. Ela produziu um efeito terapêutico, uma terapêutica pela poesia, terapêutica pelo canto; basicamente pela palavra como existe a terapêutica pela música. Enfim, os contos de “Mil e uma noites” como método de cura... (HADDAD, 1986).

Ainda falando de Sherazade Haddad (1986), nos diz que seu ataque ao rei é pelo verbo e que o poder hipnótico do verbo é muito árabe, é muito semítico. Quando lança a sua interpretação de “Mil e uma noites” sobre o ponto de vista sexual diz que as histórias não estão carregadas da malícia ocidental, resvalam mais pelo lado humorístico do que pela noção de pecado cristão, de modo que o aspecto erótico dessa obra deve ser estudado com mais largueza de visão e imparcialidade, mesmo porque até os costumes da mulher muçulmana faz uma grande diferença cultural. Outra afirmação de Haddad a partir de “Mil e uma noites” é que o oriental valoriza mais a fecundidade feminina do que a virgindade. O culto à virgindade ocorre posteriormente, e decorre da Virgem Maria. Os textos bíblicos anunciam o Levirato e essa é uma instituição que impunha ao homem, enviuvada a mulher do seu irmão, o casamento com a cunhada, ou seja, a mulher era muito defendida da condição de virgem solteira. A própria instituição da poligamia, de acordo com a visão de Jamil, pode estar ligada a isso. Esse aspecto do casamento é muito forte na cultura semítica, tanto que no hebraico não tem uma palavra que signifique solteiro. (HADDAD, 1986).

Bem diferente das posições de El-Saadawi, (2002) são as interpretações de mulher e de gênero de Haddad (1986) quando se trata de olhar para essa obra das mais conhecidas e tradicionais da literatura árabe. Uma visão masculina e uma visão feminina que se confrontam. Podemos observar que a visão de Jamil não deixa de ser uma visão patriarcal. Enquanto El-Saadawi é irredutível em relação ao rompimento com essa “superproteção”, dominação velada, funcional e explícita que submete o feminino ao imperativo masculino. Suas posições são radicais, combativa e atacam frontalmente o machismo extremado presente na literatura árabe tradicional ou contemporânea.

Observamos em Badinter (1985) a ânsia do desvendamento do ser mulher, a desconstrução do mito da maternidade e a afirmação de que esse amor é um amor conquistado pelos laços de convivência e pela construção de um discurso de convencimento desenvolvido ao longo da história, as inúmeras criações ao longo da história que o discurso armou em torno do gênero feminino. Também Beauvoir (1968) nos aponta que o “ser” mulher é uma construção cultural, um constante vir a ser dos costumes. Não somos mulher, representamos mulher, mulher como uma representação social numa determinada realidade, numa determinada cultura. Mulher vem a ser uma polarização do feminino seguindo o modelo do “arquétipo” original + o momento histórico, material e cultura do contexto mediador, ou seja, o feminino inserido no mundo em que vive como causa e efeito dele do seu tempo e da sua densidade histórica. Para clarificar o conceito que trazemos podemos exemplificar com um exemplo trazido do Olimpo: Diana, “Caçadora”, de Idades remotas, em contraponto estão algumas mulheres guerrilheiras da atualidade que explodem seus corpos como bombas sobre o inimigo e transformam, instrumentos de vida, em instrumento de morte definitiva no ciclo de uma eternidade imensa.

Gibran Khalil, libanês, nasceu em 1883 e morreu em 1931. Teve sua literatura espalhada por mais de 30 países. Algumas de suas principais obras: *A Música* (1905), *As ninfas do vale* (1908), *Espíritos Rebeldes* (1912), *Uma lágrima e um sorriso* (1919), *A procissão* (1920), *Temporais*, *O Profeta* (1923), *Areia e Espuma* (1927) para citar algumas.

O autor vem nos trazer um sopro de ar fresco sobre essa visão de mulher trazida pela literatura oriental. Poeta, escritor, filósofo, pintor, Gibran tem um olhar de suavidade e generosidade pela figura feminina. Sua obra tornou-se conhecida internacionalmente. Emigrado para os Estados Unidos escreveu boa parte de seus trabalhos literários em terras americanas. Gibran, através de suas escrituras, dá voz de sabedoria a algumas de suas personagens mulheres como a encantadora Huri no livro *“Os segredos do coração”* (1957, p. 134 a 139). Para Gibran as mulheres sábias funcionam como a alma do homem que o conduz a paragens e vãos deslumbrantes na região do espírito e do próprio mito. Gibran é um árabe místico reverencia o Cristo assim como reverencia Maomé, místico por excelência, e, como diz Zéghidour, (1982) imponente e incapturável como o mercúrio, pois é difícil acompanhar seu pensamento e seus vãos espirituais. O amor “classicamente” romântico com que aborda a mulher pouco se diferencia do amor cavaleiresco de raízes medievais e a tradição árabe dos “sufis” também pode ser identificada nas suas manifestações literárias sobre a vida e a mulher.

Em termos poéticos, a maneira como Gibran representa a mulher é muito parecida com a representação de mulher de Assis ou de Almansur em alguns momentos de seus versos. Porém, há que se destacar em Almansur uma ousadia e uma tonalidade de temperamento que o puxam para uma sensualidade enfática. Passou pelo marxismo e desse recebeu influências marcantes e que dão ao

feminino um enfoque bem mais terreno, materializado e ousado. Um exemplo nítido desse olhar está na “Surata da certeza”, “Surata da mãe”, “Surata das plantas”, enfim esse olhar revolucionário que lança sobre a mulher em “Aviso aos navegantes”.

Ao falarmos de Gibran podemos afirmar que em alguns casos não foge ao modelo tradicional de abordagem da mulher como é o caso de Marta Bem, uma personagem do livro *Parábolas*. É uma menina das aldeias que é enganada e prostituída por um homem perverso e de baixos instintos. Vítima da pobreza e do infortúnio e principalmente da perversidade humana, a mulher mais uma vez assume o seu papel de fragilidade e impotência diante do homem, da sociedade e da própria vida. Nesse momento Gibran e Almansur convergem, pois em “Orações roxas” Jamil também descreve a debilidade e marginalidade em que Rosalina e Rosmanilha, (mãe e filha) execradas pela miséria e pelo abandono que acabam conduzindo Rosalina a uma espécie de prostituição velada e Rosmanilha à morte (*Balada, Orações roxas*, p. 23-25).

O clichê da mulher infiel anunciada incessantemente na literatura árabe desde as “Mil e uma noites” também é comentado por Gibran na personagem de Susana Barak, na obra *Os segredos do coração*, que leva um homem à ruína e outro ao suicídio. Ainda que seu olhar sobre ela seja de clemência, há o estigma da infidelidade feminina que permeia intensamente o pensamento árabe do qual nem Gibran escapou.

Em contrapartida, aparece no repertório feminino desse poeta a personagem Amina Al-Alania mulher extraordinariamente sábia, iluminada e iluminadora, a imagem da alma purificada do homem que reina em direção à luz e à verdade da existência. Amina parece ter duas existências: uma de mulher real, extraordinária e

excêntrica, outra que é a representação e a imagem da alma do homem na busca da iluminação mística. Ou seja, um olhar dele para com ele mesmo numa espécie de diálogo com a sua alma. Contudo, há um detalhe: Amina, essa mulher excepcional, vive à margem da sociedade, em isolamento, à parte de tudo que é a normalidade, o senso comum ou o cotidiano da existência. Já no livro Segredos do coração, “A encantadora Huri” é um poema que trata do sonho e do encantamento, como diz Gibran: “Cada homem ama duas mulheres: uma gerada nele pela sua fantasia; outra que ainda não nasceu”.

A mulher do sonho do discurso poético é sempre associada a um anjo redentor, a uma prova de mistério e raramente a mulher real em carne e ossos.

Segue alguns versos do poema:

Então tu te apoderaste
de minha fantasia
e, desde esse hipnótico momento,
senti-me como o prisioneiro
que arrasta suas algemas,
impelido para um lugar desconhecido...
Embriaguei-me com teu vinho
delicioso,
que me roubou a vontade,
e me vejo, agora, beijando a mão
que me açoita...
Então tu te apoderaste da minha fantasia
E desde esse hipnótico momento,
senti-me como o prisioneiro
que arrasta suas algemas,
impelido para um lugar desconhecido...
Recuperei a liberdade.
Aceitas-me, agora,
Como um companheiro consciente
que olha para o sol
com seus olhos
e mãos que prendem o fogo
Sem Tremer?

Nesse poema percebemos esse duplo sentido da mulher como real e irreal, e mais uma vez ela aparece como um sonho encantador que o transporta pelas paragens da alma e desvela um mundo novo ainda mais deslumbrante do que o da sua fantasia.

Pelo que conhecemos de Gibran há em suas falas uma visão metafísica, mística da mulher como detentora dos segredos do sol e do fogo interior. Tanto Huri como Amina expressam isso e anunciam esse conhecimento secreto.

Nos poemas de místicos como os de Gibran e de Assis, a mulher é portadora do archote que conduz à senda do mistério. Há um olhar altamente idealizado sobre ela nesses momentos da poesia mística ou espiritual e esses poetas são arrebatados por uma visão essencialmente espiritual da vida.

A conversa de Gibran com Huri é um diálogo de si para consigo mesmo. Ele e sua alma, ele e sua mulher interior. Nesse momento é possível fazer um paralelo entre a poesia de Féres, Gibran e o sufismo.

Trazemos além dos autores já mencionados, expoentes da literatura árabe, um comentário ilustrativo sobre o romance de Mansur Challita “De Anabela a Zuleica: À procura do amor” cujo título sugestivo faz a indexação das mulheres de sua vida em ordem alfabética e dá a dica, de que foram muitas. Challita filho de imigrantes libaneses nasceu na Colômbia, passou a adolescência no Líbano onde se formou em Letras e Filosofia. cursou direito na França e jornalismo na América do Norte. Traduziu todos os livros de Gibran Khalil Gibran. Residiu no Brasil desde 1950, onde atuou por 15 anos como Embaixador da Liga dos Estados Árabes, com a incumbência de revelar ao povo deste País a rutilante riqueza da sabedoria oriental como presidente que foi da Associação Cultural Internacional Gibran, cujo lema é “acrescentar ao progresso do Ocidente a sabedoria do Oriente”. Sua obra está distribuída em 56 títulos. Algumas são: O profeta de Gibran, O alcorão, Os mais belos contos de “Mil e uma noites”, As mais belas páginas da literatura árabe, Um homem e seu destino. (GIBRAN, 2007).

Challita, na obra citada, reforça a tradição mais corrente do homem levantino que é poligâmico, aponta para o “coração nômade” do árabe que não só é nômade para o deserto, mas também é nômade para as mulheres.

Pois, nascido nômade, sempre preferi e invejei a vida dos sedentários. A mesma lâmpada jogando sua luz sobre o mesmo lar, cujos membros aumentam com o decorrer dos anos, enquanto nômade, com bordão e farnel, está sempre em movimento pelos caminhos do deserto em busca de companhias sucessivas em oásis que tantas vezes se revelam miragens. Que idade tinha eu quando percebi pela primeira vez que para mim, mais importante que a luz do sol, era a luz que emanava dos olhos de uma mulher? E em quantos olhos vi brilhar essa luz desde aquele tempo? Trata-se, todavia, da mudança pela mudança, como as ondas que não podem parar o vento feito para correr, os ciganos que consideram toda casa uma prisão... Ou trata-se, no fundo, de uma procura, longa e incansável, pela materialização, sob a forma de uma mulher, do mais persistente dos sonhos? (CHALLITA, 1985, p. 7).

Esse breve texto das primeiras páginas do romance de Challita mostra com rápidas pinceladas o sentimento do imigrante e a volta a seu oásis (paraíso) através da mulher. O que percebemos em Almansur, Assis ou Challita é que a mulher representa a “volta ao lar” e por isso está associada de forma indemovível à origem, à casa materna, ou terra natal, ou onde quer que se pense ser o seu lar. Gostaríamos de aqui também abrir um parêntese e dizer que para Gibran, houve um grande amor expresso em suas cartas pela escritora May Zaidan, de origem libanesa e residente no Egito, e com a qual teve contato quase exclusivamente por correspondência. Porém, May representou em sua vida a referência que trouxe para sua obra literária, uma mulher que o mantinha com o olhar sempre voltado para o Oriente.

Ainda tratando da literatura árabe contemporânea, Guerra (2002), nos traz uma análise da condição feminina na obra de Tahar Ben Jelloun, laureado escritor nascido em Fez, Marrocos, em 1944, vive atualmente na França e escreve em francês. O romance Harrouda (1973 apud GUERRA, 2002)), desse autor reforça as posições e críticas de El-Saadawi em relação às condições da mulher no mundo árabe. O escritor nos aponta a grande opressão exercida sobre a mulher muçulmana

no plano social, religioso e sexual. As leis e instituições criadas e pautadas sob a inspiração de um poder mais forte, o poder divino, no caso o Islã, que significa submeter-se à vontade de Allah, guia dos destinos humanos. E a posição submissa da mulher é amplamente propagada por essa lei. O uso do véu e em casos mais extremos da burca, o confinamento nos lares, a marginalização da sexualidade são alguns dos fatores que evidenciam essa opressão.

Embora existam autores e autoras que discordem, afirmando um sentido inverso para essas normas, como pondera Muniz (2006) em “A condição da mulher no Islã”, defendem prescrições rígidas do Alcorão e das leis islâmicas como, cuidado, até mesmo como privilégios e proteção conferidos a mulher. Há controversas nos olhares sobre a condição da mulher árabe sob a lei islâmica. Ben Jelloun dá uma voz a essas mulheres, para expressar o antagonismo não fugindo ao modelo polarizado entre a mãe e a prostituta, Tahar possibilita uma dupla visibilidade do feminino que denuncia e subverte na voz da prostituta, ou é sufocado e submisso na voz da mãe que lamenta, mas também denuncia.

Harrouda (1973), nome da personagem que intitula o romance, é a figura da *transgressão* da ordem social e religiosa e seu discurso acusa com uma fala desviante.

Lá as jovens se prostituíam unicamente pelo dinheiro. Seus maridos são algumas vezes seus próprios proxenetas. Acho isso degradante. Apesar de tudo, talvez deva ser assim, pois elas não podem fazer de outra maneira. A vida degradingola, deixando-as para trás. Por uma taça de chá, vocês podem ter acesso a sua solidão. (BEN JELLOUN apud GUERRA, 1989, p. 192)

Outro discurso que ocorre paralelamente é o da mãe, que relata sua vida de sofrimento, submissa às leis sociais, religiosas e sexuais. Diz :

ele não me deixa sair sem o seu consentimento. Ficava cheia de impurezas que ele despejava em mim diariamente, até o dia que minha mãe vinha me levar ao banho. [...] Ele me proibia de aparecer sem o véu diante de certas pessoas de minha família, [...] Somente meus irmãos podiam me ver sem

o véu. Acontecia dele me trancar à chave em casa. (JELLOUN apud GUERRA, 2002, p. 79)

E nos afirma Guerra (2002) que

Se de um lado, o véu é uma obrigação religiosa para quem veste, por outro lado, torna-se um símbolo de privilégio e cidadania nas classes mais ricas e nobres. Se o véu fecha o mundo feminino em si mesmo, o confinamento das mulheres em seus lares nos mostra até que ponto podem chegar as prerrogativas masculinas sobre as mulheres. Este grande poder hierarquizado é enfatizado pelas palavras do Corão: “Os homens têm autoridade sobre as mulheres por causa das despesas que eles fazem para assegurar sua sobrevivência.

Véu, vulto e voz dão uma idéia do mistério, Mulher, nesse mundo “antigo”

Sobre o escritor árabe marroquino Tahar Ben Jelloun a imagem de mulher e o encontro de culturas e o pensamento sócio-filosófico que traz sobre o mundo, é relevante destacar para maior visibilidade de suas colocações, em sua obra (a maioria em língua francesa), reflexo do exílio do escritor, há muito tempo vivendo na França, eu trabalho é a expressão *viva* de um diálogo inter-cultural com o Ocidente e mais especificamente com o país que o hospeda. É um autor que nos traz através de seus personagens literários, experiências profundas do que entendemos como encontro de culturas. Seus escritos de poeta, romancista, jornalista e contista... Estão repletos de reflexões existenciais., filosóficas, sociológicas e históricas que exprimem o sentimento do imigrante frente ao “*outro*”, “a cultura do outro”, presentes no conflito de identidades. O texto de Ben Jelloun reveste-se de aparentes ambigüidades: masculino-feminino, mentira-verdade, visível-invisível... Essa estrutura funda-se no par *zahir-bateno*, conceito da filosofia sufi que são inseridos nas entrelinhas através de Jorge Luis Borges (ora personagem, ora *intertexto*), e pela menção direta ao misticismo “islâmico”. Os múltiplos contadores de histórias (o mundo) e a busca trágica da identidade dos protagonistas revelam o uso obstinado e simbólico da máscara (persona) por Bem Jelloun, reforçando a dicotomia, mas revelando o caráter ilusório. Os outros temas do sufismo podem ser ressaltados: o

riso, o dhirak, o duplo, o espelho mágico, a unidade na multiplicidade, a dissolução da individualidade, a extinção – fanã, e a ilusão do tempo. Esses temas representam a situação e a condição ambígua do migrante (NOGUEIRA, 2003). O uso de máscaras é uma constante em seus personagens. As perguntas “quem sou eu?” ou “Quem” é você? São interrogações insistentes na fala de seus atores.

Zina, personagem de Tahar Ben Jelloun, na obra “La nuit de l’erreur”, se manifesta em uma fala dizendo: “não estou certa de saber quem sou realmente” e pergunta “quem sou”? Quem me habita? Na confusão entre lenda e mulher, vaticinei: Quem sou. Não sei ninguém sabe. Talvez seja um sonho que se apaga” (Ben Jelloun). Temos aqui então um grande problema de identidade e imagem discutidas pelo autor. Aliás, Ben Jelloun diferencia muito mulher e imagem de mulher através do uso das máscaras em seus personagens, isso já muito presente na sua literatura e as imagens de mulher não são fixas, mas cambiante.

O visível e o invisível, o jogo de espelhos que pode confundir, são temas recorrentes como podemos observar nas obras “L’enfant de la sable”, (1985), “La nuit de l’erreur”, (1997), “La nuit sacrée” (1987), “O último amigo”, (2006), obra mais recente de Ben Jelloun, ele nos diz que “o outro longe de nos completar nos esgota.” Antes da multiplicidade, talvez se encontre o uno. A questão teológica da “unidade na multiplicidade” e da “multiplicidade na unidade” é básica no Islã. Reflete um conflito interno aliado ao conflito externo de identidade e pertencimento. A ambigüidade permeia essa mística entre o aparente e o oculto, o visível e o invisível, a unidade e a multiplicidade que discutem não só conflitos e antagonismos interiores e teológicos, mas a própria condição da dualidade e até da multiplicidade de culturas experienciadas. Os personagens centrais Ali e Mamed em “O último amigo” nos mostram na caracterização dos personagens a dualidade Oriente e

Ocidente. Ali é politizado, mora em Tanger e prefere ler poesia incluindo o andaluz Ibn Arabi. Mamed é voraz leitor de Marx e Lênin e mora num país ao norte da Europa onde parece estar completamente adaptado. Os dois de origem marroquina funcionam como um duplo que dialoga concepções filosóficas entre mundos opostos tanto entre as individualidades que representam como entre os mundos onde vivem. A identidade pode ser definida, nesses romances, na relação de alteridade, em função da interação com o outro. Esse outro não raro, um duplo. O tema do duplo existe no misticismo islâmico que vê o homem como um ícone criado pelo seu duplo etéreo ou celeste. O duplo em Ben Jelloun tem também uma dupla função que faz a discussão filosófica sufi e a discussão cultural da identidade. As máscaras, o jogo de espelhos, a busca da unidade na multiplicidade são preocupações constantes do autor.

“Ambos vão para o deserto para uma prova iniciática iluminados pela lua, ambos estão possuídas pela história e precisam exorcizá-la”, diz Ben Jelloun. Exorcizar-se da história é exorcizar a dualidade e também a multiplicidade, dela deriva enfim o apagamento dos conflitos advindos talvez de um labirinto de misturas desviantes ou confusas.

Zina, personagem de Ben Jelloun em *La nuit de L'erreur*, é marcada pela duplicidade de seu nome, (duplicidade de naturezas. Afirma ter feito um pacto com uma mulher, cuja imagem diferente da sua, lhe vem enviada pelo espelho, dizendo-se: “Separeé de moi-même comme si J’étais devenue duple”²⁵, cinde-se entre mulher e história de mulher. Mais adiante acredita ter uma alma gêmea, que denomina Lola e que imagina habitar numa casa em frente a sua, assim se manifesta, a personagem Zina, de Ben Jelloun. A imagem de mulher, mulher e

²⁵ Separada de mim mesma como se me tornasse duas.

máscara em Ben Jelloun ultrapassa a fronteira inclusive de gênero, homem-mulher, pois deixa de ser uma construção tão delineada e fixa, possibilidade essa impensável no contexto do islã ortodoxo. Homem e mulher “deixam” de ter importância na espiritualidade Sufi onde passa a ser relevante a essência espiritual que a rigor não tem sexo. Zahra, na obra “La Nuit sacrée”, sai do cárcere vestida de homem com baton e khôl (espécie de pintura para os olhos).

Em seu romance “La nuit de l’erreur” traz a discussão do duplo, da dualidade do homem e da mulher e as múltiplas faces que daí podem derivar-se na multiplicidade.” O todo tem valor fixo, eterno e as partes são móveis, temporárias, postas à aniquilação (aspectos do sufismo) e (reflete-se em sua duplicidade cultural, França e Marrocos) como aponta a análise de Luciana Percise Nogueira em “Tahar Ben Jelloun e o sufismo”. (NOGUEIRA, 2003)

“A noite do destino te nomeia Zahra (Rosa, Revelação). *O nome da rosa*, filha da eternidade, és o tempo o que permanece na vertente do silêncio”. Nesse momento, a imagem de Zahra é temporal, mas, a máscara, foi vestida há muito tempo a ponto de ser atemporal. Ben Jelloun em “La nuit de l’erreur” traz Zina, a mulher de muitas faces, a ogra, onde a máscara está associada também à mentira. A trilogia Ahmed, Zahra e Zina, em “L’enfant de sable”, também é uma interpretação de Máscaras (Personas-Persona-Person).

Ben Jelloun em seus pormenores expõe a ferida que resulta da imigração do exílio e da busca da identidade. tanto para o homem como para a mulher. “Corpo que é máscara e metáfora, corpo que mascara um ser que se busca. Ser que se busca entre trocas de máscaras”, (JELLOUN, 2006) e ele nos diz de seus personagens, que esquecer o passado é condição para começar vida nova (sem origem) “*assam baal*” (termo de origem árabe para designar gente sem origem, sem raízes ou árvore

genealógica, o que não é muito bem visto no mundo árabe). A necessidade de esquecer o passado para recomeçar ou renascer, reproduz a dialética nascimento-morte, escapismo do tempo que funciona como uma ampulheta que inverte de posição infinitamente na dança da existência. A máscara atemporal da lenda. Eis um conceito aparentemente contraditório, “aparentemente” ambíguo. Mas, pensamos que se explica dentro de uma dialética próxima da dialética ocidental de Hegel. O Duplo, luz-sombra, concebidos em Si mesmo como unidade – duplicidade – multiplicidade, que se concentra, mistura e aprofunda na dialética do Tempo – da História e do Devir para mais a diante retornar a origem Primeva (ductil e sutil).

Ben Jelloun traz o tema do contato inter-étnico produzido pelo exílio ou pela distância voluntária da terra de origem e o traduz nos conflitos de identidade e migração. Esses conflitos expostos em seus escritos sob as mais diferentes formas ou personagens que anunciam constantemente através de falas, máscaras, caracterizações, o conflito dos atores que dialogam ora consigo mesmo, ora com o outro ou com a halca (platéia dos contadores de histórias) o drama existencial de ser um e duplo, e talvez múltiplo. Assim, reflete a dor (inconsciente) da existência cotidiana, expressa nesse conflito constante, acrescido da dupla identidade forjada em opostos culturais como a cultura franco-marroquina e eventualmente as outras decorrentes do encontro de *mundus* diversos que ocorre no mundo globalizado da extirpação das raízes e da origem Comum dos homens. Bem Jelloun vai dando assim o tempero ácido e corrosivo da densidade do mundo mecânico e maquinizador que se aloja nesse final de milênio provocando a morte lenta e definitiva da humanidade num ciclo que se encerra para renascer mais adiante de uma outra forma.

A busca de identidade confunde-se à busca do rosto por detrás da máscara, essa aparência rígida (imposta exteriormente) é à dramatização, busca da essência sob a aparência do conteúdo sob a forma, isso é, a busca existencial do ser, que está no universo material, cultural e para além dele.

Com a novela de Leila Sebbar, argelina radicada na França, destacamos o enfoque de uma escritora árabe que traz também uma interessante imagem de mulher representada na figura da avó e na busca da origem através da mãe, como é o caso do menino argelino diante de uma foto. Leila faz da escritura o espaço de expressão de uma memória de violência e inomináveis abusos de força e poder (SOARES, 2003). A novela “La photo d’identité” tem como eixo narrativo uma foto exposta na vitrine de uma livraria em Paris e que chama a atenção, ao mesmo tempo, de um homem e um menino, filho de imigrantes argelinos.

Trata-se da foto de uma mulher argelina tirada durante a guerra de independência do país. O menino sente uma atração pelo retrato porque essa guerra lhe interessa e seus pais se abstêm de falar no assunto, como se houvesse um temor de reativar a chama de um passado silenciado e escondido no fundo da memória por razões desconhecidas. Além disso, a foto lhe faz lembrar a mãe quando vestida para as festas da família, com roupas típicas da região.

Na verdade o menino busca nessa imagem vestígios de sua origem e da própria memória da Argélia. Quanto ao homem, quer liberar da memória (a razão) de sua mãe, que acredita estar presa nessa foto.

Depois de vários dias observando o retrato na vitrine sem trocar palavras, o menino e o homem entram na livraria. Enquanto folheiam um álbum de fotos tiradas durante a ocupação francesa na Argélia, segundo a proprietária, fotos tiradas para a confecção de carteiras de identidade, o homem revela ao menino que está à procura

do fotógrafo que aprisionou o espírito de sua mãe, pois, segundo dissera-lhe a avó, a crença ligada à tradição muçulmana acredita proibido capturar imagens de qualquer ser humano, pois esse é feito à imagem e semelhança de Deus e Deus não se pode reproduzir em imagem.

Então cumpriu a promessa feita a sua avó, capturar e destruir a máquina do fotógrafo e a foto. Empenhou toda sua existência nessa missão e ao localizar a foto e picá-la em pedacinhos considerou cumprida a sua missão.

- Pronto, acabou. Matei o soldado fotógrafo e minha mãe poderá me reconhecer quando eu chegar a sua casa, na aldeia. Acabou. Adeus, minha senhora.	- Voilà, c'est fini. J'ai tué le soldat photographe et ma mère me reconnaîtra quand j'arriverai chez elle, au village. C'est fini. Au revoir, Madame.

Fonte: SOARES (2003)

Nessa novela de acordo com Soares, a violência não é tão explícita, mas aparece de forma simbólica e o iconoclasmo é a melhor forma de proteger o segredo e o insulto que representa o aprisionamento de uma imagem sagrada como pode ser considerada a imagem da mãe em algumas culturas. Inicialmente a violência cometida pelos franceses contra a tradição muçulmana, talvez por ignorar os costumes ou achá-los marcas do atraso e da inferioridade cultural. No entanto, a novela trata também da violência contra as mulheres dessa aldeia, forçadas a submeter-se às ordens de oficiais franceses conforme o relato da avó retomado pelo homem ao contar sua história ao menino. E os dois, de certa forma, fazem uma viagem à origem através da imagem de mulher trazida pela foto de identidade.

Nessa aldeia [...] chegaram soldados para nos vigiar, eles fizeram papéis para nos controlar, homens e mulheres. Numa manhã obrigaram as mulheres jovens e velhas a deixar suas casas e, em plena praça, o soldado fotógrafo começou seu trabalho. O chefe mandou as mulheres tirarem os lenços, as velhas não quiseram, ele não insistiu [...] Eles não entendiam o que estava acontecendo, mas eu entendi depois quando a cabeça de sua mãe se esvaziou. Sua mãe era linda, a mulher mais linda da aldeia. Ela tinha se escondido, mas os soldados a encontraram, eles não bateram nela, mas a arrastaram até o banco encostado no muro branco...

Dans ce village [...], des soldats sont
Venus pour nous surveiller, ils ont
Fait des papiers pour nous contrôler,
Hommes et femmes. Un matin,
Ils ont obligé les femmes, jeunes
Et vieilles à quitter les maisons,
Et, sur la place, le soldat photographe
S'est mis au travail. Le
Chef a ordonné aux femmes d'enlever
Leurs foulards, les vieilles
N'ont pas voulu, in n'a pas insisté.
[...] Elles ne comprenaient pas
ce qui se passait, moi j'ai compris
après, quand la tête de ta mère
s'est vidée. Ta mère était belle,
la plus belle femme du village.
Elle s'était cachée, mais les soldats
l'ont trouvée, ils ne l'ont pas
battue, mais ils l'ont traînée jusqu'au
banc contre le mur blanc...

Na novela, de acordo com Soares (2003), aparece também a dominação da avó sobre o neto homem, obrigando-o a sacrificar toda juventude por conta da tradição violada que pode ser lida como uma representação da “violência simbólica”. Também aparece evidente a ligação do menino com a mãe e através dela com sua raiz, ou seja, mais uma vez se constata o vínculo mulher e origem, para Chartier (1995) as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas nos discursos e nas práticas, acabam inscrevendo-se nos corpos de umas e de outras. Contudo, adverte o historiador que “tal incorporação da dominação não exclui afastamentos e manipulações”. São eles que permitirão o deslocamento ou a subversão da relação de dominação. A re-apropriação pelo dominado de uma representação imposta se volta por vezes contra a ordem dominante que a produziu. (CHARTIER, 1995)

A avó tendo recuperado o papel que lhe compete na comunidade islâmica, o de guardiã das tradições, e valendo-se do poder que a idade confere à mulher muçulmana no espaço privado, ela reverte à relação habitual de dominação do masculino sobre o feminino. De posse desse domínio que o tempo lhe autoriza

exercer, mobiliza e subjuga o neto, afinal um homem, obrigando-o a destruir simbolicamente o “outro” opressor, o colonizador francês. Dessa forma, ao destruir o retrato tirado pelo fotógrafo francês, o argelino colonizado, fraco, submisso e refém do dominador é identificado com o feminismo, mas, considera ainda que simbolicamente, ter eliminado o antigo colonizador.

Há nessa novela de Leila Sebbar uma dupla revelação da relação de dominação como aponta Soares (2003, p. 80) em que o dominado, o feminino se apropria de uma representação imposta e a reutiliza contra aquele que a produziu. Por outro lado, o gesto do argelino ao destruir o retrato amaldiçoado de sua mãe pode também ser lido como uma forma simbólica de fazer o luto das suas origens, marcada pela violência opressora. Soares (2003) acredita que todo exilado ou imigrante precisa fazer a “viagem da origem”, não para ficar, mas sim para poder partir e não ter mais de voltar compulsivamente. Libertando-se do passado, ou seja, tendo dado a ele um fim provisório. O ser da diáspora pode finalmente estabelecer laços mais fortes com a cultura de destino em que está inserido no presente.

“Fazer o luto da origem não significa abdicar dessa origem, mas fazer dela uma raiz primeira que vai ao encontro de outras raízes, ou seja, optar pela identidade rizoma.” (SOARES, 2003, p. 80). Esse é um processo complexo de muitas idas e vindas, de negociações continuas entre as diferentes culturas posta em relação.

Leila Sebbar, escritora da diáspora argelina, faz de seus escritos o espaço maior de expressão deste ir e vir, dessa negociação entre duas culturas que a habitam, a árabe muçulmana de origem e a francesa de adoção. Nessa novela criada por ela, cada uma a sua maneira, os personagens fazem o *culto das origens*, condição necessária para ir ao encontro do outro e começar uma nova gênese. O

espaço intermediário de dois poderes: Ocidente e Oriente colonizador, colonizado masculino-feminino conclui-se que a violência é de parte a parte, mas ela tende em ser mais para um lado do que para outro, conforme a situação ocupada em um determinado momento por cada um dos pólos, que são ora dominador masculino ora dominador feminino.

Os textos em questão também deixam ver essa relação de força e de poder tendendo sempre para a dominação do masculino, mas quando a situação se reverte, o feminino também mostra sua força incorporando a autoridade apropriada. As tradições, como é o caso da avó e do neto de inferioridade na posição de colonizado (feminismo) ao rasgar a foto da mãe, domina o colonizador e liberta a imagem feminina prisioneira na foto. Assim, ao colocar essa relação intrincada de poder, gênero e violência, a história de Leila relativiza as imagens do atraso e fanatismo religioso atribuídas pelo Ocidente ao mundo árabe-muçulmano. Levam-nos a perceber que se trata na verdade de uma luta de poder entre dois pólos que se antagonizam, mas que em última instância estão em inter-relação há séculos e fazem suas trocas sincréticas ainda que de percepção sutil. (SOARES, 2003).

Vivendo no “entre - dois”, ou seja, entre o Ocidente e Oriente, essa escritora é obrigada “a habitar duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas”. É, portanto, desse “entre - lugar” que ela produz uma literatura de caráter eminentemente político, transformando sua escritura em voz coletiva, voz que se propõe a desvelar as formas de violência que marcam as relações entre Ocidente e Oriente (caso especificamente da Argélia e da França), colonizadores e colonizados. Relações que colocam em evidência a ligação principalmente entre gênero e poder, sobretudo quando se trata de regimes autoritários nas quais, de acordo com (SCOTT apud SOARES, 2003, p. 74), os dirigentes legitimam a

dominação, a força, a autoridade central e o poder soberano identificando-se ao masculino, enquanto o inimigo, a subversão e a fraqueza são identificados ao feminismo. (SOARES, 2003).

3.2 A presença da mulher: realidade, imagem e máscara (persona) na representação de Assis, Jamil e outros autores

Consideremos (...) outra imagem no espelho da história”.

Sempre que a pessoa diante do espelho é uma mulher, sua auto-contemplação tem parecido repetitiva, até mesmo obsessiva e indicativa de vaidade ou amor pela luxúria – conotando o sensual no lugar do racional. O espelho iconográfico no caso das mulheres tem obstruído a profundidade reflexiva e produzido apenas superficialidade – uma mudança drástica na significativa função do espelho. Presa assim à superfície, as mulheres têm sido vistas como incapazes, de alcançar a profundidade necessária para a história ou o auto-conhecimento. (SMITH, 2003)

A mulher é cognoscível pela ação dos pés masculinos que encurtam a distancia até o seu par e das mesmas mãos que ora lhe descobrem o vestido. (SLEIMAN, 2006)

O que queremos dizer ao tomarmos essa citação de Sleiman como exemplo, sem macular a beleza poética desta, é que vivemos em uma sociedade heterossexual compulsória como afirma Butler (2003), e o olhar em foco sobre mulheres é o olhar de poetas masculinos, portanto a ênfase pela diferença é de total relevância onde estão subentendidos valores e padrões de comportamento vigentes no modelo patrilineo de sociedade onde se ajusta perfeitamente o perfil do homem árabe. Nesse modelo a mulher é tratada, via de regra, de modo físico e também funcional, dependendo dos papéis que foi treinada para desempenhar. Todavia, há ressalvas e também novos olhares que criaram outras imagens de mulher, inclusive presentes em escritores como Assis, Gibran, Ben Jelloun, Haddad, para citar alguns. Porém, é difícil desatar laços tão amarrados culturalmente e máscaras há tanto tempo grudadas à face tanto de homens como de mulheres às quais o tempo e a história se encarregam de aliviar ou reforçar dependendo do momento ou da cultura a que pertencem..

Para Ramalho (2002, p. 549) a construção social do sexo e da sexualidade, não é, se não a sua construção poética e teatral (baseada no estudo de Graça Abranches). O escritor, Tahar Ben Jelloun traz em suas novelas essa discussão como já apontamos em paginas anteriores, constrói imagens teatrais do feminino, (sempre portando máscaras) mudanças de máscaras e papéis que rompem muitas vezes com as fronteiras de gênero, difíceis de entender na concepção islâmica, por exemplo, onde os papéis são nitidamente definidos pela sexualidade. Entretanto, perfeitamente compreensível na França que adotou como uma segunda casa e país bem conhecido por suas histórias e lutas de gênero, haja vista, aquelas que travou a renomada filósofa Simone de Beauvoir. No mundo ocidental as barreiras são rompidas mais facilmente e as questões de gênero são largamente discutidas.

A encenação da identidade tem, pois, tudo a ver com a linguagem e com o uso que dela faz quem a ela tem acesso privilegiado nos diferentes contextos da história. Quem domina a língua e os discursos é quem melhor contribui para construção de identidades, a própria ou as alheias. Esse é o caso de poetas e escritores no geral e no nosso caso em particular, Assis e Jamil, mediadores da cultura e também se posicionam como construtores de identidades, pois, se posicionam entre duas culturas parecem tendo a carga redobrada.

O poder do discurso na construção das identidades é também muito claro na obra de Badinter (1985), onde destaca que quando se trata de construções culturais de mulher, o poder do discurso e através dele o convencimento e a criação de comportamentos novos e conseqüentemente novas identidades e novas imagens se fazem largamente. Através da fala de teólogos, médicos, pedagogos, filósofos, escritores com seus pronunciamentos criaram verdadeiras revoluções, tais como, a revolução no processo de ensino francês imposto por Napoleão a partir das idéias

de Rousseau e que deu ênfase à mulher mãe e educadora. Houveram muitos discursos ao longo da história que construíram muitas imagens de mulher, discursos “progressistas” e “libertadores” que construíram imagens engajadas de mulher e aqueles que reacionários, retardaram processos de emancipação em andamento . Então, o que gostaríamos de enfatizar é o poder atribuído à palavra e à linguagem para construir as imagens às quais se ajustam homens e mulheres em cada uma das culturas que habitam ou no encontro delas.

O dito dos homens, pelo não dito, ou pelo silêncio das mulheres, investiu com toda força da palavra sobre os costumes, a moral e o comportamento feminino através dos tempos. Aí se incluem com certeza nossos poetas, Féres e Haddad, que criaram através do verbo e da palavra poética tantas imagens de mulher. O que percebemos também nos escritores árabes aqui apontados.

“É preciso conquistar os discursos para construir a identidade própria ou as alheias sem excluir as identidades sexuais. É preciso conquistar os discursos para construir a identidade própria e resistir a identificações impostas por outros.” (RAMALHO, 2002, p. 549)

O ensaio de Clara Keating inserto em “Entre o ser e o estar” é, segundo Ramalho (2002, p. 549), um bom exemplo de como a conquista da palavra é o primeiro passo para a construção de uma identidade própria ou imagem própria. O trabalho de Graça Capinha sobre poesia e linguagem no volume “A magia da tribo” demonstra como o poético e a poesia são lugares agônicos de desconstrução e reconstrução constante da identidade da comunidade (CAPINHA apud RAMALHO, 2002). Quem constrói a identidade é quem detém o poder e o saber de controlar a linguagem, quem está de posse, afinal, das palavras para dizer a identidade - para dizer sua própria identidade ou, sobretudo para dizer a

identidade dos outros e das outras. Para Kristeva (1974) citada em Ramalho (2002) “à rigor as mulheres não existem”. As mulheres são o “outro” dos homens, espaço em branco que a cultura se encarrega de preencher conforme conveniências e interesses de momento.

É longa e sem trégua a luta pela conquista do discurso dominante seja na política, na criação, na teoria ou na crítica literária. O sexo, como categoria para análise poética, sempre foi tido em conta para avaliação artística, com implicações ideológicas e estéticas diversas. O gênero masculino sempre esteve como esse suposto “neutro universal” e nunca foi necessário referir o sexo dos poetas a não ser quando esse fosse do sexo feminino. “A teoria literária clássica sempre utilizou esse gênero masculino como suposto *neutro universal*” (RAMALHO, 2002, p. 549, grifo do autor)

Na tradição, por razões bem conhecidas, as mulheres surgem prioritariamente, não como poetas, mas como musas, mudas e de preferência mortas (Beatriz de Dante, Ofélia de Shakespeare, Marília de Dirceu, Laura de Petrarca), na construção nitzscheana de mulher ela está como “ausência”. Segundo Ramalho (2002, p. 549), “é difícil para os mais argutos desconstrutores dos discursos ultrapassarem esse modelo”. Se como afirma Gayatri Chakravorty Spivak, a identidade se configura como o resultado da nossa própria tentativa de nos darmos sentido, e o sentido só existe no espelho do contexto social, político e material que nos reflete, é também, nesse espelho que se reflete o sentido das identidades sexuais que tomamos conhecimento, sejam elas consideradas individuais ou coletivas. O reflexo, porém, não é estático gira e se modifica como num caleidoscópio de infinitas figuras e configurações. Bailando continuamente de criação em criação de significado em significado – diversos - ; assim, o nosso

sentido(e seu reflexo) que nos mostra a identidade decorrente deste encaixe, será concebido como uma ação cultural que dá a *performance*, como sugere Judith Butler, mas também é simultaneamente pedagógica, como afirma Homi Bhabha (BUTLER, 2003; BHABHA, 2001 apud RAMALHO, 2002).

Não se é Mulher nos dizia Simone de Beauvoir; aprende-se a representar mulher nos diferentes termos e tempos tanto da história como da geografia humana. Entende-se aqui também a “História” e a “Geografia” (Tempo – Espaço) como o palco móvel onde transcorre a tragédia ou a comédia humana, susceptíveis de livre interpretação e que é, assim cognominada, de acordo com o olhar que de nós se desprende. Afinal de contas, é o *nous* (o nosso olhar sobre elas). Sujeito a oscilações da ciência plural: política, arte, cultura, moda..., tanto mais se oferece aos protagonistas do espetáculo da moderna sociedade globalizada, tanto quanto é mais premente, a questão do poder, e, tanto quanto mais necessária se torna a luta contra a desigualdade e a opressão. E, assim, as identidades só fazem sentido para quem delas precisa tanto a sexual como a cultural para cumprir uma determinada finalidade (RAMALHO, 2002)

A cultura e a construção social onde estamos inseridos são essencialmente binárias. A cultura distingue o branco do preto, o bem do mal, o mito da verdade, o corpo da alma, o masculino do feminino e assim por diante, parece que essa compreensão cartesiana de mundo não seria possível sem esse binarismo. As designações assim construídas assentam nas narrativas da cultura que nos identificam como homens e mulheres. O binarismo é essencialmente cultural em nossa sociedade e parece que nossa compreensão de mundo não seria possível sem a conceitualização do binarismo sexual. Até nos conceitos ele é uma constante, a natureza é feminina, a cultura é masculina, nação é feminina,

nacionalismo é masculino e abre-se um parêntese neste momento para fazer a associação Mulher-Pátria-Origem para identificar a incessante busca da origem na mulher, ou melhor, na imagem de mulher (reflexão da polaridade feminina do Ser), assim como, o nacionalismo é masculino e representa a polarização do másculo nas identificações culturais, onde, o sexo aparece designando o poder, ou, a ausência dele - o feminino a ausência e o masculino refletindo sua presença.

As mulheres como um campo de estudo envolve, nessa interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para análise. (p. 65). A história deste campo não requer somente a narrativa linear, mas um relevo mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história. Embora a história das mulheres esteja associada a um gênero do feminismo, este não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado. 'Muitos daqueles que escrevem a história das mulheres consideram-se envolvidos num esforço altamente político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade e para mudar o modo como a história é escrita.' (p. 65). A história que se pode escrever dos estudos sobre as mulheres pertence também ao movimento; não é uma metalinguagem, e irá atuar, tanto como um momento subversivo... não só interpretação teoricamente neutra da história dos estudos sobre as mulheres. A história terá só um papel atuante. (DERRIDA, 1984 apud SCOTT, 1992).

Para Ramalho (2002) existe a intersexualidade que é constitutiva desse vulnerável e reversível de estar a ser, que é sempre o que é em sociedade. Portanto, as identidades sexuais na nossa tradição são narrativas de uma construção cultural de identidades. A identidade feminina está presa em uma narrativa pré-escrita pela cultura e pela tradição, mas alguns autores a reescrevem e assim eles reinscrevem o gênero feminino, como nos mostra o poema de Lucille Clifton, intitulado "naomi watches as ruth sleeps", em que a poeta afro-americana põe na boca de Noemi, sogra de Ruth, as palavras comentadas por Ramalho (2002, p. 562). E que dizem o seguinte:

vigília de noemi enquanto ruth dorme
agarra-se a mim como uma sombra,

e eu só queria
estar sozinha e sentir
saudade do meu marido,
dos meus filhos.
prometeu seguir-me
e vir a ser eu
se eu deixar
vou leva-lá
para a terra de booz.
ele vai achá-la bela
e acolhê-la entre
as suas concubinas.
com permissão de Jeová
chorarei em paz.

Da mais genuína tradição bíblica, o texto de Noemi, a sogra de Ruth, Clifton a reescreve como um ser autônomo, independente que não encontra o consolo para sua velhice num papel feminino tradicional de ama, subserviente, atrelada a uma tribo que pode não ser a sua. Enquanto Ruth dorme, ela diz que quer ser livre e só, para seguir sua vida, chorar seu marido e filhos de forma independente. Nesse momento há uma identificação dessa nova imagem de Noemi como a “nova mulher” que Jamil propõe principalmente em seu poema “Aviso aos navegantes”, onde elas são polifórmicas podem carregar armas e lutar ao lado de seus companheiros como um exercito fantástico e mirabolante de imagens deificadas. Muitas vezes são apontadas como “terroristas” deixando completamente para trás o modelo roussoniano de mulher mãe, esposa e do lar, ainda tão presentes na mentalidade do seu tempo.

Nesse texto de Clifton, Noemi é escrita de uma forma diferente da tradicional, ela rompe com o comportamento das mulheres idosas do tempo presente para se identificar com um remotíssimo passado que aponta uma nova imagem e um devir grávido de esperanças. É uma imagem literária de mulher que aponta para mudança, é o recriar de uma imagem tradicional para construção da subversão e independência da mulher tanto a idosa num contexto cultural bíblico impensável como nas míticas deusas de “aviso aos navegantes”. Clifton, através de

Noemi, repensa e reconstrói através do discurso poético desafiando para outra imagem da *matriarca* que se desvia do seu papel tradicional e ao desviar-se encontra sentido.

O poema nos permite recriar, reinventar a história para além dos “fatos”, mas que reivindicam uma nova verdade ou uma nova realidade desejada. Como diz Hegel (1997, p. 394) contrapondo a historiografia à arte poética;

O elemento prosaico da historiografia reside principalmente no fato de que, se o seu conteúdo pode por vezes possuir uma substância interna e ser de natureza a exercer uma ação profunda, não deixa de surgir, na sua forma real, acompanhada de um grande número de circunstâncias relativas ou de acidentalidades e impregnada de uma larga dose de arbitrariedade, sem que o historiador tenha o direito de introduzir a mínima modificação ou correção nessa forma sob a qual a realidade se lhe oferece. Tal modificação ou correção constitui a principal tarefa da poesia quando, pelos assuntos que trata, se embrenha no terreno da história.

Essas inovações apontadas no poema de Clifton se assemelham ao que encontramos nos poemas de Jamil ao que apontamos em Ben Jelloun e também em Gibran e Assis. As suas criações estão trazendo constantes exemplos de subversão do *status quo*: Ben Jelloun com suas máscaras e sua halca traduzidas para França, Haddad e as denúncias em seu “Poema de Guerra” (aviso aos navegantes...), Gibran e suas palavras que vem do Alto, Assis e seus “sonhos” *visionários*.

3.3 A imagem da mulher como retorno à terra ancestral : árvore genealógica, de raízes definidas e origem identificada

A Palavra poética nunca pode ser falsa porque é total; ela brilha com liberdade infinita e prepara-se para resplandecer no rumo de mil relações incertas e possíveis. (BARTHES, 1972, p. 143)

Diante das palavras proféticas de Roland Barthes, é com reverência e reserva que arriscamos apontar algumas categorias de mulher apresentadas pelos poetas e autores sobre os quais dissertamos e apontar seus significados. Muito mais num tatear de significados do que com a pretensão de trazermos interpretações

cabais ou únicas, pois sabemos que a poesia vai além dos símbolos que muitas vezes lhe imputamos com a nossa própria, mímese, subjetividade e limitação. As imagens de mulher identificadas nos poemas de Assis e Jamil nos levam à muitas viagens através das signos, alegorias e metáforas. Entretanto, a ciência exige algumas respostas. É o que desprendemos dos versos para tentar uma interpretação – hermenêutica da palavra e da filosofia, relativizada pela nossa subjetividade, e que, nos permitiu verificar alguma classificação.

As imagens de Mulher em Assis e Jamil divergem, e muito, nas suas características e também elas são restritas em Assis e muito amplificadas em Jamil. Há, ainda, o reforço de que em Assis a mulher não parece ser o seu tema *focal*. Ela vem de uma maneira periférica para completar outros temas mais centrais seu significado é apenas um *mix* de véu, vulto e voz. Por exemplo, fala de Mulher porque está falando de Amor, de Espiritualidade, de *Metafísicaística* e limita-se a mencionar três categorias e, é nessas forma mais destacada que se fixa : a mãe, a esposa, a amada (musa inspiradora) que não se sabe se foi uma mulher do mundo Real ou uma invenção, criada para a poesia, como uma ave que pré-anuncia a fatalidade e o *Devir*.

Em Jamil são muitas as categorias de mulher que correspondem a uma diversidade de imagens relacionadas à multiplicidade de faces femininas apontadas e que acompanham o destaque que deu à Mulher como a preocupação central de vários de seus livros de poemas espelhando-se em todas elas, como um beija flor, que busca o perfume ideal, polinizando uma a uma todas elas...

A Mulher Mãe
A Mulher Amante
A Mulher Enferma
A Mulher Guerreira
A Mulher Vítima
A Mulher Heroína
A Mulher Divinizada
A Mulher Paisagem

A Mulher Redentora

A Mulher Dançarina (no mais amplo sentido da palavra) pode haver outras...

Segue um tatear de significados possíveis como parte de uma interpretação própria da nossa imaginação:

A mulher Mãe, Geradora (Luz-Vida-Amor) ; A Mulher Amante que é a Carícia e o Êxtase ; A Mulher Enferma que representa a Dor do mundo ; A Mulher Guerreira que é a História e o Devir ; A Mulher Vítima representa (Maya), a Grande Ilusão diante ao *potencial* que carrega dentro de si ; A Mulher Heroína é a que vence com bravura e nobreza as batalhas inscritas na sua História Viva ; A Mulher Divinizada é a portadora do archote (Luz Maior) ; A Mulher Paisagem é a Terra que se espelha na Lua inscrevendo na paisagem a sua própria selenografia; A Mulher Redentora é *Mater*, A Virgem Mãe do Mundo que está presente no nascimento e na morte das criaturas; A Mulher Dançarina é a que como a Terra dança com os Astros e, pode haver outra... inomináveis, escondidas ou em forma de código e segredo.

Essas diferentes faces de mulher aqui nomeadas permeiam e são presença nos poemas, relacionando sempre suas imagens ao devaneio, ao momento, ao passado, às vivências, à história dos poetas e a Epopéia do mundo. Apresentam as interfaces da simbologia, alegorias e metáforas que contam emoções e afetos correspondentes à criação e à expressão poética por onde revelam suas visões de Mundo e correspondentemente de Mulher marcadas na literatura.

As imagens femininas trazidas por Assis na grande maioria dos poemas verificados falam dessas três categorias acima citadas. Tímido, comedido em relação à Mulher, mostra-nos uma imagem moldada pela tradição romântica, roussoniana e um humanismo que ilumina também a sua visão de mundo. Seus temas e seu *trabalho* “Peregrino” pelo mundo, dedicado essencialmente ao Poema e a Poesia, traz uma íntima relação entre poeta, poesia e personagem que vem de uma forma velada e hermética anunciar paralelamente a saga do mascate em terras brasileiras, um processo de depuração alquímica entre os protagonistas da história e que se traduz na viagem do “massicote” (substância natural do óxido de chumbo) trabalhado simbolicamente na viagem do personagem (peregrino - mascate) e suas negociações pelo mundo, entre o sertão e as cidades, como construtor da história,

da paisagem , da poesia e do poema que se utilizam à medida que a viagem de *romance* se adentra até culminar na morte do mais querido de seus mascates , o pai do poeta, que também é personagem identificado e dá continuidade a Obra rumo a um destino incerto, porém se percebe um imperativo no poeta, escrever. Em “Os deuses morrem ausentes”, obra publicada no Chile em 1951,o poeta Assis Férés relata um episódio ocorrido no Chile onde o fantasma do pai lhe aparece tendo nas mãos dois objetos : uma adaga e um pena e propõe ao escritor fazer a sua escolha definitiva.) Daqui se desprende um mistério,porque de todo ainda não revelado na obra do autor.

A mulher é o contraponto que desempenha um papel principal nesse movimento de recuo às raízes, ela está associada de forma irredutível à mãe, às irmãs, às primeiras impressões da infância, ao primeiro amor, portanto, à origem. Ela, a mãe, é responsável pelas noções iniciais de sociabilidade, da transmissão dos costumes, da língua, da alimentação, da visão de mundo, etc. Então nos parece bastante natural que ela seja referência inesquecível do primeiro amor e do primeiro devaneio representando casa, lar, origem e vida.

Ao iniciarmos nosso discorrer sobre as representações de mulher no mundo árabe, apontamos em muitos momentos o valor sublinhado dado à mãe na tradição Levantina e essa herança é deixada também na literatura do Mahjar e para os seus descendentes como atestamos em Assis e também em Jamil, ao percebermos a sublimidade que dão à figura materna na literatura que produziram e isso está traduzido, na forma de versos e livros explicitamente dedicados a esta figura e apontados mais do que enfaticamente ao longo do nosso trabalho. Percebemos isso quando discorrem sobre a figura materna, quando buscam uma imagem materna na mulher amada, quando incorporam a figura materna ao olhar de forma maternal para

as mulheres representadas na poesia. Isso é muito presente em Jamil, não raras vezes, ele parece romper com a visão patriarcal e descrever suas imagens de mulher de uma forma quase maternal, ocorre com frequência quando fala das “amadas enfermas” com ternura filhal. “Entre os pinheiros de Abernédia” - Laura... Flora... Cordélia... e Evangelina... E também, Rosalina, Rosmarina... Renata.

Enfim, são infindas as maneiras como podemos a cada momento perceber os poemas. É como se eles fossem camaleões ou um caleidoscópio que se combina em múltiplas e infinitas possibilidades ou afinidades com o presente dos autores, mas sobretudo, com passado remoto que os remete a origens de uma genealogia desconhecida e antiga. A “Mãe” (Matriarca), nesse caso, é o veículo que faz o transporte, como uma nave : - “és barca, árvore, égua e coluna” - os leva a outras distâncias e as figuras femininas retratadas insistentemente povoam o mito, a lenda, o ‘sonho’ e a magia da cultura árabe ancestral, assim como, se encarregam de veicular uma passagem de retorno. Sultanas, beduínas, odaliscas, gênias e bailarinas, povoado com miragens o oásis dos poetas. Confirmando essa ida e vinda compulsiva ao passado – presente, bailado silencioso – rumoroso, constante na travessia infinda e através de um modelo de mulher, a mulher amada, elo perdido no baile das fantasias...

Ao fazermos uma leitura retrospectiva dos autores árabes do Mahjar trazendo Gibran, Challita, Sebbar, Bem Jelloun, e também Rahib, que foge ao rol dos emigrados, mas que nos oferece a sua lucidez no que tange ao assunto quando traz uma imagem de Mulher-Pátria anunciada em uma de suas novelas contemporâneas e que parece confirmar essa ligação arraigada no inconsciente árabe que é a relação mulher-origem-terra-mãe, e, procuramos então demonstrar o

quanto esse fenômeno da mulher significada por esses autores faz-nos retroceder às raízes primeiras.

Gibran, entre tantas das suas imagens que apontam para o oriente, nos traz entre elas "Huri, (mulher celestial da mitologia árabe), "Amin" (uma espécie de mulher sufi, do mundo de suas parábolas, "Susana Barak", retrata o mito da infidelidade feminina das lendas de "Mil e uma noites" e Marta Ben, menina das aldeias do Líbano, vítima da pobreza e da falta de recursos, remontando continuamente a tecitura do passado, mais cerzindo do que tecendo, uma história interrompida no "País do Cedro", e que, vai tentando adaptar, na ausência, em terra norte-americana sob o peso de um exílio "voluntário". Entre as mulheres de Gibran não podemos deixar de falar na escritora libanesa May Zaidan, residente no Egito, com quem manteve uma correspondência permanente e que através de suas cartas percebemos o horizonte norteador que ela representou em sua obra.

Outro escritor libanês, Mansur Challita, autor de muitos livros e principal tradutor de Gibran, de quem trouxemos para observação a obra "De Arabella a Zuleica à procura do Amor", confessa já nas primeiras páginas do livro a busca de uma dupla origem, terrena e transcendental e fala em buscar na *luz* (*destaque nosso*) dos olhos da mulher, essa casa terrena para um corpo cansado de miragens. Dá-nos entender que essa luz, também poderá conduzi-lo à terra mítica da Promissão, onde um dia, chegou Moisés depois de quarenta anos no Sinai, "...ou trata-se, no fundo, de uma procura, longa e incansável, pela materialização, sob a forma de uma mulher, do mais persistente dos sonhos"?... (CHALLITA, 1985, p. 7). Há uma consideração que gostaríamos de fazer ou reforçar, se já não a fizemos, no sentido de que no lirismo árabe, mulher pode ter um sentido místico e pode haver uma

ligação da imagem sensível como representação de um modelo supra-sensível de mulher.

A escritora argelina, Leila Sebbar, que retomamos para avaliar a ligação mulher - terra ancestral, em sua novela, “La photo d’identité”, mostra-nos dois casos reveladores de origem. São os dois personagens, homem e menino que observam uma imagem de mulher trazida em uma fotografia, na vitrine de uma loja de livros em Paris. Os dois argelinos ao mirarem esse retrato de mulher identificada com a imagem materna, vestida em trajes típicos da Argélia, fazem cada um a sua maneira uma viagem de retorno à terra natal. De uma certa forma fica explícita na fala e no silêncio de cada um dos personagens, a busca da presença materna que o retrato pode trazer e a ligação advinda da mulher relacionada à origem e também vinculada à tradição como evoca a trama por nós apontada em páginas anteriores. Nessa trama aparece também a figura da avó que lembra e remete constantemente o neto ao dever de resgatar a alma materna presa ao retrato fotográfico, deve rasgá-lo e assim libertar o espírito aprisionado da mãe, superar a dominação do colonizador francês e recuperar a antiga tradição cultural islâmica, que é iconoclasta e para quem a reprodução de imagens tem um sentido de profanação. Nesse contexto, além da imagem da mãe, a imagem da avó também atua como ligação entre tradição e origem no desenrolar da novela.

Entre os escritores laureados por seus trabalhos está Tahar Ben Jelloun, cujas construções de gênero são intrincadas, especulares e trazem muitas imagens sobrepostas de mulher representadas por sucessivas máscaras e polifonias.

A imagem imitando a técnica do espelho *Mutannan*, também é rica de significados, carrega o enigma sufi do duplo no espelho e quatro nomes de santos que nos leva a crer que nomes e imagens estão entrelaçados e mantêm a dualidade

no interior da unidade. Cada um na imagem do espelho é duplo, a imagem que se vê e a imagem que se é. Assim são as imagens de mulher criadas na literatura de Tahar, funcionam como um duplo uma multiplicidade duplicada de mulheres que dialogam com suas imagens criadas em seu lirismo profético, como muito bem exprime em seu romance *L'enfant de Sable* (O menino de areia) quando a personagem Zina pergunta: “Quem sou?” “Sou um ser ou uma imagem?” E que também acredita ter um duplo seu que se chama Lola e que mora na casa em frente a sua.

A busca da identidade é a busca da face detrás da máscara ou detrás da imagem. À busca da essência sob a aparência e a mulher busca identificar-se “Sou um ser ou uma imagem?”. Ben Jelloun traz na sua criação de imagens e nomes femininos como Zahra, Zina, Harrouda, essa discussão e a associação dos nomes de mulher à terra natal é simultânea, assim como, é simultânea essa discussão filosófica com o que há de genuíno na filosofia árabe, o pensamento “sufi” Tahar Ben Jelloun usa os recursos filosóficos do sufismo para construir seus discursos e suas imagens femininas, discute-as em suas novelas e aí parece que os dois caminhos, imagem de mulher e sufismo levam-no para sua origem. É certo que não é só através das imagens femininas que discute questões sufis, elas penetram profundamente o pensamento do autor, a técnica do espelho, o *zahir* (visível) e o *bateno* (invisível), a questão do duplo, a unidade na multiplicidade são “teoremas” sufis que, juntamente com a discussão de gênero, imagem de mulher e identidade, mostram a presença da origem impregnando sua estética, sua filosofia e temáticas.

Hani El Rahib escritor sírio, não faz parte do rol dos emigrados, mas o trouxemos como exemplo nesse momento pela associação direta que faz entre Mulher e Pátria na sua novela “*Dun Kichut*” (Dom Quichote) adaptada à realidade

sócio-política da Síria. Quando nomeia, a heroína, companheira de Don Quichote, com o termo Umayama que representa um diminutivo de Pátria (Umma), fazendo a ligação : terra – mulher e sementes do mesmo chão - que constituem a Pátria (Amada), onde se compartilha o pão da alegria e se minimiza as adversidades e a angústia com a solidariedade e o afeto.

As mulheres para Hani, parecem não ter muita compreensão das coisas, e não ter outra missão que acompanhar o homem, ao qual está destinada a ação, opinião, escolhas e, também, o heroísmo libertário expresso na recriação quichotesca de al Rahib ao apontar Quichote como um herói possível para a emancipação da Síria. Ao atribuir à mulher e a seu país características similares na construção do enredo, está nesse sentido utilizando determinados recursos que nos levam a fazer essa associação imediata entre Mulher e Pátria dada as características que atribui a uma e também a outra. A maneira como desenvolve sua história pedagógica e interpreta a situação contemporânea da Síria indefesa, adormecida, associada à passividade e a penetrabilidade feminina nos induzem a conclusão que mulher e pátria são indissociáveis companheiras do personagem e também do autor nesse momento.

No Ocidente as trocas, misturas, influências ou afinidades decorrentes desse contato, destacaram neste estudo o sincretismo entre a cultura árabe e a cultura ocidental, sublinhando o contato árabe com a sociedade brasileira, mescla originada ainda na Península Ibérica, com as investidas mouras em Portugal e Espanha por volta do século IX e trazidos até nós no período colonial. Através desse contato com os portugueses e espanhóis, principalmente, chegam até nós, os árabes, como produto de séculos de convívio e misturas cultural e étnica iniciada na Europa e transportada para o Brasil colônia e América-Espanhola.

A Espanha Andaluza, período áureo da cultura árabe miscigenada por esse entrelaçamento, também marcou a arte, a arquitetura, a filosofia e a literatura com destaque na poesia que se espalhou como influência em quase toda Europa do período medieval. É nesse momento que aparecem grandes jóias da poesia árabe, e principalmente uma nova imagem de mulher dando origem também a uma nova forma de amor até então desconhecida no Ocidente. Essa nova produção literária reuniu elementos tanto advindos do mundo oriental (bizantino, persa, árabe) como do ocidental, produto da cristandade.

Ao considerarmos o entrelaçar árabe com a cultura ocidental, como o movimento "para adiante", partindo do outro de seu processo histórico (a origem). Nossa reflexão sobre a dinâmica própria consistiria no mover-se "para trás", como um modo fenomenológico de existir e de persistir na história. Perceber o fenômeno do entrelaçamento e, a partir dele, considerar a situação humana do ser e da identidade árabe, é buscar conseqüências que se obteve do outro para então prosseguir assumindo essa história e a mescla como parte integrada da sua própria existência.

No reino da narração e da poesia "recuar e pausar", para em seguida prosseguir entrelaçando e gerando método e sentido para a nova gênese, consiste igualmente nos motores ou na dinâmica única do sistema ancestral e moderno no conto árabe e também na poesia árabe moderna.

Não há "Mil e uma noites" nem "O livro das delícias", ou "Calila e Dimna" ou "Laila e Majnun", nem ecos dos contadores de histórias de Ben Jelloun, nem as "Parábolas" de Gibran ou "O mascate" de Assis e "Aviso aos navegantes" de Jamil sem um recuo, um partir do meio de uma história já iniciada da que se retoma e que germina e brota em matéria de imaginários em expansão rumo a um novo enredo e

uma nova descoberta. É no recuar que se forma e tece a abundância mimética da fértil Sherazade; de “Aviso aos navegante” de Jamil ou de “O mascate” de Assis. Recolhe-se, do antigo das salas secretas da memória, ou nas “caixas de silêncio” a matéria do novo, cerzindo muito mais do que tecendo, a teia da qual transitam agilmente personagens, contadores de histórias, formulações oníricas, e fantásticas paisagens de infinitos contos e poemas.

Nos poemas de Assis e Jamil estão contidos o refletir árabe sobre a tradição antiga em plena elaboração e fusão com novas probabilidades de seqüência apresentada pela vivência no Brasil. Voltar-se para o antigo, retomar a tradição para depois partir rumo ao inusitado e aos irresistíveis focos da modernidade é a dinâmica apresentada na elaboração da literatura do Mahjar e seus descendentes. O mundo árabe, assim como o ocidental não mais viverá voltado para si mesmo. Eles se entrelaçam inevitavelmente e isso está inscrito na fatalidade de sua história. E a fatalidade, o Maktub, é tão própria do mundo árabe. Reforçar o que é próprio através do que o outro nos comunica em referência especular é consolidar identidades excluindo as solidões patogênicas e orquestrar a autenticidade que existe só porque o outro existe e podemos percebê-lo. Isso nos faz articular novas formas harmônicas ou possíveis de alianças.

A partir desse encontro de culturas apresentamos como questão central desse trabalho identificar nesse entrelaçamento o significado da imagem da mulher na literatura produzida no Brasil por imigrantes e descendentes no período de 1935 a 1980. Teremos aí o período aproximado de estréia e encerramento respectivamente das publicações dos poetas Assis e Jamil sobre os quais focamos nosso estudo.

Neste trabalho procuramos destacar autores árabes que atuaram como mediadores entre a cultura árabe e ocidental, especialmente os dois poetas que versam sobre a cultura árabe-brasileira. Assis Férés e Jamil Almansur Haddad e o desempenho que tiveram nesse “entre-lugar”, o testemunho desse duplo pertencimento em suas vidas. E isso aparece claramente nas suas escrituras juntamente com outros temas por eles desenvolvidos em prol da vida e da arte, pois seus temas foram culturais e universais em relação à condição humana. Houve uma imagem de mulher que afagaram nos seus afetos e que os fez retornar compulsivamente à origem como a busca de uma Pasárgada imaginária ou um Paraíso perdido. O olhar árabe brasileiro que os dois poetas lançam sobre a mulher na literatura e as sucessivas imagens construídas se mostram em muitos momentos bipolares. Assim como desde o princípio se percebe no temperamento, visões de mundo, filosofia dos poetas, a diferença, que os completa na diversidade quase dicotômica de estilo e temas de seus versos. É particularmente nas imagens de mulher trazidas e que atestam uma complementariedade pela diferença, que ambos, filhos de imigrante, se arrojam cada um a sua maneira na reconstrução primeira. Os dois receberam as influências da colônia, mesmo Assis tendo vivido grande parte de sua infância e juventude em Minas Gerais. Foram decisivas as influências dos amigos, dos intelectuais e da colônia paulistas na sua obra mais madura. A revista “Laiazul” é o testemunho desse período e teve durante muito tempo como título explicativo na primeira página “Revista de Ciências Y Letras de Oriente e Ocidente”.

O recolhimento de Assis contraposto ao arrojamento de Jamil nortearam as imagens de mulher trazidas no ritmo de seus versos. Foram muitas as imagens de mulher evocadas e faladas mais do que exaustivamente. Portanto, para concluirmos e pela necessidade de chegarmos ao ponto central deste estudo reforçamos nesse

momento a evidência de que, através das imagens de mulher fizeram um retorno ao mundo de “dentro” da casa, do lar, seja onde for que pensaram ser o seu lar. Assis e Jamil trouxeram imagens muitas vezes opostas de mulher: a mulher intangível e espiritual de Assis, que se traduz em véu, vulto, e voz; contraposta às mulheres paisagem e fotográficas de Jamil. Entretanto, possibilitaram a visualização de algumas categorias de mulher por eles trabalhadas, como imagem e máscara (persona e personagem). Porém, na ênfase sublinhada da figura materna, herdada de uma tradição ancestral, e na mulher como revelação da origem, aparentemente eliminaram os seus contrastes e afinaram pelo mesmo diapasão compondo um acorde e uma representação da mulher “árabe” como objeto de identificação e desejo. Assis apresenta-se como um humanista, um cavaleiro andante, que tange moinhos de vento, de idéias conservadoras em questões de valores e concepções sobre a mulher, porém, mantém-se paradoxalmente revolucionário, visionário e romântico nos trabalhos por onde se embrenhou durante sua vida. A integração da América Latina, a revelação do encontro da cultura árabe-brasileira, a difusão da poesia (incansável tradutor de poetas castelhanos para o português e poetas brasileiros para o espanhol). Jamil apoiado na ideologia marxista se posicionou sempre como um rebelde controvertido e revolucionário para o seu tempo e, apesar de nunca se admitir como romântico, manifestou-se inúmeras vezes como tal. Assim, de acordo com suas posições ideológicas e visão de mundo trouxe suas origens atreladas às Sumaias, às Sultanas, às Beduínas, Odaliscas e Bailarinas e mesclou-as também com européias, brasileiras e latino-americanas. E aos inúmeros nomes árabes de mulher evocados em poemas.

Ao terminarmos de citar os poemas, resta-nos, as imagens poéticas que contaram histórias de mulheres, lugares, paisagens, coisas e idéias que vão além do

que relatam em si, da beleza das suas metáforas ou da particularidade de cada lugar, personagem objeto ou paisagem de que falam. Os enredos dos textos, e os poemas carregam a história concomitante, que está presente em cada palavra trabalhada pelos autores. As imagens e as imagens de mulher principalmente emergem da narrativa poética e é à maneira de Assis e Jamil representarem as suas respectivas concepções do mundo e dos fenômenos humanos. Unindo o que está no plano das idéias ao que se refere ao mundo fora dos livros, os autores criam um universo poético, rico em imagens emblemáticas e entre essas imagens as imagens de mulher. E se, nas palavras de Barthes (1972) “Decodificar um poema é codificá-lo novamente”, fica em aberto um espaço para novas decifrações, novas interpretações de poemas e de poetas que falam de sonhos, de histórias e de musas que trarão uma luz maior para o conhecimento, sobretudo no que tange a sensibilidade da condição humana abrindo se não um túnel, quiçá um pequeno orifício na compacta névoa que separa a beleza sensível como imagem da beleza inteligível. Essa beleza entendemos ser, a que merece ser sabida, é o que dura da experiência humana sobre o mundo e deve ser salva e conhecida pelas gerações e que a obra de arte pode expor como o sentido originário das coisas.

A respeito de Nação e Nacionalismos fica em aberto um discurso de múltiplos olhares que orvalha os mais distintos e polêmicos horizontes da Política e das Ciências sociais Aplicadas buscando sempre o Bom o Belo o Verdadeiro para cada um de nós pois entendemos que a Verdade é o desconhecido de cada instante e que varia com o tempo e lugar nas suas infinitas possibilidades variáveis e atemporais e que são “porto seguro” talvez, para cada um, individualmente de acordo com suas escolhas e afetos, *eteceterá...*

Finito.... e.....Infinito.....



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a longa história do entrelaçamento entre Oriente e Ocidente as trocas, misturas, influências ou afinidades decorrentes desse contato, onde há no presente estudo a ênfase na mistura entre árabes e ocidentais, árabe e Brasil. Contato originado ainda na Península Ibérica, com as investidas mouras em Portugal por volta do século IX. E que através dessa mescla com os portugueses chegam misturados os árabes até nós como produto de séculos de convívio e mistura cultural e étnica de certa forma transportadas para o Brasil colonial. A Espanha Andaluza, período áureo da cultura árabe miscigenada por esse entrelaçamento, também marcou a arte, a arquitetura, a filosofia e a literatura com destaque a poesia que se espalhou como influência em quase toda Europa do período medieval. É nesse momento que aparecem grandes jóias da poesia árabe, e principalmente uma nova imagem de mulher dando origem também a uma nova forma de amor até então desconhecidos no Ocidente. Essa nova produção literária reuniu elementos tanto advindos do mundo oriental (bizantino, persa, árabe) como do ocidental, produto da cristandade.

Ao considerarmos o entrelaçar árabe com a cultura ocidental como o movimento “para adiante”, partindo do outro de seu processo histórico (a origem). A reflexão sobre a dinâmica própria consistiria no mover-se “para trás”, como um modo fenomenológico de existir e de persistir na história. Perceber o fenômeno do

entrelaçamento e a partir dele considerar a situação humana do ser e da identidade árabe, é buscar conseqüências que se obteve do outro para então prosseguir assumindo essa história e a mescla como parte integrada da sua própria existência.

Assumindo esse raciocínio no reino da narração e da poesia “recuar e pausar”, para em seguida prosseguir entrelaçando e gerando método e sentido para a nova gênese, consiste igualmente nos motores ou na dinâmica única do sistema ancestral e moderno no conto árabe e também na poesia árabe moderna.

Não há “Mil e uma noites” nem “O livro das delícias”, ou “Calila e Dimna” nem ecos dos contadores de histórias de Ben Jelloun, nem as “Parábolas” de Gibran ou “O mascate” de Assis e “Aviso aos navegantes” de Jamil sem um recuo, um partir do meio de uma história já iniciada da que se retoma e que germina e brota em matéria de imaginários em expansão rumo a um novo enredo e uma nova descoberta. É no recuar que se forma e tece a abundância mimética da fértil Sherazade; de “Aviso aos navegante” de Jamil ou de “O mascate” de Assis. Recolhe-se do antigo das salas secretas da memória, a matéria do novo, cerzindo muito mais do que tecendo, a teia da qual transitam agilmente personagens, contadores de histórias, formulações oníricas, e fantásticas paisagens de infinitos contos e poemas...

Nos poemas de Assis e Jamil estão contidos o refletir árabe sobre a tradição antiga em plena elaboração e fusão com novas probabilidades de seqüência apresentados pela vivência no Brasil. Voltar-se para o antigo, retomar a tradição para depois partir rumo ao inusitado e aos irresistíveis focos da modernidade é a dinâmica apresentada na elaboração da literatura do Mahjar e seus descendentes. O mundo árabe assim como o ocidental não mais viverá voltado para si mesmo. Eles se entrelaçam inevitavelmente e isso está inscrito na fatalidade de sua história.

E a fatalidade, o Maktub é tão árabe... Reforçar o que é próprio através do que o outro nos comunica em referência especular é consolidar identidades .excluindo as solidões patogênicas e coordenar a autenticidade que existe só porque o outro existe e podemos percebê-lo. Isso nos faz articular novas formas harmônicas ou possíveis de alianças.

À partir desse encontro de culturas apresentamos como questão central deste trabalho identificar nesse entrelaçamento o significado da imagem da mulher na literatura produzida no Brasil por imigrantes e descendentes no período de 1935 a 1980. Teremos aí o período aproximado de estréia e encerramento respectivamente das publicações dos poetas Assis e Jamil sobre os quais focamos nosso estudo.

Encontramos dificuldades, mas também satisfação na leitura de infinitos poemas dos autores em foco e também de tantos outros autores que lemos como fontes e também como referência teórico metodológica. Não chegamos ao fim deste estudo com idéias prontas e acabadas, mas sentimos que apenas arranhamos o assunto e trouxemos um entrever de possibilidades. Fizemos o que honestamente foi possível fazer. Há, entretanto, uma coisa que pensamos ter atingido em nossos objetivos, trazer para maior visibilidade o trabalho de alguns autores árabes que merecem ser citados mas principalmente desses dois autores que versam sobre a cultura árabe-brasileira. Assis Féres, um autor que passou despercebido no rol dos literatos, e Jamil Almansur Haddad, o desempenho que tiveram nesse “entre-lugar” foi o testemunho desse duplo pertencimento em suas vidas. E isso aparece claramente nas suas escrituras juntamente com outros temas por eles desenvolvidos em prol da vida e da cultura pois seus temas foram culturais sim mas foram sobretudo universais em relação a condição humana. . Houve uma imagem de

mulher que afagaram nos seus afetos e que os fez retornar compulsivamente a origem como a busca de uma Pasárgada imaginária. O olhar árabe brasileiro que os dois poetas lançam sobre a mulher na literatura e as sucessivas imagens construídas se mostram em muitos momentos bipolares assim como desde o princípio se percebe no temperamento, visões de mundo, filosofia dos poetas a diferença que os completa na diversidade quase dicotômica de estilo e temas de seus versos. É particularmente nas imagens de mulher trazidas e que atestam uma complementariedade pela diferença que ambos filhos de imigrante libaneses se arrojam cada um a sua maneira na reconstrução da origem. Os dois receberam as influências da colônia mesmo Assis tendo vivido grande parte de sua infância e juventude em Minas Gerais foram decisivas as influências dos amigos dos intelectuais e da colônia paulistas na sua obra mais madura. A revista *Layazul* é o testemunho desse período e teve durante muito tempo como título explicativo na primeira página "Revista de Ciências Y Letras de Oriente e Ocidente".

O recolhimento de Assis contraposto ao arrojamento de Jamil nortearam as imagens de mulher trazidas no ritmo de seus versos. Foram muitas as imagens de mulher evocadas. E delas falamos mais do que exaustivamente portanto para concluirmos e pela necessidade de chegarmos ao ponto central deste estudo reforçamos nesse momento a evidência de que quando se trata de mulher fizeram um retorno ao mundo de "dentro" da casa, do lar, seja onde for que pensaram ser o seu lar... Assis e Jamil trouxeram imagens muitas vezes opostas de mulher a mulher intocavelmente espiritual de Assis contraposta às mulheres paisagem e fotográficas de Jamil possibilitaram a visualização de algumas categorias de mulher por eles trabalhadas, como imagem e representação. Mas na ênfase sublinhada da figura materna, herdada de uma tradição ancestral, e na Mulher como revelação da

origem, aparentemente eliminaram os seus contrastes e afinaram pelo mesmo diapasão trazendo a mulher árabe como objeto de identidade e desejo. Assis apresenta-se como um humanista de idéias conservadoras em questões de valores e imagem de mulher porém mantém-se paradoxalmente revolucionário, visionário e romântico nos trabalhos por onde se embrenhou durante sua vida. A integração da América Latina, A revelação do encontro da cultura árabe-brasileira a difusão da poesia (incansável tradutor de poetas castelhanos para o português e poetas brasileiros para o espanhol). Jamil apoiado na ideologia marxista se posicionou sempre como um rebelde controvertido e revolucionário para o seu tempo e apesar de nunca se admitir como romântico manifestou-se inúmeras vezes como tal. Assim de acordo com suas posições ideológicas e visão de mundo trouxe suas origens atreladas às Sumaias, as Sultanas, as Beduinas , Odaliscas e Bailarinas...e os inúmeros nomes árabes de mulher evocados em poemas.

Ao terminarmos de citar os poemas, resta-nos. As imagens poéticas que contaram histórias de mulheres, lugares, paisagens, coisas e idéias que vão além do que relatam em si , da beleza das suas metáforas ou da particularidade de cada lugar, personagem objeto ou paisagem de que falam. Os enredos dos textos, os poemas carregam a história concomitante, que está presente em cada palavra trabalhada pelos autores. As imagens e as imagens de mulher principalmente emergem da narrativa poética e é à maneira de Assis e Jamil representarem as suas respectivas idéias do mundo e dos fenômenos humanos. Unindo o que está no plano das idéias ao que se refere ao mundo fora dos livros, os autores criam um universo poético rico de imagens emblemáticas e entre essas imagens as imagens de mulher. E nas palavras de Roland Barthes “Decodificar um poema é recodificá-lo novamente”, portanto fica em aberto um espaço para novas decifrações, novas

interpretações de poemas e de poetas que falam de sonhos de histórias e de musas que trarão uma luz maior para o conhecimento sobretudo no que tange a sensibilidade da condição humana abrindo se não um túnel quem sabe um pequeno orifício na espessa nevoa que separa a beleza sensível como imagem da Beleza inteligível... e esta Beleza, entendemos ser a que merece ser sabida, é o que dura da experiência humana sobre o mundo e deve ser salva e conhecida pelas gerações e que a obra de arte pode expor como o sentido originário das coisas. O encontro árabe-brasileiro, o encontro oriente-ocidente gerou uma valiosa mescla cultural traduzida numa rica produção literária que nos mostrou a expansão de fronteiras não apenas do mundo físico e cultural mas também entre razão, beleza e sentimento no diálogo entre o conhecimento e a ciência.



REFERÊNCIAS

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BARTHES. Roland. **O Grau zero.** Tradução de Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAUMGARTER, Alexandre Gottlieb. **Estética:** a lógica da arte e do poema. Petrópolis : Vozes, 1993.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** São Paulo: Difel, 1968.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 6.ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERNARDI, Carlos. **Arquétipos:** apresentando Hillman James. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/apresjh.HTM>. Acesso em: 14 maio 2007.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Antropologia da doença e do doente: percepções e estratégias de vida dos tuberculosos. **História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, v. 6, n. 3, p. 493-522, fev. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000400002. Acesso em: 06 jun. 2007

BEZERRA, David Ricardo Colaço. **A Dialética Hegeliana e o Espírito da Constituição.** Pernambuco: UFPE. Disponível em <http://www.hegelbrasil.org/rev04d.htm> Acesso em: 15 agosto 2007.

BHABBHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos:** exploração das hibridações culturais. São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

CHALLITA, Mansour. **O alcorão.** Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [198-].

_____. **De Arabela a Zuleica :** à procura do amor. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1985.

CHARTIER, ... **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. S.P: UNESP, 2004

DRUSOS. Disponível em : <http://pt.wikipedia.org/wiki/>: Acesso em: 10 out. 2007

MATTA, Roberto da. **O que faz do Brasil Brasil?** Rio de Janeiro : Rocco, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FÉRES, ASSIS. **O mascate**. Santiago do Chile: Laiazul, 1970.

_____. **Miguel Pedreiro na Frente**. Santiago do Chile: Laiazul, 1952

FÉRES, ASSIS. **Os deuses morrem ausentes**. Santiago do Chile: Laiazul, 1951.

_____. **Doutro lado do sonho**. Buenos Aires: Castiglioni, 1943.

_____. **Sonhos Mutilados**. Rio de Janeiro: Apollo, 1940

FÉRES, Opázia Chaim. **Recuperação de uma obra Poema “O mascate” de Assis Féres**. 2000, 835 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Uma Anunciação: o absoluto de Assis Feres. **Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia**, v. 41, nuova serie 27, 2003-2004.

FERREIRA, Cláudia Falluh Balduino. A poesia árabe de guerra e o iconoclasmo islâmico: Uma dialética verbal e imagística. **Revista Tiraz, Revista de estudos árabes e das culturas do oriente**, ano, 2, p.10-17, 2005

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1951.

_____. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1943.

GALLAND, M. **As “Mil e uma noites”**. Tradução de Alberto Diniz. São Paulo: Edigraf, [19--]. 4v.

GLAUDIUS. Disponível em: <http://gladio.blogspot.com/>. Acesso em: 10 out. 2007.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIBRAN, Khalil. Disponível em : <http://pt.wikipedia.org/wiki/>: Acesso em: 10 out. 2007

_____. **Os Deuses da terra**. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: ACIGI, [197-].

GIBRAN, Khalil. **Segredos do coração**. São Paulo: Record, 1957.

GUERRA, Lucia P. de Lucena R. A condição feminina na obra de Tahar Ben Jelloon: Harrouda. In: ENCONTRO NACIONAL DA MULHER E LITERATURA, 3, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2002.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe cem anos de reflexão**. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, Stuart. **A identificação cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HADDAD, Jamil Almansur. **Interpretações das mil e uma noites**. Conferência Proferida na Semana de Estudos Árabes, 1986. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat6/jamyl.htm> acesso em: dez. 2006.

_____. **Aviso aos navegantes ou a bala adormecida no bosque**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

_____. **O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do tempo**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1945

_____. **Álvares de Azevedo, a maçonaria e a dança**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

_____. **A lua do remorso**. São Paulo: Martins, 1951.

_____. **Poemas**: orações roxas, novas orações negras, orações vermelhas. 3.ed. São Paulo: Cultura, 1944.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética**: o sistema das artes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IEGÉLSKI, Francini. **Tempo e Memória, Literatura e História**. Alguns apontamentos sobre lavoura arcaica de Raduan Nassar e Relatos de um certo oriente de Milton Hatoun. 2006, 150f. Dissertação (Mestrado em Línguas Orientais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JOHNSON, Robert A. **WE**: a chave da psicologia do amor romântico. São Paulo: Mercuryo, 1987.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISP, 2000.

KNOLTOWN, Clark. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: ícone, 1985.

JELLOUN. Tahar. **O último amigo**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006

_____. **La Nuit de l'erreur**. Paris: Seuil, 1997.

_____. **La nuit sacrée**. Paris: Ed. Seuil, 1987

_____. **L'enfant de la sable**. Paris: Seuil, 1985.

LE BON, Gustave. **A Civilização árabe**. Curitiba: Grafipar, 1974.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Globalização e ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p.503-539.

MORAES, Vinicius. **Antologia poética**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

MATOS, Olgária Chain Feres. **Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

----- **Filosofia: A polifonia da razão**. São Paulo: Scipione, 1997.

MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MUNIZ, Mônica. A condição da mulher no Islã. Disponível em <http://www.sbmj.org.br/page8ptcondic.htm>. Acesso em: 11 ago. 2006.

NAMUR, Miriam. **Alimentação, memória e identidade do imigrante árabe no século XX**. Ponta Grossa, 2002. Monografia (Especialização em História e Cultura), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2002.

NOGUEIRA, Luciana Persice. Ben Jelloun e o sufismo: o zahir e o bateno. **Alea : Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 5 , n. 2, July-dec. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000200007 acessado em 22/12/2006

ONslow, Wilson.H. **Glândulas o espelho do eu**. 5.ed. Curitiba: AMORC, 1989

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as varias faces do amor: In: OS SENTIDOS da paixão . São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p 77-103.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Sufismo, performance moral e poder na Síria contemporânea. In: **Revista Tiraz, de estudos árabes e das culturas do oriente**. São Paulo, ano, 2, p.10-17, 2005.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAHIB, Hani Al. **Dom Quixote**. Tradução de Aida R. Hanania. Disponível em: http://www.hottopos.com/collatio/dom_quixote_hani_alrahib.htm. Acesso em: 11 maio 2007.

RAMALHO, Maria Irene. A sogra de Rute ou intersexualidades, In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Globalização e Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 541-56.

ROSSI, Giovanni. Colônia Cecília e outras utopias. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

ROUGEMONT, Dennis. **Histórias do amor no Ocidente**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

SAHR, Wolf – Dietrich. **Entrevista concedida a Miriam Namur**. Ponta Grossa, 11 nov. 2007.

_____. **Em meio aos mundos um mundo no meio: vivência e significado da imigração nas sociedades caribenhas**. Migraciones de la Poblacion Latinoamericana y sus efectos sócio-economicos. Worszawa: Cesla, 1998.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história, novas perspectivas**. São Paulo. UNESP. 1992

SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: UNB, 1990.

STEIN, Edith. **A Mulher sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru: EDUSC, 1999.

SLEIMAN, Michel. Os novos poetas das areias. In: BIBLIOTECA entre livros. São Paulo, 2006. p. 73-75.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e história: homens e prática histórica**. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. São Paulo: EDUSP, 2003.

SOARES, Vera Lúcia. Violência, gênero e poder na literatura de Assia Djebar e Leila Sebbar. **Alea: Estudos Neolatinos**, v.5., n.1, p.71-82, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n1/20348.pdf>. Acesso em: 15 jan.2007.

THEOPHILO, Roque. **A marcha do terrorismo através dos tempos**. Disponível em : <http://www.psicologia.org.br/internacional/terr.htm> acesso em: jan/2007.

TRUZZI, Oswaldo M. S. Sírios e Libaneses e seus descendentes. Na sociedade paulista. In: FAUSTO, Boris. (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 317- 351.

ZEGHIDOUR, SLIMANE. **A poesia árabe moderna no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. Cotia : Ateliê Editorial, 2005.



BIBLIOGRAFIA

ADOUM, Jorge. **O povo das “Mil e uma noites”**. Tradução de Rômulo Durant da Motta. Porto Alegre : Fundação Educacional Editorial Universalista, 1977.

ANGEBERT, Jean Michael HUNTIN, Serge. **Os Filhos Místicos do Sol**. São Paulo: Difel, 1976.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

CONTOS árabes. Tradução de Jamil Almansur Haddad e José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Da vida das palavras nos discursos aos discursos das mudanças**: palavra e discurso: história e literatura. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES. Roland. **A câmara clara**. Tradução de Júlio Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Limonad, 1981.

BEAUD, Michel. **Arte da tese**: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário. 2.ed. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARDOSO, Sérgio et al. Os sentidos da paixão. **São Paulo: Companhia das Letras, 1997**.

DEVEREUX, Geoges. **Mulher e mito**. Campinas: Papirus, 1990.

GIDDENS, Antony. Gênero e sexualidade. In: ____ **Sociologia**. Lisboa: Calouste Gulben, 2004, p.109-125.

MATOS, Maria Izilda de. **Por uma história da mulher**. Bauru: Edusc, 2000.

MERCIER, Mario. **O mundo mágico dos sonhos**: o conhecimento iniciático e simbólico dos sonhos. Tradução de Maria Thereza Cavalheiro. São Paulo: Pensamento, 1980.

NAFISI, Asar. **Lendo Lolita em Teerã: uma memória em livros**. São Paulo: A Girafa, 2004.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe: fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PINTO, Elizabete Alves. **1823 - 1923 Ponta Grossa um século de vida**. Ponta Grossa: Kluger, 1983.

RAJNEESH BHAGWAN SHREE. **Sufis: o povo do caminho**. Tradução de Ma Dyan Wanda, Maha Lakshmi. São Paulo: Maha Lakshmi, 1983.

SAHR, Wolf - Dietrich; SAHR, C. L. L. Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. O espaço geográfico em análise. **RA' EGA**, Curitiba, v.4, n. 4, p. 61-84, 2001.

_____. Pra não dizer que não falei de sincretismo. **Comunicação do ISER**, n.45, 1994.

SEDLMAYER, Sabrina. Perambulações: presença árabe na literatura brasileira. **Revista Tiraz, Revista de estudos árabes e das culturas do oriente**, São Paulo, ano 2, p. 10-17, 2005

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. Josefina Álvares de Azevedo e o teatro: o riso levado a sério na luta pelo voto feminino no século XIX. In: FAZENDO GÊNERO: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER, 1996, Santa Catarina. **Anais...** Ponta Grossa:UEPG, 1996. p. 84-89.

STODDART, Willian. **O sufismo: doutrina metafísica e via espiritual no Islão**. Lisboa: Edições 70, 1980.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade: na história e na literatura**. Tradução Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

VALENTE, Célia. **O Salto para a vida**. São Paulo: FTD, 1999.

ANEXOS

Anexo 1
LENDAS



LENDA AFRO-AMERICANA CHAMADA MANAWEE (A NATUREZA DUAL DAS MULHERES)¹

Ao falar da relação homem - mulher introduzo, três histórias que penso trazer elucidações a essa tempestuosa busca de ser e de estar em relação a si mesmo e ao outro.

São histórias ancestrais e uma remonta a versão de uma lenda afro-americana chamada Manawee e a um que seguirá remete ao mito da nação Ojibwa dos Sioux¹ - Mulher - Espírito Bisão Branco é o nome da história. As histórias serão resumidas trazendo os pontos que são considerados essenciais para a compreensão do ensinamento, porque longe de mim a ideia de estendê-las por duzentos e oitenta e duas noites, mil noites, ou mil e uma noites, como argumentam alguns estudiosos sobre a duração da narrativa de Sherazade e suas histórias espantosas por mais analogias que se possa fazer entre elas. A primeira começa: Manawee - O Parceiro - A união com o outro e um hino para o Homem Selvagem.

Era uma vez um homem que vinha cortejar duas irmãs gêmeas.

- Você não poderá casar com elas a não ser que consiga adivinhar seus nomes - dizia o pai das moças.

Manawee tentava e tentava, mas não conseguia adivinhar os nomes das irmãs. O pai das moças abanava a cabeça e mandava Manawee embora todas as vezes.

Um dia Manawee levou um animalzinho junto numa visita de adivinhação, e o cachorrinho percebeu que uma irmã era mais bonita do que a outra era mais delicada do que a primeira. Embora nenhuma das duas irmãs possuísse todas as virtudes, o bichinho gostou muito delas porque elas lhe deram petiscos e sorriam olhando fundo nos seus olhos. Para Manawee porém permanecia o enigma sobre os nomes.

¹ Cap 4, O Parceiro: A UNIÃO COM O OUTRO Lendas pgs148-163
ESTÊS, Clarissa. P, Rio de Janeiro: Rocco,1999.

O CÃOZINHO OUVINDO POR DEBAIXO DAS FRESTAS DA CHOUpana DAS irmãs DESCOBriu que elas achavam Manawwe Bonito e másculo. Enquanto conversavam as irmãs se chamavam pelos nomes, assim o animalzinho tendo ouvido voltou correndo avisar seu dono. No meio do caminho encontrou um osso ainda com carne e isso o distraiu numa apetitosa ceia. Ao terminar a refeição havia esquecido o nome das moças. Algumas outras vezes o Bichano voltou a Choupana das moças e ao trazer os nomes era sempre seduzido no caminho por algum sabor ou cheiro que o fazia esquecer. Houve também o assalto de um homem estranho e sinistro que exigia que o cãozinho lhe revelasse o nome das irmãs porque queria possuí-las a qualquer custo, mas ele lutou bravamente com o estranho e enfim conseguiu trazer para Manawwe os nomes das gêmeas e o casamento foi realizado e iniciou-se a viagem das duas donzelas, Manawwe e o cãozinho, que viveram em harmonia por muito tempo.

... CONTAR HISTÓRIAS PODE SER ALGO MAIS QUE UMA MERA DIVERSÃO...
ALGO PRIMORDIAL, ALGO DE QUE DEPENDE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA DE UM
POVO. Mário Vargas Llosa, O Falador

Pinkola Estés (1992, p. 152) nos diz como os contos folclóricos, os sonhos e as fábulas nos revelam seus conteúdos em termos subjetivos em que todos os símbolos são retratos da psique de uma única pessoa, mas também podemos compreendê-los em termos objetivos na medida em que estão associados a condições e relações com o mundo exterior. O conto de Manawwe será analisado sobre o aspecto da mulher e do seu parceiro tendo em mente que muitas vezes „como é por fora é por dentro“. Para conquistar o coração de uma mulher seu parceiro deve entender profundamente sua dualidade natural. Embora pudéssemos em termos etnológicos encarar as duas mulheres na história como noivas numa cultura polígama, essa história fala do mistério de duas poderosas forças femininas numa única mulher.

A história de Manawee contém os fatos essenciais para a intimidade com a mulher selvagem como é denominada essa mulher original de dois nomes e duas naturezas. Qualquer um que esteja íntimo desse feminino selvagem está diante de duas mulheres, um ser exterior e uma criatura interior, um que habita o mundo terreno e um que habita um mundo não tão visível. Uma é a vista à luz do dia, é observada com facilidade. Muitas vezes é uma pessoa enigmática, aculturada, humanamente socializada e ideologicamente posicionada. „Já a criatura costuma chegar a superfície vinda de muito longe e com frequência aparece e desaparece rapidamente, embora sempre deixe uma sensação: algo de surpreendente, original, sagaz% (Estes Pinkola, 1992, p. 152).

O paradoxo da natureza gêmea das mulheres reside na bipolaridade como ela pode apresentar-se, muitas vezes um lado é mais feliz e maleável, enquanto outro anseia por algo indefinível, um lado é cheio de alegria, o outro é melancólico e lamentoso. Um lado é ardente e indomável, enquanto o outro é gélido como os pólos. „Essas duas mulheres que são uma são elementos separados porém associados, que se combinam em milhares de formas% (Estes Pinkola, 1992, 153)

Embora cada lado de uma mulher apresentar-se separadamente como entidade elas devem funcionar como um todo e ter uma tradução de um lado para o outro. O seu é mais desenvolvido do que o outro gera desequilíbrio, perda de poder, isso não é bom. É necessário desenvolver os dois lados. Em algumas culturas existe toda uma disciplina dedicada ao equilíbrio da natureza dos gêmeos. Em diversas comunidades africanas do Caribe acredita-se que o símbolo das irmãs gêmeas possui Juju - energia mística da alma.

Por isso exigem que as gêmeas recebam cuidados iguais para que não recaia mau agouro sobre a comunidade. (Estes Pinkola, 153)

Esses dois aspectos gêmeos da personalidade feminina vivem relativamente bem separados com seu self civilizado e também com o self selvagem, mas anseiam relacionar-se e a pesquisadora afirma que: „A perda dos poderes psicológicos, emocionais e espirituais das mulheres tem como origem a separação dessas duas naturezas e principalmente a simulação de que uma delas não mais existe” (Grifo nosso).

Manawwe também é de natureza dual, lado humano e o lado canino, farejador. Sua natureza humana, embora simpática e carinhosa, „não lhe basta para ter sucesso na corte”. É a sua natureza canina, instintiva que possibilita a aproximação com a mulher selvagem representada nas gêmeas que conquista por ouvir e saber os seus nomes. É o self-cão que supera as seduções superficiais e retém o conhecimento mais importante e consegue resgatar as idéias mais valiosas. Perseguindo a análise arquetípica que as forças masculinas podem incluir de energias semelhantes à do Barba-azul, do rei chariar, ou de outros tipos de assassinos de mulheres. Quando essas forças atuam, elas tentam demolir a natureza dual das mulheres. Esse tipo de homem não consegue tolerar a dualidade, procura perfeição, a verdade única, a substância feminina encarnada na mulher perfeita e imutável. Manawwe diferentemente do perfil de Barba-azul por exemplo, deseja tocar essa combinação misteriosíssima e onipresente da alma feminina. Por ser ele um homem natural ligado ao selvagem de si mesmo tem sintonia com a mulher selvagem, está aberta a dualidade feminina e a considera valiosa, acessível, desejável e não diabólica feia e desprezível.

„Manawwe quer esteja no mundo interior quer no mundo exterior, representa um amante novo, mas cheio de fé, cujo desejo principal é o de identificar e compreender o numinoso duplo da natureza feminina” (Estés Pinkola, 6)

A segunda história que funciona como um ensinamento se refere à Mulher-Esperito Bisão Branco (mito da Nação Ojibwa dos Sioux).

A narração inicia nos seguintes termos:

„Há muito tempo, dois Batedores saíram a caça de Bisões; ao chegarem no topo de uma alta colina olharam para o norte e viram algo surgindo de muito longe, e quando chegou mais perto exclamaram. „É um mulher!%É era. Então um Batedor por ser parvo, teve maus pensamentos e os expressou em voz alta; mas o outro replicou: „É uma mulher sagrada; livre-se de todos os maus pensamentos.%

Quando ela chegou ainda mais perto, puderam perceber que usava uma roupa de camurça branca, que seus cabelos eram longos e que era jovem e bela. Ela lia seus pensamentos, e disse numa voz que mais parecia um canto:

„Você não me conhece, mas se quiser fazer o que está pensando pode vir.%
E o parvo foi mas assim que parou diante dela uma nuvem branca envolveu-os. A bela jovem saiu da nuvem e quando ela se dissipou tudo o que havia restado do parvo era um esqueleto coberto de vermes. Então a mulher disse ao que não era parvo:

„Volte para casa e avise o seu povo que estou chegando, e por isso devem construir uma grande tenda para mim no centro da nação.%
O homem, apavorado, correu e avisou os demais, que fizeram o que ela mandaram e esperaram a mulher envolta da tenda. Depois de um certo tempo ela veio muito bela cantando os seguintes versos:

Com hálito visível eu estou caminhando.

Envio minha voz enquanto caminho.

De forma sagrada estou caminhando.

Minhas pegadas são visíveis quando estou caminhando.

De forma sagrada caminho.

(Black Elk, in Neihardt, Black Elk Speaks, p. 3-4, apud Johnson, 1987, p. 227-229.)

Enquanto cantava, de sua boca saía uma nuvem branca que exalava um perfume. Em seguida ela deu ao chefe da tribo um cachimbo entalhado com a figura de um filhote de bisão – para simbolizar a terra que nos sustenta e dá alimento – doze penas de águia pendiam dele amarradas com fibra que jamais se rompem e isso simbolizava o céu e as doze luas. Disse ela:

„Ouçam, com isso vocês se multiplicarão, serão uma nação justa e atrairão Para si somente o Bem. Somente a mão dos Bons, deve toca-lo e cuidar dele. Os maus não deverão sequer olhá-lo%”Ela cantou novamente, deixou a tenda e enquanto a via partir sua figura transformou-se num ágil Bisão Branco e se afastou a galope e logo desapareceu. „É isso que contam, e se aconteceu não sei; mas pensando Bem, pode-se ver que é verdade.%” (Black Elk, in Neihardt, Black Elk Speaks, p. 3-4, apud Johnson, 1987, p. 227-229).

Para um resumo do ensinamento Johnson pondera: a alma é uma mulher sagrada, este feminino interior que projetamos para o exterior. O sagrado é um sentimento que vai ao âmago da vida. Se formos como o Batedor sábio diremos: „É uma mulher sagrada, livre-se de todos os maus pensamentos. Se formos como o Batedor parvo e tentarmos transformá-la num ser físico perdemos o que ela tem de sagrado a nos dar. O que há de terrível na alma é que ela nos permite vê-la como quisermos. Ela diz: „Você não me conhece, mas se quiser fazer o que está pensando pode vir.%” Mas o preço a pagar é alto como a história nos diz através do destino do parvo. O que chamamos de sagrado é, em última instância, um universo de paradigmas que usamos para avaliar nossos esforços pessoais, e a própria vida para ver se neles também existe significado. (Johnson, 1987, p. 231)

O autor segue dizendo, „Para a psique masculina, a descoberta do sagrado, a comunhão com ele dá-se por meio ao feminino interior. É a Mulher-Espírito que traz o sagrado à vida, a visão do céu e das doze luas ...

A visão do sagrado se reflete no mundo exterior do homem dependendo do que busca no seu interior. Ir ao encontro da mulher é ir ao encontro também de sua própria morada não só de um abrigo exterior, mas de uma morada interna que procuramos consciente ou inconscientemente retornar (Bachelar um lugar de repouso). Todos os valores que instintivamente sentimos como „sagrado“ convergem para a imagem da amina.

Psique é fundamentalmente imagem, e imagem é sempre psique, essa fé se manifesta pela crença em imagens... Estamos sempre construindo imagens. A fé psicológica começa no amor pelas imagens, e flui principalmente por meio das formas humanas em sonhos, fantasias, reflexões e imaginações. Sua crescente vivificação nos dá uma crescente convicção de ter - e depois de ter - uma realidade interior e exterior de profundo significado que transcende a vida pessoal (JOHNSON, 1987, p. 234)



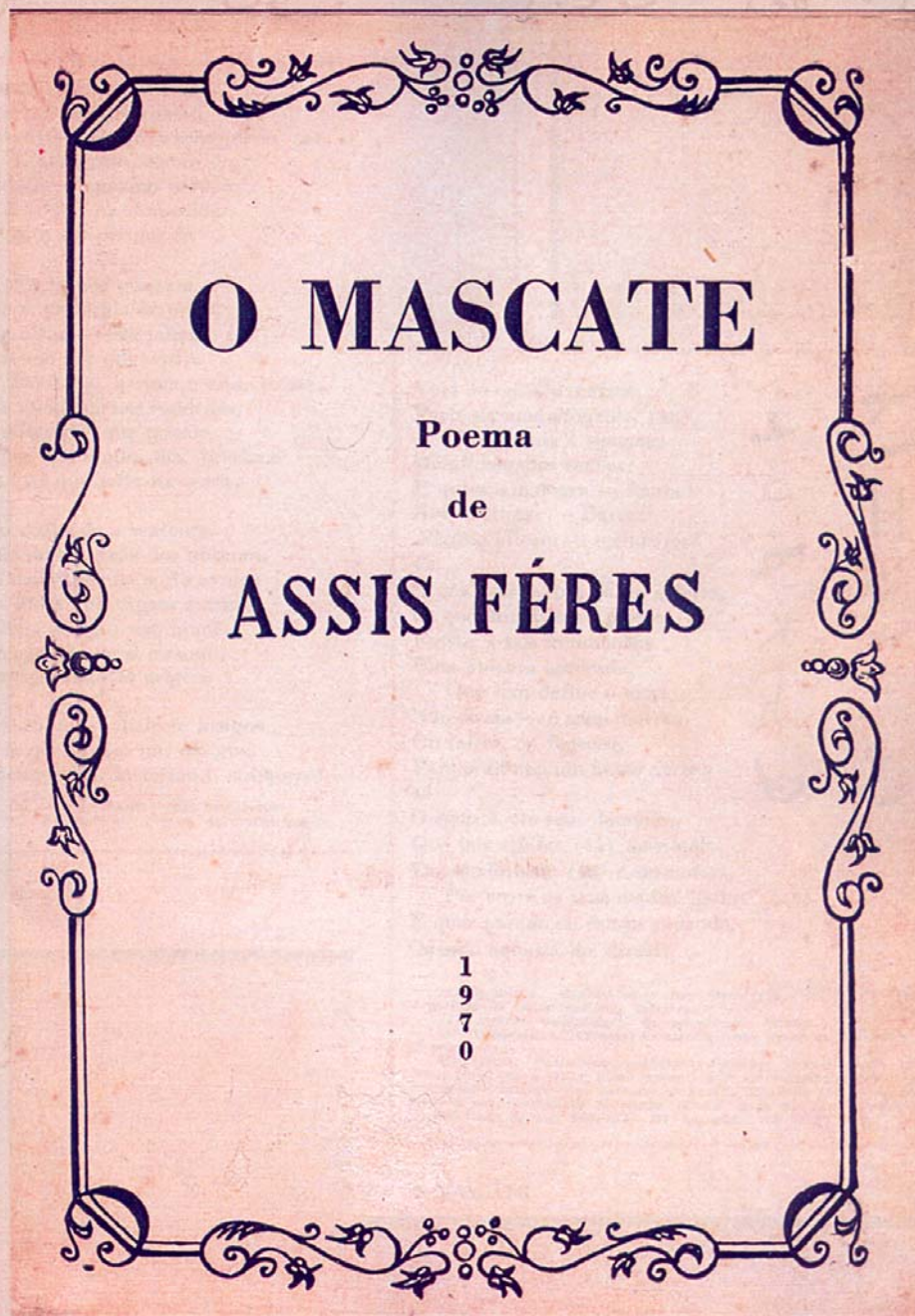
ANEXO 2

DOS POETAS E SUAS OBRAS

anexos I



Gravura 01: O poeta Assis Feres



Gravura 02: Capa do livro "O Mascate" de Assis Fères, publicado em São Paulo-SP, no ano de 1970.

Do meu clínico imortal!;
Descendo daquela mesa,
Levantei-o de um acerbo plano, (41)
E abraçados, comovido,
Pedi-lhe o humano perdão;
E disse-lhe, na despedida:
"Virá a ser perquirida

39

A ciência que imagino,
Numa prelúcia empresa,
Seu nome — *fisicoalmia*. (42)

É termo que nos separa

Do corpo, a alma e essas coisas;
E o átmo que nos condensa,
A dissecação que possui,
Trará, em algum dia, preclara,
"A paz que falta na terra;

40

Seu conteúdo e sentença,
Hão de arrancar dos abismos,
Os naufragos da sorte avara:
Esses que vagam a esmo,
Nesses pécagos sem nome
Do egoísmo de si mesmos,
Desfigurando as origens."

41

Brasclusio — dialecto insigne,
Com que pedras nos designe,
Quem de um só termo o enriquece?

41) Acerbo plano: Chão endurecido.

42) Fisicoalmia: Ciência da desintegração.

Verá ao ouro, e o arroz,
Parte de uma etogenia, (43)
Chafurdada à sissomia
De afidalgados senões;
E quem o malogra — fenece?
Aos cientistas — Barões
Não significam — escudeiros?

42

E aos ávaros, por sôbre a terra,
Os que promovem a guerra,
Existe, a tais xerimbabos,
Uma palavra ignorada,

Que lhes define o exício:

Não dizem — o asno morreu,
Ou falece, ou feneciu,
Para o dito há um outro norte:

43

O egoísta, em seus domínios,
Que tais alfafas (44) mascando,
Do pãodurismo (45) o memoram,

Por entre os seus dentes "gatas" (46)

E quer parado ou esteja andando,

Quando agoniza lhe dizem:

43) Etozenia. Conhecimento dos caracteres, hábitos, costumes e paixões da individualidade coletiva.

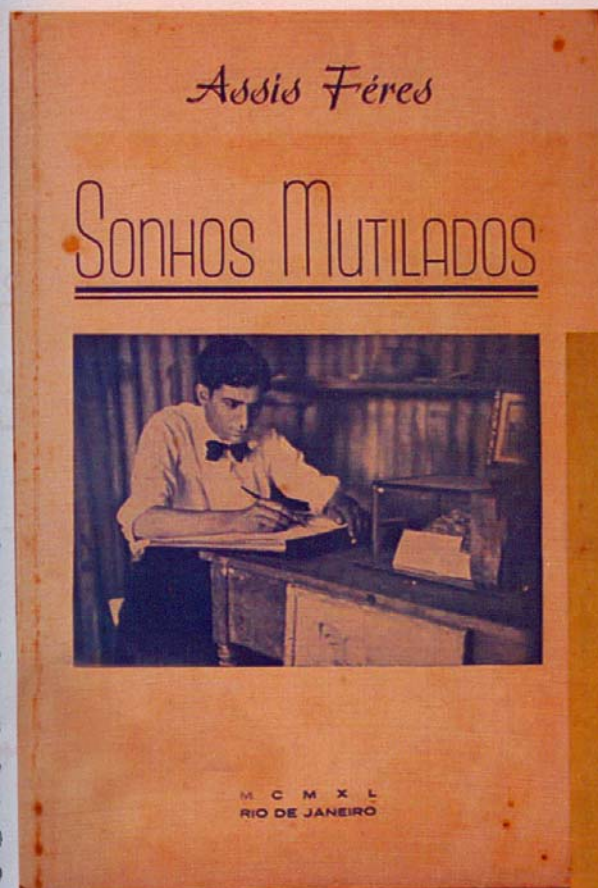
44) Alfafa: Vegetação — do castelhano: Alfalfa.

45) Pãodurismo: Ciência do atrofiamento geral do indivíduo e da coletividade.

46) Gatas: Parte dos vocábulos do árabe, citados neste volume, para que o leitor possa pronunciá-la corretamente, como em sua própria origem, deve recorrer ao auxílio do clichê das letras, pedindo a um conhecedor do citado idioma para que lhe mostre a pronúncia de tais fonemas: Há, ún, gham, leh etc.

ح غ
خ ن
ع ه
ع ح
غ ح

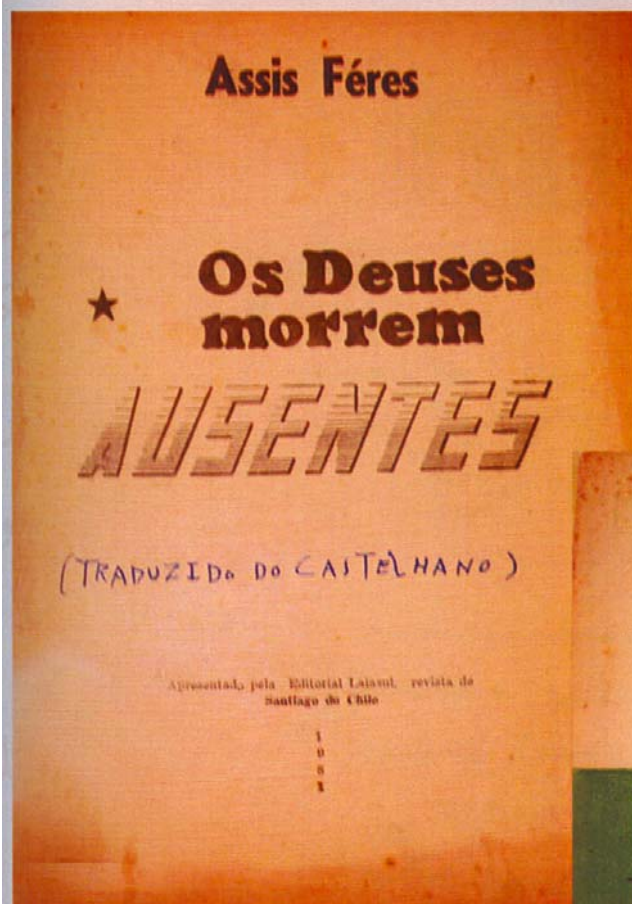
Gravura 03: Páginas 26 e 27 do livro "O Mascate", na pag. 27 as notas de rodapé são explicativas do Gátas.



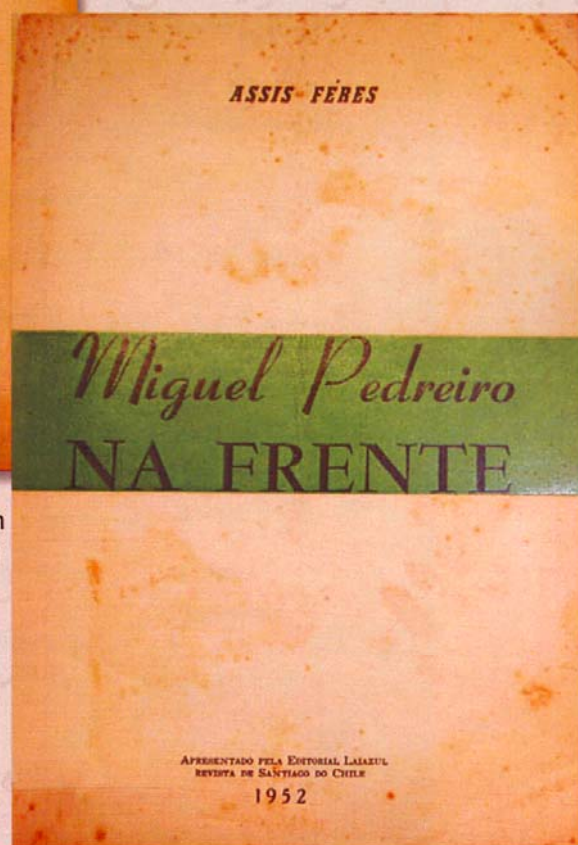
Gravura 04: Capa do Livro "Sonhos Mutilados", de Assis Fêres. Obra publicada no Rio de Janeiro, no ano de 1940.



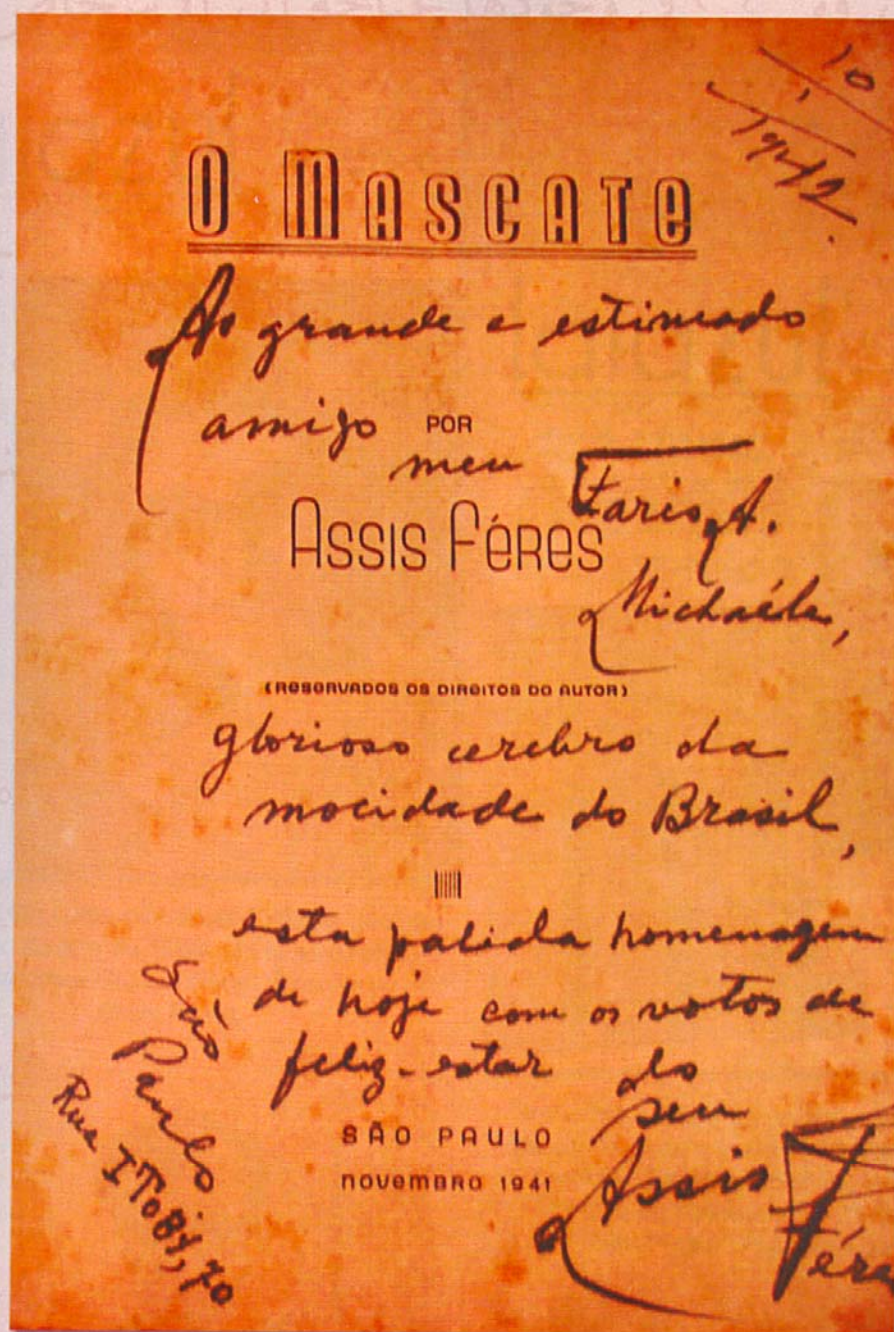
Gravura 05: Capa do livro "Doutro Lado do Sonho", de Assis Fêres. Obra publicada em Buenos Aires, no ano de 1943, e que mereceu o "Prêmio Internacional de Obras Célebres".



Gravura 06: Capa do livro "Os Deuses Morrem Ausentes, de Assis Féres. Obra publicada em Santiago do Chile, no ano de 1951.



Gravura 07: Capa do livro "Miguel Pedreiro na Frente", de Assis Féres. Obra publicada em Santiago do Chile, no ano de 1952.



Gravura 08: Primeira página do livro "O Mascate" de Assis Feres, (parte do primeiro canto), publicado em 1941 pela Tipografia Árabe, onde se pode ler a dedicatória do autor para seu amigo o professor Faris A. Michaela.



laiazul

ANO XXIV
JUNHO
1969

Símbolo de compreensão a serviço de todos os povos

* Devemos à concepção intelectual de Gloriana Féres, esta revista, "laiazul", que acaba de sair do prelo, graficamente bela, agradável. A singularidade da publicação aparece e está muito realçada — por 21 perfadadores. Devemos esse original, também à personalidade, ao caráter, ao ideal do Diretor da Revista laiazul — o poeta Assis Féres. Os detentores do poder revelam, da nossa mente, a quem ele serve, e que, apesar, os ditos e mandados periclitam, eles, compreendendo a missão deste servidor da nossa cultura, das da América Latina, para a sua realização em paz, da nossa paz. De nos, nos Estados Unidos, e dos nos do Brasil, oportunamente. Parabéns a Gloriana por esta revista, incentivador da cultura no seu dia a dia, no seu trabalho. São Paulo 16 de Abril de 1969, João Abujamra



Gravura 09: Capa da revista "Laiazul", edição junho do ano de 1969. Na capa a foto da poeta Gloriana Féres, filha de Assis Féres.

laiazul

ANO XXVII
MARÇO/ABRIL
1972

SÍMBOLO DE COMPREENSÃO A SERVIÇO DE TODOS OS POVOS

PELA UNIAO CULTURAL DOS POVOS
LUTARAO O BRASIL E O AL-IRAQUE

Está sendo prestado um dos maiores serviços à humanidade, pelo atual governo da República do Brasil, na realização e reconstrução das cidades de sua arquitetura, no trabalho e no trabalho das pessoas das montanhas, com a cultura, em paz, de nossa civilização, desde o início da vida do Al-Iraq, desde a vida humana sobre a terra.

Empreendimento desta natureza constitui singular obra administrativa que reflete o espírito das realizações de seu homem político de hoje, que edificam em 10 anos o que

outros não conseguiriam em 100 anos de existência humana.

Daí a nossa homenagem, ao trabalho pelo do Brasil, através da encarnação física de seu brilhante líder e Presidente, o Excmo. Sr. Assis Féres.



Assis Féres, que tem em sua casa a sede da laiazul, com a sua presença de líder, na alta da nossa vida, e que aparece no topo da porta da laiazul, com um papel de guardião da tradição da humanidade, e não uma instituição, todavia, a herança restauração da Nôva, de Al-Iraq, de Ur e a sua famosa Torre de Babel, etc.

É o o que nos levou a visitar, recentemente, o hospital de São Paulo, o Hospital de São Paulo, estabelecendo uma ponte de ligação entre os dois e a América Latina, através do Brasil e do Brasil, com o plano de intercâmbio cultural.

Assis Féres

Gravura 10: Capa da revista "Laiazul", edição março / abril do ano de 1972. Revista fundada por Assis Féres em Santiago do Chile em 1945 e posteriormente transferida para São Paulo-SP, no ano de 1951.



Gravura 11: O poeta Assis Féres, década de 60.



ANEXO 3
JAMIL ALMANSUR HADDAD

A LUA DO REMORSO

CANÇÃO DO ZÍPER

Êle percorre-te o corpo,
E arroio de prata,
Clarão
Laminas sucessivas de mica.

Ele se vai encolhendo como cobra retrátil,
E surge para a luz plena do dia,
A funesta harmonia
Ou então o alvor gongórico
De teu corpo metafórico.

A serpente de alumínio retrai-se
E é então madrugada e crepúsculo,
E é então o florescimento orvalhado dos gerânios,
E é o nascimento de tua virgindade de espera e de
[sangue,
É o seio, iluminado de neve rugido,
É a carne distilando pétalas e tragédias
E boca suspirando de canções e volúpia.
A serpente retrai-se e é então estremecimentos e
[sombras,
É então o bico rosado do seio genuflexo diante da
[morte,
E a pena coroada de silêncios,
E o ventre coroado de silêncios,
E a fronte coroada de silêncios
À maneira das ondulações sucessivas e concêntricas.

BALADA DO SEXO DE ELEONORA

O sexo é nave,
Errando à toa,
Onde navego?
À popa? À proa?
Virgem sem mágua,
Não sou da nave,
Eu sou da água!
No imenso lago,
Só tu navegas,
Só eu naufrago!

Ó maravilha,

Sempre serena,
É em vão que eu erga
Os braços mortos
Até a quilha
Ou a carena?
Naufraguemos
E a nave perto,
Que não socorre
Quem grita e morre?
Naufragaremos
Na noite escura?

Porque te velas
Tão cruelmente,
Farol sanguíneo?

Farol sanguíneo
E de áureas chamas
E que ilumina
As soledades,

Porque não brilha
Por sobre os mares
Em que eu me perco
Longe da quilha?

CANÇÃO MATERNA

Agora Calíope e outras musas cujo nome ignoro,
Farão que eu deponha diuturnamente,
Na lousa do teu sepulcro,
Ramalhetes de madrigais e ditirambos.
As rosas perfumarão o teu leito sob a forma de rimas,
Os asfódelos, na metempsicose nova, terão a harmonia
[simétrica dos alexandrinos.

Mas não há madrigais, nem sonetos, nem odes.
A dor, há tanto comprida, despedaça, inexorável-
[mente, a estrutura do verso

Voam para o ar as rimas e os hemistíquios no
Cataclismo funesto

A dor bombardeia o poema.
E o que sobra não é verso,
Pois que as lágrimas são ácido sulfúrico para corroer
[qualquer marmórea arquitetura,

Mesmo que seja a dos imperecíveis sonetos.

**A saudade materna exclui a literatura.
As musas cujo nome ignoro,
Fugiram, cabeleira sangrando, em busca das planície
[da tenebrosa mágua.**

**Meu grito assustou-as e elas fogem, de bicicleta ou navio,
Esvasiam-me o verso
E agora a página branca encerra apenas o soluço longo,
O chocalho das vértebras e a gota de sangue;
E por fim a respiração de Cheyne- Stockes, precur-
sora auroral da agonia.**



AVISO AOS NAVEGANTES (Surata das Plantas)

**Todos son labradores (Padre Montoya- a propósito dos guaranis)
Osiris reuniu um grande exército com o objetivo de per-
correr a terra e ensinar aos homens a cultura da vinha.
(Diadoro)**

**E numa paisagem que não tem nada de triste,
Nas encostas a vinha entreabre seus ramos
E está pronto o Lachryma Christi
És gladiador. E combates ad bestiarium
Mas as tuas feras são mais mansas que as que hoje defrontamos.
Diante dos monstros do capitalismo selvagem o lobo feroz de Gubbio é
Pura andorinha
Porisso há o Manifesto de Monte Christi,
E mistura-se água ao vinho na cratera,
Enquanto Espartaco espera,
E com os sarmentos vamos descendo o Vesúvio,
Conforme a tábua de Esmeralda:
O que está em cima é como o que está em baixo para perpetuar o milagre de uma
cousa**

**E de acordo com São João: eu sou o verdadeiro cepo e meu pai é o vinhateiro.
Já está formada a grande escadaria onde florescem as echeverrias,
Tóxicas para Batista.
E Ângelus Silesius disse
A esperança é uma corda.
E Guevara:
A travessia foi efetuada numa balsa
Que das duas margens era guiada por cordas.
E oh mal amadas
O que é que amais?
E este Bezerra,
Nosso Gregório**

- o canavieiro-
Corda ao pescoço,
Megeras tontas,
Rinocerontas,
Crucificiais.

Ele anda no pátio do quartel sobre ácido,
Vai de tanga. E a multidão cospe e ulula: Comunista!
Devemo-lhe o sindicato de Palmares.

Terra pernambucana,
Luz haitiana
Vem vindo com Pedro da Silva Pedroso.
A esperança é a corda.
As fábricas são
Coresa, Salfa e Yarur,
A óptic Rondenstock,
Por ser via chilena,
É Talcahuano, Vicuna Mackena,
Cerrilhos (onde de madrugada
Nasce a primeira barricada).
E assim se constitui o cordão industrial.

(sois sexo frágil?
Mas no Recife,
Não mais Veneza,
Mas negro poço,
O herói levais.
Matais Ratcliff,
Diante do povo
E do dia novo
Esquartejais.

(e a versalhessa)

(Torturadoras
De rosto insone,
Ó professoras
De Dan Miltrione.)

Donas marchantes,
Sois vendilhonas?
Frias paponas?
Alucinantes
E de ar convulso!
O Cristo expulso
Do átrio do templo!
Manufadoras

**Das letargias,
- o que é que amais? –**

**E propulsoras
Das agonias,
Trágicas donas
Empresariais.**

O Chile está salvo, principalmente por dois grande fatores: o voto que durante o meu governo outorguei à mulher e depois às forças armadas. Contra isto não se pode fazer nada. O comunismo não passará. (Gonzáles Videla)

**Sois aeromantes. As brigadeiras.
As quarteleiras. Alabardeiras.
Lobas solteiras,
De dentes tristes e fulva coma.
Não nos bastara a Marcha sobre Roma?**

**Nosso caminho é duro,
Temos a mesma flama,
Mas por sermos pobres nosso vinho
É transparente como a água. Ele é de dona cana.
Ah, que vós sabeis onde estão os pânpanos sangrantes,
Ó enomantes!
E o guerrilheiro bucólico
Sabe que nas fugas o sonho vale. E o teor alcoólico.**

**O arcebispo negro José Maria Pires- Dom Pelé-
Acusou as autoridades governamentais do nordeste
De
Apoiarem os grandes proprietários, em detrimento
Dos pequenos.
Os latifundiários aumentavam as suas propriedades
Graças à demolição das cercas. (Quarta Carta
Pastoral sobre os sofrimentos dos agricultores)**

**Achab desposou Jesebel e fez morrer Naboth para
Se apossar de sua vida.**

**Água de setembro, a dormideira,
A moça branca, a imaculada,
Para irmos de Mendoza a San Juan.
Os primeiros rebentos de nossa cana
Vieram de caiena
A meca americana**

A prece como um flecha atingindo o alvo
(Nossas velas acesas se inclinam em direção da Kaaba)
A amrita vem dos céus trazida por Garuda
E o pulque é divino
No ato sacrificial da árvore vulnerada.

Espartaco esmaga três exércitos romanos.
Antonio conselheiro liquida três exércitos brasileiros,
O mais importante é o de Moreira César (ou Taglatfalasar)
E por Nossa Senhora de Guadalupe,
Os canhões eram Krupp.
E dizima Westmoreland.

E vais por planturas luminosas e férteis,
És a mãe dos cereais
E dos projéteis.
Ensinas a semeadura
Quando a lua é nova
E no quarto minguante a poda
(a nossa única selenógrafa)
O preparo do mel
Quando Orion é o único pastor fiel
Do céu;
E o primeiro pastor na terra chama-se Abel.
E para a Hiléia
Proteger a Hévea
Trazes contigo a mãe da seringueira
E projetas o páteo das plantas

Possuis o segredo do grão místico,
O que vai suscitar a germinação das searas,
Ensinas que a mulher é a terra lavrada,
Que a sua nudez abençoa a colheita,
Que a gota de leite
Materno, vertido no sulco opera
O milagre órfico da primavera,
Na hora em que apenas és produtor de brptos
E fazes caminhar
O elefante branco e a deusa de lótus.

Na paisagem de avenca,
Trabalha Deméter nos jardins de Minchurin e Lissenko.

(Quem manda é o rei manda é a rainha,
Brasileiro não pode plantar vinha.
As que estiveram plantadas
Serão arrancadas
Ou filoxeradas,

Desde as raízes até as folhas.
Proibida a sua sombra.
Quem plantar uvas será irremissivelmente morto.
É proibida a cachaça. Só se pode tomar o vinho do porto.)

O vinho sagrado de nossas palmeiras,
Nascido de seus penducúlos florais guilhotinados.

Os selvagens da polinésia apesar da mortalidade
Que foi a consequência, tiveram que se embriagar
À inglesa para consumirem consumirem os produtos
Da destilarias da Escócia (Paul Lafargue)

Um dia em Chipangara, um homem tinha trazido de
Sua cidade cinco litros de sura. Ele deu um litro a seu
Irmão. Quando voltava para a sua casa, ele topou
Com a polícia que lhe perguntou onde é que havia
Comprado a bebida. Essa foi apreendida. Os dois
Irmãos foram flagelados até que sangrassem.
(In: Capela, Moçambique pelo seu povo)

Às vezes
Sob o brilho de Alfirk,
O mistério rural de Eleusis
Decifrado pela Reforma Agrária.
A mãe chama-se Réa,
Mas na verdade nutriu-a a cabra Amaltéia.
Ensinas
Orvalho
Adubo, amor
E carvalho
Que também se diz El Roble. E trator:
E relha
Do arado
Na madrugada
Vermelha,
Na hora em que és o grande herói seminal.
É a hora da páscoa, a volta de Jesus,
Da ressurreição de Tamuz,
Caracará,
Inventor do porrete e do algodão.
E na manhã harmônica,
Repetes Antipater de Tessalônica,
Que sabe que Ceres
Ordenou às mulheres
Que descansassem de triturar o grão
À mão;
Era quando

(já manhã mecânica) havia o moinho girando.

**E como os camponeses não te viram? Era crepúsculo e levavas a foice
E o martelo para o trabalho do dia.
Sabes ceifar, vindimar, enxertar. Cortas a cana. Colhes o arroz.
O café. A azeitona. O milho. (extraís a guta-percha) A rosa.
O edelweiss. A mandioca. A tâmara e o trigo.
E armado de fuzil para que a colheita prospere.
Nos campos, a zagala a dirigir as rezes,
E nas tecelagens a controlar os teares automáticos.**

**Forjai espadas de vossas relhas de arado, e lanças de
Vossas podadeiras, diga o fraco: Eu sou forte! (Joel)**

**E ONDE?
Nos rios de cabeleira longa?
(A nossa única hidrografia.)
Jequitibá,
Baobá,
A cuja sombra nos inclinamos?
Sombra (cone) e tanto mais nos clareia a cabeça
Quanto mais espessa.
Ah! Conta-nos o segredo de tua sexta
Morte!
Pois sabemos intuir
Que não é em vão que há o zênite e o nadir,
E que os martírios
Por singulares
São como a estrela hexalfa, bitriangulares,
E o anjo hexáptero (e os seis comandantes iniciais desencadeando a
Revolução argelina)
E que o dia seis é sexta feira sangrenta.
E a simetria hexagonal dos lírios.**

**Para onde vai o enorme
Herói dendriforme; - com a flor e o córtex,
A folha e o látex,
A árvore
E o mármore?**

**E diga-nos algum lavrante
ONDE é que anda o guerrilhante?**

**Um dia todos os lugares estavam ocupados menos o trono:
E homens esperavam de pé. Dom Hélder teve dificuldade
Em vencer o medo relevante de um pobre camponês que
Enfim aceitou de sentar-se no trono episcopal. Dom Hélder
Sorriu: Eu compreendi o Cristo-Rei. (J. de Bucker)**

Às vezes o país é sem nenhuma cordilheira,

Mas há o cafezal, cana de açúcar, a bananeira,
Ou a caatinga rala, atalho e escudo; pode haver o deserto.
Nos caminhos da guerra,
Sabemos que mais se desgasta
A parte do caule setentrional.
E se faltar
Caule e estrela polar,
Te miraremos as pupilas,

A quem perguntaremos,
De teu passeio, de tua fuga, de teu calvário?
A que ramos?
Em Epiro a Dodona com seu carvalho,
Às gameleiras, à fícus religiosa,
-a figueira dos pagodes-
Que cortada verte sangue
Na degola?

Não se pode enganar o escravo a vida inteira. (Kenyatta)

Há também a ocasião
De são Sebastião
De nos tornar invisíveis
E invisíveis as árvores,
Principalmente quando matrizes
Dos fungos
De pulposa carne.

Tão manhoso era Jugurta, tão conhecedor do terreno que
Seria difícil decidir se presente ou ausente mais terrível
Fosse. (Salústio)

Antonio Tomás tinha uma oração forte e podia transformar
Em toco de pau, escapando á perseguição. (Cascudo)

Sabemos pelo Lunário perpétuo
- chegado de valença- que se a tarde é caleidoscópio,
Para que sumamos basta mascar o heliotrópio.
Ou o selenotrópio.

Caminhamos uma hora pelo caminho, à luz da lua e dormimos
no caminho. (Diário da Bolívia)

Maré tranquillitatis,
Ora pro nobis,
Maré Nectaris,
Ora pro nobis,
Maré procellorum
Ora pro nobis
Maré delirorum,

**Ora pro nobis
Maré Fecunditatis.**

**E Fidel disse:
A revolução cubana é como as palmas,
As palmas do salmo,
De que se faz uma lâmpada ao sol,
Que se suspende nas cabanas.**

O justo cresce como a palmeira.

**Axis mundi, tronco de Jessé, Urpflanze, árvore sefirótica, áurea
Catena .**

**E suave,
Em Tungarahua planta a batata; e o agave;
Papel melhor do que o papiro,
Mel e agulha; planta a palmeira
E o bisão.**

Ah, a tristeza de saber que o que teu óleo é bebido em Liverpool!

**Amamos a resplandente,
Árvore onipotente
E o milho, curativo, mais a salsaparrilha,
Árvore mecânica,
Cibernética, poderosa e volátil, já que sua raiz é borboleta.**

**Se qualquer instrumento pudesse executar sem ordem ou
Bem por si mesmo sua função própria como os mestres
De Dédalo se movimentam por eles próprios, ou como os
Tripés de Vulcano, se punham estranhamente a fazer seu trabalho
Sagrado se por exemplo as laçadeiras dos tecelões tecessem por elas
Próprias o mestre não teria mais necessidade de auxiliares nem de
Escravos (Aristóteles)**

**Vamos cantar a moranduba.
Palmeira é tudo. No Brasil como em cuba,
É por isso que eu digo: plantemos o ouricuri, catolé, titara,
Carnaúba,
(fantasmal assovia confusa a voz dos mortos).
A Palmeira Attaleia Pindoba,
Para que não haja mais negros sem palmares.**

Plantemos Buriti.

E o coco do mar (vaginal).

**As duas valvas
da vulva.**

(Fulva)

Quem o sabe é volva!

É a floração das vulvárias.

O clitóris – a hóstia na lúnula.

**Trazes em ti o ovo cósmico fertilizado:
É os objetos ocos.**

**A um nexo
Ao menos
Entre Revolução e sexo,
A Sierra Maestra e o Monte de Vênus.
(Plano ou convexo)
O triangulo sacro, ou vermelho
- Lagunillas, Monte Agudo, Camari.
O santuário Deméter era um delta.
Em tanta
Para a reconstrução da utopia.**

É o Delta, onde as graças da Primavera, a beleza do verão as riquezas do outono se reuniram... Tão longe quanto aos nossos olhos passam ver, percebem verduras, frutos, messes. (C Savary, L' Egypte-1786)

**Oh, diga-nos o problema
Do poema,
A hipotenusa
Veloz da musa**

**Certamente nem mesmo aos pobres leprosos da Galiléia
Nem todos os páries socorridos por Jesus, viviam pior
Do que um negro liberto daquela época da Virgínia.
(Styron)**

**O nosso exército que pode domar o orgulho da Holanda,
Naquele tempo já formidável, a todo o mundo, nenhum
E feito ter conseguido contra esses bárbaros em várias e repetidas entradas que fez aos Palmares, com grande dispêndio da fazenda real. (De carta anônima ao rei de Portugal).**

**A porta.
A camélia se abre.
E nós entramos pelo estrito de Bab-el-mandeb é a Porta das Lágrimas.**

(Com Agar no deserto o milagre do nascimento das lágrimas.)
Mas passaremos em seguida por por Bab-el-Oued, Bab Assoum,
Bab-el- Hadid.
Ou simplesmente pelo Bab pintado de vermelho.)
Para enfrentar Bugeaud. Ou Santo Agostinho.
E as Portas Maillot, Saint-Dennis, Saint-Martin, equipadas
contra Mac
Mahom chegado de Sedan,
Com sala, O.T.A.N Teran.
E a Janua celi que a leste
Da porta da paz celeste.
E 185 luas.
Faz-se fecundação, sacudindo as flores do pé masculino
Sobre o feminino.

Em 1964 em números, Jakob Camenárius publicou seu De Sexu Plan-
tarum Epístola. Sua teoria qualificada como “a
invenção a mais louca e a mais singular que jamais possa
ter sido produzida pela cabeça de um poeta.” (P. tompkins e C Bird)

Não é apenas entre as palmeiras que existe a divisão entre
macho e fêmea: ela existe em todas as espécies vegetais
e minerais. (Bahia ben Asher, 1340)

quem comanda? Iatzacoatl, serpente de faca e filha de escrava.
Palmares, o negro em ti afinal,
Criou o foco insurrecional.
O FOKO
Mais tarde fulgurou a flama
Em sumapaz e Tequedama,
E há Falcon aonde o destino
Levou os combatentes de Leonardo Chrinos.
(Um dia Bolívar lhe viu a cabeça- coagulado astro-
espetada e media sete metros o mastro.)

Dizei-nos, onde ó dendromantes!

Os caçadores mataram dois pequenos macacos, um pa-
Papagaio e um pombo que constituíram nosso almoço, acom-
panhados de palmitos que são abundantes nesta região.
Foram recolhidos doze palmitos. (Diário da Bolívia)

E ao fim das porfias
termina a Guarda Nacional,
e o Marquês de Caxias
sucumbe,
quem vence é Manuel Congo,
na Paraíba há o Cumbe
e no Rio há os Tates Corongos.

A autora se fabrica aos poucos.
É preciso que a luz se acrescente,
Sucessivamente.
E parte contigo o candango,
Mais as maiombas do norte do Loango.

Em vez do ácido palmítico,
Com que se faz o napalm,
O domingo de ramos,
Em vez da ogiva atômica,
A da catedral gótica.

(E para dissipar as trevas,
Tucuzrecal e Nanahatzin
Atiram-se ao fogo do Tetexcali,
E feniz vulcânicas (pois se transformam em cinza)
E um é o sol e o outro a lua.
Não sei se os norte-americanos chegaram antes,
Se os russos vão chegar depois.
O que eu sei é que combateremos nas montanhas da lua.)

Os quilombos são negros? Os quilombos são índios? Ou brancos?

Sabe-se que se a árvore morre,
Ela se metamorfoseia em Phoenix dactylifera.
E ela se chama Tâmara,
A da perna ferida,
Ou Loiola, ou Chi Hai da quarta zona,
Ajudada por outra jovem: mas onde? Bucamaranga? Tolima?
Dezessete anos de prisão: Mariela.
Ou Joaquina Mbawa em Cabo Delgado que se sabe o processo de
Produção.

E sob os renques
Das ramas
Fosforescentes
Ele pastoreia o rebanho de lhamas
No palenque.
E há outra revolução cubana:

E a Liberdade-o reino da penumbra e do ouro.
Palmeira faz a palissada.
Quem orienta é o mouro.
Encantado.
Tamarindador dos tamarindos.

Hosana.

SURATA DA MÃE

**Se o céu é flama,
E a atmosfera
Pesa,
Quem ele chama?
Quem é que o chama?**

**Os marinheiros esperam
Que se concretize o gesto
Daquele que para o chamado materno era simplesmente Ernesto.
Chamam-no Ártemis (levando a corça, dona do orvalho e da chuva e
rumorosa), Deméter, Perônia, Santana;
Réa, Astartéia (a que segura o plenilúnio), Pachamana (a que vai
junto na descida para as minas), Mamacocha, Afrodite,
armada
em Chipre
e ensangüentada
da morte do embaixador americano, e nascida sob a ação dos raios
cósmicos
ou a Pietá da mãe maconde, empunhando uma espada sobre o corpo
do filho morto
Ceres (a que sussura com a voz de espigas); a virgem druídica de
Chartres; a Virgo Paritura, o miristema, e a Saint Vorles que aper-
Tando o seio, pôs três gotas de leite nos lábios de Bernardo;
O culto de Cibele, dos crótalos; Santa Ifigeneia, princesa núbia;
E os negros de Maryland (a tua cidade, Maria, e ali e o forte Hollabird)
Mãe barricada, Ave Radix,
Maria Eva Duarte de Perón,
Cabecita negra, cabelos louros
(mas oxigenados),
Neta de prostituta;
E a virgem de Grunewald, de que o modelo era mulher da vida,
Iara (Iavelberg), Cihuacatl, Ci, Gauteovan
A mãe original,
A que cria,
A que cria a manhã
Com seu sangue menstrual.
Vegetal, genital,
A mãe d'água, a mãe de ouro e com ela o canto
Do alicanto
Que é o mesmo do óxido de rutílio.
Aiué-mané! A mãe do fogo, Huirapuca (a mãe do vento)
A madrepérula,
A madre que sustenta os barrotes, os caibros e as travessas da ponte,
A Sierra Madre (a ocidental, a oriental, a meridional)
A idéia portanto de que é possível escolher entre três mães:
Dolores, Louise e Rosa,**

**A matriz dos metais,
Jecaltenango, Mezatenango, Acatenago,
A Madre Marjorie Bradford em Huehuetenango**

SURATA DA CERTEZA

**E onde o enigma que apenas se revela
Entre a terra azul
E a lua cor de canela?
(todos os pobres logo mais deparem
A prespectiva de Yuri Gagarin.)
Tua morada é ao sul?
Para onde levas o nosso único sonho, o pão sobre a mesa
E a nossa única certeza:
Diem Biem Phu?**

**Quem os comanda? Christian Ferdinand de la Croix de Castries.
Vem com ele, de turbante, Noureddine e Abderrahman,
Para salvar o carrasco vertem sangue marroquino no Nam Youm.
O general deu aos centros de resistência o nome de amantes
E lá estão Claudine escarpada, Anne Marie de sexo com luneta
eletrônica,
Françoise, os seios vertente geléia de napalm;
Dominique em que os sutiãs são a prova de bala; Eliane, de hálito res-
soante de cargas de morteiros,
Hughette artilheira e Isabelle (vestida de seda de paraquedas) e
Gabrielle, a mais resistente e que por isto acabou sendo Doc Lap.
Cíntia será por nós estuprada.
(Há outras senhoras mas estas chamadas em código.)
Mas o lirismo não é este pobre harém francês,
Nem a penumbra nem o luar, pois o matamos todas.
Nem mesmo os fantasmas sobraram.
Pois só vivem os comandantes do exército popular,
Os que permitem que repitamos a litania bárbara:
Vuong Thua Vu,
Le Trong Tan,
Le Quang Ba,
Hoang Minh Tao
E Vu Hien.**

**E se a tua morada é ao Norte,
dize-nos o mistério de tua oitava morte.**

Livro de Poemas (Orações Vermelhas)

Bailarina

I

**Mavioso e lírico
Glorificando o ritmo, ouça-se o panegírico!**

**A minha inspiração agora
É como se reverdesse em loiro,
É como se desabrochasse em rosa,
Para poder te engrinaldar a fronte
Que assim fica sagrada
Como a fronte de um Deus.**

**Meu verso tece uma grinalda
Para o esplendor e a glorificação.**

**Jorram meus versos
Como a luz a jorrar de uma pedra ferida.
Meu verso está tecendo uma grinalda
Que em vez de ser de rosa é de centelha.**

**A dançarina é irmã do poeta.
Os dois iguais no milagre do ritmo,
Na maravilha da inspiração,
Na gênese genial do pensamento.**

**E em louvor ao teu divino movimento,
Mavioso e lírico,
Ouça-se o panegírico.
Em glória à poesia de tua dança,
Ouça-se a dança de minha poesia!**

II

**Na tua dança muda,
Que imensa melodia!
Radiante, maravilhante,
Na tua dança eu sinto a apoteose do som!**

Teu corpo é flavo e como uma tarde irradia!

Na dança,
Ora sagrada, ora impura,
Eu ouço, aprimorada, a partitura.

Tua música é muda...
Mas quanto eu ouço, quando danças.
Cada um dos teus meigos movimentos
Sempre me traz uma evocação sonora...

A tua dança é lenta.
E eu ouço agora
A soturna harmonia
Da litania.
Eu ouço um órgão quando danças lenta,
Maviosamente lenta...

A tua dança belicosa...
E eu ouço agora
A música triunfal da aparição da aurora...
Ouço um rumor longínquo de fantasmas,
Ouço os clarins na guerra.

A tua dança
Fica mansa.
Balanças como os barcos,
Balanças como as ondas,
Balanças como as redes ...
E eu ouço agora
A voz de minha mãe,
Cantando para que eu durma.

III

Divina menina alada,
Alada menina aérea,
Gira e regira,
Regira e gira,
Porque, miracular, tua dança é sagrada.

Desde o começo, da vida esteve a dança em todas as horas do homem:
Nas apoteoses e nos infortúnios, nos epinícios e nas mortes,
Nas horas boas e nas horas merencórias.

Ela esteve nos momentos propícios
Dos epinícios
E foi dança guerreira em que os homens fortes,
Brilhantes como os carros, lépidos como as crianças,
Cintilantes e duros de adargas e lanças,
Pompeavam,

A fôrça dentro do ritmo,
A masculinidade dentro da beleza,
O ímpeto dentro da simetria e da arte.

E foi dança macabra
Em torno da promiscuidade horripilante
Dos crâneos sangrentos com as cabeleiras sangrando também,
Dos úmeros com as tíbias sugerindo pavores brancos,
Dos membros mutilados e das vísceras graveolentes.

E a dança esteve no amor.
E lascivos dançaram os varões magníficos e as pucelas
Belas,
Ao som do sistro,
Ao retinir do címbalo,
Ao clangor do crótalo ou do tamboril.

Na Grécia, em torno do altar da Diana,
O cortejo alvíssimo das meninas virgens dançou a anca da inocência.
E para que a pureza fosse a mais extrema
Se fez a nudez.

Cada corpo era belo como uma corola acesa.
Para que a inocência fosse máxima,
As donzelas dançaram nuas,
Todas graves
Como as naves,
Todas lentas
Como as nuvens sonolentas,
Todas morigeradas.

A dança esteve na vida e na morte e no ódio e no amor.

IV

Modulas como um acorde!
A tarântula te morde!
Bela e clara a tarantela!
Clara e bela a saltarela,
É bela, é bela, é bela, é bela,
É muito bela.

Tarântulas, farandulas,
Bambeias, sarabandeias,
Doudejas e pavaneias.
Estrepitosa estridulas!
Belo e claro e claro e belo

**A pipilar o ritornelo,
É belo, é belo, é belo, é belo,
É muito belo.**

**Está se alando o bailado,
Ritmado como um trinado.**

**De sedutora tu matas,
São cadentes, escarlatas,
As volutas e as volatas.
Valsejas como os adejos,
Musicas como os arpejos.
Rodopias, corrupias,
Tonta, tepas, tripudias,
Zonza e sonsa, sonsa e zonza,
Varias e desvarias.
Estosa, estua e estoneia
Tua cálida coréia.
Estonteadora e divina
A revirar a valsarina
A bambolear a bailarina.**

**Está se alando o bailado,
Ritmado como um trinado.**

**Baila beduína, baila! Aos meus olhos fulguras
Em luas e faróis e iluminuras!**

Passa, entre as folhas, um suspiro de quem se apaixonou!

**Dançam, flutuando à brisa, os teus cachos desnatros...
Que dança e que esplendor! Teu corpo que flexiona,
Todo clareado, miracular,
Me dá a sensação de incrível dança de astros!**

**E arde,
Flamescente e imortal, como vésper à tarde,
A lua profunda, verde-mar,
De teu olhar.**

**O teu bailado alado não se cansa...
E teu olhar é inquieto... e também dança
Como se acaso o próprio Véspero dançasse...**

**Baila, beduína, baila! E em teu regiro audace,
A tua carne esplenda
Como um dia esplendeu a Salomé da lenda,
Sem um receio... sem um pudor...**

De alegria eu já danço uma dança interior...

O teu ritmo é agitado, férico e incomum!
Brada em tua pavana o ímpeto do simun!

No teu corpo, menina, há irisações de argento...
O luar o luariza... o teu corpo cintila...
E há uma farândula intranquãila,
Feita de calefrio e movimento,
Na corola turgente e clara de teu seio...

Mas enfim cais ao chão, tal é a tortura...
E em teu redor a terra gira... e tu dormes, sonhando
Que a terra é igual a ti na diabrura...
Dormes... sonhas que a terra está dançando!

E ao fim da dança em que seduzes e entorpeces,
Tendo ao meu peito os teus ouvidos, adormeces...
E, bailadeira tu te embalas e consolas
Com a terníssima, a suavíssima ilusão
De que o pulsar fremente de meu coração
É um eco a esmaecer de tuas castanholas...

Estas são as bailarinas que vieram...
Têm o corpo cor de rosa e tem os véus
Do brancor imaculado das nuvens altas dos céus.

Este é um lago cor de rosa que na noite se vislumbra
Donde sobe pela treva uma friíssima bruma,
Uma fluídica neblina...

Rodopia bailarina.

E são naves cor de rosa que no mar da noite despontaram.
Vê que os véus ora se enfunam como brancas, pendas velas.

Estes corpos são um fogo cor de rosa.
Vê que a doce retícula dos véus já se libra, já se agita como um fumo
Pela [altura.

Este é um céu de tangerina
Donde tomba silenciosa, pura neve.

Este é um banco de coral fantasmagórico
A evaporar-se num nevoeiro claro e tênue...
Oh, as pombas que vieram!
Oh, as rosas que nasceram!
Oh, as dalias delicadas que floriram!
As túnicas se desprendem e palpitam como asas santificantes.

A Dança dos Sete Véus (Orações Vermelhas)

**Será vermelha e virgem, violenta e viva
A dança lasciva.**

**Minha dança terá a pureza das águas transparentes, a inocência das
Crianças.
Meu corpo é alvo como as luas alvas; é fino e aéreo como as franças.**

**Imaginai a pompa que seria a dança de um sol, o bailado centelhante
de [uma constelação!**

**Imaginai a glória que seria
Um turbilhão odoríssimo de pétalas,
Rodando no espaço
Em aspiras coloridas,
Em volutas luminosas,
Em ascensões aromais.
Imaginai o que seria uma dança das flores;
O que seria uma pavana dos perfumes;
O que seria um minueto das neblinas,
Uma farândula volátil das espumas;
Um corrupio luminoso das estrelas!**

**E adivinhareis então a minha dança.
Nela todas as luzes e levezas dançarão.
Na minha carne de romance a minha dança é de poesia.**

**A minha dança será a mais fulgurante.
Ela será cheia de todos os brilhos da terra e de todos os fogos dos céus.**

É a dança dos sete véus.

**Vós vereis.
As sete clâmides translúcidas,
Logo que sopra um vento mais forte
Se evolarão uma depois da outra...**

Eu terei gestos de desfolhar e despetalação, outonos e primaveras.

**Os véus voarão de mim assim como sete nuvens que passassem uma
Depois [de outra para que a estrela pudesse faiscar, suprema e
Faustosa, na pleniposse da luz como se fosse um corpo nu.**

**Sete nuvens passarão para que a lua
Se revele miraculosamente nua,
Redonda e vermelha como a ponta de um seio.
Sete nuvens passarão para que a lua etérea e divina
Fique desnudada, parecendo enfim a dançarina.**

A minha dança será a dança das sete nuvens.

Vós vereis.

O meu corpo de rosa como que irá se desfolhar.

Sete pétalas voarão.

E estas pétalas como um hibernáculo

Protegem pétalas men

ores;

Estas pétalas circulam o meu corpo que é uma corola.

Meu corpo fulgirá estelaramente. E ele será sagrado como um Tabernáculo.

**Uma flor de gaze se desfolhará para que os vossos olhos atônitos
Corusque [a flor maravilhadora de minha nudez.**

**O meu corpo é uma flor... E vós, vendo-o, tereis receios de que a
Dança [finde porque ele poderá despetalar-se também.**

Vós vereis.

A transmutação.

A cada véu transparente que voe, vereis uma nudez nova.

Como num crescendo de música,

A medida que cada véu se alar,

A minha nudez crescerá

Até que chegue a nudez mais bela,

A nudez mais primorosa,

A nudez que é a mais casta

Por ser a nudez mais nua.

Minha carne não se revelará instantânea aos vossos olhos

Porque a sua ofuscação pode cegar,

O frêmito que ele minha carne emana

Pode pôr nos homens as vertigens e os desmaios...

**Meu corpo é elétrico como se nele tivessem feito o seu ninho todos os
raios.**

A minha dança será a dança das sete nudezas.

A cada véu que voe as vossas mãos o recolherão.

E cada um de vós enlouquecerá do desejo

De saber o odor destes véus.

E que seria uma recordação do perfume de viólea e mangerona

Que em mim existe.

Meu corpo, sendo flor, também perfuma.

Minha dança será a dança dos sete olfatos.

**Minha nudez pálida
Vai sugerir gestos luminosos de crisálida
Na transfiguração que dará a mariposa
Máxima na beleza, extreme no colorido.**

Minha dança será a dança a dança das sete metamorfoses.

**Os véus em mim farão uma escala de sete cores.
No meu corpo de esplendores
Que é em tudo igual aos céus
Serão os véus
Iguais a um arco-íris.
E a vermelhar e a loirescer, e a se esveredar e a azulescer, e a roxear e
A [anilesce,**

**A minha carne fantástica
Será em tudo semelhante ao arco da bonança.
Porque de mim como do arco a paz virá.**

**Vereis perplexos, a minha carne mudando de luzes,
E o que é mais belo ainda
Mudando de cores.
Vermelha ou loira, azul ou violácea,
Minha carne será igual a um céu ora azul ora loiro, ora vermelho
ora violáceo.**

**A minha dança será a dança das sete cores.
A minha dança será a dança dos sete véus.**

**Eu brilharei mais do que o céu porque a minha fronte tem dois olhos
e os [céus não têm dois sóis.**

A DANÇA DA MULHER NUA

I

**Eu dançarei!
Quando eu prometo, vejo que as pálpebras caem sobre os olhos como
duas asas fatigadas de vôo.
Mas abri-os, abri!
Logo mais eu serei só nudez e vereis como dentro da realidade há
mais sonho que dentro do próprio sonho.**

**E quando a dança findar,
vós fechareis os olhos para continuar a ver.**

II

Mulher, não dances mais! Os olhos de quem te espia estão doidos como se há muitas horas se tivessem fixado num sol!

De tanto olhar a tua ofuscação todos os olhares ficaram míopes.

O teu corpo tem luzes de sol-pôsto e tem perfume suave de alcanfor e de lírios.

Não dances, porque o teu bailado é vesano e agitado, e ao seu compasso devasso, frenesiano, também se ritma o ritmo de nossos servos corações.

De tal modo os peitos te acompanham que eu penso que, quando a tua dança parar, haverá síncope em todos nós.

Os teus volteios convulsos, feitos de nervos e pulsos, têm clamores, têm impulsos. Eles dão a idéia de uma labareda que também dançasse.

Nos hieróglifos que descreve, o balanceio do teu corpo frágil, é ágil como o vento e leve, leve como um pensamento.

Mulher, não dances mais! De teu corpo neviróseo que resplende se desprende uma irradiação purpúrea de luxúria. E dos coleios dementes de teu corpo capitoso jorra o sonho e jorra o gozo.

III

Mulher deixa que eu olhe! A tua cabeleira deslumbradoura que amarelace como um tesouro!

No teu cabelo se emaranham fios de ouro!

Tua cabeça fulgirá de uma luz de topázio. Espera que a luz nela incida.

IV

Os teus olhares infinitos, verdes, sedosos, silenciosos, luzentes como um fósforo, grande e doloroso como se estivessem com saudades do Bósforo.

Nos teus olhares doloridos eu ouço música.

Eu amo a dor do teu olhar... Há nele tristezas marinheiras.

No teu olhar palpita e se releva o ritmo nostálgico e dolente de um canto marítimo.

Nele existe o sofrimento duplo dos nautas que são tristes quando partem porque vão com saudades da terra e são tristes quando voltam porque vêm com saudades do mar...

Deixa que eu nos olhares olhe os mares!

Deixa que eu nos olhares olhe as luas e os mares!

Tuas pupilas divinas têm azules suaves de piscinas!

Há uma saudade remota de lagos nos teus olhares vígiles e vagos.

Os teus olhos de esplendores me sugerem duas flores, azulescendo num lago branco, branco, muito branco.

Eles também recordam uma turquesa sobre uma pétala de narciso.

As tuas íris marinhas iluminando-te o rosto são dois lunares verdes sobre Spitzberg.

E as pupilas de fulgores singulares cintilam na íris verdes como um incêndio de mares.

E o teu colo de florigélios brancos! Os teus braços alvos e longos e esveltos como círios.

Os teus seios, harmoniosos, musicantes, seios alvos onde as pontas lucilantes lembram contas de diamantes vermelhos. Pontas do seio, intranquias, sugemindome pupilas, extasiadas, extasiadas, espiando... espiando...

No teu corpo há primaveras gloriosas, maravilhosas. Teus seios há halo e quimeras me sugerem duas rosas.

Suas pontas nas noites dos delírios me sugerem dois vermelhos lampírios.

VI

A tua carne que ofusca refosforece, corusca! Aldeberam! Via-láctea! Zênite! Zodíaco! Apogeu!

Teu corpo é feito da essência das estrêlas.

[peca por excesso de perfeição.

Mulher, cessa a tua dança antes que o tédio venha como uma cinza vem [depois da flama.

Mulher não dances mais! A tua dança recorda um espasmo. À noite em [que dança nua é como uma noite em que se ama!

Meus olhos estão cansados de tanto olhar o sol...

VII

Teu corpo é suave como um favo ainda vertendo mel.

Teu corpo é claro como as erupções.

Teu corpo é rubro como uma carne como a espada varou.

Ofuscação! Para sentir-te o que eu tinha era apenas os olhos e estes de [há muito se cegaram.

VIII

As tuas sobrancelhas claríssimas são curvas como cimitirras!

E o contorno de teus lábios rubros como se feridos, ardendo com crateras!

Deixa que eu olhe a tua boca! Ela sugere as primaveras.

Toda aromas e rubor na tua boca há a papoula, a tulipa e a ciclamor.

A tua boca semelha uma rosa vermelha que florisse uma alfombra de neve.

As tuas faces são nevadas como as nuvens.

IX

Teu corpo é leve como a asa da ave.

Teu corpo é leve como tramas

e certo como ritmos.

Teu rodopio é nervoso, teu corrupio é radioso, é vermelho como chammas!

Deslumbrante, relumbrante a tua carne rósea e clara!

Danças, ebriada e perdida, como na dança homicida, doendo, Salomé dançara.

SÓROR CELESTE

E que tudo seja branco, mas de um brancor lunar...

Senhor! E este sol que eu não amo!
Põe para sempre, envolvendo a terra, um velário diáfano de bruma!
E trilhem os pássaros, melancolicamente, sobre os ramos...

Pelos caminhos em que a Amada clara, divina de todos os silêncios,
For andar,
Só desabrochem lírios alvos e nevadas açucenas...
E quando viverem as tardes, depois das infinitamente dolorosas
Tardes serenas,
Tudo seja branco, tudo mas de um brancor lunar...

E a morte do dia exausto,
A noite, lunarmente branca, seja quieta como um claustro...
E nela um rumor vago de penas que ruflam,
Um rumor tênue de vento meigo nos roseirais
Povoe a noite, plena de quietudes conventuais,
Como vozes, humildes vozes de orações balbuciadas
No profundo silêncio de doloridas catedrais...

E que tudo seja branco, mas de um brancor lunar...

E os passos da Amada clara, mais clara ainda por causa da lua,
Façam, ao passarem pela rua,
Um rumor que evoque o das sandálias das reclusas,
Piasando o chão do convento
Num passo lento,
Lento como o de quem vai caminhando a rezar...

E que tudo seja branco mas de um brancor lunar...

Amada clara, à minha solidão chegarias...
Mas os meus lábios nem mais te saberiam beijar,
Minhas mãos nem mais teriam gestos para te tocar...

Apenas,
Quando aparecesses em noites assim, lunarmente serenas,
Meiga amada louça,
Eu, passando longe,
Só te diria,
A voz em prece
Ou em responsos:
“Boa noite, irmã!”
Como se fosses Sórora Celeste,
Como se eu fosse o Frei Alphonsus...

E que tudo seja branco mas de um brancor lunar...

LAURA, CORDÉLIA, FLORA E EVANGELINA

I

No terraço do sanatório estão quatro meninas,
Laura, Cordélia, Flora, Evangelina...

Uma delas é esquelética e pálida
Como as santas dolorosas que, nos eremitérios, vão definhando
[penosamente, tão rudes são as
Mortificações e os cilícios
Tão amargos os suplícios...
Há na outra o silêncio pesado das furnas e dos cemitérios,
Outra delas é esbelta e hirta como os círios lívidos...
As quatro meninas, tão áspera é sua tosse, são dolorosas, são aflitas...
Talvez as quatro infelizes não passem desta noite ainda...
Cordélia foi outrora tão linda!
Evangelina, Flora e Laura também foram bonitas...

Laura, Cordélia, Flora, Evangelina...
Último lempejo de flama, crepúsculo triste, belezas mortas...
Flores despetaladas, lírios murchos...

Antes da doença bem lembro agora,
Laura, Cordélia e Evangelina e Flora
Teciam rendas para o noivado...
Evangelina,
Pobre menina!
Onde está agora o teu namorado?

II

Senhor,
Eu tenho tanta vontade de mentir a estas meninas...

Cheio de gestos serenos,
Com a maior das comiserações da terra,
Eu lhe diria ao menos
Que elas nunca tiveram febre... eu lhes diria que o termômetro erra...
A cada menina desolada,
Desesperada,
Eu diria por exemplo que a hemoptise não quer dizer nada...
Eu diria que Laura ia ficar boa... que Evangelina ia ficar boa...
Eu diria que Cordélia e Flora
Que a tuberculose que o pulmão lhes devora
É a tuberculose benigna,
Uma tuberculosezinha à toa...

Ai, se uma ave sem asas aprisionada chora,

Não deixarás nunca de consolá-la no transe triste:
Dirás à ave presa: não há mais bosques lá fora...
Dirás à ave nostálgica de céu: além não mais existe...

INTERMEZZO POÉTICO (Jamil Almansur Haddad; prefácio do livro “A
Civilização árabe”, de Gustave Le Bon. P-XXXIX)

Poema do Sangue

Arábia estás em mim! A imagem dos teus desertos
O meu verso se fez- ele é infinito e ardente!
Eu te reproduzo,
Na tragédia de minha carne de meu espírito
Há sempre um leão que ruga e uma palmeira
Que dá sombra;
Arábia estás em mim!

Na hora em que me concentro,
Escuto,
Vindas de dentro,
Misteriosas, longínquas, formidáveis,
As vozes ancestrais...

Eu estive em todos os momentos do esplendor da raça!

A minha taça trouxe para o mundo um destino
Iluminante, um destino da aurora.

Sinto que eu fui outrora,
Indomado, terrível, um guerreiro.
Nas matas sem caminhos,
A minha bota rude estuprou o ventre virgem da terra
Eu vi o fulgor supremo da guerra!

O meu iatagã, que era sem corte,
Afiou-se nas pelejas vermelhas da morte.
Tanto peito inimigo varou.
E frente ao guerreiro forte,
A própria fatalidade
Recusava convencida da inferioridade,
Ao lado de autar, formidando
Fui um soldado.

E por terras estorricadas o meu gládio lampejou,
Tingiu-se de escarlata
E divino de tanta glória,
Cada combate
Era uma vitória.
Eu levava na ponta de minha espada a fé

**Preclara de Maomé,
E, com a fé a civilização.**

**Eu estive em todos os momentos do esplendor da raça!
Entre os aléas de tamarindos,
Na vetusta Okaz,
No gorgenate torneio lírico,
A minha voz onde musicalíssima a alma de Beethoven se exilara.
Se ouviu canora,
Grave como a noite, límpida como a aurora.
Para alcançar a láurea, eu
Soube plasmar, estelante florida a cácida,**

**Na língua rica feita para a rima
Na língua beça feita para o ritmo.
Fazendo o verso em Okaz eu ritmava jóias e rimava estrelas...**

**Eu estive em todos os momentos do esplendor da raça!
Eu vi Maomé nascer,
Eu vi sua trajetória luminosíssima.
Com o triunfo portentoso do Islão,
Eu vi magicamente triunfar a poesia.
A fé na sua manhã
Já trazia
Como evangelho e como dogma um poema: o Corão.
E depois disso eu vi o verso impregnar toda a vida da terra e da gente;
vi-o luzir nas paredes benditas
de todas as mesquitas;
vi-o gravar-se em caracteres de oiro nas cortinas
de todos os haréns;
vi-o musicar no nudado que oculta as purezas divinas
que há na carne lunar das favoritas.
Eu vi o verso envolvendo a Arábia nascer a poesia!**

**Eu estive em todos os momentos do esplendor da raça
Num cantar antigo eu fui sultão e fui califa.
Reto, inflexível, sábio eu reinei em Bagdad.
Alvas, morenas, ruivas, flavas,
Eu tive as mulheres numerosas como as miríades,
Rastejando aos meus pés como escravas.**

**Ah! O olhar cor de palmeira de Zafira
E o riso de aurora de Karime!
E a que era clara, muito clara como um raio de sol ou de lua
Silenciosa como as águas imóveis,
Leve como um roçar de penas
E que se chamava Surur e que do Egito.
E Munira, a que veio de Sur,
E que, mimo e prodígio de primavera,**

Era
Corada e lúcida como as mariposas,
E límpida como um rio,
Delicada como um bordado;
E Zahra, a de Trabus, a que vinha no corpo o Vesúvio e o arrebol,
E que na hora lasciva eu supus
Ardente, impetuosos
Esplendoroso
De tomar sol;
Tumultuosa, tumultuosa
Talvez de tanto mergulhar no oceano.
A sua carne tinha dulçores melhores que os que vieram
Das uvas da síria ou dos pêssegos de Omã,
E a que veio do Iêmen e que tinha carnes divinas
Loiras como o trigo ou como as entrelinhas...
Ela, possuindo o fogo na cabeleira estranha
Tinha-o também eterno e ancioso em sua entranha.

Eu estive em todos os momentos do esplendor da raça!
Em que terras de Andaluzia
Eu vi o fastígio,
O prodígio.



ANEXO 4

ASSIS FÉRES. O MASCATE

Poesia doutrinária na solidão do Tédio

I

**Vê
Flor!
Que
Dor!**

II

**Os ventos
Noturnos,
São lentos,
Soturnos!**

III

**Vivo só,
Sulamita!
Não tens dó
Da desdita?**

IV

**Es tu, Sultana,
A flor mais bela,
E mais singela
Da sorte humana.**

V

**Que triste pensar,
Ó imagem querida!
Que louco cismar,
Minha alma é oprimida!**

VI

**As noites sempre eu passo
Tormentas, em vigílias;
Eu sonho teu regaço,**

E, mais que os astros, brilhas.

VII

Quantos francos há no mundo,
Que por causa de uma flor,
Trazem, no seio profundo,
O espinho eterno da dor?!

VIII

Não sonhas, bela ó lírio santo,
Varrer a dor do peito alheio,
Fazer do amor o eterno manto
Que atinge a todos, flor do anseio?

IX

Eu me vejo no abismo arrojado,
Por seguir esses paços que estou.
Sou qual o xequie, na dor, soterrado,
Que o Khanjar da saudade o prostrou.

X

Mata-me a sede de te ver...que importa.
Que importa o mundo que murmura tanto!
Desperta est'alma que parece morta
De solidão e de dor no desencanto.

XI

Que mágoa infinita, nos olhos eu sinto!
Que negros destinos, na vida de alguém!
Há nomes que em lábios são taças de absintos
Daqueles que bradam: -“por Deus, ó vem!”

XII

Ó beduína imortal deste infinito amor!
Triste e só, tal qual tu, eu vivo sem carinho,
Meu pensamento vai onde estiver a dor!

(Das páginas 36, 37,38 e 39 do livro *Alma Enclausurada*, edição de 1942, São Paulo).

O MASCATE (1º canto)

Mensagem do destino

Onde estará a pobre alma
Que vaga num idêntico tormento,
Sem que meu corpo pertencesse a ela
E que ainda a contemplo com a paixão de outrora?

Quero cantá-la isento sem palavras,
Quero chorá-la até morrer de pranto!
Onde estará a celestial amada
Do meu primeiro coração na terra,
A quem pertence o meu ser de sempre?

Essa única palavra de seus lábios
Mudaria, de tudo, o meu destino!

Onde estará aquela voz de encanto,
Que ouvi de novo, um dia, vacilante,
Vinte anos depois, ao reconhecê-la?

Desde esses golpes do fatal sem nome,
Que flagelam os troncos derribando
O meu nocturno espírito sem tréguas,
E por entre o opaco das legiões perdidas,
Ainda eu a evoco com adoração eterna!

Onde estará aquela face acesa,
Que me tornou um mártir do silêncio,
Nesse poço de erros de amargura,
E que só por ela hei de morrer distante?

Seu nome será a última pronuncia
Dos meus lábios na sede do infinito.

Onde estarão daquele sonho,
Para encher seus côncavos de pedras
Deste pranto de chamas sem notícias?

Vinde com os olhos ser tão santo,
Para apalpar de perto o sentimento
Daquela flor do sonho primitivo!

De onde esta angústia a torturar a minha alma,
Que me leva tão longe de sua vista,
Para morrer distante do trajeto
Desta santa tristeza de suas pupilas?

**Não é de pedra e ainda que ele fôsse
Creio que há pedras, de um poder divino,
Choram nas grutas como um ser humano!**

**Onde estará a *luz de sua origem*
Que me desloca dos queridos mundos
Que eu formei em cada ser distante
Dessa que eu ouvi apenas duas vezes,
Em todo o tempo da vida e nada mais
Que numa simples saudação apenas?**

**Creio que os cardos dos princípios vagos,
No meu penar sem solução humana,
Não me atingem na amplidão das cousas.
Esta lâmpada acesa na existência,
Seguirá desafiando, sobre o mundo,
Os vagalhões dos golpes sem remédios!**

**E ele, na terra, aqui está, presente
Na voz do poeta, revelando algo
Dessa nobre lição não aprendida ainda:
A multiplicação destes caminhos,
Ou os erros de amargura, nos dotados
Mostrarão, nos seus fitos, Sua Presença,
Que para esta palavra escrita a esmo,
Não haverá no mundo este consolo
Aos que virão, como eu, sofrer na terra!**

**Ó lâmpada de tudo que sustento,
A que jamais vacilou por dentro dos ventos,
Fique, destas palavras, revelando
- E do meu trajeto, - Aquê! Ser Supremo!**

**Onde estarão as mãos daquela alma,
Que me viu de novo sem saber por que,
Vinte anos depois, neste delírio
Do imponderável deste drama aceso?**

**Onde estará a celestial figura
De um coração sem limites no tempo
Desta cicatriz antiga e sempre aberta?**

**Que me lancem às trevas dos abismos,
Que me arrojem aos círculos de fogo,
Que me arrastem ao leito destes pregos
E pedras sem rumo, e me convertam todo
Em cinquenta bilhões de desventuras,
E ainda que ausente do torrão nativo
Seu nobre vulto fechará meus olhos!**

**Quero cantá-la isento de palavras!
Quero chorá-la até morrer de pranto!**

Mãe e Vida

**Não sei em que ponto dos estranhos mares, tu escutarás
[meus grifos]
Não sei em que parte de longínquas terras, minhas pa-
[lavras te encontrarão algum dia
Não sei de que sítio imenso deste céu distante uma alma
Irradiará tua presença;
Mas, eu sei que o mundo seria um deserto sem esse
[grande amor desconhecido nesse gesto azul do teu
[perfil de bronze.**

O Nascimento da Vida

**Não me seduz tua carne de um suor humano, que
embriaga todos os sentidos, nem teu ouro:
Eu serei sempre puro;
Não me seduz teu grito de silencio que me convida,
Com belezas raras a teu desconhecido paraíso;
Eu serei sempre puro;
Não me seduz tua pena, tua tristeza; e ainda que me
seduzam, só eu tenho essa licença de cometer todos
os delitos, sobre a terra
E ser, no céu, como sempre,
Puro!**

O Absoluto

**Quando o aço nas minas esquecido vier desde a asa
Dos cisnes;
Quando as arcas dessa nave arrojem
O trigo impenetrável;
Quando os dedos logrem com destreza
A separação desses carbonos;
Quando os ventos amontoem esse pilar de chumbo
Sobre as montanhas;
Quando o inverno desfolhe seu leite negro
E cavalgue esse pé por sobre os fios,
Poderão descerrar as pálpebras dos mortos
E acender essa lâmpada ,
Tão perto
E quando se estacione o sonho sobre os telhados
A neve sairá desde os abismos.**



ANEXO 5

LISTA DAS OBRAS DOS AUTORES

Jamil Almansur Haddad

Alkamar a minha amante

Primavera de Flandres

História Poética do Brasil

Álvares de Azevedo a Maçonaria e a Dança

**O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do
Tempo**

Orações Negras

Poemas : Orações Roxas, Novas Orações Negras

Orações Vermelhas

O Teatro do Poço

As líricas de Safo

O Cântico dos Cânticos

Antologia : Maravilhas do Conto Árabe

Novelas Brasileiras

Odes Anacreônicas

Revolução Cubana e Revolução Brasileira

O Mundo da Novela

Revisão de Castro Alves (3 volumes)

Romance do Rio da Guarda ou o Governador...

Cancioneiro de Petrarca

O que é o Islamismo

Literatura e Mistificação

O que é o Amor no Pensamento Humano

Civilização Árabe, Le Bon (Prefácio)

**Caminhos da ciência moderna (?)..... entre outras
não disponíveis e inéditas).**

Assis Feres:

Sonhos Mutilados

Doutro Lado do Sonho

Os Deuses Morrem Ausentes

Alma enclausurada

O Celestial Amigo

O Absoluto

Miguel Pedreiro Na Frente

O Mascate 1940

O Mascate I e II Cantos



ANEXO 6 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Meu nome é Narjet El Sayed.. Sou formada no curso de Letras, aqui pela UEPG, Casada com o xeque.

MULHER ÁRABE

Então, nós temos, assim, Para falar sobre um trabalho, sobre a literatura, sobre a mulher, principalmente sobre a mulher árabe. Então agente tem a visão dos dois lados, porque conhecemos o lado árabe, principalmente muçulmano e o lado do Ocidente, a visão da mulher no Ocidente.

Vamos começar pela história, que unificou as três maiores religiões do mundo: judaísmo, cristianismo e o islamismo entre um acordo em relação a que: a Eva e a Adão. Começando pelo princípio de que Eva foi culpada... as três religiões entram num consenso de que Eva foi a culpada de Adão ter saído do Paraíso e por isso dá o direito do homem (Pausa) ... Então, as três maiores religiões entram num consenso sobre Adão e Eva, tudo que a mulher sofre é por causa do comportamento de Eva ter induzido Adão a sair do Paraíso. Eu acho muito bonito porque não é bem assim: a mulher antes do cristianismo, se você retomar a história e você se transportar há cinco mil anos atrás, quando estava paralelamente junto com o judaísmo, que surgiu o judaísmo, digamos seis mil anos, você vai para o Egito. A mulher tinha um papel de destaque na sociedade, tanto que existiam deusas: a Ísis, várias deusas contribuíam junto na sociedade respeitadas igualmente ao homem.

Resumindo, a mulher tinha o papel de destaque dentro dessa sociedade. E quando que surgiu? Daí as religiões monoteístas, quando surgiu esse poder do homem? O homem ser superior à mulher. Quando surgiu a propriedade privada, quando o homem começou a se fixar num lugar e a criar poder econômico, social e moral. Principalmente, a propriedade privada foi um dos motivos que levou o homem a manipular e dominar a mulher, porque ele tinha que deixar a sua herança e ele deveria deixar para seu filho. Então a traição, o medo de que pudesse o filho não ser dele fez com que o homem dominasse perfeitamente a mulher. Um dos fatores que levou foi a propriedade privada, a economia, o poder isso fez com que o homem dominasse a mulher. Então no passado... Antes, na história houve grandes sociedades, onde o filho levava o nome da mãe e não do pai. Então, quando começou a surgir esse poder econômico, esse poder privado... Então o que o homem fez, não eu vou segurar tudo que é dele. Ele considerava como seus: casa, terra, propriedade. A mulher também era vista como uma propriedade, ela não tinha seus direitos, não tinha respeito. As três religiões viam a mulher como descendente do diabo. No cristianismo qualquer intuição que a mulher tinha era visto como bruxaria, então eles levavam e matavam como na inquisição, a mulher também foi perseguida no cristianismo. Só que hoje com o passar do tempo nós só falamos do islamismo, nós não olhamos para trás e só falamos das outras religiões, nós não falamos da cultura dos outros, só falamos que o islamismo oprime a mulher e não é bem assim.

Na história a gente sabe que quando o profeta Mohamed casou, a mulher dele era uma comerciante bem sucedida, ela pediu-lhe em casamento. As mulheres iam pra guerra, elas tinham seu poder, seu respeito dentro de casa, o islamismo deu isso para mulher elevou a sua condição, porque paralelamente, as religiões não

Consideravam a mulher. Nem em Roma, nem em época nenhuma se considerou a mulher como um ser completo. Para eles a mulher não tinha cabeça. Em um livro que eu estava lendo, olhe que interessante: o véu era colocado nas igrejas por respeito. Não era por respeito, era porque a mulher era acéfala, ela não tinha cérebro. Portanto, quem a completava ela era o homem, o homem era a cabeça, o homem é que vazia. Ela colocava o lenço para completar a cabeça.

Então em todas as sociedades, em todas as religiões houve essa discriminação com a mulher. Na literatura se ela não tinha toda essa liberdade, ela não conseguiu escrever, participar da literatura, nem do judaísmo, nem no cristianismo, nem no islamismo. Foram poucas as mulheres. Se você me perguntar se eu conheço hoje? Conheço poucas mulheres. Hoje elas se sobressaíram bastante, mas no percurso da história, na antiguidade não tinha.

Olhe só que contradição, o homem com o poder dessa intuição, porque nós sabemos que a mulher tem o poder de intuição, de sensibilidade, de sedução, de racionalidade também, mas essa vantagem que a mulher tem fez com que o homem tivesse medo, e esse medo que ele tinha de não saber lidar com essa vantagem oprime-o.

A mulher astuta e inteligente, voltando ao começo, falando de Adão e Eva. A Noad Alsaia fala sobre a esperteza e inteligência da mulher, quando a Eva induziu o Adão a comer o fruto proibido... que o fruto proibido simbolizava o conhecimento, a inteligência... ela tinha a percepção que ele não tinha. Então achei interessante porque já na antiguidade se vê a ampla visão, Eva era mais esperta que Adão. Simbolicamente o fruto proibido simbolizava o conhecimento, o certo, o bem, o mal. O Adão não tinha essa curiosidade, a Eva era mais capaz disso. Na verdade os homens precisam mais da mulher do que a mulher precisa do homem. A gente sabe

que o sexo frágil hoje, na atual sociedade na verdade é o homem não a mulher, essa é a minha visão. A mulher é o pilar de uma família, ela estrutura uma casa, ela consegue se sobrecarregar com compromissos e atividades do que o homem. Então o que acontece hoje, a mulher é independente economicamente, na antiguidade a mulher não tinha poder financeiro, então ela dependia do homem porque ele tirou essa independência dela, então ela não tinha o que fazer a não ser a submissão, mas não que ela fosse submissa. Daí que Machado de Assis fala sobre a mulher astuta, dissimulada, porque ela não poderia ser o que ela é, então ela usava as artimanhas para poder sobreviver, conquistar o poder.

A mulher no costume muçulmano ela não é submissa, mas ela tem valores e princípios que ela prioriza, é uma questão de educação também. A mulher tem esses valores que são passados desde pequena. Então ela é criada normalmente para casar muito cedo, ela tem como ideal, perfeito a família. A família é muito importante, os filhos, a educação dos filhos. Ela abre mão dos seus interesses em prol da família. É muito difícil você ver mulheres separadas, porque elas são moldadas para suportar qualquer tipo de dificuldade dentro do casamento, somente em casos extremos é que realmente passam pelo divórcio, a mulher é criada para isso. Os filhos são muito carinhosos, os filhos, por essa presença constante da mãe só saem de casa quando eles vão casar, até então eles são da família. Hoje todo mundo quer a liberdade, a independência, comparando com os Estados Unidos que o filho com dezoito anos já tem que sair de casa, porque ele tem que ter suas obrigações, sua responsabilidade. Então isso não acontece, o filho só sai de casa realmente quando é para casar, e se puder morar perto dos pais melhor ainda. O respeito que tem pelos pais é muito grande, os filhos têm esse respeito pelos mais velhos.

O Alcorão na verdade é a nossa maior obra-prima literária. Tudo que o Alcorão diz é o que os muçulmanos vão seguir. O nosso Código Civil é o Alcorão: fala de herança, fala de divórcio, fala que a mulher é obrigada à ética, a moral, o respeito. Um simples gesto como entrar em casa sem bater é considerado pecado, porque o Profeta orientou que se bate na casa em que você vai entrar. As mulheres acatam o olhar para não ter adultério. É o nosso Código Civil, fala de herança, o que você imaginar que existe no Ocidente como Código Civil, de negócios, tudo que você imaginar está dentro do Alcorão. Os países muçulmanos que são 1 bilhão e 200 milhões, não são poucos, é o que eu falo para o meu filho: nós somos poucos nós somos muitos, uma das maiores religiões. Porque que você acha que uma religião cresceu tanto e uma minoria de pessoas querem deturpar e querem denegrir a imagem do islamismo, sendo que ela não é uma religião de terroristas, ela não é uma religião que provoca briga, ela se defende e é diferente, ela se defende de quem está atacando. Você não pode julgar uma minoria, um grupo de minoria que pensa contra os preceitos do islamismo, uma religião bem sensata, que vai de acordo com a necessidade do ser humano. O que acontece com a igreja na idade média? Nesse então, o cristianismo vai contra a necessidade do ser humano, quer dizer, a razão e a emoção... eles são muito contraditórios isso, o ser humano tem suas necessidades materiais e o cristianismo diz assim: você tem que abrir mão das suas necessidades materiais em prol do céu, do seu espírito e o islamismo diz o contrário você tem que ter um equilíbrio com o seu material e o seu espiritual. Por exemplo, o sexo: dentro do judaísmo e dentro do cristianismo é feito só para procriar, só para a criação, aí que se criou a instituição da prostituição. O sexo dentro do casamento é só para procriar, aí o homem tem como necessidade biológica o sexo, daí ele vai procurar fora do casamento. Daí falam: ah! Mais o islamismo aceita a poligamia! Mais é uma

característica natural do homem ter outras mulheres, se ele não consegue ser satisfeito dentro de casa. Se a mulher é criada vendo o sexo como pecado e ela só pode procriar, como ele vai ter satisfação sexual dentro do casamento, só fora do casamento, isso no cristianismo. No islamismo não, o sexo é uma necessidade biológica do ser humano, só feito dentro do casamento, mas respeitada como uma necessidade prazerosa. O ser humano desde que ele está na terra ele é de buscar o prazer, faz parte. O cristianismo nega esse prazer, o islamismo respeita esse prazer dentro da religião. A mulher muçulmana ela tem as suas artimanhas, mas ela satisfaz o seu marido, isso não é pecado dentro da religião. Então ela se torna realmente mais sensual, ela não é feita para os olhares dos outros, mas dentro de casa ela tem toda essa liberdade que às vezes é julgada como submissão ou opressão, que o ocidente julga que as mulheres têm, não é respeito que o marido tem pela mulher. Ele supre todas as necessidades materiais e se tiver necessidade dela trabalhar e eles entrarem em acordo não tem problema nenhum. Você sabe que hoje a maioria das mulheres não se dá ao luxo de ficar em casa e está todo mundo trabalhando, estudando, buscando um aprimoramento do ser humano.

TRANSFORMAÇÃO DA MULHER , RABE (DA BURCA AO TOPLESS)

Minha mãe também é muçulmana, meus avós são muçulmanos. Eu acho assim, que o véu é uma escolha individual e pessoal de cada um, que deve ser respeitada. Eu casei muito cedo, com 15 anos, desde então, eu tive meus filhos... A minha mãe casou muito cedo e veio com uma mentalidade árabe. Para ela Deus me livre namorar... A minha mãe veio do Líbano com essa mentalidade moldada também, já da mãe dela, de que a mulher tem que casar, ter seus filhos. E eu casei muito cedo. Por que eu fiz essa transformação? Eu não me transformei, na verdade

me transformaram naquilo que eu não queria ou queria e não sabia, na verdade eles impuseram muita coisa para mim e eu sempre fui do contra, mas chegou o momento que eu falei que não: eu vou fazer para mim, porque que eu tenho que usar lenço? claro que o islamismo é uma das melhores religiões, mas desde que foi imposto para mim, uma hora eu tinha que abrir mão disso, por mim mesma. Então foi um desafio eu tirar, se eu tivesse feito à escolha de usar o lenço seria difícil de uma outra forma. Eu sinto um pouco de remorso porque eu acho assim, que o lenço tem um papel fundamental de divulgar o islamismo, ele tem um papel de diferenciar. Quando você me vê de lenço você pensa: Ah, muçulmana! Você já tem uma outra visão e aqui você não sabe quem é quem. O mistério faz com que... Então o lenço tem que ser uma escolha de fé, essa que é a minha opinião, não pelos outros porque quando você faz pelos outros você faz um esforço muito grande. Então o que você faz por fé você não faz esforço nenhum, entendeu, aquilo te dá prazer e eu acho que chega uma hora em sua vida que você não quer fazer nada pelos outros, você quer fazer só você. Então a fé é um outro fator fundamental para que você use o lenço, agora nos países muçulmanos você não tem escolha, você é obrigada a usar. Então eu estou num país que eu posso escolher se eu quero ou não e como eu passei a vida toda usando, então do papel do xeiique... Minha mãe não usa, meu pai não faz muita questão, pelo xeiique. Desde que eu casei, até então eu nunca usei porque eu nasci aqui no Brasil, minha mãe teve essa criação, mas não nessa parte de vestimenta, minha mãe nunca usou. E a gente nunca teve essa... Minha avó usou, algumas tias usam, algumas não. Foi pelo xeiique.

ORIGEM FAMILIAR

Santa Catarina. Eles moram em Santa Catarina, Pai e mãe. Eles são de Lages Pai e mãe. Minha mãe é muito religiosa.

COMUNIDADES EM LAGES - SANTA CATARINA

São vinte famílias, mais ou menos. Vinte famílias, mas são todas sunitas, que é o diferencial aqui de Ponta Grossa. Aqui a maioria é xiita, tem pouco sunita, lá a maioria é da mesma cidade do Líbano, Coíraie, que é a cidade do meu pai. Então o pessoal se dá muito: Primo, Parente.

Coíraie é no vale do Beca. O Líbano é muito pequeno, se você quiser conhece em um dia todo o Líbano. Cada cidadezinha, cada aldeia... é mais ou menos do tamanho de Israel, acho que é menor. É menor, mas ela não dá o território de Ponta Grossa, o município de Ponta Grossa é muito pequeno. Então em um dia você conhece perfeitamente o Líbano. Eles são de lá, minha mãe é xiita, meu pai sunita, mas a minha mãe nunca teve essa diferenciação, apesar de existir muito forte.

A DIFERENÇA ENTRE SUNITA E XIITA

Quando surgiu o islamismo e após a morte do Profeta Mohamed houve uma discussão de quem seria o sucessor do Profeta. E dessa discussão de quem seria o sogro ou o genro dele houve uma divisão do islamismo, mas alguns achavam que era o genro, outros que o sogro deveria suceder, e como foi não foi claro, o Profeta Mohamed não deixou claro quem deveria, houve uma divisão de corrente. Então o islamismo se divide em praticamente em sunita e xiita. O xiita na verdade corresponde a 5 a 8% do islamismo, eles são a minoria, você via conhecer um

POUCO NO Iraque e a maioria NO Irã, mas são muito POUCOS, o resto a maioria é sunita é radical. Mas o Profeta Mohamed é o mesmo, só diferencia algumas idéias, mas no decorrer da história mesmo, é Bem histórico mesmo. Mas a minha mãe sempre criou a gente como muçulmano, nunca a gente fez essa diferenciação. Apesar de ela ser forte, e ela existir, porque que é criado aqui, quem é criado aqui no Brasil ou no Ocidente fora de um País muçulmano... ele pode ser muçulmano, mas ele não tem aquela influência forte que é de quem vive lá. Quem vive lá, a educação é desde pequena, aquele é sunita, aquele é xiita, isso não existe aqui. Aqui no Brasil ninguém sabe nem a suas próprias origens, daí tão pouco tempo e o pessoal se perde. Se você pegar a maioria dos filhos de muçulmanos e perguntar pra eles que é xiita, sunita eles não sabem. Então realmente eles se perderam...

DIFERENÇA ENTRE SUNITA E XIITA

Existe, o Ale que era o genro do Profeta, ele foi assim considerado praticamente como se fosse o Profeta. Então eles falam muito mais às vezes do Ale do que do Profeta Mohamed em si, daí Ale teve dois filhos, eles se dedicam muito na história dos descendentes do Profeta. Os xiitas ainda têm dias comemorativos, que eles comemoram os sunitas não comemoram. Então são diferentes assim, na forma de rezar pouca coisa. Mais em inúmeras coisas a diferença é assim conflituosa entre eles de se tolerarem. A tolerância é muito pouco, eles não se toleram muito, apesar de terem muita coisa em comum. Você pode ver a minha mãe sunita e o meu pai como xiita, ela criou a gente como islã, ela não fala nem sunita nem xiita. Agora eu tenho um conhecido aqui em Ponta Grossa, cria os filhos nesses hábitos xiitas... Ah você é xiita, isso não pode, então a criança vai ser criada como um ser xiita vai ter aquele horror ao sunita, porque eles criam muito isso, desde pequeno eles passam para a pessoa isso. E a minha mãe não fez isso de maneira nenhuma, ela

simplesmente disse que a gente é muçulmano, islã, porque a palavra islã você sabe, significa submissão a vontade de Deus. Então sendo muçulmano todos os profetas submeteram essa...

DISCRIMINAÇÃO DOS ÁRABES EM RELAÇÃO AOS OCIDENTAIS

()...é a festa para os homens na verdade, porque quando você vai para lá eles ficam assim: Ah, é Brasileira! Ah, ocidental. Eles consideram as mulheres de lá mulheres de respeito e aqui eles não respeitam. Não é a roupa que impõe respeito, mas o que acontece quando o islamismo, ele começa a criar forças, estamos numa era pró-islâmica, os homens têm haréns de mulheres, vêem a mulher como objeto, como as outras culturas também o fariam. O que acontece para diferenciar, a religião vem e pede para que a mulher cubra seus ornamentos para que não desperte a atenção do homem. Então o homem que era bárbaro naquela época, ele via a mulher bonita, ele ia lá e estuprava. Eles usavam como: com as opaliscas, a barriga de fora, essa era a roupa que imaginava das mulheres, antes do islamismo. Sensual. Então o islamismo vem e pede para a mulher que cubra seus ornamentos. Então quando eles viam a mulher usando lenço e coberta, o homem não chegava perto para estuprar ou para fazer qualquer prática ilícita que eram de fundo sexual. Então qual é o impacto que tem, ele vem aqui, ele olha as mulheres... porque aqui o homem que é criado no ocidente ele vê uma perna, uns peitos... a mulher já mostrou tudo, que para ele é natural. E o homem árabe que tem uma cultura mais rígida, onde ele nunca viu isso, realmente choca. Ele faz a festa, mas ele tem aquela visão que as mulheres de lá são as mulheres mais recatadas e as mulheres daqui libertas. Mas isso do homem que vem de lá para cá. O que nasceu aqui já está acostumado a conviver com as mulheres, já misturou, eles não tem essa

visão. Agora, os que vêm de lá eles ficam realmente impressionados e babando quando vê aquilo que eles nunca viram, né é pra babar.

A INDEPENDÊNCIA DA MULHER

Eu acho que na história a mulher passou muita dificuldade e hoje, não vamos dizer os vinte anos pra cá, porque até a mulher criou no Brasil o direito de votar em mil novecentos e trinta e poucos que ela não tinha, entendeu. A mulher hoje, atualmente com a independência econômica, ela criou sua própria opinião, sua liberdade e ela tendo seus princípios e valores... Eu acho sua independência financeira fez com que o homem respeitasse a mulher, entendeu. Eu acho assim, que é uma grande conquista da mulher ela não pode parar por aí... eu acho que em literatura, em política, na saúde, na educação, hoje elas estão fortes, estão aí cada vez mais abaladas. Então quando se fala assim de inferioridade eu fico triste quando eu vejo a mulher como um ser inferior, eu vejo a mulher como diferente do homem, não como inferior, entendeu. Porque nós temos capacidades diferentes, mas iguais na mesma atribuição de deveres e direitos. Acho que o homem não tem porque ver a mulher como um ser inferior. Quando isso acontece cabe a mulher lutar e fazer isso mudar. Com isso, estou dizendo sair dos árabes, como por exemplo: a mulher casar virgem, você sabe que existe países e cidades pequenas como o Egito, a Arábia Saudita onde a mentalidade do homem está na idade média pra trás, entendeu. Acho que ela tem que lutar, ainda luta, a conquista foi grande, mas foi pro ocidente. Nós estamos assim estagnados nos tal dos muçulmanos em relação à liberdade da mulher, ela precisa ser conquistada, mas isso não vai depender do homem, vai depender da mulher conquistar o que faz. Porque ela tem esse poder, agora ela tem que usar isso, ela não pode... Eu sou a prova viva de que a gente só faz aquilo quando deixam que façam com a gente, entendeu. É com o xeique, ele

fazia coisas, ele usava a religião como justificativa para que eu não fizesse determinadas coisas que me dava prazeres, entendeu. Então usar a religião para oprimir o outro é um erro grave. Acho que a religião... nós temos a razão, a racionalidade para irmos questionar o que é certo e o que é errado. Com todo o respeito, a gente respeita muito nossa religião é uma coisa muito sagrada, respeitada e utilizada. Então eu fico triste quando eu vejo certas atitudes de países muçulmanos com as mulheres. Eu acho que depende delas porque tem mulheres brilhantes, capacidade intelectual.

QUALIDADE DO ENSINO NOS PAÍSES MUÇULMANOS

Depende do país, você sabe que o islamismo sempre incentivou o conhecimento pro homem e pra mulher, sempre. Eu acho assim, a prática dos acontecimentos muçulmanos não corresponde que o Alcorão e o que o islamismo diz, são práticas diferentes. Então o que prevalece dentro dos países muçulmanos é uma prática cultural muito antiga e enraizada como exercício do poder do homem sobre a mulher. Mas isso não significa que o islã diga isso, o islamismo não diz isso, o islã não corresponde.

- Rose Bravick El Jaime

Meu nome é Rose Bravick El Jaime, sou do Líbano, vim com 20 anos, no ano de 1972, eu nasci em 52., daí casei e fiquei três meses casada lá e vim com meu marido para o Brasil, porque..., ele morava aqui e foi para lá para ver as mãe e o pai, chegando lá, meus parentes.... (é ruim falar no gravador...)

Meus parentes levaram ele, eu não lembro tudo. Então... o meu marido estava aqui no Brasil, os parentes dele levaram ele para me conhecer

lá, e eu não conhecia ele, foi em dois meses, falou com meu irmão, e ele procurou saber quem ele era, mandou carta para meu tio investigar o que ele estava fazendo aqui no Brasil. Todo mundo falou bem dele, daí meu irmão me procurou e falou: olha, o que você acha, apareceu um noivo para você! E eu disse, eu não conheço, que jeito que eu vou casar com ele, se eu não conheço? Daí meu irmão falou: Não, ele é de família boa, a gente não quer jogar você. Daí depois eu falei: eu não conheço, a gente tem que ver, conhecer. E ele falou para mim, que depois com a convivência o amor aparece. E ele foi gente boa mesmo, ele tinha muita paciência, ele ficou 20 anos aqui no Brasil e foi para lá.

Ele era muito amoroso comigo, e dentro de um mês, noivei, casei, e vim para o Brasil. Eu vim de „Hácar Meneara%20], perto de Trípole.

A vida lá era boa, na minha época, fomos criados assim, não tem sair, estudar; ficar na casa, trabalhar, porque não tinhamos empregada, tinha que ajudar, todas as minhas irmãs casaram e foram para longe. Somos em nove irmãos, cinco irmãs e quatro irmãos. E daí eu fiquei por última, não terminei meus estudos, porque minha mãe ficou doente, daí tive que sair da escola para cuidar dela. Meu irmão era professor.

E daí, minha mãe na cama, não tinha ninguém para lavar roupas, fazer comida, e eu aprendi a fazer tudo isso...

Eu vim novinha, tinha 15 anos, saí da escola com 15 anos. Nós morávamos na cidade, cidade Meneara, e depois minhas irmãs casaram, foram embora e eu fiquei cuidando da casa, quando apareceu meu marido. E eu queria tanto.... a gente sonhava que fora do Líbano, tudo era paraíso, Brasil, América, tudo no sonho, e a gente queria sair de lá, e falava: Tomara

que apareça alguém de fora, para a gente casar e ir conhecer esses países. Quando apareceu o Brasil, eu não conhecia, mas queria conhecer, queria sair do Líbano. E falavam bem do Brasil, Estados Unidos, Canadá...

Os árabes queriam sair para procurar uma condição melhor, porque o país era muito pequenininho, não tinha campo de trabalho, plantação, vivem da família. Meu pai não tinha herança, daí ele também saiu do Líbano e foi para o Kuwait, trabalhava lá e mandava dinheiro para minha mãe que nos criou, à base deste salário que vinha do Kuwait.

As pessoas que vivem lá, vivem de azeitona (plantação), então meu pai não era rico, era pobre, não recebeu herança. Não tinha azeitona, não tinha nada.... Não tinha plantação, lá a vida de quem era bem, era de quem tinha plantação...

As fontes de rendas mais fortes eram as jóias e a agricultura. Mas a agricultura de fumo de cigarro era a mais forte. Até eu trabalhei, costurava o fumo para secar. Trabalhamos por causa do meu pai, ele trabalhava anos e anos para mandar.... meus irmãos também trabalharam fora, no quartel. Lá é mais exército, porque eles pagam um salário muito bom, quem entra no exército ganha dinheiro...era um meio de vida.

E lá, professor também tem que casar com professora, para se manter, quem não tem renda por fora. As mulheres se formavam professoras e os homens se formavam em outras coisas, como engenheiro, médico, mas antigamente lá tinha mais professores e professoras. Agora que estão estudando fora...estão indo estudar fora do Líbano, essas professoras. E para estudar medicina, engenharia, vão para a França, ou até para a União Soviética.

Um Parente nosso, DO lado da minha mãe, família Sahafi, não sei se você chegou a conhecer. O meu tio que morava aqui, agora mora em Curitiba, é Parente da minha mãe, todos médicos. Estudaram na França, porque o pai era rico, quem era rico podia. Tinha Plantação de azeitonas, tinha terras....

As Plantações que mais existiam eram as de azeitona que dava mais dinheiro, eles vendem e fazem o mantimento do ano, azeite, conservas... E também Plantação de trigos; frutas, quem tem terreno tem frutas a vontade. Meu marido tem figo, maçã, romã, cada um tem. E ele foi para o Líbano agora, no ano passado e me trouxe 2kg, da terra dele, mas na terra dele tem mais Plantação de azeitonas.

Ele é da cidade de Hecup, e eu de Meneara e essas duas cidades, são divididas por um rio, e eles não lá, porque a cidade do meu marido é muito pequena. Agora a minha cidade cresceu... Então tem escola boa, e na cidade dele não tinha, e todos atravessavam para ir na nossa cidade para estudar. E meu marido tinha Plantação também de fumo, porque lá o governo alugava e pagava por mês, agora não tem mais nada disso, acabou. E ele perdeu... ele tinha uns terrenos grandes lá na estrada principal e o governo tomou, desapropriou e ele foi para lá...

O governo pagava para meu marido, por pé de azeitona e por metro quadrado, cem dólares por metro quadrado e vinte e cinco, ou trinta pela azeitona. Mas ele vendeu esse terreno ano passado o governo pagou, deu dezoito mil dólares, deu para comprar esse apartamento. Então, e ele ainda tem herança lá para ele, daí ele foi para lá e fez um inventário, porque o pai e a mãe dele morreram e tinha os irmãos, aí ele fez o inventário e deixou tudo

PREPARADO PARA DEPOIS OS MEUS FILHOS NÃO SOFREREM, SE ACONTECESSE ALGUMA COISA, MAS POR MIM, EU FALEI: VAI LÁ E VENDE TUDO, VAMOS INVESTIR AQUI NO BRASIL, NÃO QUEREMOS VOLTAR, MEUS FILHOS NÃO QUEREM IR PARA LÁ. ELES NUNCA FORAM VISITAR, POR CAUSA DA GUERRA, ELES TÊM MEDO. E EU SEMPRE MOSTRO PARA ELES, EU TROUXE TANTA FITA, CASAMENTOS DOS MEUS SOBRINHOS, MEUS PARENTES, E TODA A TRADIÇÃO DE LÁ, MEUS FILHOS QUEREM IR, MAS NÃO TÊM CONDIÇÃO DE LEVAR ELES. A VIAGEM É MUITO CARA...

EU FALEI PARA ELE, ALCIDES... ANO QUE VEM TÁ TENTANDO IR PARA LÁ, SE VENDER ALGUMA COISA... EU FALEI: COMPRA ALGUMA COISA, DEIXA PARA TEUS FILHOS A HERANÇA DELES, PORQUE LÁ ELES NÃO VÃO, E VAI PERDER COM ESSA GUERRA E QUEM VAI APROVEITAR É TEUS IRMÃOS. VOCÊ TEM FILHOS AQUI. E ELE PARECE TER ACEITADO, PORQUE ANTES ELE NÃO QUERIA...NÃO QUERIA PERDER A RAIZ DELE...

ENTÃO ESSE DEIXE, E AQUELE QUE ESTÁ ESPALHANDO VOCÊ VENDE, PRÁ QUÊ?!
DAÍ VAI DAR CERTO, VAMOS VER ANO QUE VEM...COM CERTEZA.

JÁ QUE FALAMOS DE RAÍZES, TAMBÉM VAMOS FALAR UM POUCO DA ALIMENTAÇÃO, MAS A ALIMENTAÇÃO LÁ, É A BASE DE.... É TERRA ABENÇOADA LÁ.... DE „mato%a GENTE ADORAVA AQUELA CHICÓRIA, NASCIA SOZINHA, NINGUÉM PLANTAVA... ESPINAFRE, AQUELE, „zátar%o O „zátar%nasce SOZINHO, É AQUELA ERVA, NINGUÉM PLANTA, DAÍ O POVO SOBE AQUELAS MONTANHAS E VÃO CATANDO, PROCURANDO E SECANDO, E TEM MAIS AQUELE „heneBi%aAQUI FALAM CHICÓRIA AMARGA, ESQUEÇO O NOME DELA, DÁ PEQUENINHA, A GENTE VAI E CORTA. RABANETE, PLANTAM TAMBÉM. USAM MAIS AS FOLHAS, É MAIS ALFACE, VERDURAS E TRIGO, ARROZ LÁ NINGUÉM COME, FEIJÃO MUITO POUCO, NÃO CONHECEM, MAIS O FAÇULHA, AQUELE FEIJÃO BRANCO. FAVA, FLUIR, ISSO TUDO USA LÁ, TUDO A BASE DE VERDURAS E AZEITE DE OLIVA. COZINHA TUDO COM AZEITE DE OLIVA.

Ah! E manteiga nossa! Para fazer doces. A manteiga pura e leite também é muito difícil, porque lá não tem gado igual aqui, tem pouco gado, lá usam carneiro, o cabrito e aquele leite em pó, vem de fora. É da vaca, não sei de onde vem...

Mas a comida não tem diferença do mais pobre com a comida do mais rico, tudo igual, comem tudo igual e não tem pobre, assim miserável, que passe fome. Então todo mundo tem fartura e o pobre que não tem, os parentes ajudam, um ajuda o outro. Porque as casas não são iguais as daqui, lá são um do lado do outro, conversam, fazem aquelas roupas.

Aonde você coloca um pé de uva, já nasce, cresce, sobe até três, quatro andares. E cada cacho dá dois, três quilos, coisa mais linda! Que pena o vídeo não estar aqui para eu te mostrar, e come a uva do pé.

A uva eles agora estão fazendo tipo, chácaras, então, exportam, antes vendiam para a Síria, mas agora a Síria está atrapalhando...(Risos...) e ela é da Síria... (Rose se refere à Miriam, que fala que sua mãe era de Homs).

Homs, perto da nossa cidade, a gente vai lá, atravessa de carro para comprar, agora a Síria entra para o Líbano e o libanês entra para Síria a hora que eles querem, porque a fronteira agora é aberta... então, da uva fazem vinho e harak, e fazem álcool, o harak e... Uva passa, é essa seca, é esses que tem nas casas aqui ao redor. Só deixa no sol para secar, em cima. Lá as casas não têm telhado, é tudo de laje, a gente sobe no terraço. Na época para fazer o mantimento de trigo, cada casa (tem uma na nossa cidade), tem uma panelona grande, redonda e daí aluga para fazer o mantimento do ano, de trigo grosso, fino e mais fino, para quem não conhece esse trigo, quanto

mais fininho, Peneira e faz Pão árabe, assam e fazem com água, um pouquinho de farinha de trigo, salsinha, cebolinha, Bate e mistura. Com o trigo mais fininho, não é o integral, é o trigo que vem com grão e tudo, como ele vem e nós fazemos, nós cozinhamos na casa, nós secamos na casa o trigo, em cima do terraço, e a gente vai cozinhando lá embaixo e tem gente lá em cima que vai estendendo no chão. Lava o chão e estende aquele trigo cozido, depois recolhe e vai no moinho perto do rio e vai refinando, para o quibe, e para aquele mais fininho, daí a gente leva de sacada para casa e daí vai separando o trigo grosso, trigo para quibe e trigo para fazer Pãozinho, passa no óleo de oliva, assado.

Para fazer esse Pãozinho, tem que achar esse trigo bem fininho, se se você comprar esse trigo de farinha de quibe e peneirar, aquela bem miudinha, igual uma farinha refinada, compra uns dois, três quilos e vai peneirando, o que desce, aquele, bem fininho, daí você lava, bem lavado, daí deixa de lado, depois você pega hortelã, um pouco de salsinha, cebolinha, cebola grande, daí maceta com pouco sal, depois quando está bem lavado, coloca aquele molho em cima e mistura e com aquele tempero, um pouco de pimenta, pouco sal, depois mistura e para dar liga, coloca um pouco de farinha de trigo, deu liga, daí você estica, estica... não vai ovo e óleo, nada, nada, só farinha e tempero... e você tem chapa para assar? Você deixa bem fininho e assa na chapa. Fica assim tipo uma panqueca. daí come ela assim: passa enquanto quente na chapa, óleo de oliva...

Erram aquele cremezinho, um pouquinho, tipo panqueca, assa e deixa de lado, uma em cima do outro no prato, de manhã para comer lanche, o nome é „Buerner%o.

Por causa que também não tem a chapa própria para ela, „assojsh%a gente assava no „assojsh% não tem essa chapa. Tem que usar bastante trigo para peneirar e sair pouquinho dela, então como lá tem bastante, peneira. Nós compramos de dez sacas, cozinhamos para fazer por ano, como ela falou, nós fazemos para o ano inteiro, o mantimento, de todo o tipo de trigo, de azeitona em conserva, azeite de oliva tudo naquele barril. Tem um quarto assim separado, com barris para guardar o mantimento.

Então como aquela minha amiga estava falando, a Anuha...quando nós comentamos porque é tão importante a alimentação para o árabe, é porque significa fartura, quando ele pode oferecer, compartilhar, é um fator de alegria, de fartura... A gente tem prazer, de fazer as coisas... e se você ver, quando uma pessoa insiste para comer, elas gostam. É um costume, não se sabe bem de onde vem, mas acredita-se que é por causa da fartura, da satisfação...

Nós fomos criados assim, mas os nossos pais sofreram por causa da guerra, sofreram muito. E quando não tinha, era um fator de muita tristeza, e quando acabou a guerra, daí eles alimentavam os filhos para criar todos eles. Então, eles têm prazer e como lá a terra dá fartura, e como ela falou que chamam de turcos, é porque antigamente o libanês... porque com a Turquia dominou o Líbano na época da guerra... da segunda guerra, até o meu avô foi para a guerra e machucou o pé dele, e não podia andar; tinha que enrolar as faixas nas pernas dele porque ele sofreu.

Eu estava pequena....Não lembro de nenhum comentário que a família falava, só depois a vó comentava, a mãe comentava que não tinha nada, então eles esperaram vir aquela farinha, sacos, não sei quem que

mandava, Para cada família, Para fazer Pão. Era feito Pão sempre, isso acho que a Julieta não falou Para você, Porque naquela época não tinha esses fornos elétricos, todo mundo fazia os Pães „assosjh%é uma chapa assim redonda, fazem um Barril de lata e compra uma Boca de Gás, Grande Para colocar lá dentro e um Bujão.

Nós fazíamos aquele... acho que mostraram na televisão, enrolava o Pão, aquele fininho, igual uma folha, e a gente esticava no cilindro, depois do cilindro, fazia almofada grande, e esticava aquele Pãozinho até ficar fino e a gente batia na mão e depois jogava, não faz Bola, esse que estufa duas, é no forno elétrico, o outro só faz uma folha fininha, daí assa, e vira Para assar do outro lado e coloca numa Bacia e ele fica bem duro, fica igual um vidro, depois na hora que vai preparar, vai molhando antes, meia hora... joga pouca água e daí a gente dobra, dobra, e coloca um pacote, e serve na mesa, esse é o Pão antigo, agora não, tá vindo esse Pãozinho de duas tampas, esse usa forno elétrico. Mas tinha aquele forno de lenha antigamente, e fazia aquele que abre, o „Boininha%e tem lá ainda, mas agora ninguém usa, agora é tudo moderno, tudo é elétrico.

Antigamente tinha essa forma de Pão, mas agora tá vindo Para cá, Para o Brasil, forno em São Paulo, em Foz do Iguaçu, em Curitiba. Até meu Primo queria vir e colocar um forno aqui, Para abrir aqui e fazer Pão árabe, mas não deu certo, ele iria comprar do Paraguai, mas não deu certo, era uma „nota%omas interessante saber a fabricação desse Pão de folha, nunca ninguém sabe explicar como que era, faz em casa, é bem fácil, em casa eu fazia, Para meus irmãos, Para minha família inteira. E esse Pão você vai comendo, faz o quibe e você sabe, combina com quibe ou vagem com azeite,

cebola, verdura, quibô, a gente usa muito quibô, tabule, tudo come com esse pão, na mão, tudo com a mão, e com comida quente. Uma comida só, para todo mundo, faz bastante aquela comida... não é igual aqui arroz, feijão, batata frita, carne... não existe isso lá, e fartura, coloca um prato desse, a família inteira come e ainda sobra para a janta e se vem mais alguém de fora pode comer também. E essa comida é sempre acompanhada com esse pão.

Por exemplo faz só quibô cru hoje para a família. Até hoje tem a amiga da Violeta e você queria falar o nome para a entrevistar ela também, e até agora ela vai para o Líbano direto e aqui meus filhos não comem, tem que ter cinquenta comidas na mesa...(risos....) tem esse costume...

Então aqui no Brasil mudou, você tem que fazer vários pratos enquanto que lá era só um, era esse para todo dia sabe, mas quando tem festa ou quando convidar alguém de fora daí tem de tudo. E tem outros pratos que eu faço, como o tabule, quibô, „hamnsie%o

O „humus%é grãos de bico com gergelim, „mershi%folha de uva, charutinho com folha de uva, você já comeu? Nossa é fácil, esse, „nohamÊ fui domingo passado lá fiz três panelas para a mãe dela, mas voaram tudo, folha de uva, abobrinha recheada, faculha com arroz, uma vez por semana, no final da semana faz com arroz e aletria, a dona Badia adorava aquele macarrãozinho bem fininho, esse é o prato que a gente usa lá sempre e mais como eu falei para você, usa bastante verdura „hembi% muita verdura crua porque pode tirar. Lá ninguém joga veneno, você entra na terra, tira aquele romã... dizem aqui...



OLGÁRIA CHAIN FÉRES MATOS

SOU OLGÁRIA CHAIN FÉRES MATOS, SOU DESCENDENTE DE SÍRIO-LIBANESES, OS MEUS AVÓS POR PARTE MATERNA, CHAMAVAM-SE: HAGUIB E BADIA GERAB. E POR PARTE DE PAI, TAMBÉM DE SÍRIO-LIBANESES, MEU AVÔ CHAMAVA-SE JORGE, E MINHA AVÓ EU NÃO LEMBRO O NOME, QUEM LEMBRA É A OPÁZIA, NÃO LEMBRO DELES E NÃO OS CONHECI, PORQUE OS MEUS AVÓS, POR PARTE DE PAI, VIERAM PARA O BRASIL, E MEU AVÔ TORNOU-SE FAZENDEIRO, E MASCATE ANTES DE SER FAZENDEIRO. NUM DIA QUANDO ELE TRAZIA CONSIGO O DINHEIRO DO PAGAMENTO DAS PESSOAS QUE TRABALHAVAM COM ELE NA FAZENDA, ELE FOI ASSASSINADO, E ENTÃO MEU PAI FICOU ÓRFÃO AOS DOZE ANOS, AO MESMO TEMPO UM DOS IRMÃOS DO MEU PAI, QUE TINHA NASCIDO NA SÍRIA, IRMÃO MAIS VELHO, TEVE PNEUMONIA, ENTÃO FOI RECOMENDADO, UM CLIMA FRIO PARA ELE. A MÃE DELE VOLTOU COM ELE PARA O LÍBANO. ELA TINHA MAIS DOIS FILHOS, E LÁ ELE FALECEU, EM SEGUIA MINHA AVÓ. ENTÃO MEU PAI FICOU ÓRFÃO MUITO Cedo.

O QUE EU SEI DESSA IMIGRAÇÃO É UM POUCO DAS COISAS QUE MINHA AVÓ FALAVA, DAQUELA VIDA COMUNITÁRIA QUE TINHAM. ACHO QUE ERA NA LAVOURA EM DAMASCO, COM OS HÁBITOS JÁ AO MESMO TEMPO URBANOS. ELA E OS IRMÃOS ERAM MUITOS „CULTIVADOS% O S IRMÃOS ERAM PROFESSORES, EM KIEV, SEU AVÔ ERA SOCIALISTA NA DÉCADA DE 1890.

ERA SEU AVÔ , E MINHA AVÓ ERA EXÍMIA „MODISTA%ela veio PARA O BRASIL, ESTEVE NA SÍRIA QUANDO O 1...FILHO DELA MORREU DE ICTERICIA, DEPOIS ELA VEIO PARA O BRASIL E MINHA MÃE NASCEU AQUI, EM SÃO PAULO. MEU PAI NASCEU

em Belo Horizonte. E eu com minhas duas irmãs nascemos no Chile, mas quando meus Pais moraram Doze anos lá, Depois vieram Para cá, e eu tenho nacionalidade Brasileira. Eu vim com apenas um ano Para cá, Porque meus Pais eram Brasileiros

A imigração foi feita menos Por questões econômicas no sentido da imigração italiana, da pobreza que estava existindo na Europa naquele tempo. Ou como existia no Japão, mas a imigração foi feita Porque a Síria estava sendo ocupada pela Turquia, e a opressão turca era insuportável, sobre tudo as matanças de armênios, então era uma situação muito difícil de ser vivida, e Para fugir um pouco desta guerra e também Para fazer a América, os meus avós vieram, mais eles já tinham recursos. Eles tinham recursos aqui, e então se estabeleceram na área do comércio. Eram cinco irmãos, e minha avó. Então eles abriram uma loja. Ela trabalhava com pinturas de sedas de Macau Para fazer almofadas, e ao mesmo tempo era costureira, mas costurava à mão Porque naquele tempo não tinha máquina de costura. Era a avó Badia, ela costurava à mão, ela via a moda Parisiense, que chegava ali na Rua Direita (SP), nas casas Lopper, copiava os modelos e fazia Para minha mãe Olga Gerabchain Féres, que era considerada uma das moças mais elegantes da São Paulo antiga.

E aí, minha avó era casada com um Haguißchain, e ele se desentendeu com os irmãos de minha avó, Porque passou a trabalhar na mesma loja. Essa é uma das versões, a gente nunca vai saber direito. Uma é que ele se desentendeu com os cunhados e viajou Para a Argentina, Para tentar estabelecer algum ofício lá. De lá ele foi Para o Chile e lá abriu uma

indústria de sabonetes e perfumes, e ficou trinta anos separado de minha avó.

Você imagina a situação: São Paulo antigo, primeiro que não havia separações, um homem jamais abandona uma mulher, e se abandona é porque ela deve ter feito algo de gravíssimo. Um homem árabe, não abandona a família. Então não dizia que ele tinha abandonado, ele tinha ido tentar fazer sua vida, porque realmente ele se desentendeu com a família de minha avó, e foi para o Chile tentando reaver o casamento com minha avó.

Minha avó profundamente ferida, provavelmente, já com minha mãe pequenininha se recusava a ir, e minha bisavó, ela e minha mãe, eram tratadas em São Paulo antigo como a santíssima Trindade, porque onde iam, iam as três juntas. Para minha avó não ficar mal falava.

Então os irmãos da minha avó, eram meu tio César, ShaquiB, o pai da Alice, Shucré, e Michel, eram ao todo cinco, com minha avó. Minha avó ficou aqui nesse tempo, minha mãe estudou piano, ela era muito requisitada, muito elegante, mas ela queria muito conhecer o pai, que ela era muito bebê quando ele foi para o Chile e minha avó não queria. Quando minha mãe tinha quinze anos, meu avô veio visitar minha avó e minha mãe, para tentar reconciliação. E minha avó disse para ele na sala que ele era livre para se casar com quem quisesse.

O que eu acho que era uma afronta naquela época dizer isso em uma família árabe no começo do século em São Paulo. Ela nunca aprendeu a falar em português, só ficava em casa, fazendo trabalho domésticos e costurando, ela se comunicava com a gente só em árabe. A Glória e a Opázia, falavam mais árabe, eu falava um pouco com ela, porém entendia tudo. Quando

minha mãe fez trinta anos, recusou todos os casamentos de comerciantes árabes que se interessavam por ela, ela não aceitava porque queria um poeta e ela pedia o impossível, mas era para ela ganhar tempo porque o que ela queria mesmo, era ver o pai, e viver com ele, e convencer minha avó a aceitar a reconciliação. Ela usou o argumento definitivo que jamais iria conseguir se casar tendo os pais separados. E mais do que isso, mesmo se alguém quisesse se casar com ela, teria que levar com a família a mãe dela e avó dela, e isso era uma coisa complicada. Então finalmente minha avó aceitou ir para o Chile encontrar meu avô, eles moraram doze anos lá, e foram os anos mais felizes da minha mãe e da minha avó.

Foi uma relação muito grande com a família chain, que é uma família muito grande lá, e muito próxima. Família chain do meu avô por parte da minha mãe. Badia, sua avó, quer dizer „Bela%“Ai eles moravam no Chile e eu me lembro da minha mãe e da minha avó contando do frio enorme que se fazia. Minha avó tinha um manto preto que ela trouxe do Chile para o inverno que era rigorosíssimo, como o inverno europeu. Aqui quando fazia frio, como eu ia todos os domingos com minha avó, na catedral ortodoxa, quando fazia muito frio, então nós voltávamos a pé para casa na Vila Clementina, ela me abrigava dentro do manto dela, e eu vinha andando com minha avó. Ela foi uma pessoa muito primeira na minha vida, antes de ver minha mãe eu acho que vi minha avó, porque ela sempre morou junto conosco. Fazia aquelas comidas maravilhosas „sambuzik%“ão árabe no forno, fazia esfihas, fazia uma vez por ano, no Natal, carneiro recheado e enfim todas as comidas árabes tradicionais com arroz e carne, nozes, avelãs, e essas coisas. Ela fazia aquele quibe redondo, que ia batendo na mão e ficava uma

Circunferência Perfeita. A minha mãe nunca aprendeu a fazer. Fazia duas faces dele e colocava „snoBar% dentro com manteiga, fechava e colocava no forno quibe assado.

E tinha esse quibe „michui% assado na brasa, esse que a mamãe fazia que é uma delícia, tinha também a „kafta% que minha avó fazia que era uma maravilha, e também „michui% e todas as comidas árabes. Ela fazia o „merchi% o recheio, mais ela também fazia o „merchi% com batata, aBOBrinha, Beringela de arroz e Grão de Bico, também as vezes ela substitua a carne por Grão de Bico, tem um nome, é o recheio em árabe „merchi siame% carne com arroz e arroz com Grão de Bico. É a mesma receita, faz do mesmo jeito que o outro, ainda me lembro que eu pensava quando era pequena, mas essa comida árabe de recheio... Primeiro limpava toda a carne, tirava todas as nervuras e depois as gorduras, passava três vezes na máquina de moer, por isso que o quibe cru não tem gosto de carne, porque a carne é muito preparada, muito limpa. Hoje já não dá para fazer de qualidade, porque todo mundo já compra moída do açougue, e vem misturada com nervura, gordura e tudo, então essas coisas eram muito trabalhosas e feitas com muito capricho. Eu pensava assim é comida de mulher escrava, porque eu acordava cinco horas da manhã para ficar pronto às três da tarde. Minha avó fazia as comidas árabes, fazia também o „Bifurqui% que é uma coisa deliciosa, é Beringela refogada na manteiga e na cebola, depois quebra-se um ovo inteiro, põe sal e um pouco de pimenta árabe, azeite e mexe, e depois pode comer com pão, fica muito bom, ela fazia também „BaBanaGuchi% que era Beringela e arroz. A Beringela era feita com carne moída, uma espécie de ensopado, para comer com acompanhamento de

arroz, enfim ela contava muito essas histórias da mãe dela na Síria. Ela fazia „lambenie%fazia todas essas sopas árabes com coalhadas , coalhadas secas, sopas de coalhadas.

Lá na Síria minha avó dizia que teve algumas experiências místicas quando ela estava muito doente. Quando ela estava para ter neném, quando ela teve icterícia. Ela estava correndo risco de vida, ao mesmo tempo o que neném já estava morto (nasceu morto). O bebê, acho que era menina, o primeiro filho dela. Aí ela foi se benzer com uma senhora que disse ter tido uma visão da Virgem Maria. E ela disse que viu uma luz muito poderosa mesmo, no quarto onde esta mulher atendia. Segundo minha avó, essa mulher fazia curas. A minha avó era uma pessoa muito religiosa, mas não era „Beata%o ela ia todos os domingos na Igreja, ela tinha um sentimento do sagrado, ela rezava em Grego e em Árabe, porque o ritual Ortodoxo era assim, e tinha muita coisa do ritual de Santa Sofia de Constantinopla, hoje Istambul.

Ela era Cristã. Porque os Ortodoxos são Cristãos, só respeitam os Patriarcas e não se subordinam a autoridade do Papa, mas é a mesma coisa, apenas que o ritual é um pouco diferente, o Crucifixo tem sempre nas quatro pontas, três pontos, porque se faz o Sinal da Cruz com três pontos, porque é a Santíssima Trindade, se faz com os três dedos. E ela sempre andava de preto, foi um luto eterno pela separação do meu avô, e depois um luto eterno pela morte dele, porque ele faleceu com 72 anos , e quando ele faleceu, meus pais voltaram para o Brasil. Então nós viemos para cá, minha mãe já estava casada com meu pai que morava no Chile, na verdade já tinha nós três, ele era poeta e tinha um jornal em Minas Gerais, ele ganhou um

Prêmio por um dos livros que era: „DO OUTRO LADO DO SONHO“ e depois ganhou outro prêmio com outro livro que se chamava: „ALMA ENCLAUSTRADA“ e um outro „OS DEUSES MORREM AUSENTES“ e ele ganhou um prêmio para viajar por toda a América Latina, e quando ele chegou no Chile, Colônia Brasileira Pequena, ele foi dar uma conferência e minha mãe foi assistir, então se conheceram, em seguida ela foi num concerto e ele foi assistir e já pediu ela em casamento. Então minha mãe falou, „Ah! não!“ Ela não queria separar-se do pai (dela). „Ah! eu tenho que pensar, fala com meu pai...“

E meu pai foi falar com meu avô, meu avô falou... „Dê ao menos seis meses para ela pensar“ Enquanto isso meu avô, fez pesquisas aqui no Brasil, para saber se ele era casado ou não, e depois de seis meses minha mãe estava na dúvida, aí meu pai disse para ela : „A felicidade só bate uma vez na porta“. Aí conquistou minha mãe com essa frase. Então se casaram e se não fosse as dificuldades financeiras ... eles foram muito felizes. Meu pai adorava minha mãe e minha mãe tinha a maior admiração pelo meu pai. Ela trabalhava com ele na revista „Laia Azul“ era uma revista do Colônia, raBe, era apenas uma estratégia sobre a vida social para poder publicar os poemas deles, ou então dos poetas de língua latina hispânica, ou em português, para verter os poetas brasileiros para a língua espanhola. Ele fez um trabalho muito importante na divulgação da poesia brasileira na América Latina e da poesia latino-americana no Brasil, através da revista dele... Amado Nervo, César Vallejo, Dubro, enfim.. Ele fazia as traduções e publicações nas revistas. Ele conheceu o pai da Violeta Parra.

Voltando onde minha avó rezava em árabe... ela rezava em árabe, rezava em Grego, ela tinha um crucifixo vermelho e o Cristo era fosforescente, então no escuro a gente via o Cristo, naquele tempo era muito difícil, ver coisas fosforescentes, então dava uma atmosfera também bastante religiosa, mística. Minha avó, tinha os olhos muito azuis, e os cabelos bem loiros, tanto que ela ficou com os cabelos brancos aos 24 anos, era bem loira e de pele muito clara. Ela era bem loira, e todo mundo acha que você tinha o formato do rosto parecido com o de minha avó, sempre se falou na família. Ela era sua tia avó, irmã do seu avô. Então, ela tinha os olhos bem claros, até o Renato Jeanine brincou comigo, porque eu dizia que eu era Grega, e ele dizia... ah! sim com a sua avó, com olhos azuis muito Grega né? . Porque os Gregos são morenos, aí eu dizia para ele...a minha avó é Grega, ela tem jeito de Grega, e ele dizia...só se durante as Cruzadas alguma mulher deu „mau passo%para ter nascido de olhos azuis...

Eu me lembro, eu era pequena, que o seu avô o tio César, também cantava na igreja ortodoxa, ele era parecido com o tio William, era o irmão que a minha avó mais gostava, como eles passaram por muitas dificuldades econômicas... Minha avó tinha uma lojinha que era junto com aquela casa pequena que a Glória mora agora. Ela era uma casa minúscula, nós morávamos em seis pessoas, e fora isso ainda tinha todo o escritório da Revista, o papel cuê que ia para a impressão e ficava tudo na casinha, e lá minha mãe ainda dividiu a sala que não dava espaço para mais nada, e fez um espacinho para uma lojinha para ver se podia apoiar um pouco mais nos gastos e eu me lembro que os brinquedos que a gente tinha de criança... naquele tempo não existiam indústrias de brinquedos de consumo como se

tem nos dias de hoje, mas a gente fazia carinhos de caixa de sapatos, amarrava um barbante para ser carrinho, e minha avó fazia coisas de pano, e tinha a tia Corgie, que era exímia artesã, e ela fazia camelos de pano, a tia Corgie era aquela que tinha problemas nas pernas, tinha as pernas muito grossas. Ela era parente do lado da família da Narges, eu acho, mas isso a Glória, o Pázia lembra. A Narges também é parente, por parte do chain. O meu avô, era casado com a Badiá, e você é minha parente pelo lado dela.

Eu me lembro que meu tio, o seu avô, ele foi um natal lá em casa,... ele ia todo ano, e levava um presente para minha avó, geralmente em papel moeda, aí minha mãe tinha recebido umas bonecas vestidas de baiana, aquela coisa de biscoi, lindo...aquele rosto caprichado, aquele cabelo bonito,... eram lindas aquelas bonecas, e ele comprou as três baianas e deu de presente para nós. Foi o primeiro brinquedo que eu ganhei, e foi o tio César quem deu. Ele trabalhava sempre em loja, estava bem financeiramente,... vida intelectual que ele tinha, era muito culto. Ele tinha uma importadora na 25 de março em São Paulo. Ele dava aula em Kiev quando jovem, foi professor na Rússia, de russo, e também foi diretor de escola na Síria. Ele chegou dar aulas nas escolas russas na Síria, mas ele estudou em Kiev que eu me lembro... que minha avó comentava assim. Era socialista do grupo do Plekhánov, socialistas históricos, por isso que o Sérgio na época que todo mundo era de direita na família (o teu primo). Era da União Pré-Soviética, ele deve ter puxado por causa do avô dele, que sabendo ou não, ele era socialista. Lembro...que minha avó contava um pouco do distanciamento do tio ShaquiB, por causa do desentendimento da tia Malim, porque ela tinha um pouco de ciúmes da minha avó. Os irmãos se preocupavam muito com

minha avó, e acho que por ciúmes, por ela ser a única menina, ficou sozinha com minha mãe, depois ficou viúva, então eles se preocupavam com minha mãe, e a tia Malim tinha um pouco de ciúmes e afastou o tio Shaquib da família, e acho que isso, entristeceu muito ao meu tio e a minha avó. O tio Shaquib morava em Campinas, é o pai da Adélia, ele teve um problema renal, morreu disso, então os primos da minha mãe moravam em Campinas, a Adélia, o Olavo e a Olga, a mãe da Leda Moura, e aí ela tinha a família lá, a gente era pequeno pegava o trem e uma vez por ano a gente ia lá. Então, o tio Michel era muito amigo da minha avó, todo domingo ele ia conversar com ela, a família não se importava, pois a tia Magida era ótima, porque ela era uma mulher que se recusava a envelhecer, era „coquete%era alegre, se pintava até não poder mais, com oitenta anos... cozinhava como um gênio, ...aqueles doces árabes difíceis de fazer, ela fazia todos, ela sempre fazia e trazia quando vinha em casa, pegava o taxi sozinha e vinha visitar minha avó... Tia Magida...

Ela não era bem vista na família porque ela era considerada „deslocada%mas na verdade ela era uma pessoa cheia de vontade de viver, muito alegre nessa coisa de desfrutar da vida, e gostava de si, tinha uma autoestima muito boa, então ela ...

Todos os tios tinham olhos claros, olhos azuis...A Michelina era filha única do tio Michel, e ela teve três filhos, o Fares, a Eliana, e a ... esqueci o nome dela. A Michelina também era espalhafatosa, arrumadíssima, e animadíssima. Ela cresceu junto com minha mãe, porque as duas eram filhas únicas, e moravam muito próximas, na Rua das Palmeiras. Então elas foram muito amigas, eram como irmãs. Minha mãe era mais velha que a Michelina,

então realmente ela era como uma irmã mais nova, e quando minha mãe foi para o Chile, ela tinha um Piano „Playel%2], um dos pouquíssimos que se faziam por ano, um dos melhores pianos franceses, quando ela foi para o Chile ela deu de presente para a Michelina.

Este Piano está com a outra filha, mas acho que não é mais um „Playel%2], acabou estragando e ela acabou vendendo, mas ficou com ela. E minha mãe deixou as Partituras que elas tocavam com a filha da Michelina, que também tocava. E até a última vez que a gente visitou a Michelina ela queria devolver, ela queria dar de volta as músicas que a minha mãe tocava, porque eram repertório da época que as moças das moças das famílias cultivadas, de classe média, ouviam ou tocavam. Todas as moças tocavam Piano e é um repertório de época bem interessante, porque tem as valsinhas, todas as músicas eruditas estrangeiras, e músicas eruditas Brasileiras. Eu acho que ela já devolveu as Partituras, talvez esteja comigo já, ou está com a Opázia, ela quis dar de volta para gente depois que a minha mãe faleceu. Meu Pai tinha muito contato com os intelectuais, era muito amigo de um Poeta Premiado e um grande conhecedor da história da literatura, que era o Jamil Almansur Haddad, e foi o Jamil que nos iniciou no socialismo, porque ele era em 68 muito importante no movimento de esquerda, porque ele descobriu o mundo por ele. Vida intelectual, dos amigos de meu Pai, das viagens à Brasília, que influenciou bastante na construção de Brasília, aquela viagem que ele fez, o Projeto da Cidade...Meu Pai ele quando ficou órfão, começou a trabalhar muito jovem como jornalista, ele ficou um tempo interno aqui em São Paulo, e ele fugiu da Escola, ele foi para Minas Gerais, e começou a trabalhar com Agripino Grecco, que era um jornalista intelectual muito importante, ele

PASSOU A MORAR EM UMA REPÚBLICA, E NESSA REPÚBLICA ELE MOROU UM TEMPO COM O JUSCELINO KUBISTCHEK, ELE ERA MUITO AMIGO DO JUSCELINO, E QUANDO ENTÃO, MEU PAI CONHECEU ESSE POLÍTICO, ELE CONTAVA NO „MASCATE“ QUE É UM LIVRO SOBRE A SAGA DA IMIGRAÇÃO, QUE TEM TODA A SAGA... OS HÁBITOS, OS COSTUMES, A RAZÃO PELAS QUAIS VIERAM, OS MOMENTOS QUE PASSARAM E OS SOFRIMENTOS DAS SEPARAÇÕES E DAS FAMÍLIAS ESTILHAÇADAS. UMA PARTE AQUI, OUTRA ALI, E ELE TAMBÉM TINHA MUITA VISÃO DESSE HUMANISMO, COMPANHEIRISMO QUE OS ÁRABES TINHAM.

E ELE CONTAVA UMA DAS COISAS QUE MEU AVÔ FAZIA, MAS ISTO ERA MUITO COMUM ENTRE OS ÁRABES, TINHA UM SENHOR QUE FICOU DEVENDO MUITO DINHEIRO PARA O OUTRO E TENTOU VENDER TUDO PARA PAGAR A DÍVIDA, E AÍ NÃO CONSEGUIU PAGAR, E ESSE SENHOR QUE FICOU DEVENDO MUITO DINHEIRO PARA O OUTRO TINHA QUE VENDER TUDO E SAIR DE LÁ, DA REGIÃO. AÍ MEU AVÔ CHAMOU O CREDOR E CONTOU UMA HISTÓRIA: COMO ERAM AS FORMAS POR PARÁBOLAS, POR HISTÓRIAS E ENSINAMENTOS, VOCÊ TIRA UMA MORAL. E ERA UMA HISTÓRIA QUE ENVOLVIA ALGUÉM, PODERIA TER ACONTECIDO COM ESSA PESSOA COM O CREDOR, DE ELE ESTAR NESSA SITUAÇÃO, SE ERA MAIS JUSTO TIRAR TUDO QUE O OUTRO TINHA E PODENDO ACONTECER ISTO COM ELE SE ELE TAMBÉM NÃO PODERIA COMPREENDER E PERDOAR, ENTÃO AÍ O OUTRO PERDOOU A DÍVIDA. O PAI DO MEU PAI, E ISSO ESTÁ TUDO CONTADO NO „MASCATE“ A COISA DELE AMAR O BRASIL E DE LOGO CHEGAR E JÁ AMAR QUE QUERER LOGO ASSIMILAR A TERRA, PORQUE OS ÁRABES TAMBÉM TINHAM MUITO DISSO, SEMPRE SE MISTURARAM MUITO. QUANDO TAMBÉM ESTIVERAM EM PORTUGAL E NA ESPANHA, E TAMBÉM É COISA DOS BRASILEIROS, TEM MUITA MISTURA, E QUE É INTERESSANTE VER QUE OS ÁRABES NÃO TINHAM PROBLEMAS COM ISSO, TAMBÉM SE ADAPTAVAM, OS CASAMENTOS NÃO ERAM PROBLEMÁTICOS. OS CASAMENTOS ENTRE VÁRIAS CULTURAS, VÁRIAS RELIGIÕES,

meu Pai ficou com essa coisa cosmopolita, com uma espécie de humanismo cosmopolita tanto da humanidade quanto de espírito. Isto aparece muito no „Mascate“ tanto no „Mascate“ como nas obras finais que são outros livros, essa grandiosidade de alma.... meu Pai era um místico, mas não lembro se ele foi maçom, acho que não, aí eu não tenho muita certeza, pois nos textos dele tem um hermetismo, tem uma simbologia que é muito semelhante à simbologia maçônica, as coisas que se estuda no esoterismo, a apologia da amizade, que é muito bonita, é a mesma amizade que defendiam os pitagóricos, que eram místicos e que tinham amizade na conta do mais nobre dos sentimentos. Tanto é que tem aquela história que os amigos foram presos, pitagóricos que foram perseguidos pelos sírios, é deixado um deles, é preso e o amigo se oferece para ficar estava sentenciado à morte, fica no lugar deste prisioneiro, para que ele pudesse visitar a família e se despedir para voltar e cumprir sua sentença. É isso o que ficou estabelecido, porque se o outro não voltasse, ele morreria no lugar do amigo. E ele faz isso e fica no lugar do amigo, tal era sagrada a amizade para os pitagóricos, que ele se presta a tomar o lugar do amigo até na morte. É uma história muito bonita e que eu vejo naquele poema de amizade que está no fim do Mascate, que tem repercussões disso.

Então essa saga da imigração a Opázia pode te falar bastante, porque ela estudou o poema, então ela lembra de todas as influências místicas. Marcílio - relação com o oculto, e ao mesmo tempo, humanismo e Renascimento.

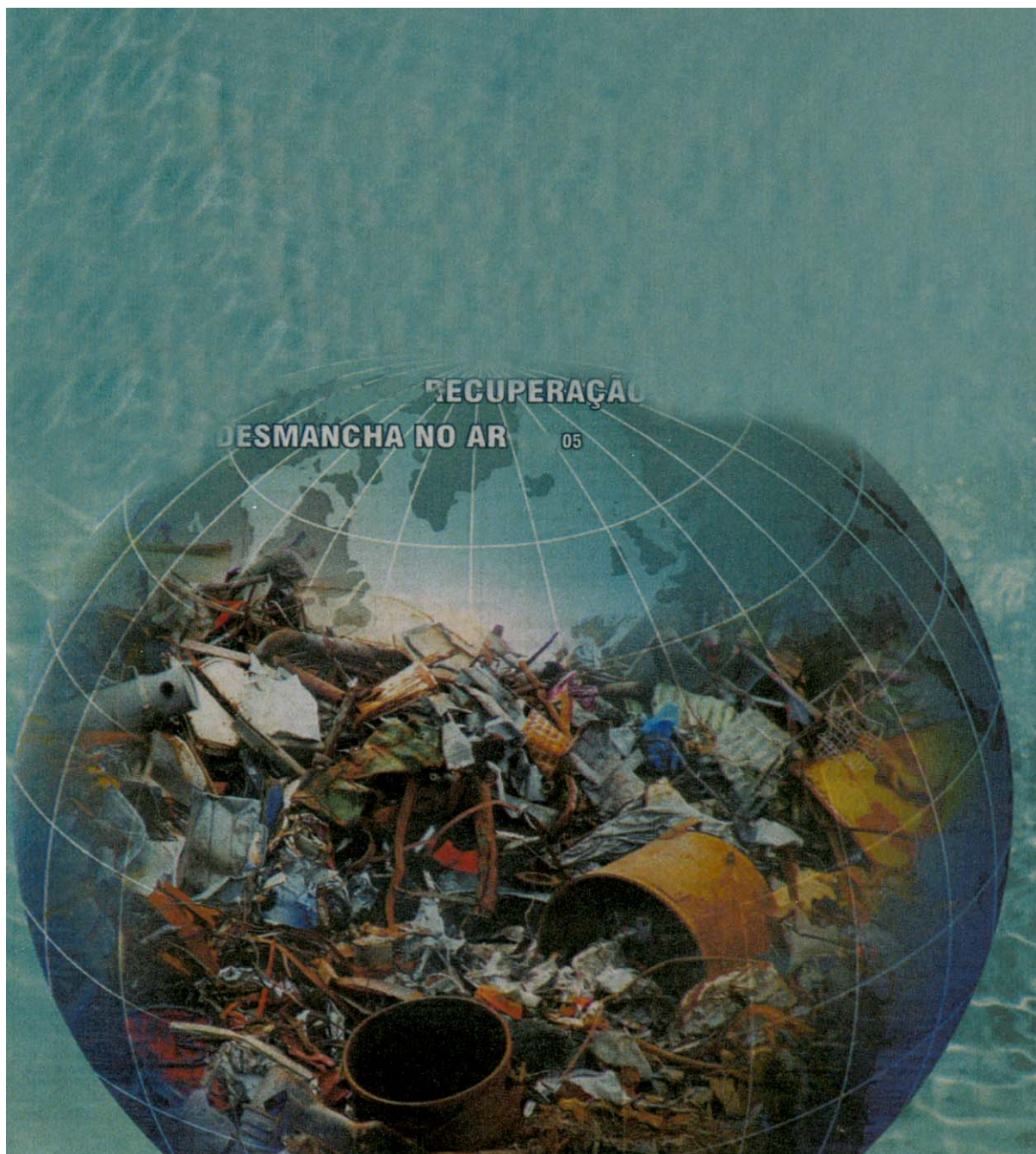
Acho que uma entrevista com a Opázia seria muito legal, ela fez um trabalho sobre o poema. Ela está conhecendo profundamente a imigração árabe, todos os conflitos, dores e as maneiras. O livro "Relatos de um certo Oriente" de Milton

Hatum, e o livro „Os irmãos“ é um romance - „Memórias da imigração“. Depoimentos também são ótimos para o estudo da imigração. A Opázia está estudando isso, esta crise de identidade da adaptação, conflitos, hostilidades e os italianos imigrantes hostilizaram muito os imigrantes árabes. Foi uma relação de amor e ódio terrível, a minha mãe me contava que em uma cidadezinha com forte influência italiana de como eles eram vistos quando chegaram lá, tinha muita rivalidade, isto eu sei de outras histórias que ela contava, a tia Berta e a Laurice contavam.

ةأرم

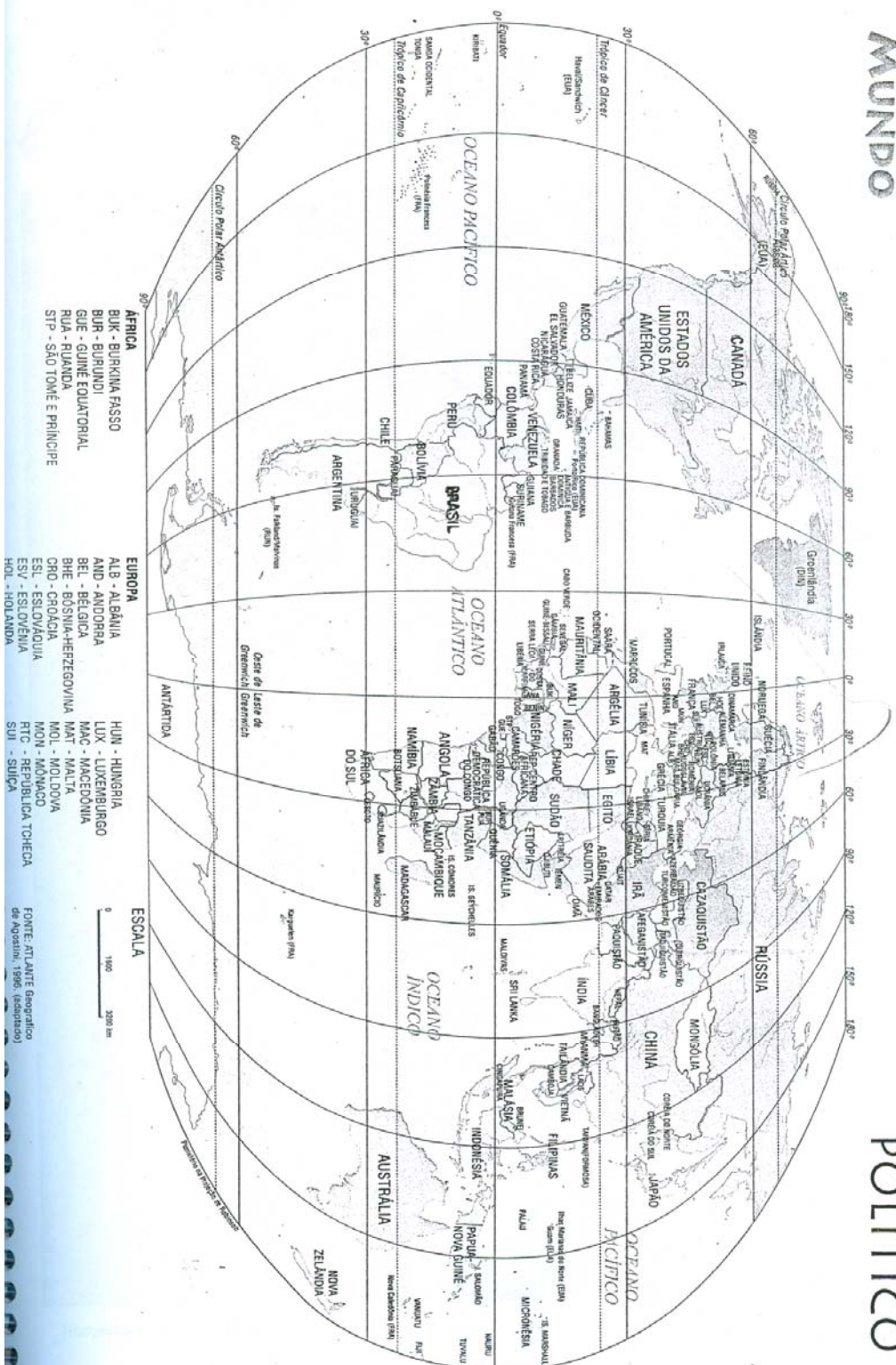


ANEXO 7
BREVE HISTÓRIA DE FAMÍLIA
(CONTRIBUIÇÃO DOUTOR SALIM CHICHA ACRAS)

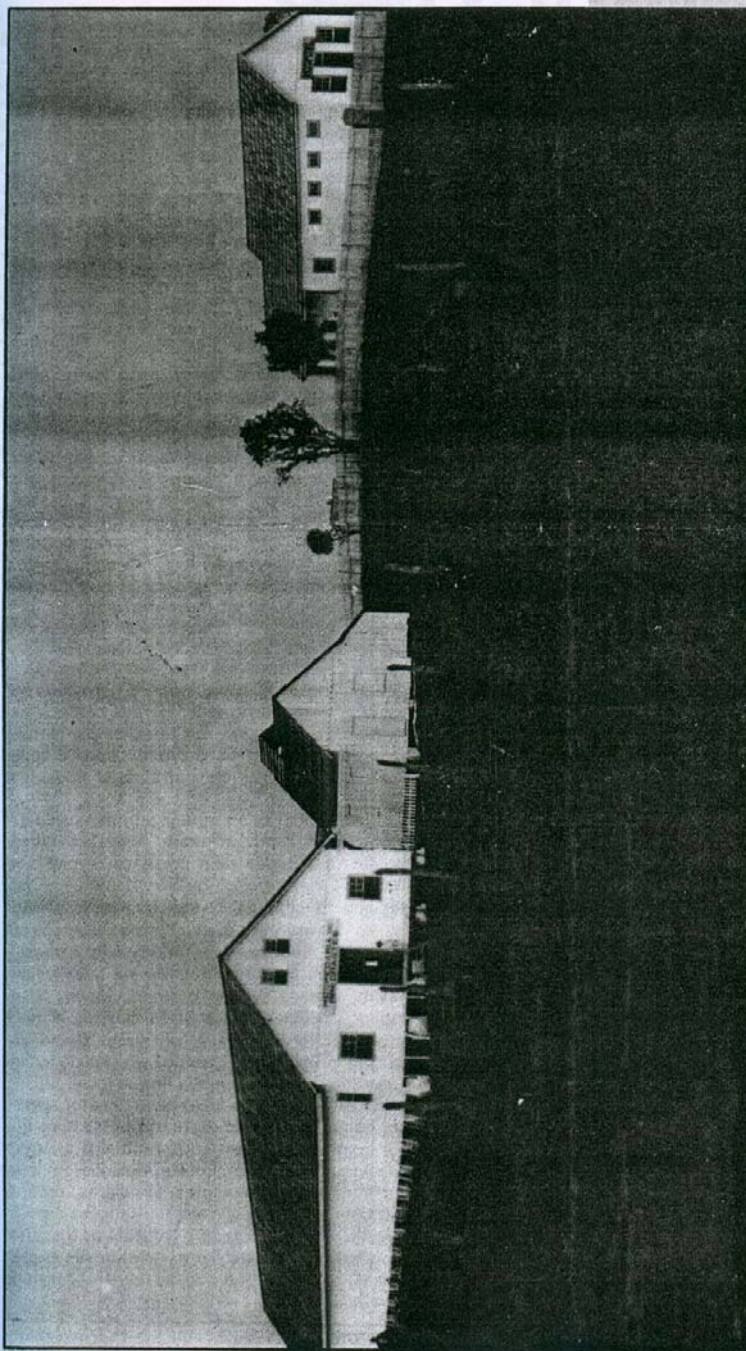


MUNDO

POLÍTICO



JORNAL DE HISTÓRIA



Hospedaria de Imigrantes de Ponta Grossa, início do século XX

EDITORIAL

O *Jornal de História* lança seu primeiro número. Iniciativa do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, vem preencher uma lacuna na instituição ao criar um canal específico para a divulgação da produção do conhecimento histórico sobre a região dos Campos Gerais. Mesmo sendo basicamente um boletim informativo - não possuindo espaço para aprofundar as questões do debate historiográfico e outras questões referentes à própria pesquisa histórica - o jornal oferece suas páginas para que os professores e estudantes da UEPG informem à comunidade acadêmica os temas e alguns aspectos relevantes de seus trabalhos.

Com edições bimensais, o *Jornal de História* pretende possuir uma unidade temática em cada publicação: um pequeno artigo e um resumo informativo de uma pesquisa já realizada. Nesta primeira edição, a partir de uma fotografia de uma Hospedaria de Imigrantes em Ponta Grossa, no início do século XX, o professor Roberto Edgar Lamb elaborou uma matéria sobre os locais que serviam de agrupamento para os imigrantes recém-chegados ao Paraná. A partir daí, foi oportuno incluímos um pequeno resumo de uma monografia de conclusão do curso de História, que versa sobre os imigrantes sírio-libaneses e o comércio em Ponta Grossa, de Marcia W. dos Santos e Maria Scorsin, graduadas em 1995.

O *Jornal de História*, apesar de voltado para docentes e discentes do curso de História da UEPG, também divulgará os eventos de outros departamentos e instituições, veiculados sempre na coluna *Informes*.

Esperamos, assim, que o jornal cumpra o papel de ser um espaço de intercâmbio entre historiadores e demais cientistas sociais.

PALÁCIO DOS IMIGRANTES

Desde meados do século XIX, a imigração foi um tema que atraiu a atenção das autoridades e da imprensa paranaense. Muitos documentos produzidos no final do Império e ao raiar da República - relatórios de governo, correspondências oficiais, revistas e jornais - são hoje fontes importantes para o resgate da situação de vida dos colonos imigrantes em terras paranaenses.

Entre as discussões suscitadas na época, algumas diziam respeito às condições de estabelecimento dos imigrantes europeus, idealizados pelas autoridades como representantes do progresso e da civilização. Neste pequeno artigo de destaque, especificamente, a imagem veiculada sobre as **hospedarias de imigrantes**, no início do período republicano, com base em artigos do periódico curitibano A República, e em carta de um imigrante francês. Nesses documentos ficam evidentes as contrariedades e tensões que compunham o cenário da chegada e instalação dos imigrantes no Paraná.

A acomodação provisória dos novos colonos estrangeiros, enquanto seus lotes não estavam demarcados ou ainda não eram propícios para estabelecer residência, era feita, via de regra, nas hospedarias de imigrantes. Contudo, as organizações desses espaços nem sempre foram satisfatórias a que os imigrantes tivessem boas impressões sobre a hospitalidade e sobre as condições da vida local. Além disso, a chegada às hospedarias tornava-se um momento propício para o imigrante reavaliar a decisão de migrar: ali, afloravam as lembranças da terra pátria, contrapostas ao estranhamento do novo mundo: a sua gente, a língua, as florestas e os animais que compunham, as acomodações precárias...

Muitos foram os imigrantes que tornaram público seu descontentamento com a receptividade local. Um deles, francês, ironicamente denominou a hospedaria como *Palácio da Imigração* (sic). afirmou, a partir de sua estadia num desses espaços, ser a hospedaria um lugar infecto, onde os pobres desgraçados que aqui chegam cheios de ilusões começam a vida de miséria no meio das mais duras privações, vivendo em imundície horrível, em foco de doenças contagiosas, onde lhes é roubado o pouco que trazem de roupa e outros objetos.

Outra descrição negativa das condições das hospedarias de imigrantes foi publicada em 1891 no periódico A República, quando 5.200 imigrantes que seguiam a Rio Negro e São Mateus tiveram que enfrentar a demora na demarcação de seus lotes. Enquanto aguardavam seus destinos, afirma o autor da matéria, estes imigrantes permaneciam abrigados em *barrações que deixavam muito a desejar. Ademais, os serviços de recepção dos colonos eram feitos automaticamente, por obrigação, e não com o cuidado e interesse que deveriam merecer.* Na visão do jornalista, tudo isso fazia os *prestimosos imigrantes perderem a vontade do trabalho.*

Estes novos habitantes das terras do Paraná eram geralmente vistos como bons trabalhadores. As críticas às hospedarias se faziam, então, pelo fato desses espaços propiciarem desperdício potencial desta mão-de-obra laboriosa e supostamente civilizadora. Um viajante, de passagem pelo Paraná, não deixou de anotar o fato de que nas hospedarias que visitara não encontrou intérpretes e instrutores habilitados para prestar apoio aos imigrantes: *o que me causou estranheza foi não encontrar nas hospedarias que visitei intérpretes e instrutores habilitados, e no caso de poderem aconselhar e guiar esses imigrantes em sua nova existência, não lhes dando mesmo a conhecer quais os frutos e alimentos nocivos, nem tão pouco os meios de combater diversos acidentes, como sejam chamados os bichos de pé, mordeduras de insetos venenosos, etc.*

O comentário continuava de forma ainda mais polemizadora, evidenciando uma visão pessimista sobre a vida futura destes trabalhadores e o fracasso dos enormes sacrifícios do governo: *por esses motivos e julgando-se inteiramente desprotegidos, perdem essa pobre gente toda esperança e em aram (sic) o seu futuro com horror.*

Em contrapartida, os comentários sobre as duas hospedarias então existentes em Curitiba eram bastante favoráveis, ainda que elas não possuíssem condições de conforto que se fizesse ressaltar. Ali, *os imigrantes eram bem tratados e cuidadosamente medicados, estando as hospedarias bem situadas; isto já não acontecia na colônia Thomaz Coelho, pois os barracões que serviam de pouso provisório aos colonos haviam sido construídos em terrenos pantanosos e, como consequência, a proliferação de doenças e as altas taxas de mortalidade se evidenciavam.*

Mas as críticas à precária administração das hospedarias também eram feitas devido às tensões suscitadas pela presença destas multidões de estrangeiros recém-chegados, a rondar vilas e cidades. O satisfatório estabelecimento dos imigrantes e sua pronta inserção em atividades laboriosas compunham as propostas políticas de encaminhamento da colonização. Assim, evitava-se que permanecessem desocupados a circular pelas vilas e cidades; já que a população local sentia-se por vezes atemorizada pela presença de grandes grupos de indivíduos que sequer falavam a língua local.

O estudo das hospedarias constitui apenas um pequeno capítulo deste instigante tema que é a imigração. Atualmente, múltiplos assuntos relacionados à história das populações migrantes - costumes e valores familiares, práticas culturais, conflitos sociais, concepções científicas, etc. - têm motivado significativos trabalhos acadêmicos. Tal fato é um convite a novas pesquisas, sobretudo no que diz respeito à história local.

ROBERTO EDGAR LAMB

FOTO DA CAPA

A fotografia, pertencente ao acervo de Raul Bianchi, foi tirada pelo seu avô, Luiz Bianchi, provavelmente entre os anos de 1906 e 1907. A hospedaria de imigrantes em Ponta Grossa localizava-se no atual Bairro Oficinas. Pouco se sabe sobre ela, pois ainda não foi tema de nenhuma investigação histórica.

SÍRIOS E LIBANESES EM PONTA GROSSA

A monografia *A Imigração e o Comércio Sírio-Libanês em Ponta Grossa - 1920/1990*, procurou resgatar alguns aspectos da imigração sírio-libanesa em Ponta Grossa, a partir da década de 1920, enfatizando as suas relações com o comércio local.

Como objetivo geral, buscamos conhecer um pouco da história desses imigrantes, que, na historiografia paranaense, são pouco privilegiados nas pesquisas sobre a temática da imigração. Os estudos enfatizam, normalmente, os grupos étnicos dos italianos, poloneses e alemães.

Para trazer à baila a história dos imigrantes sírio-libaneses em Ponta Grossa, utilizamos principalmente as técnicas da história oral ao entrevistarmos os membros das famílias dessa etnia. Mas também utilizamos artigos de jornais, fotografias, livros e artigos referentes ao tema, no intuito de verificarmos a inserção do grupo na sociedade local.

Os sírio-libaneses chegaram em Ponta Grossa a partir de 1920, motivados principalmente por distúrbios internos em seus países de origem. O período de

1914 a 1946 foi particularmente difícil para a Síria e Líbano, em virtude de suas crises econômicas e por questões relacionadas à guerra. Em seu depoimento, o Sr. Hagi Nastas fez questão de enfatizar as dificuldades econômicas pelas quais passou o país durante a primeira guerra mundial, e os dramas familiares advindos dessa conjuntura: *Desde os seis anos veio a guerra e quando veio a guerra meu pai morreu. E quando ele morreu a minha mãe tinha 5 filhos, agora sem pai. Todos eram crianças pequenas. A minha mãe disse, e agora? Meu pai era rico e depois da sua morte nós começamos a vender as coisas de valor para comprar alimentos, pois na época três quilos de trigo chegou a custar uma libra esterlina, já que a Turquia levava tudo para seus soldados. Nós sofremos bastante no tempo da guerra.*

Em busca de melhores condições de vida, esses imigrantes partiam para outros países, entre eles o Brasil, numa viagem que durava em média vinte e oito dias. Chegando ao Brasil, alguns desses imigrantes dirigiam-se a Ponta Grossa, às vezes ao encontro de alguns familiares anteriormente já instalados na cidade. Foi o caso do Sr. Nabhy Nastas, que chegou em Ponta

Grossa em 1940: *Quando cheguei no Brasil, meu irmão foi me receber em Santos, daí eu estava louco para vir aqui para Ponta Grossa, porque pensei que Ponta Grossa era uma cidade grande. Pegamos o trem porque não havia boas estradas de rodagem. Então, quando chegamos aqui na estação, quando parou o trem, eu perguntei ao meu irmão, mas cadê Ponta Grossa? Mas não é possível, como? Ponta Grossa, aqui? Não tinha nada, três, quatro, cinco casas de madeira. A avenida Vicente Machado tinha árvores no meio, o Balduino Taques também. Os caboclos chegavam de carroças com cavalo e amarravam...*

Exageros e decepções à parte, aos poucos os imigrantes sírio-libaneses - pelo menos aqueles entrevistados em nossa pesquisa - foram integrando-se à sociedade receptora. No entanto, esse grupo étnico se manteve por muito tempo "fechado" no que tange a alguns aspectos culturais, reproduzindo comportamentos endogâmicos, sobretudo em relação ao casamento. O depoimento de Nadia Zamar ilustra bem esta questão: *Quando cheguei ao Brasil, logo aprendi a falar português. Fui brincar na rua e quando cheguei em casa falando português minha mãe berrou - ou falava árabe ou ela não respondia. Em casa eu e meu marido sempre falamos em árabe, mas meus meninos não. Em relação ao casamento, os mais antigos preferem que se case com a mesma raça, mas essa geração mais nova não. Na minha família nenhum é casado com meninas árabes, mas ainda existem pessoas que vão buscar suas noivas no Líbano sem sequer conhecê-las...*

Das famílias sírio-libanesas que se estabeleceram em Ponta Grossa, a maioria dedicou-se ao comércio. Entre elas, foi pesquisada a família Sallum, proprietária das Casas Tango e Maxitango, Casa Popular e Loja Catariense. Também pesquisamos a família Nastas, proprietária da Casa Três Irmãos e a família Neme, proprietária da Casa Iris. Essas famílias fixaram suas residências e seu comércio nas ruas Cel. Cláudio, Saldanha Marinho e Vicente Machado, onde permanecem até os dias atuais.

MÁRCIA R. WAGNER DOS SANTOS
MARIA DO SOCORRO SCORSIN



Foto: Acervo do Museu Campos Gerais

**DEAP - DEPARTAMENTO
ESTADUAL DE ARQUIVO
PÚBLICO**

O DEAP promoverá nos dias 8, 9 e 10 de maio o XVII Fórum Nacional de Arquivos Públicos. O tema principal a ser discutido será **as novas tecnologias aplicadas à arquivística**. No Fórum também será debatido a elaboração de guias de fontes sobre documentação **portuguesa, imigração e mercosul**.

Prossegue no Arquivo Público o desenvolvimento do **Programa de Gestão Documental (PGD)** nas Secretarias de Estado. Através do PGD, **historiadores avaliam a documentação produzida nos órgãos públicos**, visando a transferência para o arquivo intermediário, ou o recolhimento para o arquivo permanente do DEAP.

Boas notícias. O DEAP está procurando um terreno para que o governo estadual construa um **novo edifício para custodiar a valiosa documentação paranaense sob a guarda do Arquivo Público**.

**CASA DA MEMÓRIA
CURITIBA**

Dia 16 de abril ocorreu a abertura da exposição **Uma Loja no Início do Século - Casa Crystal** na Casa Romário Martins. A exposição abrange objetos e documentos históricos pertencentes ao acervo da família Wendler, proprietária da Casa Crystal, que funcionou em Curitiba no período de 1907 a 1975. De terça a sexta-feira, das 9h às 19h. Sábados e domingos, das 9h às 13h. Até dia 31 de julho.

Na primeira quinzena de maio encerra-se o projeto **Cores da Cidade**, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Curitiba em parceria com a Fundação Roberto Marinho e as Tintas Ypiranga. Na ocasião será lançado o boletim informativo da Casa Romário Martins **"Cores da Cidade - Riachuelo a Praça Generoso Marques"**.

Dois novas pesquisas da equipe da Casa da Memória: dia 26 de maio ocorrerá o lançamento do Boletim Informativo da Casa Romário Martins **Aspectos do Comércio em Curitiba no início do século**, e dia 30 de maio o lançamento do boletim **Fazendinha, um bairro na história da cidade**.

**ENCONTRO
REGIONAL DE
HISTÓRIA/PR**

O **V Encontro Regional de História - ANPUH/PR** está programado para o período de 10 a 13 de julho de 1996, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Sua realização insere-se entre as atividades iniciadas com a rearticulação do Núcleo Regional do Paraná da Associação Regional de História.

O ano de 1994 marcou o início da reorganização deste núcleo da ANPUH e em outubro de 1995 foi realizado o IV Encontro Regional de História na Universidade Estadual de Londrina. Ali foram realizados 6 cursos, 8 mesas redondas e apresentados 116 trabalhos.

Os encontros organizados pela ANPUH Regional buscam atingir uma série de objetivos, sobretudo permitir um intercâmbio entre profissionais no que diz respeito à produção científica, possibilitando o debate no campo historiográfico. O **V Encontro**, com a temática **História e Cultura**, terá entre suas atividades: workshops, conferências, cursos, comunicações, e antecede em um ano o Encontro Nacional da ANPUH, permitindo, assim, uma efetiva organização, para o evento nacional. Para o V Encontro Regional já confirmaram presença os professores doutores Ronaldo Vainfas, da Universidade Federal Fluminense (curso e conferência de abertura) e Alcir Lenharo, da Unicamp (curso e conferência de encerramento).

**PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DO PARANÁ
- UEPG**

O Departamento de História da UEPG, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação, iniciou, em janeiro de 1996, o curso de Pós-Graduação (lato sensu) em História do Paraná. Com 29 alunos matriculados, o curso objetiva qualificar recursos humanos na área de História do Paraná, atendendo às necessidades da região geo-educacional de abrangência da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O curso de pós-Graduação pos-

sui um total de 375 horas/aula, devendo os alunos apresentar, ao término do curso, em dezembro de 1996, uma monografia. As disciplinas oferecidas são as seguintes: Teoria de História, Paraná: História e Historiografia, Formação do Paraná Tradicional, Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, Movimentos Sociais no Paraná, População e Sociedade Paranaense, Formação do Paraná Contemporâneo e Metodologia do Ensino de História.

**CASA DA MEMÓRIA
PONTA GROSSA**

A Casa da Memória de Ponta Grossa foi criada em 1994, pela **lei municipal nº 5018**, e inaugurada em 7 de setembro de 1995.

Localiza-se no antigo prédio pertencente à Estação da Estrada de Ferro - Estação Paraná - local de embarque de passageiros que utilizavam a linha Ponta Grossa - Curitiba. Em 04 de abril de 1990 iniciou-se o processo de tombamento do prédio, que efetivou-se em 1994. O objetivo primordial da instituição é resgatar diversos aspectos históricos do município. Para tanto, conta com Seção de Pesquisa e Arquivo, responsável pela coleta, fichamento e arquivamento de documentos e material fotográfico.

O amplo espaço do andar térreo da Casa da Memória é dedicado à realização de exposições. A próxima, a ser inaugurada em 8 de maio e permanecendo até 31 de maio, será **Momentos: vida e obra de Bruno e Maria Enzi**.

**REVISTA DE HISTÓRIA
REGIONAL**

O Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa está lançando a **Revista de História Regional**, publicação acadêmica. Dotada de um Conselho Editorial e de um Conselho de Consultores (referees) compostos de professores doutores e doutorandos das principais Universidades do

Paraná e do país, a Revista pretende tornar-se canal privilegiado para veiculação e difusão da produção científica dos profissionais de História que desenvolvem trabalhos em História Regional ou áreas conexas. A Revista possuirá quatro seções: artigos, comunicação de pesquisas em andamento, comunicação de pesquisas concluídas e notas de leitura ou resenhas de bibliografia pertinente. A publicação será veiculada em site próprio na Internet, além de distribuição em disquetes e/ou mídia impressa. Os interessados devem enviar material em disquete, com uma cópia impressa e curriculum vitae sumário do autor ou autores, para: Secretaria da Revista de História Regional Universidade Estadual de Ponta Grossa - Departamento de História - Caixa Postal 992/3 - CEP 84.010-330 - Ponta Grossa, Pr. E-mail: edrhr@uepg.br

**CENTRO CULTURAL
EULIDES DA CUNHA**

Em agosto de 1995, os membros remanescentes do Centro Cultural Euclides da Cunha doaram o acervo da instituição ao Departamento de História da UEPG. Composto de livros e revistas de diversas áreas do conhecimento, além de cartas recebidas de inúmeros intelectuais nacionais, como Gilberto Freyre, Marechal Cândido Rondon, Erico Verríssimo, entre outros, o acervo será agora catalogado e organizado de modo a possibilitar o acesso ordenado à pesquisa histórica. O caminho que resultou na doação foi trilhado inicialmente pela professora Carmencita de Holleben Mello Ditzel, que vem pesquisando as idéias e ações do grupo euclidiano de Ponta Grossa, especialmente através do periódico **difusor de seus ideais, O Tapejara**. Ao se deparar com a riqueza documental gerada pelo grupo desde 1948 até 1985, a pesquisadora entrou em entendimentos com os remanescentes do Centro Cultural, que concordaram em doar toda sua documentação à Universidade.

Em março deste ano, o Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha recebeu a doação aproximada de 4.500 processos-crimes da 1ª Vara Criminal de Ponta Grossa, atualmente em fase de arrolamento. Tais processos, que abrangem o período de 1884 à 1975, serão posteriormente colocados à disposição de pesquisadores interessados.

O CCEC funciona das 13:30 às 22:00 horas tendo como responsável pelo atendimento ao público a funcionária e graduada em História **Josélia Maria Loyola de Oliveira Gomes**.

**JORNAL DE HISTÓRIA
Expediente**

Coordenador: José Augusto Leandro

Jornalista Responsável: Maria Zaclis Veiga Ferreira Reg. 2783

Conselho Editorial: Carlos Alberto Maio, Cláudio Jorge Guimarães, Marco Aurélio M. Pereira, Niltonci B. Chaves, Maria Zaclis V. Ferreira.

Colaboradores: Sérgio Gadin, Roberto Edgar Lamb, Márcia W. dos Santos, Maria Scorsin, Raul Bianchi.

Endereço: Pça. Santos Andrade, s/nº - Departamento de História

Ponta Grossa - Tel.: 042 - 225-2121 - r. 158

Tiragem: 500 exemplares

Impressão: Gráfica da UEPG

LANGE

Jornal da Manhã

ANO XLIV
Nº 13.389

Preço
R\$ 1,00
Circulação Regional

Cidade de Ponta Grossa, Domingo, 21 de Setembro de 1997. E-mail: jm@centerline.com.br

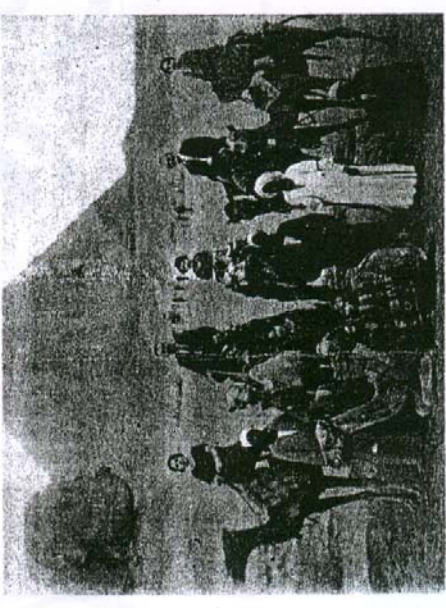
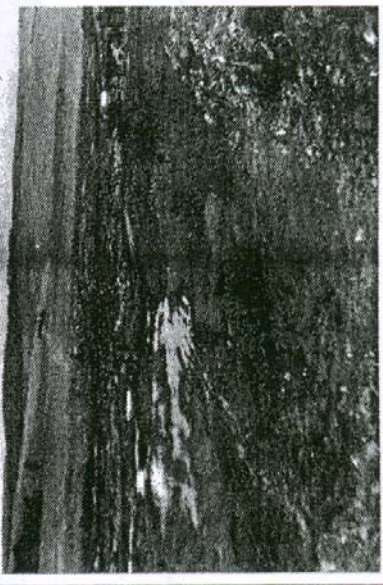
Diretor presidente: Gustavo Horst

Diretora executiva: Leandrina Castro

EDITADO DESDE 1954

Lixão

O lixão vai continuar na região do Botuquara. Pelo menos é o que afirma o prefeito Jocelito Canto. Esta semana ele viajou a Caxias do Sul para visitar o aterro sanitário desta cidade. Ele quer melhorar as condições do atual Lixão de Ponta Grossa e transformá-lo no melhor aterro sanitário controlado do Estado. A permanência do Lixão no Botuquara é criticada porque aquela é uma área de preservação permanente. Segundo Jocelito, a cidade terá grandes novidades na área de coleta de lixo para os próximos dias. A-3



Histórias de famílias

Os sírios libaneses chegaram à Ponta Grossa por volta do ano de 1920 motivados principalmente por distúrbios internos em seus países de origem. Assim, as famílias árabes que se mudaram para Ponta Grossa, a maioria de dedicou ao comércio. Foi o caso dos membros das famílias Chicha e Acras que acabaram se estabelecendo por estas terras. Os Chicha saíram do Cairo, capital do Egito praticamente na mesma época em que os Acras que por sua vez se deslocaram de Homs, na Síria. B-3

Histórias de Famílias

Famílias Chicha e Acras

Egípcios, Sírios e Libaneses que ajudaram a construir a história desta Ponta Grossa



É em Ponta Grossa, no bairro dos antigos traços de Margarida Chicha - depois Acras, chamavam a atenção da sociedade local

O sírio libanês chegou à Ponta Grossa por volta de 1920 motivado principalmente por três

seus descendentes guardam o endereço da família: Rua Asser El Chich. Mas foi em 1898 que nasceu Wadli que mais tarde viria a fazer parte como precursor essa bonita história de famílias.

Ele cresceu em Hama, na Síria, onde desenvolveu o ofício de ourives até vir ao Brasil. Em sua bagagem trazia algumas peças em ouro, prata e diamante confeccionadas por ele.

Proveniente de uma família de classe média, Wadli veio ao Brasil por volta de 1920, quando seu pai, Miguel, já havia falecido. Inouze anos sua mãe.

Ele desembarcou no porto de São Paulo onde foi recebido com entusiasmo pelo irmão libanês da região. Em seguida Wadli seguiu o resumo do caminho de trem pela rede ferroviária vindo a desembarcar em Ponta Grossa onde decidiu estabelecer

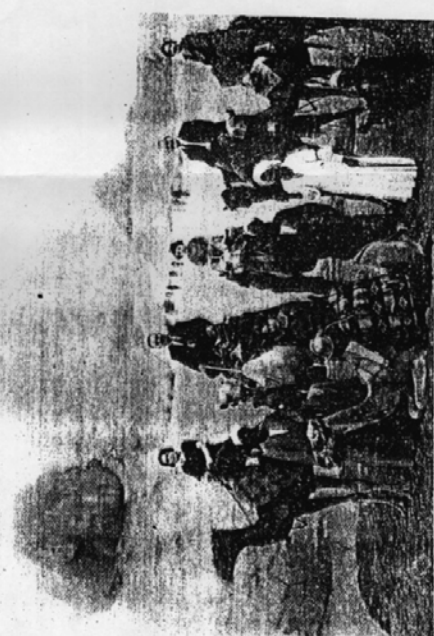
"Muitos deles vieram ao encontro de familiares ou em busca de trabalho"

cidaram tomar uma nova vida no Brasil. Para isso embarcaram no navio Júlio César: mais de quinhentos em 1925. Nessa época, Margarida tinha 14 anos e Linda 8. Fizeram residência em São Pal-

Beguarini. Era um conhecido alfaiate da região onde casou-se e teve três filhos: Michel, Joseph e Rosa. Tendo ficado viúvo veio a conhecer e a se casar com Fátima Fiany, a doce e bela filha do casal Kaili e Elmaza Fiany, moradores do Cairo, capital do Egito. Salim também passou a morar posteriormente naquela cidade.

Fátima teve três filhos: Labibe, que casou com Jorge Bacia e teve dois filhos (Mikiele e Chierel), Jorge e Anna. Pertenciam a classe média do Egito formada por comerciantes, alfaiates e decoradores de ornamentos.

Foi no Egito que nasceu o casal, as filhas Margarida e Linda. Mas elas não nasceram em uma vida de



Essa belíssima reliquia do álbum da família de Salim Acras mostra os avós e a mãe de nossos contemporâneos, Margarida (sobretudo no centro) ainda criança. Em um porcelão da família Acras, em Ponta Grossa, se avistram uma das pirâmides e a esfinge. A foto foi tirada no momento em que a família deixava o Egito.

A infância marcada pela prosperidade

Wadli Acras trabalhou em São Paulo onde criou uma sociedade com seu sobrinho Wadli Chacour.

Ao mudar-se para Ponta Grossa, montou o comércio acadiano e uma loja de armazéns. Funcionava no Edifício Mariana e posteriormente mudou para a atual localização que se encontra localizada no bairro dos antigos traços de Margarida Chicha.

conhecidos membros da sociedade egípcia-sírio-libaneses de Ponta Grossa.

Desse casamento nasceram os filhos Michel (1934) casado com Anna Jorge (1936) casado com Adela, Américo (1940) casado com Solange e Salim (1944) casado com Nilde, que exercem seu trabalho na cidade ajun-

Os de 1920 motivados principalmente por distúrbios internos em seus países de origem. O período de 1914 a 1946 foi particularmente difícil para o Líbano em virtude de suas crises econômicas e por questões relacionadas à guerra que trouxe consigo muitos dramas familiares para aqueles países.

Em busca de dias melhores, esses imigrantes partiram nessa época para outros países, entre eles o Brasil.

Para Ponta Grossa muitos deles vieram ao encontro de familiares ou em busca de trabalho naquilo que mais sabiam fazer: o comércio. As viagens duravam cerca de 25 dias a bordo de navios.

Esse grupo étnico se manteve por muito tempo "fechado" no que tange a alguns aspectos culturais, reproduzindo comportamentos endogâmicos, sobretudo em relação ao casamento.

Mas, aos poucos os imigrantes foram se integrando à sociedade local.

Assim, das famílias árabes que se mudaram para Ponta Grossa, a maioria se dedicou ao comércio. Foi o caso dos membros das famílias Chicha e Acras que acabaram se estabelecendo por estas terras. Os Chicha saíram do Cairo, capital do Egito praticamente na mesma época em que os Acras que por sua vez se deslocaram de Homs, na Síria.

Trata-se de cidades milenares com uma história e tradição bela e peculiar que até hoje faz parte dos costumes dos descendentes egípcios, sírios e libaneses espalhados pelo país.

OS ACRAS

Não se sabe ao certo o ano, mas por volta de 1800 nasceu na Síria, na cidade de Homs, o Sr. Miguel (Mithail) Acras que casou-se com a Sra. Corgie. Dessa união nasceram sete filhos: Munir, Chauki, Fadua, Wadhi, Rouda, Julia e Chieri. Até hoje,

vinho a decumbar em Ponta Grossa onde decidiu estabelecer moradia. Foi aqui que deu início às suas atividades como caixeiro viajante. Parte da família ficou estabelecida na capital do Estado de São Paulo, outra parte em Ponta Grossa onde, mais tarde viria a falecer sua mãe Corgie.

OS CHICHA

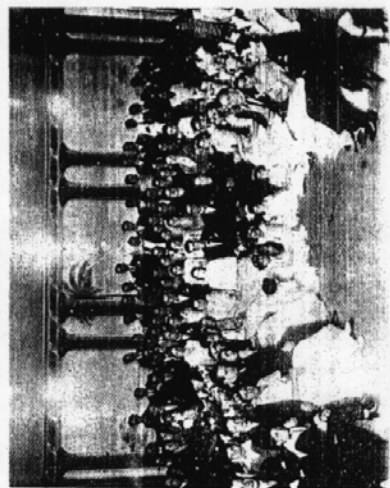
Salim Chicha nasceu no Líbano, na capital Beirut, bairro de

gerou uma família e se fixaram residência em Palmira naquele mesmo ano na Chacara Port Saud, de propriedade de Nacim Bacila. Salim Chicha faleceu um ano após estabelecer-se em Palmira (possivelmente no mês de março).

Mas a vida difícil em Palmira, que naquela época não passava de uma vila, levou a família a aceitar o convite de um primo, Paulo Famy, para estabelecerem-se em Ponta Grossa.



O bonito casal posa para a tradicional foto



Casamento de Wadhi e Margaida, no Clube Sirí-Libano em Ponta Grossa: três dias de festa reuniram grande parte da sociedade árabe local

posteriormente mudou para novas instalações que estavam localizadas onde hoje está o Edifício Vila Velha.

Foi aqui que conheceu a jo-

pois, moraram com a avó Corgie até que ela faleceu. Foi assim que a união dos Chicha Acras deu início à história contemporânea de alguns dos mais

no com "Saugie e Salim" (1944) casado com Nildes; que exercem seu trabalho na cidade ajudando no progresso da pátria que seus ancestrais adotaram como própria.

ANEXO 8
SOBRE O BRASIL
COMENTÁRIO DE UMA HOLANDESA SOBRE O BRASIL





4. Nas eleições de 2000, o sistema do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) registrou o voto de cada brasileiro em 24 horas depois do início das apurações. O modelo chamou a atenção de uma das maiores potências mundiais: os Estados Unidos, onde a apuração dos votos teve que ser refeita várias vezes, atrasando o resultado e colocando em xeque a credibilidade do processo.

5. Mesmo sendo um país em desenvolvimento, os internautas brasileiros representam uma fatia de 40% do mercado na América Latina.

6. No Brasil há quatorze fábricas de veículos instaladas e outras quatro se instalando, enquanto alguns países vizinhos não possuem nenhuma.

7. Das crianças e adolescentes entre sete e quatorze anos, 97,3% estão estudando.

8. O mercado de telefones celulares do Brasil é o segundo do mundo, com 650 mil novas habilitações a cada mês.

9. Na telefonia fixa, o país ocupa a quinta posição em número de linhas instaladas.

10. Das empresas brasileiras, 6.890 possuem certificado de qualidade ISO 9000, maior número entre os países em desenvolvimento.

No México, são apenas 300 empresas e 265 na Argentina.

11. O Brasil é o segundo maior mercado de jatos e helicópteros executivos.

12. Por que não se orgulhar em dizer que o mercado editorial de livros brasileiro é maior do que o da Itália, com mais de cinquenta mil títulos novos a cada ano?

13. Que o Brasil tem o mais moderno sistema bancário do planeta?

14. Que as agências brasileiras de publicidade ganham os melhores e maiores prêmios mundiais?

15. Por que não se fala que o Brasil é o país mais empreendedor do mundo e que mais de 70% dos brasileiros, pobres e ricos, dedicam considerável parte de seu tempo em trabalhos voluntários?

16. Por que não dizer que o Brasil é hoje a terceira maior democracia do mundo?

17. Que apesar de todas as mazelas, o Congresso está punindo seus próprios membros, o que raramente ocorre em outros países ditos civilizados? Já caçaram até um Presidente.

18. Por que não lembrar que o povo brasileiro é um povo hospitaleiro, que se esforça para falar a língua dos turistas, gesticula e não mede esforços para atendê-los bem?



Com essa atitude talvez não consigamos mudar o modo de pensar de cada brasileiro, mas ao ler estas palavras todos irão, pelo menos por alguns momentos, refletir e sentir orgulho de ser BRASILEIRO!!!

